

Pela estrada fora!

*Aux armes, citoyens!  
Formez vos bataillons!  
Marchons,  
Marchons,  
Qu'un sang impur  
Abreuve nos sillons.*



Coleção  
Documentos  
**119**

# UM OLHAR HISTÓRICO ACERCA DO PERIODISMO PORTUGUÊS

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**



# UM OLHAR HISTÓRICO ACERCA DO PERIODISMO PORTUGUÊS





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

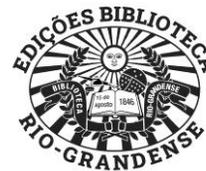
# UM OLHAR HISTÓRICO ACERCA DO PERIODISMO PORTUGUÊS



- 119 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2026

#### Ficha Técnica

Título: Um olhar histórico acerca do periodismo português

Coleção Documentos, 119

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O BERRO. Lisboa, 1º mar. 1896.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Fevereiro de 2026

ISBN – 978-65-5306-063-0

#### O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

## ÍNDICE

Jornais lusos editados na derradeira década do século XIX: um arrolamento parcial / 9

*O Berro* e a expressão do ideal antimonárquico por meio da arte caricatural / 193



JORNAIS LUSOS EDITADOS NA  
DERRADEIRA DÉCADA DO SÉCULO  
XIX: UM ARROLAMENTO PARCIAL

No último decênio do século XIX, a imprensa portuguesa encontrava-se em uma fase de pleno desenvolvimento. Mesmo que a conjuntura geral fosse de crise em variados campos, como o socioeconômico, o político e do das relações internacionais, Portugal apresentava um jornalismo pujante, dando voz aos mais variados matizes que compunham a sociedade lusitana de então. Nesse contexto, foram múltiplos os gêneros jornalísticos então praticados no reino, desde a capital, passando pelas maiores cidades e chegando às pequenas localidades, vindo a circular desde folhas predominantemente informativas até aquelas que traziam níveis variados de conexão com as frentes político-ideológicas, econômicas e sociais atuantes no cenário lusitano, bem como havia a prática de um periodismo especializado, além dos ilustrados e satírico-humorísticos, entre tantas outras tendências, visando a satisfazer os diversos interesses de parte dos leitores<sup>1</sup>. Este estudo tem por principal intento o de

---

<sup>1</sup> Sobre a imprensa portuguesa nessa época, ver: TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.; TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3.; RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996.; CUNHA, Alfredo da. Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; MANSO, Joaquim. O jornalismo. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers). Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. O jornalismo português: resenha cronológica. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; e PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX. In: Revista de Ciências Letras e Artes. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3).

realizar um arrolamento acerca de alguns dos periódicos que circularam em Portugal na derradeira década do século XIX<sup>2</sup>, levando em conta aqueles que tiveram sua fundação entre os anos de 1890 e 1900<sup>3</sup>. Trata-se de um arrolamento parcial, sem a perspectiva de abordar todos os jornais então publicados, e sim envolvendo alguns dos títulos editados na referenciada época.

No Porto, bem a contento com o ambiente convulsionado, gerado a partir do ultimato britânico e a revolta dele advinda, circularia o periódico *A República*, que “foi muito bem aceito” na cidade, “a ele se reunindo grande

---

<sup>2</sup> Adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além mar: a primeira década da república brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grande: Editora da FURG, 2017, v.1, p. 128-157.

<sup>3</sup> Tal breve histórico foi realizado a partir do estudo dos programas normalmente expedidos pelos periódicos em suas edições iniciais e/ou a partir de números alusivos aos seus aniversários, notadamente na ausência da edição original e/ou quando esta era muito remota em relação ao período abordado, dependendo sempre da disponibilidade e do acesso às fontes. Nem sempre os jornais promoviam a publicação de seus programas e, por vezes, o faziam à parte, em números especiais que antecipavam a primeira edição, os quais, em muitos casos, ficaram perdidos, não constando nos acervos das hemerotecas. Havia também o caso das publicações que não demarcavam suas datas de aniversário, virando o ano sem tecer comentários a respeito da efeméride. Além disso, dentre os exemplares remanescentes nem sempre foram encontrados ou não houve acesso aos números referentes aos programas ou aniversários das folhas, o que dificultou a identificação de suas propostas editoriais. A inclusão de uma imagem de cada um dos periódicos visa a sua melhor identificação, buscando demarcar uma identidade visual, mas, também por questões de acesso – muitas vezes restrito apenas à leitura –, não foi possível obter tal versão de todos eles, bem como, em alguns casos, tendo em vista a prestação do serviço de cópias, a qualidade ficou prejudicada. Conteúdos bibliográficos, rarefeitos e em pequena quantidade, também foram utilizados para a busca de informações.

número de republicanos” em uma “fase crucial de contestação da monarquia”<sup>4</sup>, tendo durado sua circulação de 19 de abril de 1890 a 8 de maio de 1891<sup>5</sup>. No número original, a folha republicana, apresentava o seu programa<sup>6</sup> no qual afirmava que seus propósitos visavam “a demonstrar aos conterrâneos do Porto e aos concidadãos do norte do país, pela lição e pelo exemplo”, que os portugueses que comungavam do ideal republicano não se moviam “para objetivos criminosos”, não se determinavam “por motivos inconfessáveis”, e não se decidiam “sob a sanção de mesquinhos ciúmes”. Mas, ao contrário, que sua mente estava voltada a “servir à sua pátria, doando-lhe as forças vivas com que, dia a dia, a meditação e o estudo” os havia habilitado “a poderem indicar o caminho que, a seu parecer”, conduziria “a civilização lusitana a esse grau de radiosa pujança” almejado por todos os que sonhavam “para a velha nacionalidade abatida, um futuro digno das épicas tradições do seu passado heroico”.

A redação explicava que, além da feição ideológica, pretendia “realizar no Porto um tipo novo de periódico”, caracterizado “bastante pelas opiniões” emitidas “e um pouco pelo aspecto material” em que desejava fixar-se, pretendendo “proporcionar algumas vantagens ao público, na medida, sempre crescente, da cooperação deste”. Nessa linha, “além de um serviço especial de

---

<sup>4</sup> TENGARRINHA, José M. *Imprensa e opinião pública em Portugal*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2006. p. 223.

<sup>5</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, v. 2. p. 230.

<sup>6</sup> A REPÚBLICA. Porto, 19 abr. 1890. A. 1. N. 1. p. 1.

Lisboa”, que desenvolveria “sob a forma de crônicas telegráficas, evitando deste modo a ‘carta do estimado correspondente’, cansada, estafada, estropiada”, tencionava iniciar uma “seção de despachos e um serviço telegráfico internacional” que colocasse a folha, “em condições de poder informar o público, com a maior rapidez, e minuciosamente, dos acontecimentos” ocorridos “nas grandes capitais do continente”. Desse modo, poderia “transformar completamente o sistema de informações internacionais na imprensa periódica”, o qual representaria “um grande sacrifício” financeiro, mas justificável pelo acolhimento do público. Assim, concluía que visava “a ser um bom jornal, realizando uma obra de excelente propaganda, dentro dos moldes dos periódicos mais bem organizados do país”.

Com o aumento à coerção e cerceamento sobre o jornalismo, *A República* sofreu perseguições políticas, tanto que chegou a ter de mudar de nome<sup>7</sup>. Diante disso, o periódico ressaltava que “o acolhimento do público e a extraordinária venda” que obtivera, teria gerado “grande pânico no campo monárquico”, num quadro pelo qual o governo se colocara “fora das leis, legislando em ditadura contra a liberdade de imprensa”. Afirmava que os governantes determinaram que não se deixasse “apregoar nas ruas e lugares públicos nenhum jornal com título contrário ao sistema monárquico representativo”, de maneira que a publicação não poderia, “por ordem do governo, apregoar-se mais nas ruas e lugares públicos”, o que seria o mesmo que dizer que deveria deixar de existir. Ainda assim, a folha exclamava que persistiria no combate, argumentando ser

---

<sup>7</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 257.

inadmissível que, “no último quartel do século XIX”, fosse estatuído “como crime pronunciar publicamente a palavra república”, diante do que, dizia acreditar “plenamente no tribunal da história e no da opinião pública”, uma vez que aqueles que tinham “firmeza de princípios”, viriam a triunfar<sup>8</sup>.

Mantendo tal expectativa, *A República* permaneceria idêntica em todas as suas características, mas seria substituída por um outro título – *A Voz Pública* – que circulou no Porto de 9 de maio de 1891 a 30 de setembro de 1909<sup>9</sup>. Já sob nova denominação, o periódico explicava que, diante do ato repressivo governamental, restara-lhe dois caminhos, ou “apelar para a consciência pública, convocando comícios e levando o pleito para os tribunais”, ou submeter-se “à violência, lavrando” um “protesto solene e veemente”. Perante tal situação, argumentava que tinha a opinião pública ao seu lado, bem como possuía “demasiada força” para ser obrigado “a respeitar a lei sem subterfúgios e sem sofismas”, mas preferira “deixar dirimir o pleito na consciência dos honestos”. Segundo a publicação portuense, as autoridades teriam proibido “o pregão de jornais com título antimonárquico”, não havendo nas leis “fundamento para esta proibição”, que constituía “uma arbitrariedade, um abuso e uma perseguição”. Afirmava que, ainda assim, teria cedido, promovendo a substituição do título, mas não por “medo de ameaças despóticas”, pois estaria “disposto a ser mártir das ideias” que professava, e sim “por prudência”, por entender que, naquele momento histórico, deveria “evitar conflitos e tanto mais

---

<sup>8</sup> A REPÚBLICA. Porto, 8 maio 1891. A. 2. N. 312. p. 1.

<sup>9</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 343.

quanto” se presumia “que o governo e a autoridade miravam a arranjar pretexto para nova suspensão de garantias”. Em tal contingência, a folha republicana vaticinava que o autoritarismo viria a ter o seu preço, pois “a justiça e o direito” não poderiam ser aniquilados, “e a verdade muito menos” e isso seria por ela apregoadado “aos quatro ventos”<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> A VOZ PÚBLICA. Porto, 9 maio 1891. A. 2. N. 313. p. 1.

# A REPUBLICA

Numero avulso, 10 reis  
Publicações  
Redação e Administracão  
Fornecido pelo autor, 25

L. anna, n.º 272  
ASSIGNATURA  
Numero, 3 por annos, 20 reis  
Redacção e Administracão  
REPUBLICA - Porto

## A Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Desgras sempre, ainda que não se possa considerar uma calamidade, o que ocorreu no Brazil, a república. Entretanto, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil, e a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

As eleições presidenciaes de 1890 foram feitas em condições de liberdade e de justiça, e a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Após a eleição presidencial de 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Em 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Em 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

## A Companhia de Seguros Urbana Portugueza

Esta companhia de seguros urbanos foi fundada em 1888, e tem por objecto a cobertura de riscos de incêndio em edifícios urbanos.

Esta companhia de seguros urbanos foi fundada em 1888, e tem por objecto a cobertura de riscos de incêndio em edifícios urbanos.

Esta companhia de seguros urbanos foi fundada em 1888, e tem por objecto a cobertura de riscos de incêndio em edifícios urbanos.

Esta companhia de seguros urbanos foi fundada em 1888, e tem por objecto a cobertura de riscos de incêndio em edifícios urbanos.

Esta companhia de seguros urbanos foi fundada em 1888, e tem por objecto a cobertura de riscos de incêndio em edifícios urbanos.

## EXPEDIENTE

Após a publicação do expediente, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Após a publicação do expediente, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Após a publicação do expediente, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Após a publicação do expediente, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Após a publicação do expediente, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

## ECOS & NOTÍCIAS

Em 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Em 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Em 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Em 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

Em 1890, a situação política do Brasil não é a mesma que a de outros Estados Unidos do Brazil.

## OCABO JOSE

OCABO JOSE, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

OCABO JOSE, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

OCABO JOSE, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

OCABO JOSE, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

OCABO JOSE, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

## A CAÇA DO HOMEM

A CAÇA DO HOMEM, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

A CAÇA DO HOMEM, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

A CAÇA DO HOMEM, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

A CAÇA DO HOMEM, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

A CAÇA DO HOMEM, um conto de ficção, narra a história de um homem que vive em um mundo imaginário.

Número avulso 10 reis

Porto, sabbado 7 de Novembro de 1891

3.º anno n.º 469

PUBLICAÇÕES
Redacção e Lithographia
Rua de S. João, n.º 11, A

A VOZ PUBLICA

ASSIGNATURA
Redacção e Lithographia
Rua de S. João, n.º 11, A

Republica do Brazil

A situação
Das informações officiaes, apparece que a situação politica do Brazil...

que foram as consequências de um revólver lançado por baixo das portas...

quanto tornavelle de outra providencia...

Reccos da imprensa
Um novo tratado...

casos e occorrencias
Ainda de estado e sem accôrto...

O veto

Deu-se hoje ao publico o veto...

A dictadura do marechal Deodoro

Em os telegrammas recibidos...

REI DE LISBOA

Em os telegrammas recibidos...

REI DE LISBOA

Em os telegrammas recibidos...

REI DE LISBOA

Em os telegrammas recibidos...

As estatuas de Paris

Depois de se estabelecerem...

A reforma do ensino industrial

Três a trezentos e sessenta...

LA POR FORA

Em o dia de hoje...

EXPEDIENTE

Em o dia de hoje...

EXPEDIENTE

Em o dia de hoje...

Representando mais uma vez a imprensa operária, teve curta vida em Lisboa, sendo publicado entre 1º de maio e 6 de julho de 1890, o semanário *A República Social*. Na primeira edição<sup>11</sup>, o periódico justificava a razão da sua existência, explicando que o título que adotara era “como a síntese de suas aspirações”, sendo o seu “programa o do Partido Operário Socialista”. Afirmava que, ao entrar “na luta da imprensa, no crítico momento” que atravessava a política portuguesa, fora “a tal compelido pelo desejo de não ver rastejar no pó a sua bandeira”, nem mesmo “menosprezada a generosa aspiração de toda a sua vida”. Segundo o periódico, “o lugar dos socialistas era na vanguarda do movimento revolucionário”, e se alguém não aceitasse tal posto, deveria ser considerado “um traidor”. Combativamente, exclamava que “os conservadores” defendiam “as suas instituições” e “carregavam contra os revolucionários, lançando mão de todas as armas e acorrendo a todos os meios”, diante do que o dever dos socialistas seria o de “cerrar fileiras e lutar olho por olho, dente por dente”, sem ceder a ninguém, em nome da honra.

Na concepção de *A República Social*, havia “muito que fazer e trabalhar na organização das forças proletárias”, uma vez que o próximo dia era sempre uma dúvida, devendo os militantes estar preparados “para tudo, fosse o descanso ou a fadiga, a estabilidade ou o movimento, a vida ou a morte”. Considerava que o Partido Socialista tinha “uma grande missão a cumprir”, tanto no presente quanto “nas trevas do futuro” e quem fosse covarde deveria afastar-se, bastando “de palavras e declamações piegas”. Para a folha, já estava “mais do que provado

---

<sup>11</sup> A REPÚBLICA SOCIAL. Lisboa, 1º maio 1890. A. 1. N. 1. p. 1.

que o Estado tradicional burguês”, através “da coragem dada pelo cinismo”, zombava “do povo trabalhador” e lhe arrancava “a pele por todos os modos e a todos os pretextos”, de maneira que seria “preciso fazer valer o direito popular”, através de exigências, pois as palavras de súplica já haviam todas se esgotado. Como “um órgão do ideal socialista”, alinhavava que promoveria “intemeratamente os alevantados princípios da democracia socialista”, vindo a ser um “defensor dos explorados, dos oprimidos da escravidão econômica” e, enfim, de todos quantos fossem “vítimas das iniquidades sociais”. Ainda explicitando o espírito combativo, o periódico considerava que “a moleza orgânica ou calculada” daqueles que deveriam “indicar resolutamente o caminho a seguir”, obrigara-o “a tomar a iniciativa”, uma vez que “*A República Social* era o seu lema” e por ele lutaria sem descanso, fosse qual fosse o suceder no porvir.

NUMERO 4

LISBOA, 25 DE MAIO DE 1930

ANNO 4

# A REPUBLICA SOCIAL

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ESCRITORIO DA REDACÇÃO  
25 - Rua Nova de Lisboa - 25

ADMINISTRAÇÃO

Rodr. Góes — Nuno França — Raimundo Lopes — Agostinho Mendes — Nuno da Silva

ESCRITORIO DA ADMINISTRAÇÃO  
25 - Rua Nova de Lisboa - 25

ASSOCIAÇÃO  
1930 ANO  
Luzes  
Luzes  
Luzes  
Luzes

REDAÇÃO RESPONSÁVEL E ADMINISTRADOR  
Victor José de Sáez

ASSOCIAÇÃO  
1930 ANO  
Luzes  
Luzes  
Luzes  
Luzes

## Basta de exploração

Passam de tres mil contos, os novos sacrificios que o governo, nos projectos de futuro da, reclama da paz, já se sobrecarregado de impostos.

O parlamento, sophista do suffragio universal, votará, decerto, as novas impozitas, e a nova, inerte, viciosa assaltada pelos offiães do fisco, sustentada pelo excoito organizado em nome da patria, e terá que pagar a bom, ou a mal.

Até não pôde continuar assim. Urge tomar uma resolução, e essa resolução, que já está latente, no animo da maioria, não deve fôrse esperar.

O país, ou tem que submeter-se, ou que pôr cohen à sua espoliação.

Um governo firme, capaz de exercer até à lama.

## SEMANA DE SANGUE

Já muitas vezes não decorrido, e cada vez é mais viva, na memoria do proletariado, o espantoso martirio dos comunistas que, em Paris, tão energicamente destruíram a bandeira da republica social.

A ultima semana de maio, a que se fôrse chamando a semana de sangue, recorda, sempre, esse mar de cadáveres, em que se afundou a primeira tentativa d'um estado primumto popular.

O capitalismo tomou, sobre o povo operário, uma vingança de cannibal: banhose no sangue de milhares de filhas do trabalho; bebou, com sofreguillo, nas lagrimas de conturmes de famílias; e, emfim, depois, ryonamento, as mais nefandas torturas, no voto fofreado das suas victimas.

Fraternidade! — ta de uma morte, entre pobres e ricos; — ta não existe, entre o capital e o trabalho.

A guerra social é um grande crime... mas, um crime a que se não pôde fugir.

## REUNIAO PUBLICA

Hoje, domingo, 25, pelas 2 horas da tarde, realiza-se no salão do Centro Fraternal Republicano, Povo de Saldanha, n.º 4, L. 1, uma reunião publica, alio de se discutir uma grande commissão para protestar contra o novo imposto.

## A NOSSA ATTITUDE

AO conselho federal do sul do partido socialista foi enviado o seguinte officio:

Com o voto de Lige de Democracia Socialista fomos em Lisboa numa agremiação operaria que defende a nossa programma de partido operario socialista e a derrogacao do antigo compromisso de regulamento geral, em conformidade com o seu artigo 3.º e mais depois de um voto.

Em termos, tambem, em 1.º de maio de 7.º d'esse regulamento, esta agremiação assumiu na imprensa um periodico intitulado A Republica Social, cujo artigo de apresentação se deve de ser de natureza regular, expressando os seus sentimentos e ideias.

A sua sede é a da redacção do seu organo, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

## OS SACETES DOS ANARQUISTAS

Na base feita pela policia franceza a redacção do jornal anarquista de Paris, A Abolico, foram reconstruidos 1.000 sacetes fofreados, com os seus rebolares puzidos á disposição dos operarios, para o dia de manifestação de 1.º de maio.

Um homenagem com os estatutos, foi enviado á Associação dos Trabalhadores, o seguinte requerimento:

O partido Operario, muito embeulhado com a nossa resposta, diz que, a bandeira tricolor a que alludimos, talvez seja a... substancia.

Talvez... porque, a fôrça de industrializ, é possível que algum que, a republica portugueza, fôrse redactada a uma nobre aspiração, como foi a substancia.

Em todo o caso, o que elle não está e manchada, com de sangue, com de lama.

## ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES

Um homenagem com os estatutos, foi enviado á Associação dos Trabalhadores, o seguinte requerimento:

O partido Operario, muito embeulhado com a nossa resposta, diz que, a bandeira tricolor a que alludimos, talvez seja a... substancia.

Talvez... porque, a fôrça de industrializ, é possível que algum que, a republica portugueza, fôrse redactada a uma nobre aspiração, como foi a substancia.

Em todo o caso, o que elle não está e manchada, com de sangue, com de lama.

Em todo o caso, o que elle não está e manchada, com de sangue, com de lama.

## OS SACETES DOS ANARQUISTAS

Na base feita pela policia franceza a redacção do jornal anarquista de Paris, A Abolico, foram reconstruidos 1.000 sacetes fofreados, com os seus rebolares puzidos á disposição dos operarios, para o dia de manifestação de 1.º de maio.

Um homenagem com os estatutos, foi enviado á Associação dos Trabalhadores, o seguinte requerimento:

O partido Operario, muito embeulhado com a nossa resposta, diz que, a bandeira tricolor a que alludimos, talvez seja a... substancia.

Talvez... porque, a fôrça de industrializ, é possível que algum que, a republica portugueza, fôrse redactada a uma nobre aspiração, como foi a substancia.

Em todo o caso, o que elle não está e manchada, com de sangue, com de lama.

## OS SACETES DOS ANARQUISTAS

Na base feita pela policia franceza a redacção do jornal anarquista de Paris, A Abolico, foram reconstruidos 1.000 sacetes fofreados, com os seus rebolares puzidos á disposição dos operarios, para o dia de manifestação de 1.º de maio.

Um homenagem com os estatutos, foi enviado á Associação dos Trabalhadores, o seguinte requerimento:

O partido Operario, muito embeulhado com a nossa resposta, diz que, a bandeira tricolor a que alludimos, talvez seja a... substancia.

Talvez... porque, a fôrça de industrializ, é possível que algum que, a republica portugueza, fôrse redactada a uma nobre aspiração, como foi a substancia.

Em todo o caso, o que elle não está e manchada, com de sangue, com de lama.

Na cidade do Porto viria a circular a *Gazeta de Notícias*, mais uma publicação cuja proposta editorial era afirmada como essencialmente informativa, buscando demarcar o espaço existente no âmbito da comuna portuense para esse tipo de edição. Tal folha foi publicada de 19 de maio de 1890 a 7 de setembro de 1901<sup>12</sup>, estampando, a princípio, em seu cabeçalho, a inscrição “diário da tarde”, mas, ainda na primeira metade da década de noventa, sua circulação passaria a semanal.

---

<sup>12</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 364.



Mais uma folha de conteúdo satírico e humorístico, editada em Lisboa, foi *O Caçador Simão*, publicada de 16 de novembro de 1890 a 2 de agosto de 1891<sup>13</sup>. Bem de acordo com sua proposta editorial, se apresentava como um “semanário ilustrado de combate e crítica” e, já no título, apresentava manifestações contrárias à monarquia, fazendo uma alusão aos pendores de caçador do rei português, mas personificando-o, pejorativamente, na figura do “macaco Simão”. Em seu programa, apresentava um texto que tendia à ironia, dizendo exatamente o que era praxe ser afirmado pela maioria dos jornais, mas que, em linhas gerais, poderia ser desvirtuado pelo hebdomadário, além de deixar, nas linhas e entrelinhas, o espírito combativo. Nesse sentido, destacava que “o último dos combatentes, um soldado pouco afeito às lides da guerra” poderia, “contudo, tornar-se um herói”. Garantia que, “côncio da justiça da sua causa, tendo em mira a honra de seu país e esquecendo-se por ele de sua família, afetos, esperanças e projetos”, lutaria até a morte ou a vitória. Dessa forma, destacava que aquele “modesto semanário” vinha “tomar lugar nas legiões da imprensa”, e, “voluntariamente, por a serviço de uma causa justa o seu préstimo desinteressado e sincero”. Explicava que não tinha, nem faria “política partidária”, mantendo-se “independente e digno”, dizendo “a verdade, tal como os fatos” a mostrassem, e, não importando qual fosse o alvo a ser mirado, não teria receio “de resultados e ameaças”, quando tivesse “de censurar ou condenar”. Destacava ainda que se inspiraria “na opinião pública, fazendo o seu credo nas aspirações do país”, bem como escreveria “para o povo”, por ser ele

---

<sup>13</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 134.

quem mais precisava que lhe falassem “a verdade, mostrando-lhe os fatos à luz de uma crítica imparcial, alheia a paixões partidárias e interesses particulares”<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> O CAÇADOR SIMÃO. Lisboa, 16 nov. 1890. A. 1. N. 1. p. 1.



Na minhota Guimarães, ao norte de Portugal, no distrito de Braga, circulou o bissemanal *Vimaranense*, editado de 1º de janeiro de 1891 a 27 de novembro de 1897<sup>15</sup>. Seu título era relativo ao gentílico da localidade, bem de acordo com seu espírito regionalista, como o próprio jornal confirmava em sua edição inaugural, ao explicar que levaria uma “vida autônoma”, pois não seria “órgão de um partido político”, e sim um periódico “de todas as opiniões, de todos os alvitres”, propugnando por tudo o que pudesse, “por qualquer forma, traduzir-se em um progresso material ou moral para o concelho de Guimarães”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 330.

<sup>16</sup> O VIMARANENSE. Guimarães, 1º jan. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.



Na Beira Alta, na cidade e distrito de Viseu, foi publicado o periódico *Democracia da Beira*. Era uma folha de edição bissemanal e durou quase um ano, durante o período de 3 de janeiro a 16 de dezembro 1891<sup>17</sup>. O título do jornal era baseado na região onde se localizava e na associação, muito comum à época, entre os princípios democráticos e os republicanos, bem de acordo com os pressupostos antimonárquicos defendidos pela folha, além da mesma apresentar também uma certa preocupação com segmentos sociais mais populares.

---

<sup>17</sup> RAFAEL & SANTOS. v. 1. p. 240.



ANNO I

Sabbado, 28 de novembro de 1891

N.º 68

Director politico - JOSÉ CASTRO  
PUBLICA-SE AS QUARTAS FEIRAS E SABBADOS  
ADMINISTRAÇÃO - Rua Nova N.º 14 e 16

Carta de Lisboa

A l'illustre periódique à Paris: -

Dez. 1891. - O meu amigo e correspondente...

O exemplo, obrigado a todos os...

De todas as murmurações, de...

Contam-se factos estendidos...

De Guadalupe affirmam que...

Os Gilelites declaram que...

De Guadalupe affirmam que...

Reprodição aqui todas as...

republicano. Mas, negar, marcos...

depois das fadigas, as...

“Diário político, literário e noticioso” era como se apresentava outra edição periódica no âmbito lisboeta chamada *O Universal*. Tal periódico circulou de 3 de fevereiro de 1891 a 28 de janeiro de 1899<sup>18</sup> e buscou manter uma linha de independência em relação à política. Nesse sentido, afirmava que não tinha “compromissos partidários”, sendo tal circunstância a que lhe habilitava “a entrar com desassombro na arena”, para terçar “as armas pelo seu ideal”, tendo “a imparcialidade como a sua divisa” e o “extra-partidarismo por profissão”, visando “prestar útil e desinteressado serviço ao país”<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 317.

<sup>19</sup> O UNIVERSAL. Lisboa, 3 fev. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.



Na capital circulou também *A Vanguarda*, um diário matutino intrinsecamente vinculado aos ideais republicanos<sup>20</sup>, publicado de 9 de março de 1891 a 31 de julho de 1929<sup>21</sup>. Ela contou com a presença marcante de lideranças republicanas em sua redação e, por suas ideias, foi perseguida e sofreu com a repressão governamental<sup>22</sup>. Em seu primeiro número, a folha afirmava que “os fatos da história contemporânea”, mostravam “que os antigos partidos constitucionais, que constituíam uma parte essencial do maquinismo monárquico”, estavam “moralmente falidos e impossibilitados de se reabilitar”. Nesse contexto, segundo a convicção do periódico, era preciso que se rasgassem “horizontes novos para a política portuguesa”, e para tanto seria “necessário reformar no sentido democrático o modo de ser da organização política”. O jornal se colocava na posição de servir a um ideal “dentro do Partido Republicano, cuja unidade e disciplina” urgia que fosse mantida “com toda a firmeza”, e ele haveria “de procurar, tanto quanto” pudesse, “contribuir para que essa unidade” não se quebrasse e “para que a disciplina partidária” fosse mantida<sup>23</sup>.

Mais adiante, *A Vanguarda* continuava a definir-se “como uma folha republicana, contando no grupo” daqueles que acreditavam “na última e mais radical das experiências” e “na regeneração da pátria por meio da república”.

---

<sup>20</sup> LEMOS, Mário Matos e. *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora; CEIS20, 2006. p. 604.

<sup>21</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 319.

<sup>22</sup> TENGARINHA, 1989. p. 237, 251 e 255.

<sup>23</sup> A VANGUARDA. Lisboa, 9 mar. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

Dizia que tinha “cooperado, tanto quanto” pudera, “para acordar a nação do sono doentio” em que estava mergulhada. Exaltava a conquista de “simpatias e aplausos”, que seriam “o melhor prêmio” diante da sua “atitude contra todos os corruptos, contra todos os bandidos e contra todos os inimigos da democracia”. Vaticinando vitórias em relação ao futuro, o periódico previa que “as lutas que todos os republicanos” tinham sustentado até então, eram “apenas o prólogo de novos combates mais violentos e nos quais as responsabilidades dos combatentes” seriam “cada vez maiores”. Nesse quadro, continuava prognosticando que, “ao fim de tantos combates”, agradeceria o auxílio dos que vinham cooperando com a publicação que seria uma “obra eminentemente republicana” e que continuaria firmemente no seu posto, quaisquer que fossem as dificuldades com que tivesse de lutar<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> A VANGUARDA. Lisboa, 1º jan. 1895. A. 5. N. 1.271. p. 1.

1896—Anno sexto—N.º 1.848

Numero avulso, 10 réis

Quinta-feira, 6 de agosto

# A VANGUARDA

DIARIO REPUBLICANO DA MANHA

## A salvação pela republica

O grande problema a resolver pela república é a salvação da pátria. A salvação da pátria é a salvação da república. A salvação da república é a salvação da pátria. A salvação da pátria é a salvação da república. A salvação da república é a salvação da pátria.

## A ilha da Trindade

Com a ilha da Trindade, a república brasileira ganha um novo território. A ilha da Trindade é uma ilha deserta, situada no oceano Atlântico, a leste do Brasil. A ilha da Trindade é uma ilha deserta, situada no oceano Atlântico, a leste do Brasil.

## Agencia dos Estados Unidos

A agência dos Estados Unidos em São Paulo, informa que o governo americano está interessado em adquirir terras no Brasil. A agência dos Estados Unidos em São Paulo, informa que o governo americano está interessado em adquirir terras no Brasil.

## Expo para Cuba

Expo para Cuba. O governo brasileiro está considerando a possibilidade de enviar uma delegação para a Exposição de Havana. Expo para Cuba. O governo brasileiro está considerando a possibilidade de enviar uma delegação para a Exposição de Havana.

## Basamento do inferno

Basamento do inferno. O inferno tem um basamento sólido. O inferno tem um basamento sólido. O inferno tem um basamento sólido. O inferno tem um basamento sólido.

## O governo e a subscricao

O governo e a subscricao. O governo está trabalhando para melhorar a situação financeira do país. O governo está trabalhando para melhorar a situação financeira do país. O governo está trabalhando para melhorar a situação financeira do país.

## Fome e subscricao em Cuba

Fome e subscricao em Cuba. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade.

## Insurreicao de Cuba

Insurreicao de Cuba. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia.

## Varia noticias

Varia noticias. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo.

## Atenção para o Brasil

Atenção para o Brasil. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional.

## Atenção para o Brasil

Atenção para o Brasil. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional.

## Insurreicao de Cuba

Insurreicao de Cuba. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia.

## Fome e subscricao em Cuba

Fome e subscricao em Cuba. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade.

## Insurreicao de Cuba

Insurreicao de Cuba. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia.

## Varia noticias

Varia noticias. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo.

## Atenção para o Brasil

Atenção para o Brasil. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional.

## Atenção para o Brasil

Atenção para o Brasil. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional.

## Insurreicao de Cuba

Insurreicao de Cuba. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia.

## Fome e subscricao em Cuba

Fome e subscricao em Cuba. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade. A fome em Cuba é uma das maiores tragédias da atualidade.

## Insurreicao de Cuba

Insurreicao de Cuba. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia. A insurreição em Cuba é uma luta pela liberdade e pela democracia.

## Varia noticias

Varia noticias. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo. Notícias de várias partes do Brasil e do mundo.

## Atenção para o Brasil

Atenção para o Brasil. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional.

## Atenção para o Brasil

Atenção para o Brasil. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional. O Brasil precisa de atenção e de apoio internacional.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

## QUESTAO DO GAZ

Questão do gaz. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade. A questão do gaz é uma das principais questões da atualidade.

Outra folha republicana lusa foi publicada no extremo-sul do reino, em Olhão, distrito de Faro, no período de 15 de março de 1891 a 29 de dezembro de 1907<sup>25</sup> e intitulava-se *O Futuro*. O periódico estampava em seu cabeçalho o dístico “semanário democrático algarvio”, numa referência a suas convicções político-ideológicas e à região onde era editado. Em sua pregação antimonárquica, o jornal dizia bater-se “em favor uma causa santa e justa”, a qual, “mais cedo do que muitos” pensavam, haveria “de porvir um dia a regeneração completa” daquele “malfadado país”. Lembrava “o fato de ser o único jornal que intransigentemente” advogava “a causa do Partido Republicano no Algarve”, local onde seria “absolutamente indispensável não deixar” que fossem amortecidos “os maravilhosos e surpreendentes efeitos da propaganda democrática”. Considerava ainda que sua profissão de fé era baseada nas ideias, as quais manteria “inalteráveis e firmes, enquanto a providência” lhe proporcionasse vida<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 347.

<sup>26</sup> O FUTURO. Olhão, 25 mar. 1894. A. 4. N. 157. p. 1.



SEMANARIO DEMOCRATICO ALGARVIO

IV Anno OLHAO-Domingo 10 de junho de 1894 N. 164

Publicamente editado... No 1.º edificio, largo, 50 casa, no 2.º e 3.º pavimentos...

ASSIGNATURAS... PUBLICAÇÕES...

Questões do dia

Uma das mais importantes questões a discutir pública ou não... O primeiro, seria sempre não querer... O segundo... O terceiro...

Naquelle que se pergunta se a... O primeiro... O segundo... O terceiro... O quarto...

FOLHETIM

GER DIAS DE DUQUEZ... Apparece d'uma villa de agra... O que fazes tu, pequena?... Para isso que te pediram...

— Tu não és mais a mesma... — Não, não sou mais a mesma...

Na homônima capital do distrito de Santarém, região central, circulou, entre 9 de abril de 1891 e 6 de janeiro de 1945<sup>27</sup>, o *Correio da Estremadura* que se anunciava de maneira bastante eclética, como um “hebdomadário político, agrícola, literário, noticioso e anunciativo”. Ao apresentar-se ao público, buscava definir a sua posição, explicando que recebera o ensinamento que lhe fora legado por aqueles que “pugnaram pela manutenção das franquias populares, com todas as suas fórmulas democratas”, ou seja, acompanhava “a falange progressista, combatendo na sua ala esquerda”. Apesar do engajamento, se dizia preocupado com o “futuro dos partidos militantes”, tendo em vista a “absoluta falta de escolas políticas” e, se o seu partido incorresse em tal “fatalismo”, continuaria a seguir o lema de “pátria e liberdade”<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 194.

<sup>28</sup> CORREIO DA ESTREMADURA. Santarém, 9 abr. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

# GAZETA DE SANTAREM

N.º 473

Redactor-proprietario — JOÃO ARRUDA

10.º ANNO

**Assinamentos**  
Cada trimestre... 300 réis — Trimestre avião... 50 réis  
**Typographia e redacção**  
Rua D. João, 136, 140, 142 e 144 — SANTAREM

**PUBLICA-SE AOS SABBADOS**  
Santarem, 5 de maio de 1900

**Assinamentos**  
Copa de leira, 30 réis — Anua — Regia respectiva, 30 réis.  
**Redactor**  
JOÃO ANTONIO ARRUDA

## Pedro Alvares Cabral

Brazil celebra nest' hora, por entre hymnos triumphaes, o 4.º centenario da sua descoberta — pelo grande navegador Pedro Alvares Cabral.

Coube a Santarem a honra de possuir os venerandos despojos d'esse illustre portuguez cujo nome tão celebrado é hoje nas terras de Santa Cruz e que ha quatro seculos — em 9 de março de 1500 — largos dias — prais do Castello em uma poderosa frota que teve a sorte de descobrir um grande imperio que foi o mais luctuoso florido a engastar as coras, ja tão brilhantes, d'el-rei D. Manoel.

Em todos os reccantos do Brazil é hoje glorificado o nome de Pedro Alvares Cabral e sté na capital do moço país as festas a data gloriosa do descobrimento das terras brasileiras.

A minha brasileira salda uma divida antiga e a terra lusitana assora-se ao jubilo dos seus triumphos d'Alfomora, enviando ao Rio de Janeiro um dos seus heros de guerra onde tremela o mesmo pendão das Quinas que allí foi arvorado no seculo XVI, levando nos rudes galbes d'antigos frutos.

O que fez, entretanto, a municipalidade santarenense para honrar as cinzas do grande capitão que, spot a descoberta do caminho maritimo da India, foi escolhido pelo monarcha Venturoso para firmar alliança com o rei de Calicut e ao qual o Destino consorciou a ventura de descobrir um dos maiores imperios do mundo?

A verdade é que o municipio escalabimto não fez, nada promoveu, entretanto como anda no complicado problema da estriga soci, do *diar de reri ra* — que constitui uma das mais constantes preoccupações do... reri ra da Figueira!

Numa das capellas lateraes do cruzeiro da Graça — bello templo dos principios da monarchia, que foi dos Freguesias — repousam sob humilde campa, os restos de Pedro Alvares Cabral e de sua mulher D. Isabel de Castro.

Vida per elles, com religioso cuidado, a transmittida dos Passos e Almas, mas a verdade, a triste verdade é que, no momento em que uma granadação firm fez a apothecose do arrastado navegador, a edilidade santarenense não tomou sequer lembrança o seu nome, por tantos titulos illustres, e deus cavalle no pó do Ovidio um feito altissimo que encheu de gloria a nome portuguez, eschoando por todo o universo!

Na Sociedade de Geographia de Lisboa um dos seus socios propõe a transferecia dos restos de Cabral para o paezimento dos Jeronymos e a consagração de Santarem assiste, sem um protesto, na mais criminosa das indifferencias, a esta tentativa — para muitos honrada — de depositar a historia cidade scalabimta d'essa reliquia nacional que ella tanto devia aforar-se de possuir.

Nem uma romaria ao templo da Graça! nem um parrhallo de rosas a defolhar sobre a campa de Pedro Alvares Cabral, neste momento de solemne consagração!

Simplesmente vergoheoso.

### A disciplina progressista no distrito

As hostes progressistas estão tão disciplinadas que o maior (alvo se se) influente progressista de Thomar — o dr. Perna — joga o outro em plana rua com o administrador que é da mesma feição!

Na esmara de Santarem, o presidente fecha ilegalmente a sessão, abandando a sala por desistidencia com um vereador do seu partido!

Esfidasse, tudo isto!...

Foram concedidos 30 dias de licença ao professor do lyceu de Santarem sr. dr. Francisco Neves Gualberto.

Vae ser collocado na disponibilidade por ter sido julgado apto para todo o serviço pela Junta d'inspecção do capitulo d'artilleria em inactividade, sr. Antonio Bernado de Figueiredo.

### Arreatação de foras e bens nacionaes

Na repartição de finanças do districto errão postos em praça, no DIA 7

15 foras da irmandade do Santissimo, da freguesia de S. Thibiao, do Sardoal, impostos em prodios d'aquelle concelho e no concelho d'Alvares.

### Inspecção de reservistas

No quartel d'artilleria 3 far-se-ha a inspecção de reservistas domiciliados d'este concelho, pelas 10 horas já manhã 5 dias seguidamente dos seguintes:

Dia 13 de junho — Freguesia de Abitueira, Abrá, Achete, Alcantofes, Amases, Amora, Azoia de Balse, Azoia de Cima e S. Nicolau.

Dia 14 — Alameda, Almote, Chaveil, Loureira, Mallos, Marvitas, Pernes, Pombalinho e Romaria.

Dia 15 — Fava, Salvador, Santa Iria, S. Vicente, Trecoz, Valle, Vaqueiros, Varzea e Valle de Figueira.

Todos os reservistas são obrigados a apresentar-se com a esdréxula militar e na da 1.ª reserva com as artigos do uniforme que são obrigados a conservar pelo regulamento de 2 de novembro de 1898.

Os reservistas que ainda não possuem esdréxula militar são da mesma forma obrigados a comparecer 3 meses antes de se decernir a essa esdréxula receber a esdréxula.

O por de rino se. Lercher pediu, na camera n.º 1, copia 3 synodicaes feitas em 1896 á camera municipal de Santarem.

O sentimento é pedigo em pãduo, em moral, em litteratura, em tudo! — *Paulo Joseph Rees.*

### CAMARA MUNICIPAL DE SANTAREM

Sessão de 4 de maio de 1900  
Presentes: barão d'Almeida vice-presidente servindo de presidente; José Cardoso da Silva, Joaquim Malfeito, Ferrão Feres, José Salgado e Alvaro Rebas, vogaes.  
Acta approvada.  
Foi presente o balanço do cofre.

**Expediente**  
Officio do inspector dos serviços d'incendios Julio Francisco José de Sousa, propondo para as duas vagas de bombeiros de 3.ª classe da corporação municipal, Augusto Duarte Carvalho, carpinteiro e Agostinho Fonseca Charneca, fanteio. Approvados, em vista da informaçáo do inspector.

— Requerimento assignado por varios moradores de cada do concelho de Santarem para que se abrisse para uma portara permitida a e sa a esdromies desde 1 de julho de cada anno e não depois de 15 do mesmo mes, como esta em vigor, ficando-se os requerimentos em que a condicão é avo d'artilleria. A camera, não se a editando esta petição, resolveu mandar a actual pãduo.

— Requerimento de Maria da Conceição, solteira, da freguesia do Salgado, pedindo subsidio de lactaçáo para sua filha de 6 meses d'idade. Deixada, cassando-se o subsidio e a concessão em 1 de junho proximo.

— Requerimento, acompanhado de uma planta sem duplicado, de Amílcar Verissimo, proprietario, d'esta cidade, em que pede licença para reconstruir um prédio na rua do Poente, no Ri Beira. Tendo o vice presidente declarado haver confiado nas cotas de nível e que não deve a planta ser approvada como está, deliberou-se que vá a informar.

— Foi novamente apresentado um requerimento de Joaquim Martins Ferreira, d'esta cidade, pedindo licença para reconstruir um prédio na travessa dos Sete Cantos, utilizando a mesma construção, como indica a planta tambem exhibida, um pedago de terreno que, por transferecia de districto, pertence hoje ao requerente. Deferido, devendo a camera marcar as respectivas cotas de nível e alinhamento.

— Requerimento de Antonio Reis Santos Junior, proprietario, pedindo licença para construir uma serventia na estrada das Albuferas no Cativeiro da Cortigada. O fiscal da camera, informou que não ha prejuizo desde que o requerente faça um caso em condicões e mande calçar a valleta, mas a verificação não se conformou com a opiniao de fiscal e mandou que seja ouvido o vereador Oliveira substituido em (substitui... (não peccavel!)!

### Reservista no Rio de Janeiro

Foi novamente presente um requerimento em que o proprietario sr. visconde de Monsanto pediu autorisação para construir á sua costa, uma estrada no bafin do Rio de onde a sua propriedade denominada Alameda de S. Lourenço até a fonte de Alvieiro, obrigando-se a construir a conservaçáo tornando publico esse serventia para quem profanar d'elle servir-se.

O vereador Malfeito, na qualidade de vereador do peduro respectivo, depois da leitura do requerimento,

declarou achar-se habilitado a informar a camera sobre tal assumpto, mas antes de o fazer carece de dar explicações acerca do localidade levantado na mesma petreita, entre elle vereador e o presidente. Em seu entender sobre terem razos. Entre parênteses devemos já dizer que é motivo de espanto, a uma casa, onde não ha... 1900. O presidente, declarou que elle vereador sabia, e tinha perfeito conhecimento do assumpto, quando é certo que, se o sabia, era particularmente, o que é facil explicar, sabidas as dadas em que pediu licença, em que regressou de novo a camera, e aquella em que o pedido do sr visconde de Monsanto deu entrada na secretaria. Lamentoso o incidente e vendo que o presidente não veio naturalmente á camera por esse motivo, termina por pedir ao vice-presidente que di cabilmente ao sr. dr. D'Almeida das palavras que profere e paga a e. ex.º que regresso a camera onde a sua falta se torna mais evidenciada.

Esta «elementaçáo» estava já annunciada ha dias sobra sa e corria no publico. Honrada a minha e a minha-se pedida todas as escorias possiveis e imaginaveis para sustentação de tal «elementaçáo»... O sr. de Vazenda dána tope de reunir e nelle, como a *matiz infelix do Transer*, que occorre a seguir a situação... participante!

Estava-se igualmente acerca do requerimento apresentado pelo sr. visconde de Monsanto — que tem sido feito com alguns vereadores e pitães — disse o vereador Malfeito que não comprehendia as palavras do requerente e para seu serviço e para quem peccar serventia da estrada. Freqüente que o requerente dissesse «para serviço do publico». Explamando-se em varias considerações sobre o assumpto declarou que a estrada tem de dar serventia para os mochoes de S. Figueira e da Ilha, que não pertencem ao requerente e apresenta umas *condicões para approvada*, a que chama informo, e que se não encaixarem na acia. Entre outras condições ha a exigencia d'uma hypotheca para cautele a reparaçáo da estrada, a qual não seria inferior ao preço da construção. Ainda outras condições apresentou o vereador Malfeito que a brevidade da lotura e o ruído do lymano 1.º de mais não deixaram fixar.

Fallando sobre o mesmo assumpto, o vereador Cardoso, couzaga por reconhecer a admissáo do vereador Malfeito pela ausencia do presidente, abilitando-se ao incidente da sessão anterior, quando é certo que o sr. dr. D'Almeida se assenta quando quer, sem licença da camera, chegando a entrar dois e tres vezes fora do serviço municipal!

Apreciado o requerimento do sr. visconde de Monsanto di que a camera não pôde accellar as condições propostas pelo vereador Malfeito.

— Mas eu não fiz proposta nenhuma, eu apenas verbalmente.

— Fex tal, allouo o vereador Cardoso. E tanto e propoz que v. ex.º se uma approvaçáo do requerimento nas condicões que apresenta.

— V. ex.º pôde chamar-lhe o que quiser, porque eu confio a chamarelho informo, retaquio o vereador Malfeito.

N'essas informaçoes, continua o vereador Cardoso, ha uma especie de contracto e a camera não deve fazer taes contractos. Todos tem direito a passar n'essa estrada. A camera não

De tendência republicana, foi editado em Lisboa *O Pensamento*, folha bissetimanal publicada por alguns meses, entre abril e 6 de dezembro de 1891<sup>29</sup>. De acordo com sua postura ideológica, dizia que o seu lugar era “nas fileiras avançadas da democracia”, afirmando que o povo descreia “da monarquia, vendo desaparecer a sua esperança de redenção”, estando a desvanecer “as últimas esperanças do sistema monárquico”. Na sua opinião, a república era a “única esperança de salvação do país e para ela” convergiam “todas as aspirações”, já que a mesma era o “sinônimo do rejuvenescimento da pátria”<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 166.

<sup>30</sup> O PENSAMENTO. Lisboa, abr. 1891. A. 1. N. 1. p. 1-2.

N. 1 ABRIL DE 1891 ANNO I

# O PENSAMENTO

DIRECTOR — MAYER GARCÃO

ASSIGNATURAS  
LEOIA — Trimestre, 1.000 réis; 300 réis  
PROVINCIA — Semestral, 1.800 réis  
Ano em a Via de Praia, 100 e rua Augusta, 132

LITHECA  
REDAÇÃO — Rua do Ribeiro de Nogueira, 33  
A correspondência deve ser dirigida a Pedro Bockler,  
Rua Augusta, 185, Lisboa

PUBLICAÇÕES  
No corpo de jornal, 32 colunas  
No corpo de assignações, 32 colunas  
Acreditado em assignações na rua de Praia, 100

**EXPEDIENTE**

A todas as pessoas a quem hoje enviamos este jornal pedimos o obsequio de o devolverem na volta do correio, caso não queiram honrar-nos com a sua assignatura.

**O PENSAMENTO**

É a nossa missão.  
É na hora de perigo que se aquilata a verdadeira dedicação.  
É agora que, mais do que nunca, é necessário exprimir as compaixões e desconfianças das bandeiras. A hora em que nos achamos é de hesitações e desconfianças. Não as temos nem as queremos nós. O lugar do *Pensamento* é nas fileiras avançadas da democracia.

Muitas são as razões que actuaem no nosso espirito ao tomar esta solenne resolução.

Conhecemos o país; conhecemos os amigos e adversários. No entanto julgamos dever exprimal-as, a fim de que não hajam dúvidas sobre os sagrados motivos que nos impellem a esta profissão de fé.

Ha quasi anno e meio que a alma da patria acordou do profundissimo lethargo em que jazia. Ao sagrado ultraje do breão respondeu o grito indignado d'um povo inteiro. No dia de facto de 11 de janeiro não houve coraço portuguez que não sentisse o estremeolemento electrico que percorria todo o organismo nacional. A febre da revolta circundou todos os cerebros, ateiu em todos os peitos o incendio da vingança. E, n'um impulso irresistivel, o velho Portugal arrastando as longas barbas de D. João de Castro, saltou das palmas-lamas da Giv; aspirou aos perfumes romarchicos que lhe salvaram a honra. Já que lhe não podiam salvar o prestigio.

Um desses partidos foi excluido do apello. Fôzella que recebera a homenagem, mostrou-se insensivel pelo seu desceido. Fôz a trindade; estava fora do combate.

Restava o outro. Esse havia emquanto unicos de opposição vehememissima proclamado as maiores doutrinas de liberdade sustentando um programma de regeneração; e quando a catastrophe desabou sobre a nação, fôz elle quem mais alto fungou o nome e seu adversario a apotrophe infamante de traicoi. E bem alto proclamára tambem, ao subir ao governo, que salvaguardaria a dignidade portugueza e, como cavalleiro leal, sustentaria os seus principios e moratoria ou vencia no seu ponto.

Passado pouco tempo os factos que correspondiam a esta doutrina eram a liberdade soffocada, a imprensa amordaçada, os protestos populares encarcerados, os patriotas encarcerados. E, para cumulo d'esta pyramide de escandalos e propetencias, a patria atraiçoada no tratado de 20 de agosto, que foi como a abdicção da nacionalidade dos seus auctores.

E o povo começou a descer da monarchia, vendo desaparecer a sua esperança de redempção, e a monarchia começou a descer dos seus defensores.

A este tempo tinham-se escripto homens verdadeiramente notaveis pela sua intelligencia, e pelo seu passado, clamando contra as leis odiosas que haviam almejado a liberdade, para entregar a honra nacional aos chascos da Grã-Bretanha. Esses homens tinham-se desligado dos partidos monarchicos porque dissem elles não podiam conservar intacta a pureza dos seus principios liberes n'aquella atmosphera corrompida do servilismo. Bradavam que se fossem governo o seu primeiro acto seria rasgar esses documentos infames e restituir a liberdade ao seu país.

O povo, o termo ingenuo, acredita n'elles; e os conservadores, que ali

Portanto quando a indignação popular arrancou das cadeiras de poder os Tarifos que haviam illudido a sua credulidade, tudo, rei e povo, se voltou para esse grupo que se julgava fosse o redemptor da nacionalidade portugueza. Todos concentraram n'elles as suas ultimas esperanças e a monarchia confiou n'elles, como na sua ultima taboa de salvação.

A desillusão foi breve e está patente nos nossos olhos. O governo que ainda fôz esse todo, o seu programma, fôz a todos os seus compromissos. A desillusão é completa. Prometteram liberdade e deram nos suspensão de garantias. Prometteram economia e acabam de enfeudar um dos maiores rendimentos do estado a um grupo de banqueiros estrangeiros. Prometteram arrancar a monarchia que se tem fundado em antecessores haviam collocado na imprensa e empojar d'isso mandam condemnar os jornalistas que osaem dizer a verdade. Prometteram discutir livre e ampla e mandam suspender os jornais republicanos. Prometteram liberdade de associação e ordenam a dissolução dos clubs democraticos.

O sangue ferve nas artérias dos verdadeiros patriotas. Um punhado de valentes, cheios de arengas sinceras e convicções arraigadas, commettem no Porto uma esplendida loucura. Vencidos, são ainda maiores. Elles consideraram o seu acto o cumprimento d'um sacratissimo dever. Na generosa dedicação d'aquelles bravos está palpitando a alma nacional. Os homens de 1640, ao levantarem o grito da revolta contra Castella, decerto sentiam vibrar no animo a mesma santa indignação que sentiriam aquelles indomitos portuguezes ao erguerem a signa da nova independencia; porque a verdade humilhante é que estamos reduzidos a triste condição de servos submissos da Inglaterra. Tudo se lhe sacrificia, a nossa honra, a nossa dignidade, a nossa riqueza colonial.

A desillusão é completa — repetimos. Desvaneceram-se as ultimas esperanças no systema monarchico. Resta uma unica esperança de salvação: o paz e para ella convergem todas as aspirações.

Esse ideal, que se deve tornar uma realidade, é a Republica.

A corrente inevitavel da vontade do universo civilizado é — ninguém o nega — a marcha para a liberdade. Ora de todas as formas da liberdade a mais bella, a mais elevada, a mais sublime, a que nem os mais ferrenhos defensores da monarchia osaem contestar em theoria, é a forma republicana. Inimigos intrinsecos, porque essa idéa lhes contraria os interesses e lhes derubos o poderio, os monarchicos bradam em elasmorosas vozes que a pratica não corresponde á santissima aspiração. Mas a Historia desmente-os, os factos confundem-os.

A Republica é a Gloria — a França de 92 arrestando a Europa colligada; é a Independencia — a Suisa, livre e respeitada no seio das suas montanhas; é a Moralidade — Wilson, o genro do presidente Grevy, fazendo os factos de politica; é a Industria — a America, a grande cathedra do trabalho, e do progresso; é o Civismo — Roma ostentando Catho. e Brutas; é a Arte — a Grecia deslumbrando o mundo; é a Sciencia — Paris, a cratera da intelligencia illuminando o universo; é enfim, a Liberdade desassembada em Paris, em New-York, no Rio de Janeiro, em Berne.

Não! as affirmações dos conservadores são falsas, e só tem por fim illudir o povo e fechar os olhos que se começam a abrir.

A Republica não é a perda da independencia; demais o sabem elles. A Republica é pelo contrario o syno-

Inspirada no nome da comunidade que a vira nascer, no distrito de Leiria, a “folha semanal” *De Alcobaça* circulou de 26 de maio de 1891 a 31 de dezembro de 1896<sup>31</sup>. A publicação se considerava um “semanário político”, tendo em vista aquele “período excepcionalmente grave”, que o país atravessava, no qual “todo o jornal” teria “o dever de arvorar uma bandeira política”. Entretanto, o periódico garantia que não iria desfraldar o “estandarte de um partido”, pois permaneceria “inteiramente desligado de compromissos partidários, e isento, portanto, de sugestões de facciosismo”, estando, isto sim, a combater “pela defesa dos interesses da nação”<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 234.

<sup>32</sup> DE ALCOBAÇA. Alcobaça, 26 maio 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

# De Alcobaça

FOLHA SEMANAL

Director, A. COELHO DA SILVA, editor.

Preço da assinatura  
 Portugal e Hespanha, pagamento adiantado, por anno 100 réis — Brasil  
 por anno 1400 — Dinheiro antigo 30 réis.

Preço das annunciacoes  
 Officinas e particularas, cada linha corpo 15, 10 réis — Republica 10 réis —  
 Para de ar.º cartadas novas 15 p. s.

## Noticias mais importantes

### PORTUGAL

Falla-se ainda muito na questão brazileira, e certamente continuará prendendo as atenções publicas em quanto não foram aplanadas as dissidencias diplomaticas.

—Os insurrectos brazileiros foram mandados para as praças de Elvas e Peniche. Calcula-se que a despesa a fazer em Portugal com os mesmos será de 26:000\$000 annuaes.

Os officiaes brazileiros emigrados receberam o soldo de 400 réis e praças de 240 réis.

—Os politicos voltaram todas as atenções para a reunião progressista que deve realisar-se hoje no Porto.

—O fechamento de todos os portos, especialmente os do Brazil e da Hespanha, e com excepção dos da Inglaterra, aos productos portuguezes, começam a aggravar a crise economica.

—Partida de S. M. a rainha D. Amelia para os banhos de S. Pedro do Sul.

—O governo recebeu os pareceres dos dr.º Koch e Klein declarando que a enfermidade reinante em Lisboa não é o cholera.

### ESTRANGEIRO

Tem reinado ultimamente na Europa a febre de crises ministeriaes.

—É notavel de erudição o ultimo discurso de Emilio Castellar, na Academia Hespanhola, publicado em folheto.

—A esquadra franceza em Vigo.

—Na provincia de Lerida, Hespanha, deu-se um desabamento n'uma montanha, resvalando enormes pedras sobre as casas, e causando a morte a 23 pessoas e gados.

## A DESCONFIANÇA

É necessario dizer a verdade inteira e completa. Os tristes tempos, que atravessamos, exigem de quem milita na imprensa, desinteressadamente, sem outra preocupação, que não seja a de bem servir o paiz, uma attitude franca e decidida.

O governo faz a dictadura mais violenta, de que ha memoria, porque não se limita a calcar as leis ordinarias; salta por cima da constituição, e fecha o parlamento, cuja cooperação reputa inutil e perigosa. Por outro lado, os adversarios politicos do ministerio, progressistas, regeneradores disidentes, republicanos, portofranquistas, os amigos dos sr.º Dias Ferreira e Vaz Preto, esquecendo velhos antagonismos, e antigas malquerenças, colligam-se para combater o inimigo commum.

Sem quererms dar razão a uns contra os outros, e pondo de parte a suspeita auctoridade, com que os politicos da opposição aggridem os ministros pelo crime nefando de praticarem a dictadura, que todos elles tambem praticaram, achamos realmente curioso o espectáculo da anarchia, que neste momento offerece a politica portugueza.

Congraçaram-se homens, que em luctas, quasi recentes, de ha poucos annos, pareciam adversarios irreconciliaveis, tão feroz foi a campanha de

insultos e doestos injuriosos, com que reciprocamente se agrediram. Ahí os temos hoje, reconciliados e amigos, esquecidos de aggravos, que não só feriram a sua dignidade de homens politicos, mas deixaram affrontado o seu brio pessoal. Homens publicos, que faziam alarde da sua indomavel intransigencia, andam por ahí acamaradados com os adversarios de outrora, que a sua palavra violenta feriu cruelmente, infamando-lhes a reputação. E não se vexam e não sentem pejo da indignidade do acto!

É isto que faz descreer da politica, e principalmente dos politicos. É este torpissimo espectáculo, que inspira a todos os homens de bem um movimento de repulsão, que affasta da politica os caracteres sãos e os espiritos nobres.

O povo, corrompido tambem pela devassidão das epochas eleitoraes, sorri desdenhoso dos appellos, que lhe dirigem os descontentes sem auctoridade. A unica força, que ainda existe, é o rei — escreveu um dia o velho e glorioso Sampaio. Com quanta razão poderíamos hoje reeditar a sentença do grande mestre!

Podem os governos commetter os mais audaciosos abusos; pôr-se fóra da lei, e acima della; preterir todas as formulas, e desprezar todos os principios de moralidade e justiça. Nenhum movimento da opinião será capaz de os derubar, porque, entre os politicos, que forjam protestos, re-

Régua, denominação reduzida de O Peso de Régua, localidade no distrito de Vila Real, foi o lar da publicação bissemanal *A Folha*, editada entre 27 de junho de 1891 e 28 de janeiro de 1893<sup>33</sup>. Ao levar a público seu conteúdo programático, o periódico dizia estar “inspirado por sentimentos liberais e movido por boas intenções”, sendo “livre de compromissos, respeitador das leis e dos bons costumes” e inimigo de escândalos e conflagrações”, bem como “amigo da verdade e da justiça”. Manifestando-se contra o ideário republicano, afirmava que se contentava com as liberdades já existentes, de modo que “ideias jacobinas e propagandas demagógicas” não o seduziam, pois buscava antepor “a ordem à anarquia”. Nesse sentido, destacava que folgaria “sempre que os progressos e glórias da pátria” pudessem ser alcançados “por meios legais e regulares”, e não “à custa de violências e de crimes”, ainda mais por não desejar “galardão maior, nem maior fortuna do que granjear a confiança e merecer a estima dos homens de bem”<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 331.

<sup>34</sup> A FOLHA. Régua, 27 jun. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

Anno I Quarta-feira, 21 de novembro de 1891. Num. 329

**DIRECTORES**  
**CAMILLO GUEDES E HORACIO D'ARAUJO**

Tudo o correspondente relativo a redacção e impressão, deve ser apresentado antes das 4 horas da tarde de cada dia, para que possa ser recebido a tempo de ser impresso.

**ASSIGNATURA**  
 Anual... Mensal... Trimestral...

**ANNUNCIOS**  
 Linha... Propaganda...

**CARTEIRA**  
 Ao Sr. João de Deus... Ao Sr. Manoel de Deus... Ao Sr. Antonio de Deus...

**A FOLHA**

**Sulfureto de carbonio**  
 Para os que usam... Sulfureto de carbonio...

**Revista dos Jornaes**  
 A revista dos jornaes...

**Audiencias gortias**  
 De 30 de novembro, Junta de... Audiencias gortias...

**Descoberta importante**  
 A descoberta importante...

**Lastimavel!**  
 Lastimavel!...

Na região da Beira Alta, em Viseu, cidade sede do distrito homônimo, foi publicado o periódico semanal *O Artista*, cuja circulação foi pouco além de um ano, tendo sido editado no período compreendido entre 5 de julho de 1891 e 7 de agosto de 1892<sup>35</sup>. Em seu cabeçalho estampava o dístico “gazeta popular independente”, buscando refletir sua tentativa de isolamento em relação às frentes partidárias que então se digladiavam no contexto português, bem como uma certa aproximação, sem a necessária filiação, às causas de segmentos sociais mais populares. Tais propensões, entretanto, não se refletiam em engajamento, preferindo a folha optar por uma proposta editorial mais próxima do estilo informativo.

Em Montemor-o-Novo, distrito de Évora, região do Alentejo, circulou, de 18 de julho de 1891 a 31 de outubro de 1918<sup>36</sup>, *O Meridional*, folha voltada às questões regionais e que se apresentava como “semanário independente”. Tinha por metas editoriais constituir o “conceito de publicação séria, justiceira e imparcial”, que visava defender “os interesses da comarca, castigando os erros e louvando os atos dignos”, evitando, entretanto, vir a “ser órgão oficioso de ninguém e sem se curvar perante este ou aquele potentado”<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 78.

<sup>36</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 94.

<sup>37</sup> O MERIDIONAL. Montemor-o-Novo, 15 jul. 1894. A. 4. N. 158. p. 1.

DOMINGO, 15 DE JULHO DE 1894

159

Comercio

SEMANARIO INDEPENDENTE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS FLORES Nº 11

MONTEBOM-O-NOVO

Assinaturas.—Semana... R\$ 200

Annuação.—R\$ 100 a lista... R\$ 100

35º ANIVERSARIO

Em 18 de Junho de 1859... aniversario de 35 annos... do jornal... da imprensa...

Agua das Barrosas

Agua das Barrosas... para a limpeza... da casa... da cidade...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

de Serran, vê-se que a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas... a Ribeira das Barrosas...

CANTARES

Porque, que não bebades... que não bebades... que não bebades...

CURIOSIDADES

No ultimo relatório do serviço hydrographico dos Estados Unidos sobre os montes operados pelo Albatraz...

EM REPUBLICA

Como se sabe, os empregados dos caminhos de ferro dos Estados Unidos tiveram uma poderosa greve...

PENSAMENTOS

O amor é como as dengues epidémicas: quanto mais os tememos, mais a elles se está exposto.

Levando em frente a perspectiva da sátira e do humor, foi publicada na cidade do Porto, *A Esmeralda*, que durou curto período, iniciando em 23 de julho de 1891, não chegando sua existência a ultrapassar tal ano<sup>38</sup>. Essa folha se apresentava como “semanário literário e humorístico”, com maior propensão para o segundo estilo editorial, demonstrado de modo mais ferino, como bem anunciava em seu programa, no qual dizia que jamais aceitaria insultos de quem quer que fosse. Pretendia ainda “tirar os magros cobres a todos” que a lessem e “fazer crônica e crítica de tudo” que lhe chegasse “aos ouvidos”, manifestando “toda a sua ambição e todo o seu ódio a adversários”<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 298.

<sup>39</sup> A ESMERALDA. Porto, 23 jul. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

1.º ANNO PORTO, 23 DE JULHO DE 1891 N.º 1

# A ESMERALDA

SEMANARIO LITTERARIO E HUMORISTICO  
REDACTOR PRINCIPAL. PEIXE-ESPADA

|                         |    |                         |                         |
|-------------------------|----|-------------------------|-------------------------|
| Assignaturas            |    | Administrador           | Administração           |
| Mez.....                | 40 | MANOEL CARLOS MERGULHÃO | 20, Santa Catharina, 20 |
| Aviso no mesmo dia..... | 40 |                         |                         |
| Passados 8 dias.....    | 40 |                         |                         |

## Desviando-se o reposteiro

**A**PARECE «A Esmeralda».

Para apresentarmos «A Esmeralda» seriam o sufficiente aquellas palavras no primeiro capitulo.

Mas nem todos são *bons de contentar* e por isso nos resolvemos a dizermos mais alguma coisa para ao mesmo tempo darmos parte do nosso programma.

E' muito simples mas é bastante energico, visto nós sermos d'aquelles que *tudo fazem em poucas palavras* cabendo-nos a occasião de dizermos *que cão que ladra não morde*.

N'estes tempos em que todos andamos á tóa, ora preocupados com as desconfianças d'uma nova revolta, ora atarefados com o troco das notas e que apenas dão lucro ao sapa-

teiro, devia apparecer algum jornal que viesse á luz para pôr o povo ao facto de tudo que se possa dar. E' o que nós vimos fazer e por isso vos apresentamos o nosso programma no qual entram os diversos caminhos por onde seguiremos, e embora entremos n'esses caminhos sem luz nenhuma, desde já nos munimos d'uma *candeia á antiga portugueza* e a dependuramos na ponta do nariz.

Eis o nosso programma:

Abriu as columnas do jornal para todos aquelles que por esta forma queiram mostrar a sua sabedoria;

Jamais acceitar silenciosos insultos de quem quer que seja e que nos digam respeito;

Tirar os magros cobres a todos os que nos lêrem, em troca do papel que quizer vêr;

Fazer, enfim, chronica e critica de tudo que nos chegar aos ouvidos.

Ahi tendes explicado em poucas palavras todo o nosso programma, toda a nossa ambição, todo o nosso odio a adversarios e todo o pensamento com que nos lembramos de fundar um jornal.

NACIONAL

Típico representante da imprensa especializada foi *O Lojista*, editado semanalmente na capital do reino, entre 14 de agosto de 1891 e 10 de dezembro de 1893<sup>40</sup>. Apresentava-se como “órgão da indústria e do comércio a retalho” e, nesse sentido, destacava que “a fundação de um periódico, exclusivamente dedicado à classe dos lojistas”, impunha-se “como necessidade”, e era “de carência absoluta”. Desse modo declarava que seria “em tudo e por tudo órgão exclusivamente dedicado à defesa dos legítimos interesses da ilustrada classe dos lojistas”, e, de acordo com tal proposta, publicaria “em seções apropriadas tudo quanto” fosse “tendente a elucidá-la sobre assuntos” que lhe dissessem respeito às “suas relações com o Estado” e “com as indústrias e outras classes da sociedade”. Afirmava também que não seria “propagandista de qualquer facção”, seguindo “com desassombro o seu caminho, guiado exclusivamente pelas conveniências do comércio” e “combatendo a nefasta influência dos monopólios e sindicatos maquiavelicamente introduzidos no organismo econômico da nação, por eles depauperada e arrastada a mais perigosa e quase insolúvel crise financeira”. O jornal enfatizava ainda que “tais intuitos” o levavam “a esperar da parte do comércio e da indústria, não só de Lisboa, como de todo o país, o acolhimento benévolo” de que necessitava, “condigno de tão respeitabilíssimas classes”<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 73.

<sup>41</sup> O LOJISTA. Lisboa, 14 ago. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

LISBOA, 14 DE AGOSTO DE 1891

# O LOJISTA



|        |  |   |  |        |
|--------|--|---|--|--------|
| NUM. 1 | <b>ASSIGNATURAS</b><br>LISBOA — Anno, 500 réis; semestre, 250 réis; trimestre, 150 réis. PROVINCIAIS — Anno, 1400 réis; semestre, 800 réis; trimestre, 500 réis. O pagamento das assignaturas é adiantado.   | <b>CONTRIBUICAO</b><br>A subscriçao de um anno dá direito ao proprietario e administrador A. Louzã, e ao redactor, na Rua S. Carlos, 44 — Lisboa. | <b>PUBLICACOES</b><br>De interesse para a classe commercial, GRATIS. De interesse particular, 50 réis cada linha. ANUNCIOS — Cada linha, 50 réis. PERNANCIAS, contra o espaço. | 1 ANNO |
|        | <p><b>PEDIDO</b></p> <p>A's pessoas a quem dirigimos o primeiro numero do nosso periodico solicitamos a honrosa favor de nos enviar as suas assignaturas; assim como d'aquellas que nos não concederem essa honra aguardamos o especial obsequio de o devolver: na de Lisboa pelos encarregados de angariar assignaturas e as das provincias pelo correio.</p> |   |  |        |

**PEDIDO**

A's pessoas a quem dirigimos o primeiro numero do nosso periodico solicitamos a honrosa favor de nos enviar as suas assignaturas; assim como d'aquellas que nos não concederem essa honra aguardamos o especial obsequio de o devolver: na de Lisboa pelos encarregados de angariar assignaturas e as das provincias pelo correio.

## AO COMMERCIO

«Momento não se presta a critica. Cada classe necessita de robustecer-se para a luta, n'uma perspectiva benevola para com as suas rivales, mas sempre vigilante, attentamente precavida contra o golpe de mão que possam frustrar-lhe os legitimos interesses. Aquelle que descura a sua causa, estabelece por esse modo uma barreira insuperavel entre si e os direitos que lhe assiste. Por isso, quando quasi todas as classes, ainda as menos poderosas e mais distantes da dirigença dos negocios publicos, levantam orgãos de publicidade para propaganda e defesa das suas aspirações, e até para fundar e cimentar os alicerces de novos systemas de administração geral que lhes pareçam o bem estar relativo, em que se traduzam essas aspirações; quando pequenas parcerias e grandes empresas se socorrem da imprensa para dar maior visão ás suas tentativas e chamar sobre ellas a attenção de todos, procurando secundar no consumo das adições que por esse modo conquistam a estabilidade, desenvolvimento e progresso dos interesses que procuram criar; quando finalmente o repórte saudoso d'uma industria vos d'encontro a toda o commercio d'uma cidade como Lisboa, tentado o desprestigio e o impoñe-lhe a sua ventura prepotente e odiosamente tyrannica, esse commercio não tem na imprensa um eco a dar unidade e repercussão ao seu protesto contra o acto expulador que o amonesta, tribuando-se em toda a sua magnitude a necessidade de o crear immediatamente, prevenindo nosse assaltos pela repulção mais rapida e mais energica que seja possível adoptar.

« Só a imprensa offerece uma garantia de tão elevada alcance. Como sentinella vigilante e guardião avançada da classe que a tem ao seu serviço, ella está apta a prevenir do perigo quando este se aproxima, e a dar o signal de alarme para que essa classe se ponha em guarda contra quem a pretende atacar.

« Levando a todos a mesma idéa, imitando um só systema de defesa, e procurando identidade e coesão n'uma só opinião preparada por essa firma a restauração, unanime, firme e dignissima, que dá o vinculo a todas as causas, e principalmente quando estas tocam fundamentalmente na mais estriata e clara justiça.

« Corrigir os erros, castigar os dominos dos vices, as iniurias e oppresões a stubilidade, quando estas se levantam em favor dos interesses contrarios. Estabelecendo assim a

verdade em toda a sua evidencia e esplendor.

« Se na questão que se está debatendo entre o commercio da capital e o monopólio da illustração, tem havido por politica e talvez por instigação de furtivos interesses quem levante insinuações menos merecidas por uma classe respeitavel e que proceda, honesta e dignamente defendendo-se de expolições insolentes, atrevidas e onasdas, é porque tais insinuações, por não haver um periodico genuinamente do commercio, se julgavam a salvo de desmentido e justa reprimenda.

« Pois é preciso obviar a similhante inconveniencia.

« A fundação d'um periodico, exclusivamente dedicado á classe dos lojistas, impõe-se como necessidade, e é de urgente actualidade. Ninguém poderá negar a sua opportunidade. Os factos demonstraram que esta criação é urgente e inadiavel. Vimos pois satisfazer a essa necessidade, publicando desde já O Lojista, que será em tudo e por tudo orgão exclusivamente dedicado á defesa dos legitimos interesses da illustrada classe dos lojistas, e como tal publicará em secções apropriadas, tudo quanto seja tendente a illustral-a sobre assumptos que lhe digam respeito, já nas suas relações com o estado, já com as industrias e outras classes da nossa sociedade.

« O Lojista não pretende ser nem será propagandista de qualquer facção; seguirá com desassombro o seu caminho, guiado exclusivamente pelas conveniências do commercio, como benefício a nefasta influencia dos monopólios e syndacatos machucavelmente introduzidos ao organismo economico-da nação, por elles depauperado e arrastado á mais perigosa e quasi insolvel crise financeira e politica.

« Dispõem de informação especial poderá com antecedencia prevenir os seus dignos assignantes de qualquer projecto de reforma de serviço publico, que possa derivar em seu prejuizo;

« Dará, successivamente, publicidade a todas as leis e regulamentos, cujo conhecimento seja de utilidade á classe a quem se applicam e modelos de requerimentos, reclamações e recursos referentes á contribuição industrial, tanto para a junta dos repartidores, como para o tribunal administrativo do districto, junta central e greco; habilitando por esse modo todos os seus assignantes, a tratar dos assumptos que lhe interessam-junto das corporações que exercem auctoridade publica, relativamente ao imposto, sem auxilio de advogado ou solicitador;

« Seguramente propoem-nos transcrever na integra os Regulamentos da Contribuição Industrial, da Renda de Casas, o Código Commercial na parte mais indispensavel ao conhecimento dos lojistas e ainda outras leis que offereçam maior interesse a todos os cidadãos;

« Equilibradamente publicamos as ex-

tractas das sessões da Associação dos Lojistas e da Associação Commercial de Lisboa, ao movimento das causas propostas a julgamento no tribunal do commercio e outras referencias que se relacionem com o movimento commercial do país, tuez como constituição de empresas industriales, desenvolvimento d'essas empresas e das já existentes; enfim, o maximo das informações indispensaveis ao lojista consciente da sua missão commercial.

« As columnas d'este periodico, estão á disposição dos seus assignantes, para sob o ponto de vista do interesse geral da sua classe, publicarem tudo quanto seja consuetano no indole do mesmo periodico, já exposta as suas queixas quando servirem d'elvo ás injustiças e arbitrariedades; falgum organo d'auctoridade, já tratado em illustrando qualquer questão de tal natureza do debate e que diga respeito ao commercio e á industria. Hoje que em todas as classes existem homens illustradissimos, talentos comprovados e aptidões incontestaveis, seria um gravissimo erro não confiar a esses honras defesas das questões que mais directamente dizem respeito ás suas respectivas classes. Chamar esses homens e incital-os a discutir os assumptos, sobre os quaes são peritos habilitadissimos, é obumar a jus ao debate e esclarecer a opinião que a respeito d'elle se póde formar, guiando-o para uma solução geralmente accetavel, fundada no exacto conhecimento das causas que o determinaram e dos erros ou accertos a que poderia conduzir.

« Este é o motivo porque desejamos que os lojistas dos diferentes ramos de commercio tomem a pelo a propria defesa das questões que se suscitarem dentro da sua classe; porquanto ninguém melhor do que qualquer d'ellas as poderá guiar e resolver.

« Tais são os intuitos que nos demoveram a publicar O Lojista, e que nos levam a esperar da parte do commercio e industria, não só de Lisboa, como da todo o país, o acolhimento benevolo da que necessitamos, confidendo de tão respeitabilissimas classes.

« Encarecer esta iniciativa seria empenho demasiadamente proximo, desde que nos dirigimos a homens illustradissimos que sabem a diferença da verdadeira previdencia e conveniencia do inconveniencia da empresa que tomamos sobre nossa responsabilidade. Elles comprehendem perfeitamente o levantado alcance da nossa vista quando vimos offerecer-lhe ao mesmo orgão auctorizado pela competencia de quem o dirige, pelo menos um defensor consciente e compunctissimo pela collaboração que procura obamar a si, convidando os proprios interessados a honrar com essa collaboração as suas humidas columnas.

« Estamos convencidos da efficacia do nosso appello e convencidos de que o auxilio do commercio nos ha-de permitir a integral desobrigação do compromisso que acabamos de tomar; e por isso, confidamos na illustração e honra de nos dirigir, aguardamos esse auxilio, que é indispensavel, para mostrarmos que sabemos cumprir o nosso dever.

Também em Lisboa e com uma pauta editorial de certo modo especializada, embora buscasse um público mais amplo, foi editado, entre 20 de agosto de 1891 e 11 de agosto de 1892<sup>42</sup>, o hebdomadário *O Crédito* que se intitulava como “jornal de economia e finanças portuguesas”. Tinha a particularidade de constituir uma edição bilíngue, ao menos nos “principais artigos”, sendo redigido, além de em português, também em francês, apontado como “língua diplomática” da época. Dizia que sua redação seria “independente, fazendo a abstração de todas as opiniões políticas” e convidava “todos os patriotas e toda a gente de bem” que ainda havia em Portugal, para que se juntassem à folha, de modo a atingir como “fim comum de reparação: dar a Portugal o lugar” que deveria “ocupar na Europa, restabelecer o seu crédito” e “assegurar a sua independência”, acreditando que, apesar da crise, o país teria potencialidades para superá-la. Quanto à política, manifestava ideias antirrepublicanas, desejando “a manutenção do governo representativo outorgado pela carta constitucional” e considerando “como um crime qualquer tentativa de mudança de forma governamental nas circunstâncias dolorosíssimas” atravessadas pela nação, num quadro pelo qual “fazer uma revolução” equivaleria a “vibrar o golpe mortal”<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> RAFAEL & SANTOS. v. 1. p. 221.

<sup>43</sup> O CRÉDITO. Lisboa, 20 ago. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

# O Credito

JORNAL DE ECONOMIA E FINANÇAS PORTUGUEZAS

SEBDOMADARIO PUBLICADO ÀS QUINTAS-FEIRAS

Director: **Alfredo Mesquita**

ESCRITORIOS: RUA DO ARSENAL, 146, 3.º—LISBOA

## ASSIGNATURAS (LISBOA)

Um anno 4800 rs.—Seis mezes 900 rs.—Trimestre 500 rs.—Avulso 40 rs.  
Para as provincias, colónias e Estrangeiro, accresce o porte do correio.

## ANUNCIOS

Cada linha ..... 20 rs.—Em frascos..... 30 rs.  
O preço dos annuncios permanentes será conforme contracto especial.

**O CREDITO mudou os seus escriptorios para a Rua do Arsenal, n.º 146, 3.º—Lisboa.**

## SUMMARIO

Revista da semana.  
Correspondencia pour l'Etranger.  
Camifios de Ferro do Norte e Leste.  
A Companhia de Moçambique.  
A Bolsa Official do Porto.  
Revista Economica.  
Revista dos jornaes.  
Assembléas geraes.  
Noticias.  
Cotação da Bolsa de Lisboa.  
Balancetes de bancos.  
Informações diversas: Cambios, Recetas aduaneiras, Preços correntes dos mercados de cereaes, vinhos, aguardentes, apfetes.  
Annuncios.

## Revista da semana

Ainda bem que os nossos receios, justamente manifestados a respeito da viagem de Suas Magestades ao Norte do paiz, e ao Porto especialmente, tiveram de desaparecer ante a pacifica recepção que a segunda cidade do reino fez ás augustas pessoas reaes. Ainda bem!

As sobejas provas de fidelidade que o povo portuense tem apresentado ao Soberano deixam-nos a consoladora certeza de que não se pratica a injustiça de tornar o Monarcha responsavel pelas faltas commettidas pelos governantes que o precederam no throno, e de que ha bastante confiança n'elle.

Quanto á manifestação de protesto na passagem por Coimbra, explica-se bem, e incontestavelmente, na natural impetuosidade e impaciencia da juventude escolar. No entanto, este facto, pouco importante em si, não deve ser desprezado, porque elle indica a Sua Magestade que é chegado o momento de fazer uso das prerrogativas reaes, para que sejam chamados ao poder homens novos, que nenhuma intima ligação tenham com o passado, de modo a poderem inaugurar a era nova, sem que antigos compromi-

sos pestoaeos, de compadrio, venham influir na sua independente administração.

A exposição industrial, agora inaugurada no Porto, incita-nos a algumas considerações que vamos expôr.

Pelo que referem as folhas noticiosas, aquella exposição dá uma excellente idéa do nosso verdadeiro estado de progresso industrial, pois que ali se reuniram todos os exemplares de fabrico commum e normal, dentro de um curto prazo que não permitia a fabricação especial de productos, que provariam talvez a extrema perfeição a que poderemos chegar, mas que não poderiam apresentar a verdade sobre o adiantamento a que temos chegado.

Tem-se julgado até aqui que o nosso trabalho nacional só deve dedicar-se á agricultura, affirmando-nos no facto da sermos um paiz essencialmente agricola, e não cuidando do progresso que, sobre a agricultura, produz a industria fabril. D'esta errada convicção nos tem resultado o incontestavel atraso com que nos achamos a braços, não só porque descuidámos quasi completamente o emprego de forças na lucta fabril com o Estrangeiro, mas porque não applicámos tambem todas as forças no desenvolvimento agricola.

Porque, pergunta-se: como tem Portugal aproveitado a grande productividade do seu solo? E a resposta não acode immediata e satisfatoria para os nossos brios patrioticos e para o nosso interesse nacional. Como temos dirigido a fonte principal da nossa riqueza agricola, representada pelo commercio de vinhos? Qual tem sido, qual é o producto d'esse commercio, e qual poderia ter sido, e continuar a ser se uma negligencia já proverbial não tivesse obstado á procura de meios seguros para grande venda?

Devemos envergonhar-nos, se quizermos responder com clareza a tão cruéis interrogacões, interrogacões a que o Estrangeiro nos não poupa quando trata de assegurar os juros do dinheiro que lhe pedimos emprestado.

Como nos persuadimos, insensatamente, da nossa incapacidade industrial, como nunca medimos com exactidão o alcance das nossas forças no cultivo de tão productivo ramo do progresso humano, chegámos á profunda descrença pelos bons resultados que alguns compatriotas nossos, mais sensatos e mais habéis, destacados do vulgo por uma enérgica iniciativa, alcançaram por meio d'aquelle cultivo. E assim os temos abandonado, negando-lhe applauso e accettazione.

Ora a exposição industrial do Porto veio esclarecer-nos sobre este ponto, que por imperdoavel desmazelo, por muito censuravel má vontade, o paiz tem deixado na sombra: a industria portugueza tem conseguido bastante, e pôde conseguir multissimo.

Reconhecendo a veracidade d'este facto, e incitando os nacionaes a atentarem n'elle, não pretendemos accceitar um absoluto protectionismo, porque isso seria labutar n'um evidente proposito negativo.

Telegrammas recentes do Brazil annunciavam a queda do Presidente Deodoro da Fonseca, que foi substituido pelo general Floriano Peixoto. Assim se acha vencedor o Congresso.

Falso se, além dos enormes emprestimos ao Estado, de alguns muito consideraveis a parentes e amigos politicos do Marechal dictador, pessoas á quem se emprestava não segundo a sua solvabilidade, mas conforme a sua influencia ou auctoridade do seu parentesco e de suas relações. Por conseguinte, a situação brazileira affigura-se, independentemente das condições anarchicas provenientes do recente golpe de Estado, multissimo inquietadora.

A *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, fornece-nos algumas explicações da baixa que no cambio tem causado a situação d'aquelle paiz.

Antes que a sua colheita do café se tivesse feito, como o Brazil necessitasse de mandar dinheiro para a Europa, e como não lhe fôra possível expedir letras

Na cidade e distrito de Coimbra, na região da Beira, circulou *O Comércio de Coimbra*, um bissemanal editado entre 13 de setembro de 1891 e 30 de agosto de 1900<sup>44</sup>. Buscava promover uma prática editorial desvinculada das temáticas político-partidárias, assim como voltada à defesa das questões de cunho regional. Ao publicar seu programa, o periódico conimbricense se considerava “desprendido de todos os preconceitos partidários, repelindo facciosismos estéreis, deprimentes e incompatíveis com as normas da justiça e do direito”. Destacava ainda que tinha “por ideal o progresso em todas as suas manifestações mais puras”, e o “desenvolvimento intelectual e moral do povo, como meios indispensáveis para o engrandecimento da pátria” e “o bem estar da nação”. O jornal afirmava que, “em política partidária”, a sua divisa seria “o *ecletismo*”, princípio que teria por base a proibição do “aferro inconsciente à doutrina de uma seita, facção ou partido”. Além disso, a publicação pretendia “mostrar e fazer valer as necessidades do país em geral e especialmente as de Coimbra e seu distrito”, bem como propunha-se a concorrer para os “melhoramentos de toda a ordem” da região<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 177.

<sup>45</sup> COMÉRCIO DE COIMBRA. Coimbra, 13 set. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

V. ANNO Quinta-feira, 6 de Agosto de 1896 Numero 480 O JORNAL DE CAMBORA PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

ASSONATORIAS (Pagamento adiantado) Por anno... 26000 reis... Semestre... 13000 reis... Mensal... 2600 reis... Redacção: J. JOAQUIM BARRA CORREIA GREGIO PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—LUIS PINTO Preço de Publicações Anual, em 1896... 26000 reis... Semestral... 13000 reis... Mensal... 2600 reis... De entrega em se receberem antes ou no prazo. A correspondencia deve ser dirigida a Lata Postal, Caixa 163

A nossa opinião sobre o insulto brasileiro

Chalmeus não podemos chegar ao estado de degradação. Graças à falta de energia dos governos, depois que levámos o caso do Leopardo, em 14 de Janeiro de 1890, qualquer estrangeiro que se lembrasse de insultar-nos, pôde fazê-lo impunemente.

Se, n'este momento em que jávamos portugueses chegados a exaustão, nos manifestações do seu patriotismo, houvesse um gabinete que se ativesse a aproveitar o ensejo Portugal, porque nos chancelarias estrangeiras tinha desperdiçado um echo de sympathia, poderia ter conseguido enriquecimento ao ter-lhe sido restituído, mediante reparações imediatamente e sem representações ao governo insultador, e, sem lançar-se no caminho de aventuras, promovendo o estado de guerra, mostrava assim que havia podido ser, patriótico, dignidade hostilidade da nossa parte, para saltemos repellido a offensa recebida.

E, tendo como inimigos, culpados as sympathias de varias nações estrangeiras, entre outras a Alemanha, a França e a própria Rússia, a energia do nosso procedimento lavorava arrojado essas sympathias a ponto de, quando não podessemos contar em respeito a Inglaterra, caso ella passasse ao lado, em ultimo recurso, nos fessas lidoz appellando para a afflicta intercepção armada em nome de Deus.

Com as forças succedeu mesma coisa muito semelhante ao que aconteceu muitas vezes com os ditas. Passa por nos um dia e volta a dividir-se, estranho ao sitio. Todos os da mesma especie, que estacionados à porta de seus domos, quer em tranzião, se verem o feroz e chido, oham-o'co com desconfiança, rousso-lhe, e não tarda que am, mais atrevido e pousado, ha sido no caminho a entregar-lhe, o passio, com aroz provocações de rufião, Absolutos á cossa que vai dar re, todos temem se oham-lhe nos ditas, se ferros. Se e provocado lino, seja muito ou pouco cor, polido, se arrigada á dentura, se cessa, se interesse lega com a atrevido, todos se expozideram ou permanecem indiferentes, ou figuram com medo de apasinharem por alguma d'elles, se o degraçado vislumbra de feroz e timido, rignido-se a implicar compaixão, ou ouvir e tem amarelo de rufião que ha salido ao encontro, este fido-o logo, e a turba de cões que assistem á luta, e, desapiadadamente adoe e morro animal e despolpado á d'ellas, trespassado e estajou no campo de batalha.

Tourada na Figueira

Como já dissemos prepara-se para o proximo domingo 9 do corrente, no Collyson da Figueira da Foz, uma extraordinaria corrida de 10 touros, em que tomam parte artistas de extraordinaria, nos como Fernando d'Alvarez, Theodor, Castello, Saigado e o Estipido empalido Quirino com a sua condilha.

Sustento dos peixes

Describio-se recentemente que em geral, se peixinos se nutrem de uma substancia que se encontra em grande abundancia, não só no mar como em terra.

Pagamento de realizações

Consta que pelo commando do 2.º divizão militar foi dada ordem para os quartéis militares, afim de que se ajuntes papeis certos para pagamento de rendimentos nos mandados que se acham necessarios, sem que apresentem proturação.

Orçamentos approvados

Foram pelo governo civil d'este Estado approvados os seguintes orçamentos de Juntas de parochias: ordinario da de Verisio, concelho de Montemor, ordinario da de Alvaro dos Varnes, concelho de Oliveira de Hospital, ordinario da de Laves, concelho da Figueira; ordinario da de S. Silvestre, concelho da Coimbra.

Monopolio do sal

Em Portugal sempre q'este monopolio teve auctoridade, os peixes para nos desagravados n'elles, de tal, de acordo com o artigo 2.º do estatuto de salinas e o artigo 1.º do decreto de 1870, em S. Pedro, Corroia, Póvoa, Ovar, Lagoa e Gannes de uma fozo apparição a concessão project, nos Gannes de Gannes de Vil de Maio, e de S. José de Santa Justa, todos do estavelho de Gannes.

A jogatina

Da Figueira da Foz diz-se que a rodeta a a batida assomou ali, nos armaras e que se joga já em Gannes.

Os ministros que temo a fazer ao jogo amarelo que fosse supprimido nas provincias ultramarinas. E' topa.

O que nos espera

Por mais que oscedora, a impressão momentanea não camufla o corrente o país, de que não seja para manter, e muito, a ruína e a desgraça que mais ou menos todos nos espera inevitavelmente.

Ministero do Brazil

Como se viu, o Sr. Thomaz Ribeiro incumbido da sua d'elles do cargo de ministro portuguez no Brazil, o que o governo lhe está preparado a receber.

Cautella com a leoa

O que se está passando com a apprehensão de pelotas de leoa, que alguns individuos trazem para seu uso, extrêdo, o que se mais ha de fazer, é o de se fazerem as leis de conservação.

Monopolio do sal

Em Portugal sempre q'este monopolio teve auctoridade, os peixes para nos desagravados n'elles, de tal, de acordo com o artigo 2.º do estatuto de salinas e o artigo 1.º do decreto de 1870, em S. Pedro, Corroia, Póvoa, Ovar, Lagoa e Gannes de uma fozo apparição a concessão project, nos Gannes de Gannes de Vil de Maio, e de S. José de Santa Justa, todos do estavelho de Gannes.

A jogatina

Da Figueira da Foz diz-se que a rodeta a a batida assomou ali, nos armaras e que se joga já em Gannes.

Monopolio do sal

Em Portugal sempre q'este monopolio teve auctoridade, os peixes para nos desagravados n'elles, de tal, de acordo com o artigo 2.º do estatuto de salinas e o artigo 1.º do decreto de 1870, em S. Pedro, Corroia, Póvoa, Ovar, Lagoa e Gannes de uma fozo apparição a concessão project, nos Gannes de Gannes de Vil de Maio, e de S. José de Santa Justa, todos do estavelho de Gannes.

Os ministros que temo a fazer ao jogo amarelo que fosse supprimido nas provincias ultramarinas. E' topa.

Ministero do Brazil

Como se viu, o Sr. Thomaz Ribeiro incumbido da sua d'elles do cargo de ministro portuguez no Brazil, o que o governo lhe está preparado a receber.

Cautella com a leoa

O que se está passando com a apprehensão de pelotas de leoa, que alguns individuos trazem para seu uso, extrêdo, o que se mais ha de fazer, é o de se fazerem as leis de conservação.

Monopolio do sal

Em Portugal sempre q'este monopolio teve auctoridade, os peixes para nos desagravados n'elles, de tal, de acordo com o artigo 2.º do estatuto de salinas e o artigo 1.º do decreto de 1870, em S. Pedro, Corroia, Póvoa, Ovar, Lagoa e Gannes de uma fozo apparição a concessão project, nos Gannes de Gannes de Vil de Maio, e de S. José de Santa Justa, todos do estavelho de Gannes.

A jogatina

Da Figueira da Foz diz-se que a rodeta a a batida assomou ali, nos armaras e que se joga já em Gannes.

Monopolio do sal

Em Portugal sempre q'este monopolio teve auctoridade, os peixes para nos desagravados n'elles, de tal, de acordo com o artigo 2.º do estatuto de salinas e o artigo 1.º do decreto de 1870, em S. Pedro, Corroia, Póvoa, Ovar, Lagoa e Gannes de uma fozo apparição a concessão project, nos Gannes de Gannes de Vil de Maio, e de S. José de Santa Justa, todos do estavelho de Gannes.

A jogatina

Da Figueira da Foz diz-se que a rodeta a a batida assomou ali, nos armaras e que se joga já em Gannes.

Os ministros que temo a fazer ao jogo amarelo que fosse supprimido nas provincias ultramarinas. E' topa.

Ministero do Brazil

Como se viu, o Sr. Thomaz Ribeiro incumbido da sua d'elles do cargo de ministro portuguez no Brazil, o que o governo lhe está preparado a receber.

Cautella com a leoa

O que se está passando com a apprehensão de pelotas de leoa, que alguns individuos trazem para seu uso, extrêdo, o que se mais ha de fazer, é o de se fazerem as leis de conservação.

Monopolio do sal

Em Portugal sempre q'este monopolio teve auctoridade, os peixes para nos desagravados n'elles, de tal, de acordo com o artigo 2.º do estatuto de salinas e o artigo 1.º do decreto de 1870, em S. Pedro, Corroia, Póvoa, Ovar, Lagoa e Gannes de uma fozo apparição a concessão project, nos Gannes de Gannes de Vil de Maio, e de S. José de Santa Justa, todos do estavelho de Gannes.

A jogatina

Da Figueira da Foz diz-se que a rodeta a a batida assomou ali, nos armaras e que se joga já em Gannes.

Monopolio do sal

Em Portugal sempre q'este monopolio teve auctoridade, os peixes para nos desagravados n'elles, de tal, de acordo com o artigo 2.º do estatuto de salinas e o artigo 1.º do decreto de 1870, em S. Pedro, Corroia, Póvoa, Ovar, Lagoa e Gannes de uma fozo apparição a concessão project, nos Gannes de Gannes de Vil de Maio, e de S. José de Santa Justa, todos do estavelho de Gannes.

A jogatina

Da Figueira da Foz diz-se que a rodeta a a batida assomou ali, nos armaras e que se joga já em Gannes.

Os ministros que temo a fazer ao jogo amarelo que fosse supprimido nas provincias ultramarinas. E' topa.

Uma publicação diária que manteve a tradição de folhas republicanas publicadas no Porto, mas que teve curta duração, foi *A Ideia Nova*, que circulou de 1º de outubro de 1891 a 31 de março de 1892<sup>46</sup> e sustentava o dístico “diário democrático”. Ao levar suas propostas ao público, apresentava amplas críticas à situação nacional, chamando atenção para os protestos, que andavam “na esfera da coletividade portuguesa, no pensamento anônimo, na alma democrática” dos que não traziam “na cara o ferrete do partidarismo ambicioso”, comentando que tais vozes eram “como porções vivas de um povo” o qual sentia que ainda não morreria. Diante disso, dizia que era “forçoso mudar a constituição política do país, substituindo a monarquia representativa” por um “governo republicano”, explicando que pregava isso não tanto “por obedecer a princípios de escola”, mas sim, “para varrer com a energia de uma revolução honrada e sincera, a turba infecta de ambiciosos e intrigantes”, a qual traficava, de forma “torpe, em redor da coroa”<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 402

<sup>47</sup> A IDEIA NOVA. Porto, 1º out. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

ALFAVELLA NOVA

Porto-Sabbado, 7 de Novembro de 1891

1.º Anno - N.º 83

ASSIGNATURA PUBLICAÇÕES... ANNUARIO... PREÇO...

DIARIO DEMOCRATICO

Numero 2019... Lisboa, Porto...

Os acontecimentos de Brazil

Os acontecimentos de Brazil... a situação politica...

Uma vergonha!

Uma vergonha!... a situação politica...

Desgraça sobre desgraça

Desgraça sobre desgraça... a situação politica...

Revista Internacional

Revista Internacional... a situação politica...

Indignidades

Indignidades... a situação politica...

Correio das Provincias

Correio das Provincias... a situação politica...

A ideia nova

A ideia nova... a situação politica...

Flor do Mercado

Flor do Mercado... a situação politica...

Região Parte

Região Parte... a situação politica...

Idéias

Idéias... a situação politica...

Com uma linha editorial baseada na crítica, na sátira e no humor, circulou no Porto *O Riso do Diabo*, que durou pouco, como era comum a tal gênero, sendo editado de 4 de outubro de 1891 a 10 de abril de 1892<sup>48</sup>. Na epígrafe já demarcava suas intenções, anunciando-se como “semanário de crítica azeda”. Ao apresentar-se, descrevia que, quando um país chegava “a tal estado de confusão, que ninguém” se entendia; “quando a anarquia mansa e a desorganização” se tornavam completas; “quando só se realizava” o que parecia impossível e “deixava de realizar-se” o que parecia justo; “quando os políticos, com os olhos vendados”, caminhavam “para o precipício; quando se perderam todas as noções de moralidade e de justiça”; e quando só avultava “o *delirium tremens* dos arranjos e da ganância imoral – o diabo” esfregava as mãos e soltava “estrepitosas gargalhadas”. Justificava tal asserção a partir da perspectiva de que “o riso satânico” era “um grande reformador”, além do que, “uma sociedade tristemente burlesca” não poderia “ser tomada a sério”. Nesse caso, “as únicas armas de combate” passariam a ser “a sátira pungente e o epigrama, a baixa comédia, a ironia e a gargalhada, o ridículo com todos os seus aspectos e debaixo de todas as suas formas”<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 264.

<sup>49</sup> O RISO DO DIABO. Porto, 4 out. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

# O RISO DO DIABO

SEMANARIO DE CRITICA AZEDA

Deposito e Cessão de direitos  
De todos os direitos reservados  
Tirado de 500 puz, e com resto,  
O partido d'el-rei delimitado.

«O riso do diabo é a ironia».  
VICTOR HUGO.

ASSIGNATURA

|  |       |
|--|-------|
| Porto—Anno . . . . .                   | 600   |
| Provincias, Ilhas e Hespanha . . . . . | 750   |
| Brazil . . . . .                       | 2000  |
| Africa portugueza . . . . .            | 12000 |

PORTO, JANEIRO 3 DE 1892

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

São publicados por contracto especial.  
NUMERO AVULSO  
Nos primeiros dias . . . . . 10 reis  
Passados 7 dias . . . . . 20 »

**Summary.**—Anno velho e anno novo—Brazil—Arte romantica ou guia do romancista—Contos da tia Joaquina—Le hoc signo vincis—Nação de pedintes—Os trabalhos nocturnos postos á luz do dia—Receta para ser rico—Dureza das leis antigas—Provincias: Vizeu—Adivinha—Definição do enigma do n.º antecedente.

Anno velho e anno novo

Findou um anno e começa outro.

Ao anno que findou chamam o anno velho, e ao anno que começa, o anno novo.

Nos tempos em que os annos se despediam com saudades e começavam com esperanças, chamava-se *anno bom* ao anno que começava. Hoje é o contrario: o anno que começa é sempre um anno mau, e será menos mau, se não fór um anno peor.

O anno findo deu sangue e lagrimas a muitas familias e sobresaltos a outras—deu a deshonra da patria—deu a pappellada—deu o mal estar dos necessitados.

O anno que entrou será ainda peor; porque hade trazer a banca rota e o agravamento dos males, que lhe legou o anno findo.

Males chronicos não se curam; augmentam com o tempo e cambiam para um termo fatal.

Não podendo, pois, dar aos

leitores as tradicionais *boas-festas*, dizemos-lhes simplesmente que se preparem para as *más festas*, que o novo anno lhes vai proporcionar. Neste caso, somos como o

«Propheta da desventura,  
Que sobreviveu com mão segura  
«A propheta que fez.»

Vai indo para 60 annos que o parlamentarismo se implantou entre nós. Systema vindo d'Inglaterra, não podia dar, em Portugal, outros fructos. Chamaram-lhe, nos seus principios, o *juste milieu* e converteu-se em *justa ruina*.

Já a meio caminho para ella, surgiu-lhe pela frente o *fantasma*, que foi uma fonte perenne de desperdício e de perdição.

O que é visível e palpavel é que o systema Inglez nos foi dando completamente inglessados.

Como em Inglaterra, o pauperismo tem augmentado por um lado, em quanto, pelo outro, augmenta e riqueza mal adquirida.

Em breve, haverá somente pobres e ricos,—lords e rendeiros, como na Irlanda.

A classe media, as pequenas fortunas vão desaparecendo, graças á legislação estrangeirada, que agouça as garras á usura, dando em terra com a sabia disposição legal, que não permitia que os capitães, uma vez duplicados, podessem vencer mais juros, nas mãos do mesmo devedor.

E chamou-se a isto legislação *liberal*? É liberal foi, com effeito, mas do que era dos outros.

Proclamaram aos quatro ventos que tinham libertado a terra, abolindo os ditimos, modificando os prazos e os vinculos.

E foi verdade: libertaram a terra, para escravizarem os cultivadores d'ella, depauperando-os, pelos impostos, e enfiando-os ao capitalismo, á usura, aos syndacatos e aos espezialhões inglessados.

Demolidores sem consciencia, em logar do que demoliram, levantaram um edificio peor.

O demolidor consciante, se não pôde edificar o bom, edifica, ao menos, o soffrivel—o tal *juste milieu*, que nos prometieram e que nunca souberam nem puderam dar-nos.

A unica coisa que nos dêram, temporariamente, foi a liberdade d'imprensa—o direito de gritar *Aquí d'el-rei, ladrões!*

Mas, desde que o tempo foi mostrando que o ser ladrão, em alta escala, dava *honras*, vieram as *robças* como complemento forçado do *hemdilo* systema Inglez.

Assim, o que nos dêram para legarmos a nossos filhos, foi uma legislação completamente estrangeira—foi a bancarrota e o pauperismo—foi o novo feudalismo do capital e da usura—foi uma divida enorme, que nos tem hypothecados até á 16.ª geração—e foi, finalmente, a perda da nossa autonomia, que, a retalho, se vai operando lentamente.

Eis aqui, pois, a linda perspectiva com que começa o anno da *desgraça* 1892!

## BRAZIL

Do estado do cambio, n'este paiz, diz-se tudo, dizendo que, em 30 de novembro de 1891, estava a 430, quer dizer, quem quizesse mandar para Portugal 100 mil reis, tinha de dar, no Rio de Janeiro, 430 mil réis!...

A ultima commoção, que deu em resultado a retirada do generalissimo Deodoro da Fonseca (o qual, segundo as ultimas noticias, vem viajar pela Europa) pôde dar em terra com a nascente república, cercada d'elementos conservadores. Aquelle paiz está sendo gravemente agitado pelo dinheiro estrangeiro (alguem diz *pelo dinheiro dos Orleans*); e os estrangeiros, especialmente os residentes no Rio, avultando entre estes os portuguezes, vão, na sua maior parte, embarcados na tentativa imperialista.

Commetteram os republicanos um gravissimo erro, melindrando (e pelo modo porque o fizeram) o marechal presidente; porque, se este foi deposto pela marinha, ainda não perdeu a sua influencia no exercito. É o Saldanha de lá.

Sabe-se do que é capaz um partidario valioso, quando vê que o seu partido lhe paga com negra ingratidão os assignalados servicos que lhe prestára.

Entre mil exemplos, ha um muito frisante e de data não remota.

Cabrera, em Hespanha, fôra um ardente partidario de

Primeiramente em Albergaria-a-Velha, no distrito de Aveiro, região da Beira, para depois mudar sua sede para Águeda, no mesmo distrito e região, foi publicado, de 4 de outubro de 1891 a 12 de abril de 1896<sup>50</sup>, *O Timbre*. O jornal se apresentava como “semanário independente” e, posteriormente acrescentaria a palavra “noticioso” ao dístico. No programa, afirmava que intentaria abster-se das lutas políticas, as quais “em terras pequenas” produziam “azedumes e irritações temerosas”. Dizia ainda que faria todo o possível para “apaciar as demasias” de quem quer que fosse, e “para estabelecer a harmonia, procurando fazer justiça a todos e advogando os interesses locais”, uma vez que aquela “terra merecia ter na defesa dos seus direitos e das suas conveniências”, um periódico que olhasse pelo seu bem-estar<sup>51</sup>. Ao mudar de local, a folha justificava que manteria o “caráter inteiramente independente, nunca adstrita a partidos, subordinada apenas ao bem da causa pública”, mas passaria a ser editada em Águeda, tendo em vista “o procedimento incorreto” de uma autoridade pública em Albergaria. Ainda assim, enfatizava que continuaria a pugnar pela prosperidade daquele concelho, mas, “em especial” iria se “dedicar a procurar o engrandecimento do concelho de Águeda”<sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 299-300.

<sup>51</sup> O TIMBRE. Albergaria-a-Velha, 4 out. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

<sup>52</sup> O TIMBRE. Águeda, 6 mar. 1892. A. 1. N. 23. p. 1.



Uma outra folha de tendência satírico-humorística tinha o sugestivo título de *Balas... de papel*, bem a contento com as suas incisivas intenções críticas e irônicas. Foi uma edição bissemanal de Lisboa e teve uma duração fugaz, entre 30 de novembro de 1891 e 31 de janeiro de 1892<sup>53</sup>. O tom jocoso estava também na expressão de seu conteúdo programático, descrito como uma “apresentação de armas”, na qual dizia que nunca houvera “publicação despreziosa e metaforicamente humilde”, como ela e, com ironia, afirmava que seu único desejo era o de “endireitar o mundo”. Nesse sentido, destacava que, “para levar a cabo o seu intento”, tinha “um largo cabedal de cáusticos gracejos” de efeito moralizador e identificava-se como um “singelo fascículo de sátira”. O jornal afirmava ainda que não tinha a pretensão de vir a “preencher uma lacuna” e nem de ser “absolutamente independente”, numa clara alusão a frases recorrentes em muitos jornais. Assim, o periódico explicava que aquelas “balas” levavam apenas “muito papel e tinta” e constituíam “simples fuzilaria de explosivos projéteis, mais temíveis, afinal, que danosos”<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 96.

<sup>54</sup> BALAS... DE PAPEL. Lisboa, 30 nov. 1891. A. 1. N. 1. p. 3-4.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

---

# BALAS... DE PAPEL

... palavras contra a pousada ordem das coisas sublinares

CAMILLO CASTELLO BRANCO



LISBOA

IMPRESA DE LUCAS EVANGELISTA TORRES

83 — Rua do Diario de Noticias — 93

1891

Também na linha do humorístico, circulou no Porto, entre 20 de dezembro de 1891 e 21 de agosto de 1892<sup>55</sup>, o hebdomadário *A Comédia Ilustrada*. A seu programa denominou “Prato do dia”, no qual exclamava “Atenção portugueses!”, pois ali estava “a *Comédia*, que contra os revezes da tragédia”, vinha “de roldão com as suas letras”, que pareciam “tretas, salvar a nação”. Jocosamente, dizia que viajara “pelo mundo, e visitara muitos governantes” aprendendo “um saber profundo”. Destacava que era destinada a “toda a gente, sem excetuar ninguém”, citando dezenas de profissões a quem se dedicaria. Definia-se como “um anjo, de gosto macanjo”, que vinha “para o arranjo de “salvar a nação”<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 172.

<sup>56</sup> A COMÉDIA ILUSTRADA. Porto, 20 dez. 1891. A. 1. N. 1. p. 2.



No distrito de Lisboa, região da Estremadura, na localidade que lhe inspirava o nome, circulou *O Eco de Mafra*, identificado como “semanário noticioso, literário e recreativo”, que foi publicado entre os anos de 1891 e 1895<sup>57</sup>. De caráter regional, o periódico enfatizava a sua importância para a vila de Mafra, propondo-se a advogar “os interesses gerais” da mesma, “pugnando por melhoramentos materiais”, bem como “combatendo pelo engrandecimento moral” e defendendo as “justas aspirações do povo mafrense”. No que tange à política, mesmo reconhecendo que a “manutenção da máxima neutralidade perante interesses partidários” constituía “um dos mais duros espinhos da imprensa”, garantia a busca por uma “situação de independência”<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 276.

<sup>58</sup> O ECO DE MAFRA. Mafra, 18 mar. 1894. A. 4. N. 78. p. 1.



Na minhota Ponte de Lima, no distrito de Viana do Castelo, foi editada entre 14 de abril de 1892 e 2 de fevereiro de 1905<sup>59</sup> *A Semana*, que se intitulava “jornal literário, noticioso e anunciador”, era regionalista e apresentava forte influência de cunho religioso. Tal periódico semanal buscava dar “notícia de qualquer ocorrência” naquele “belo e formoso torrão do Minho redentíssimo”, estando “completamente estranho às lutas e dissensões políticas”, não as comentando, apreciando ou discutindo e intentando manter a sua independência baseada na “consciência e probidade”<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 274.

<sup>60</sup> A SEMANA. Ponte de Lima, 14 abr. 1892. A. 1. N. 1. p. 1.

# A SEMANA

3.º ANNO

PONTE DO LIMA, QUINTA-FEIRA 25 DE MARÇO DE 1895

8.º N.º 153

## Portugal e Brazil—O novo ministro da republica brasileira em Lisboa

A terminação do conflicto diplomatico entre Portugal e o Brazil foi um acontecimento que produziu em todos os pontos um alvoroço bem caracteristico da viva sympathia, que sempre existiu e existirá entre as duas nações irmãs.

Vê-se, que se as relações officiaes tiverem um periodo de tão longa interrupção, os sentimentos de affecto nem por isso soffreram na sua intensidade entre portuguezes e brazileiros, dos que se provam de pertinencia a uma mesma e nobilissima familia.

As congratulações trocadas de parte a parte acerca d'esta feliz noticia foram eloquentes testemunho d'esta grande affinitiva.

Restadas as relações diplomaticas precisas sera parente, que os governos dos dois países collocassem nas suas respectivas legações eslavulteres a clara da importante e melindrosa missão, que eram chamados a desempenhar.

E' o que fizeram, e com um escrupulo de acôrto do eschoila dignos de elevado elogio e plaus approvação.

A legação do Rio de Janeiro foi pois preenchida pelo illustre estadista, poeta e jornalista o conselheiro Theodor Ribeiro, cuja estatura moral é entre nós de ha muito subejectamente conhecida e superiormente apreciada.

A de Lisboa pelo dr. Assis Brazil, tambem notavel estadista e escriptor, de cuja personalidade culminantissima nos dá larga comprehensão o dr. Valentim de Magalhães, em uma hierarchia publicada em dezembro ultimo na bellissima revista «Mala da Europa».

E' d'este escripto deveras interessante que vamos extrahir as seguintes notas, na presente occasião de uma oportunidade flagrantissima.

«Joquim Francisco de Assis Brazil filho viciogermão dasousas, neto de portuguezes insulares e maritimos agorriões ao que suppo, nasceu (em 1857) na modesta cidade de S. Gabriel, em estado do Rio Grande do Sul e lá fez os seus estudos primarios e preparatorios. Em 1878 veio para S. Paulo e matricou-se na Academia de Direito, tendo como comprehensores de anno Silveira Jardim, Reynaldo Corrêa, Au-

gusto de Lima, e outros rapazes que em pouco deviam ser illustres.

Durante os cinco annos do seu curso, redigiu a Escolha, fez posses politicas e philosophicas, compoz o livro da propaganda republicana federal Republica federativa, e a Historia da Republica Rio-grandense, revelou os seus docas de tribunas, sendo sempre um estudante acido e penetrante.

Em 1885 desposou uma filha do dr. Julio de Castilhos, e foi o primeiro candidato republicano que, n'esta qualidade, foi eleito deputado a assembleia legislativa.

«Proclamada a republica sustentou a e defendeu-a na Presença. Eleito deputado a Constituinte, tomou parte nos seus trabalhos em novembro de 1890, depois de labor prestado noutros serviços como ministro plenipotenciario do Brazil em Buenos Ayres. Da sua passagem pelo congresso e trabalho mais fulgurante foi a sua famosa declaração de voto (escripto) na eleição do primeiro presidente constitucional, em fevereiro de 1891.

E' sabido que o vencedor foi o marechal Manuel Deodoro da Fonseca chefe do governo provisório. Assis Brazil, sem embargo, puz al voto no sentido do sr. Prudente de Moraes e deu com enorme e nobre civismo as razões por que não votava no marechal, uma das quaes era uma nota de propheta, que mais alguns meses deviam tornar um facto—porque elle havia de ser fuzilado e repellido.

«O trato intimo de Assis Brazil é esccatador pela simplicidade e pela franqueza. Diplomatico finissimo, possuidor, como é, das dezesovez mudanças, como elle diz, não tem contudo esses fallos pedantescos e discreditaes com que se pavoniam os factos, que julgam que a sciencia da Theoyreza consiste (inda no lido da casaca e na grande curva da espilha no exercicio das medidas».

«O sr. Louis Sipiêre, de Brestes (França), no intuito de dotar a agricultura com um processo de mais facil cultivo, mais lucrativo e se-

brado mais economico do que a sulfatação das vinhas no tratamento do mildew, tentou em vista a potencia microbica e anti-cryptogamica do lysoal, a sua applicação na agua, a sua innocuidade, pois que por varias vezes o bobora um dose de 1 1/2, sem sentir a menor indisposição; a principalmente attendida á sua barateza, teve a ideia de empregae este producto no tratamento das vinhas, obtida os mais illustres resultados.

Nas experiencias que o sr. Sipiêre fez, e cujos resultados se publicaram na Academia Scientifica do Paris, na sua sessão de 28 de janeiro ultimo, empregou sulfato de lysoal que variava desde 1 até 10 por mil, passando-lhe que as estações de 1, 2 e 3 por mil erao muito fracas, e as de 8, 9 e 10 por mil produziam prejuizos a conservação das uvas, na quaes fenderiam se applicassem com a humidade.

A applicação pertanto, que lhe pareceo mais pratica e a qual assentos delimitadamente, foi a de 5 por mil, isto é, 5 grammas de lysoal por um litro d'agua. N'esta dose a efficacia do tratamento foi igual á da calda botânica, geralmente applicada.

Como um regulo em que podria basear as suas experiencias não houveo de lutar-se n'aquella zona contra nos invencíveis inimigos do mildew, o sr. Sipiêre conduziu extensivamente as suas observações sobre os caracteres seguintes: 1.º vegetação da cepa; 2.º cor da folha; 3.º maturação da uva; 4.º duração da folha viva. Comparando-se os caracteres ou factos de cepas sulfatadas ou deixadas sem tratamento, reconheceram-se as lysoalinas favorecerem provas da efficacia da lysoalagem.

Conven notar que as condições em que o sr. Sipiêre fez as suas experiencias não eram vantajosas. O tratamento pelo lysoal commeo muito tarde, quando a sulfatagem foi feita ao tempo competente, e occupada pelas tres operações regulamentares, as aqoes d'agua a lysoalagem foi tão efficacia como a sulfatagem.

Finalmente as pulverizações de lysoal a partir de 4 por mil, têm a propriedade de desambarcar as folhas de todos os parvos, nascidos ou larvas que n'ellas pulsam. O sr. Sipiêre viu mesmo pyrales mortas pela acção do lysoal. N'uma palavra, é uma verdadeira linxa de todas as impurezas da cepa.

Pelo lado economico, a lysoalagem dá aos vinicultores uma economia annual de 25%, com

offeito, observa o sr. Sipiêre, o beneficio da calda botânica, na dose usual (2 kilogrammas de sulfato de cobre para um hectolitro d'agua) com, comprehendendo a qual, 1,40 fr. ao passo que o hectolitro de solução de lysoal (0,4 do lysoal para 1 hectolitro d'agua) custa apenas 1 franco e se se considerar que só o departamento do Herault gasta todas os annos, segundo as estatísticas, 3.785.000 francos de sulfato de cobre, pôde-se affirmar que, empregando a lysoalagem, a economia annual realisaada será representada por um milhão de francos, em média, sem contar ainda com a economia da mão d'obra, que na sulfatagem é muito oneroso.

De todos estes algarismos se concluiu que a vinicultura franceza, empregando a lysoalagem, pôde fazer annualmente uma economia de 15 milhões de francos. E este numero muito inferior mesmo do que se chegar a mil francos de lysoal, experimentos ulteriores demonstram, que o lysoal pôde ser applicado contra o mildew, como o sr. Sipiêre suppo, pelo seguinte facto:

Em uma das partes (Lysoalinas n.º 17), nome, se montou a pulverização, uma pequena quantidade de sulfato de lysoal pôde ser applicado a sua vitalidade, a doença foi sumamente, e o lingo soffrendo as influencias do producto applicado acabou por desaparecer.

Se as presumpções do sr. Sipiêre se realisarem, haverá a vinicultura uma verdadeira revolução, pois que se poderá combater simultaneamente o mildew e o mildew.

Em resumo, o novo processo de tratamento do mildew consiste em pulverizações applicadas nas vinhas do mesmo modo que se pratica com a sulfatagem.

A lysoalagem dura comprehendendo tres operações por cepa, cada uma com o lido de 5 por mil (0,04 grammos de lysoal por hectolitro d'agua ordinaria). As épocas de cada operação são: a primeira, de 20 e 30 de abril, a segunda, de 1 a 8 de maio; a terceira, de 1 a 8 de junho.

A publicação dos resultados d'estas experiencias appareceo no sr. Le Magasin agricole juliana reflictaes, cuja resumo publicou no Journal d'Agriculture Pratique, n.º 7, de 1 de dezembro ultimo.

Continua

## NOTICIARIO

### A igreja de Santo Antonio

Na sessão defunta e saesempes relativos ao centenario do milagrezo theomathico portuguez de-não e «Diario de Noticias» as seguintes informações:

—No testamento de D. João de Al, feito nas Alencaras a 9 de setembro de 1406, a cujo seignioral se conservou na Torre do Tombo, ha a seguinte verba que transcrevemos textualmente, modificada apenas a orthographic:

«Item—Tenho prometido de fazer nos centario a Santo Antonio, ali n'aquele casa ma-

de elle nascer em Lisboa, se- gundo mais comprehendido no seu Pantaleão Daa em seu escripto, e tambem o lingo praticado nos e theomathicos Affonso Fernandes, a qual obra me parvo que podera ser chegar a mil francos de lysoal, se- gundo a bondade e riqueza que se queria que fosse. E que, se alguma coisa subjeite, se des- pertasse em outra obra que as- previtissasse um serviço de dito centario, as quaes obras e contas que assim tanto prescrites- sas, puzo a Ysoal Sipiêre que suas lidoz mader com outras obras, que por sua serviço deçoço fazer, e em caso que S. João Sipiêre al ordens (for- das outra coisa), o queiro ex- ortar mais dia, puzo e rapo a mando a sua testamentaria, quando se puzo, que talis e nada uma d'outro nomeo foz e se enupa mil intrinsecos, segundo é minha vontade».

Foi D. Manuel que executo- tou este legado. A capella em oratorio da Santo Antonio flava por lido da casa, onde se reunia a família de Lisboa.

A interpretação a lido a- cerca theomathico de D. João de Al, de-se-ha que a capella de Santo Antonio lida a lido do novo, quando foi agoras re- edificada. Já existia de ha muito, como se prova por uma bella da Paes. Eugenio IV, de 31 de janeiro de 1433, em que, a pedido da camera, jurou- lara aquella templo da jurisdicção ordinaria do arcebispo e deoito enterradas da Sé de Lisboa.

A igreja actual foi lida para substituir a que derrubou o terremoto de 1758.

### Contra a diptheria

O dr. Loebler, allemão, o deca- bido do lido do diptheria, acaba de descobrir um novo remedio contra o terrivel mal, chamado que,

## SECÇÃO AGRICOLA

### A lysoalagem ou o novo processo de tratamento do mildew.

O sr. Louis Sipiêre, de Brestes (França), no intuito de dotar a agricultura com um processo de mais facil cultivo, mais lucrativo e se-

Na também nortista Provezende, no distrito de Vila Real, foi a público a *Gazeta de Provezende*, editada entre 17 de abril de 1892 e 15 de janeiro de 1893<sup>61</sup>. Com base no enfoque regional, o semanário se anunciava como “jornal literário, noticioso e dedicado aos lavradores”. Nessa linha, o periódico afirmava que fora “criado na melhor boa-fé”, levando em conta o seu “intuito único de defender, além dos interesses locais, toda a agricultura do Douro”, buscando esforçar-se “tanto quanto os seus recursos” lhe permitissem, “para o bom e completo desempenho” de tal missão<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 366-367.

<sup>62</sup> GAZETA DE PROVEZENDE. Provezende, 17 abr. 1893. A. 2. N. 53. p. 1.

PROVEZENDE, 17 DE ABRIL DE 1893

# Gazeta de Provezende

DIRECTOR — A. DE BARROS ADMINISTRADOR — J. ARAUJO

FRA-DIAVOLO DIRECTOR LITTERARIO

Redacção e administração, rua do Outeiro

JORGE DA SILVEIRA REDACTOR

Provezende, 16 de abril de 1893

## O NOSSO ANIVERSARIO

A «Gazeta de Provezende», entra hoje no 2.º anno da sua publicação.

N'esse primeiro periodo da sua existencia este jornal, que foi creado na melhor boa-fé e no intuito unico de defender, além dos interesses locais, toda a agricultura do Douro, pareceu ter-se esforçado, tanto quanto os seus recursos lhe permitiram, para o bom e completo desempenho da missão a que se propoz.

Não nos faltaram, dignas a verdade, difficuldades nem dissabores, e esses serios obstaculos não nos fazendo terminar a publicação do jornal; porém, com alguma perseverança e boa vontade da nossa parte, e o auxilio valioso d'alguns amigos dedicados, podemos conseguir que até hoje exista a «Gazeta de Provezende».

N'este ultimo anno estão os nossos illustres contrariosos irmãos Rebello, que não só têm ajudado esta empresa com os seus brilhantes escriptos, mas têm também assignado grande numero d'assignaturas de que resultou um importante recurso pecuniario.

A estes dois caracteres immaculados e sinceramente devotados á sua terra natal, aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento.

A todos os nossos collaboradores e assignantes a nossa sincera gratidão.

Esforçar-nos-hemos por continuar a merecer o favor do publico, não afrontando na boa vontade que nos anima, e com o caso favor, á conta d'estimulo que nos incitara a prosseguir corajosamente na nossa espinhosa tarefa.

Sacrificios, desgostos mesmo — supportal-os-hemos de bom grado, se os leitores não nos desampararem com a sua confiança e os amigos dedicados continuarem honrando-nos com o seu auxilio e amavel deferencia.

A todos, pois, um leal aperto de mão, em que vac toda a nossa esperanca e todo o nosso reconhecimento.

A Redacção.

## O SEU NOME

(DE CATULLE MENDÈS)

Ella perguntou-me, sorrindo: —Se não me chamabas Maria que nome gostarias que eu tivesse? —Se um nome te convenha — teu, porque sendo teu... e, por certo, o mais formoso...

—Mas deus! Que milligramas de vellos! Não sabes falar-te seriamente! Não sabes o nome da velha escola? Supõe que não sabes como eu me chamo. Como te arranjarias tu para encontrar um nome digno de mim, e que, ao mesmo tempo te agradasse?

—Facilmente, respondi eu; das cinco coisas mais bellas do mundo tomarei uma letra, e combinando-as, formarei o teu nome.

—E quizes são, meu amigo, essas cinco coisas?

—Conta pelas dedos: O mar... —Porquê?

—Porque é tão mysterioso e tão docemente trahir como o ritmo dos seus olhos divinos!

—E depois?

—A aurora.

—Porquê?

—Porque é tão rosada e tão graciosa como o sorriso dos teus labios.

—Depois?

—A rosa.

—Porquê?

—Porque é a expressão da tua bocca.

—Continúa...

—Segun o meu d'abril.

—Porque razão?

—Porque é tão perfumeado como as rosas lisianhas que envolvem o teu seo d'arminho e os teus braços de jaspe.

—E por ultimo?

—A agulha, que é branca como essas espaldas alabastrinas e as tuas pequenitas mãos de neve que eu quizeria calçar de beijos!

—Até estás hoje d'um lyrismo a toda a prova! Vamos a ver: de cada uma d'essas palavras tomarás...

—Uma letra: M do mar, A da aurora, R da rosa, I do seo de abril, e A da agulha.

—Ella sorriu uma gargalhada.

—Mas, exclamou por fim, se não me enganou, com essas letras formará o meu proprio nome, Maria!

—Não! Baganas-te! Porque o teu nome adorado é o unico digno de ti... e semia pergunta-o ao mar, á aurora, ás rosas, ao seo de abril e ás agulhas!

Fra-Diavolo.

## N'ALDEIA

(Ao meu amigo José Augusto de Barros)

dos olhos mostrados n'uma belleza rustica, medonha.

Senhei-me.

A meus pés, o pequeno rio da aldeia, onde a luz, n'uma coquetaria de mulher amada, espelhava nos seus raios, desluzava manso, n'um murmuro dolente, o som da agua ao bater nas fragas, seguindo as caprichosas linhas que a Natureza lhe trapara para seu leito.

Lá no cimo da encosta, como um corpo caçado e sem enfermidades, a pequena aldeia, recolhida n'um silencio profundo, saboreava um delizioso somno de jazo. Hialejara todo o dia, sob um sol ardente e abrasador, e agora repousava com a alma saziada e o estomago cuido.

Pela atmosfera pura e oxygenada, tubercos insectos, mordentes e pestuagens, produziam uns zumbidos agudos, que feriam desagradavelmente os ouvidos.

O resto era tudo silencio n'aquele lugar ermo e agreste. Pouco a pouco, n'uma especie sem-agio de bem-estar, foi-me invadindo uma tristeza profunda, inexplicavel, o sentimento foi-se-me extinguindo, as ideias tornaram-se-me confusas, a cabeça pendia-me sobre o peito e adormeci.

Sinho, prisioneiro de Herphou, um sonho me veio perfumar esse estado:

Ella, a minha amaria, que eu suppunha perdida e ingrata, deram-me provas evidentes do seu amor, e, lá longe, pensava em mim, e chorava amargamente a minha ausencia.

Pedia-me, em palavras sinceras da sua carta, que voltasse para junto d'ella, a fazer-me a sua completa felicidade.

Eu sonhava, como hoje ainda; e, cheio de prazer, guardava só alguns dias em que, perante um altar, um sacerdote abençoaria a nossa união...

Um insecto atrevido, mordentamente na face, despertou-me e chamou-me realidade.

O sonho fora-se com as suas ilusões; a noite continuava com o seu esplendido luar.

Automaticamente puz-me de pé e dispunha-me a retirar-me, quando uns gemidos serios, dolorosos, me fizeram detor, iniciando-me a curiosidade.

Alguem padecia perto d'alli. Os gemidos continuavam e eu notei que vinham da proxima casa do moinho.

Aproximei-me e o gemer tornou-se mais distincto.

— Já á porta de casa, senti-me perplexo se deveria ou não entrar; os gemidos redobraram o, obedecendo á voz de caridade, notando grande silencio lá dentro, sem custo abri a porta mal segura e entrei.

Uma voz debil, fraca de mulher, perguntou docemente, de dentro d'um pequeno quarto, pela explicação que lhe dei, disse-me então que o Francisco era seu marido e que fora, já noite, á proxima villa pedir a um medico que visse occorrer a esposa enferma.

Ella, passada a surpresa da minha presença alli, pela explicação que lhe dei, disse-me então que o Francisco era seu marido e que fora, já noite, á proxima villa pedir a um medico que visse occorrer a esposa enferma.

—Eram pobre e por isso o não tinham chamado mais cedo; agora, que se acutira peior, era de urgente e inadmiavel necessidade o chamal-o.

Inserrogando-a se não tinha familia que visasse por ella, emquanto o marido estava ausente, apontou-me apenas para um berço, onde uma criança de tres annos dormia tranquilamente um somno d'innocente, e, occultando o rosto entre as mãos, começou a chorar.

N'uma mesa proxima, junto ao Julo, uma pequena candal, que illuminava fracamente o aposento, pousa uns pallidos reflexos sobre o rosto lizo e macilento d'um Christo agonizante n'uma cruz de madeira, que estava tambem sobre a mesa. Ella levantou os olhos, arrastados de lagrimas, para a Christo moribundo e, de mãos erguidas, murmurou baixo, mas fervorosamente, não sei que prece. Talvez que essa oração encerrasse um pedido ao filho de Maria, para elle voltar por esse innocente, que alli dormia e que ia ficar sem mãe, sujeito ás mi vicissitudes da vida. Talvez! Com certeza. Porque, acabada a prece, voltou para a criança uns olhos piedosos e cheios d'amor, talvez dizendo-lhe que agora dormia mais descansada, porque já tinha quem protegesse o seu querido filho, a alma da sua alma.

Voltou-se depois para mim e a dizer não sei o que, quando lhe sobreveio um deliquio tão forte que, d'ahi a alguns minutos apenas, a sua alma evolvu-se para o Caeo, manso e justo.

Um ruido de passos apressados penetrou no quarto e entrou um homem ainda novo, lançando para a cama um olhar investigador.

Era Francisco. Vê sua mulher, reconhecendo a morte e, n'um desespero de deus, alucinado, abraça e redobrar caticando-lhe o rosto de beijos e inundando-o de lagrimas.

Depois, alito solitário, ajoelha, e voltado para o Nazareno, eleva para elle uma oração pedindo, provavelmente, o descanço no Caeo d'aquella alma, que fora sua companheira.

Voltada a uma certa especialização jornalística, no que tange a projetos de aproximação entre as nações ibéricas, foi editada em Lisboa *A Aliança*, folha semanal que circulou pelo breve período de 12 de junho a 20 de julho de 1892<sup>63</sup>. Em seu cabeçalho, apresentava o dístico “jornal independente de política internacional e interesses comerciais”. Assim, explicava que não era “a política partidária e facciosa” que a alentava, e, mesmo que tivesse de se referir a ela, não o seria “na acepção de ordinário concedida a esta palavra”. Além disso, enfatizava que tinha por meta promover a aliança de interesses entre os dois países ibéricos, buscando vê-los “fortes e florescentes”. Justificava sua ação pelo fato de Portugal e Espanha serem “os dois povos que mais cruelmente” sofriam “os efeitos da crise comum a toda a Europa”, de modo que naquele momento em que todos estavam “quase assoberbados por ela”, havia a necessidade de “coragem e resignação” para tentar debelá-la. O periódico vaticinava que em tais atitudes estaria “o futuro dos povos peninsulares” que, se não se aliassem “econômica e comercialmente”, não entrando “comumente na arena do progresso”, não tardariam “em ouvir à sua porta as tétricas pancadas anunciadoras da fome”, a “megera negra, cujo só o nome” aterrorizava<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 44.

<sup>64</sup> A ALIANÇA. Lisboa, 12 jun. 1892. A. 1. N. 1. p. 1.



Na capital foi editada uma outra publicação satírico-humorística, intitulada *A Chacota*, que circulou de 15 de junho de 1892 a 26 de julho de 1902<sup>65</sup>. Tinha no cabeçalho o dístico “semanário humorístico e de ‘sorte’ para clero, nobreza e povo”, e seu título derivava da intenção da troça, da zombaria, do gracejo e do escárnio. Ao apresentar-se, detalhava que possuía “dois fins: divertir o público e enriquecê-lo” e afirmava que, em síntese, vinha “para fazer graça”, constituindo-se em um “plumitivo da gargalhada”. Diante das dificuldades vivenciadas pelo país, a folha se dizia convencida “de que a crise com todas as suas téticas consequências”, só poderia levar ao caminho do riso, pois se lhe fosse dada confiança, todos estariam perdidos. Comparando-se ao personagem histórico, exclamava que César chegara, vira e vencera, ao passo que ela chegara, rabiscara e andara para diante, pois o tempo era capital<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 153.

<sup>66</sup> A CHACOTA. Lisboa, 15 jun. 1892. A. 1. N. 1. p. 1.



Em Ponte de Lima, no distrito de Viana do Castelo, região do Minho, deu-se a edição do semanário *Política Nova*, que durou de 23 de junho de 1892 a 20 de dezembro de 1896<sup>67</sup>. Defendia que não era a forma de governo a questão a ser discutida naquele momento, e sim que era “chegada a oportunidade de abandonar os processos gastos e cansados da política velha” e “iniciar corajosamente, sob outra orientação e outros princípios – a política nova”. Assim, acreditava que era preciso “inaugurar uma política radical, alevantada, profunda e patriótica”, que tivesse “por intuítos o trabalho, a economia e a organização das forças produtoras”<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 178.

<sup>68</sup> POLÍTICA NOVA. Ponte de Lima, 23 jun. 1892. A. 1. N. 1. p. 1.

# POLITICA NOVA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

N.º 140

PONTE DO LIMA.—DOMINGO, 20 DE MAIO DE 1894

2.º ANNO

ASSIGNATURAS.—Semana, 600 rs. Pelo semestre, 3000. Anual, 6000 rs.—ANUNCIOS.—Linha de leitura, 20 rs. Para os estrangeiros, 50 % de abatimento nas publicações não officiaes.

## A QUESTÃO COM O BRAZIL

O conflito diplomatico pendente a esta hora entre o Brazil e o nosso país é mais uma demonstração de que na recente organização do contee em que viveamos ha muitas que descomem mais do que o proprio governo central.

De facto, esse conflicto não existia, certamente, se o sr. Augusto de Castello não se arrojasse a assumir a responsabilidade de substituir-se ao governo, substituindo as ordens e as leis existentes se podem submeter-se a uma interpretação capciosa isso não lhes distero os intuitos d'equidade e de consciencia com que, no geral, foram tratadas.

O sr. Augusto de Castello, suppondo-se em Portugal onde, por um vicio hereditario, por uma aberração d'escudo transmittida pelos senhores, trada as leis se sophismam, pretendendo com um entendido á mercê do que lhe agrada e lhe convém, o sr. Castello bem tem exemplar d'esta enfermidade portugueza, emquanto que director internacional na folha de sua espada e entendido que hateria sophismar para ter do seu lado a razão.

Mas a America, um mundo novo, viu-se d'estas conclusões que se viu éra da

zias sem de velle mundo europ.— As cousas são como as observamos e não aquillo que d'ellas nos dizem.

O sr. Castello, em paiz estrangeiro, recebeu a bordo de navios portuguezes os revoltosos que tinham posto o Brazil debaixo do laço da guerra, do incendio, da destruição e da morte. Fez isso muito melhor de si e sem consultar os commandantes d'outras esquadras estrangeiras que lá tinham interesses aquaes nos nososa e a miúdo de representarem os mesmos direitos.

Ressaltes os revoltosos invocando principios de humanidade, seja. Até ahí seria digno de applausos. Mas para que o não fez d'accordo com outros commandantes? Acollidos os insurgentes quasi por entre o fogo da batalla, reuava contra um combater com o governo brasileiro em nome a capitulação ou o destino a dar-lhes. Nada d'isso se fez. O sr. Castello sahio galloosamente pela bahia do Rio fira sem attenções para com siagem e desprecando as jornadas e terminantes ordens officiaes da governa portuguez, bem como as sentenças recomençadeiras do nosso representante na Capital Federal.

Assim que se viu éra da sem de seu caracter e que, depois de fazer d'isto tudo de facto, incluiu aliquid no seu Livro.

A senhora Suzanna tomou conta da crasse e serviu-lhe de mãe. Numa era d'isso ouca uma vinda indolente, mas equiva, não obstante os seus cachos lanhos, desde que passou a ver os seus, e seu lugar preséncia era o cinto da chamma.

Passou ali o dia inteiro e parte do nocto, restando-se pela casa, ou vindo aliar a agua se pancia e cillando também quando trahido do manto, quantas caréguas uma vez ou outra.

Mas era vinda a senhora Suzanna quando levou para casa Nanni e ainda primeiros a morte de seu marido. As castigas do pobre portuguez foram um bocado que lhe distero a sa d'era que se metavam a sua alma.

A voz de Nanni conseqüente que elle deixava pela primeira vez do se debellar um ponto depois de sair.

Houvea alora a tal ponto que o marido ficava sem agua e durando todo o vicio o nocto não puzia morrer.

Desde que a rapariguita esteve no mundo o velho conseqüente a engrasar.

Um tio velho de fallecido mol-

gar pelos despachos officiaes, mas preferia agitar sem os revoltosos a os seus chafes para o Rio Grande do Sul onde a guerra civil continava acciosa e forte.

O sr. Castello marchou de facto para a Republica Argentina, mas como esta é vialha do Rio Grande do Sul, o que fez na verdade foi appropiar os revoltosos revoltados sob a nossa bandeira ao ficio da revolução.

Depois tudo foram difficuldades para sair de Buenos Ayres. Ora os vapores não podiam navegar, ora a doença prostrava a tripulação ou lavia as reclamações diplomáticas. Ora todos estes palliativos, deixam fugir os revoltosos com os seus mais eminentes chefes com grandissimo numero, facultando-lhes assim facilmente a maneira de poderem atingir, como um pequeno estorço, o centro revolucionario do Rio Grande.

Isto é correcto? Não é. E nada podemos esperar nos de que, dado este conjunto de criticas cotas, o governo brasileiro reclame contra nós com energia e pouha fôca do seu territorio os nossos representantes officiaes. Nem alguma outra mossa a esta questão o governo portuguez que, a jul-

ta mortos e deixou uma herança de cerca de vinte mil contos de ruyes em soborno e a sua sobrinha por alforde.

Da em França entre o povo a superioridade do que o pello que se metta entre os typos de chamma, que raras vezes se ve e que não posso de castar, e souza uma espada de deus do lar, do granhar e a protector da casa.

A chamma que tem um grão de aboponta por deus.

Nanni estava sempre ao canto de chamma e não cessava de castar.

Até d'isso, desde que ella viu a morte do marido, se fez mais alliana e mais elles o d'interior, sem d'interior na lenda do tio.

Com certeza Nanni traza hincidade.

Até así a razão por que elle chamava o Grilo.

Quando morreu deixou, á veridade, o cinto de chamma, restando ao papel de gata borralheira e fôca, como a outra rapariguita, já não para a escola e depois para o campo. Mas como ella continuava a trazer a casa a casa la preséncia, conservando-lhe o cinto de Grilo.

Desde que a rapariguita esteve no mundo o velho conseqüente a engrasar.

Um tio velho de fallecido mol-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O mesmo não poderemos dizer do commandante dos nossos vasos de guerra que, com razão ou sem ella, deixou reabrir suspensas sobre a sua imparcialidade diante do conflicto travado no Brazil entre monarchicos e republicanos.

Entendamos que a essa pontualidade dista do conflicto travado no Brazil entre monarchicos e republicanos, porque sobre isto nenhuma duvida pode estar depois do primeiro manifesto de Saldaña da Gama.

Entendamos que a essa pontualidade dista do conflicto travado no Brazil entre monarchicos e republicanos, porque sobre isto nenhuma duvida pode estar depois do primeiro manifesto de Saldaña da Gama.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O mesmo não poderemos dizer do commandante dos nossos vasos de guerra que, com razão ou sem ella, deixou reabrir suspensas sobre a sua imparcialidade diante do conflicto travado no Brazil entre monarchicos e republicanos.

Entendamos que a essa pontualidade dista do conflicto travado no Brazil entre monarchicos e republicanos, porque sobre isto nenhuma duvida pode estar depois do primeiro manifesto de Saldaña da Gama.

Entendamos que a essa pontualidade dista do conflicto travado no Brazil entre monarchicos e republicanos, porque sobre isto nenhuma duvida pode estar depois do primeiro manifesto de Saldaña da Gama.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

## FOLHETIM

ROMANÇO DE TERNANIZ

## O MOINHO

TRADUÇÃO DE FRANCISCO DAS NEVES ALVES

### Capitulo I

Mas depressa o riso das duas pobres mulheres se mudou em pranto.

Loizinho estava d'outras allianças que de outro.

Aquelle em cujo lugar elle queria ficar bem não era, e ouço pois não tinham boa fama.

Mas a mãe d'elle amamentara Loizinho; e por isso não o escamava e sempre a resolução de o substituir quando a sorte o d'outras para soldado.

O seu filho ainda remedio, porque no moinho havia bastantes com que pagar o preço de um soldado-fuzil, sem que por isso a senhora Suzanna ficasse arrestando.

Mas Loizinho queria partir.

A velle mulher sempre de d'outras ouzadas pelo marido, he-

sem de seu caracter e que, depois de fazer d'isto tudo de facto, incluiu aliquid no seu Livro.

A senhora Suzanna tomou conta da crasse e serviu-lhe de mãe. Numa era d'isso ouca uma vinda indolente, mas equiva, não obstante os seus cachos lanhos, desde que passou a ver os seus, e seu lugar preséncia era o cinto da chamma.

Passou ali o dia inteiro e parte do nocto, restando-se pela casa, ou vindo aliar a agua se pancia e cillando também quando trahido do manto, quantas caréguas uma vez ou outra.

Mas era vinda a senhora Suzanna quando levou para casa Nanni e ainda primeiros a morte de seu marido. As castigas do pobre portuguez foram um bocado que lhe distero a sa d'era que se metavam a sua alma.

A voz de Nanni conseqüente que elle deixava pela primeira vez do se debellar um ponto depois de sair.

Houvea alora a tal ponto que o marido ficava sem agua e durando todo o vicio o nocto não puzia morrer.

Desde que a rapariguita esteve no mundo o velho conseqüente a engrasar.

Um tio velho de fallecido mol-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

O sr. Castello, do alto dos seus d'is harrantes ex-humbeques, entendeu que devia implor ao Brazil uma pontualidade diversa ás suas instituições.

Pois que viva o sr. Castello — e collamos nos agora os bons resultados das nossas manufacturas e successos nias inherentes á errada ortog-

tocho d'espillo que entre nós se chamam as classes dirigentes.

Na Estremadura, distrito de Lisboa, inspirada no nome da localidade em que foi editada, se deu o projeto da publicação *A Folha de Sintra* que se apresentava como “semanário noticioso, literário, histórico e recreativo” e cuja primeira edição deu-se a 30 de junho de 1892 e não foi além disso<sup>69</sup>. Definia-se como “uma folha local”, com “o propósito de representar, perante a imprensa e perante o país, a sua comarca”. Propunha “a abstenção em discussões políticas”, pois tinha a pátria por “partido, bandeira e motor”, buscando informar imparcialmente, não querendo constituir “um jornal de combate, mas apenas de leitura amena”<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 336.

<sup>70</sup> A FOLHA DE SINTRA. Sintra, 30 jun. 1892. A. 1. N. 1. p. 1.

# A FOLHA DE CINTRA

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, HISTORICO E RECREATIVO

**ASSIGNATURAS**  
(Na conta e mais terras)

Ano: ..... 1892  
 6 Meses: ..... 1892  
 Número assignado ao dia da publicação cada dia: 25

Proprietario e editor — A. JOSÉ RODRIGUES

ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
 10, Calçada da Pendor, 10

**PUBLICAÇÕES**

Journal, por cada linha: ..... 25 m  
 Impressão por cada linha: .....  
 Publicação de livros e gravuras  
 Anuncios em qualquer obra litteraria, politica, etc.  
 com o mesmo

**O NOSSO PROGRAMMA**

Iniciamos hoje a publicação de uma folha local, que traz o propósito de representar, perante a imprensa e perante o povo, a comarca de Cintra; e, por, compromisso de cortesia estabelecer aqui a lei por que nos havemos de reger, não só para nos servir de norma, mas também para que os nossos leitores fiquem sciendes do que podem esperar de nós, e do que têm jus a exigir-nos.

Antes, porém, da nossa profissão de fé, seja-nos permitida uma breve divagação condonando, ao fim a que visamos no presente artigo.

Milítamos ha muito nas hostes da imprensa. Humildes e obscuros somos, dos mais bamboles e ignorados militantes n'esta santa cruzada da civilização e do progresso, que a a missão do escriptor, maiso certamente, por nós, mal cumprida por debilidade do intellecto, não porque façamos d'ella fraco conceito.

Para nós a imprensa, permita-se-nos a individualização do pensamento, é a Vestal afiga, recatada e publica, guarda vigilante do sagrado fogo, ardendo no altar consagrado á Castidade. Sempre que se desvio d'este plano levantado e digno é uma profanação e uma apostasia.

A historia da imprensa é uma epopéa admiravel e soberana. Não diremos que seja isenta de culpas, mas também o sol tem manchas e sombras, que não lhe obscurecem o brilho inextinguível, nem o impedem de ser alma da natureza e fonte da vida.

Não admiramos a imprensa na pureza da sua grande obra.

Evangelista das idéas nobres, apostolo das mais santas e levantadas doutrinas, tem desempenhado entre as sociedades modernas o papel da columna de fogo que, segundo a biblia, serviu de guia ao povo hebreu para, através do deserto, atingir a terra prometida de Canaan.

A instrução, esse manancial uberrimo da felicidade, ninguém como ella tem prestado mais relevantes serviços, ao palacio do rico e opulento, assim como ao tugurio do pobre e desprotegido; ella conduz o conselho da sabedoria e a ultima palavra da sciencia; ensina aos humildes os segredos da emancipação, fazendo a propaganda da lei sublime do Evangelho — a fraternidade.

Não ha classe social a que não

tenham prestado auxilio e concurso; não ha illuza ou pária que não tenha procurado levantar e engrandecer; e quando a desgraça fere fando, quando a fatalidade se demonstra mais ferial em desastros, quando um catástrofo immenso semeia lagrimas e infortúnios; a imprensa, dizemo-lo com orgullo e ufania, não só não esquece os seus deveres altruistas, mas é sempre a primeira a erguer o brado da piedade e a fallar a linguagem sublime e santa da compaixão.

Ha quem a acuse e censure, quem a inveje e malite; mas contem as lagrimas que ella tem enxugado, as feridas que ella tem fecho e curado, os infortúnios que tem socorrido, as dores que tem lenitudo, e feita a liquidação,

que temos dito está no animo de todos que jogam despreocupadamente. Esses fazem-lhe justiça reconhecendo-lhe a imponderavel valia e a influencia que exerce nas sociedades culias.

O primeiro artigo do nosso programma será a abstenção em discussões politicas. O nosso partido, a nossa bandeira, o nosso motor politico é — a patria. Somos patriotas sinceros e delicados; julgamos que quando uma nação se une com o unico propósito de sustentar a sua independencia, de defender a sua autonomia; quando todos fraternizam e se dão as mãos para progredirem pelo progresso commum: está escollida a unica politica conveniente.

Em parlamentarismo optamos pe-

Alguns se-nos que um jornal pontual por outro systema, n'uma localidade pequena, aprorriam-se demostadamente de pomba da discordia, o que, nem nos merece sympathya, nem nos interessa de modo algum.

Portanto a politica fica sendo para nós um campo vedado, onde só entraremos para desempenhar o papel de chronistas, relatando factos sem paixão nem commentario acalorado ou isopengue.

Não levantaremos tambem questões locais, por isso que experimentalmente conhecemos quanto é difficil em tais casos sustentar neutralidade. Quem quizer utilizar as columnas da Folha de Cintra para aggressões pessoais ou para occupar espaço despoisivel n'ellas. Puzar por qualquer melhoramento que se demonstre necessario; advogar questões de manifesto interesse publico, sem molestar pessoa alguma, isso sim; é um dever da imprensa, que não nos recusamos a cumprir. Ainda mesmo, porém, que sejamos agravaídos, repelliremos o agravo sem descaçar a luva, que entendemos ser accessorio obrigado do escriptor correctico, ainda nas mais ardentes discussões. Numa palavra, não pretendemos fundar um jornal de combate, mas apenas de leitura amena, tanto quanto possivel atractivo, dedicado ao commercio e industrias locais; um pouco instructivo para os menos cultos, e que todos os habitantes possam receber sem recio e sem rancor.

Crémos corresponder assim ao animo da população do concelho, alheia a rivalidades estimuladas e estimuladas. Um povo pacífico, preocupado apenas com o movimento da sua actividade, com e desenvolvimento economico do seu municipio, um dos mais antigos do reino, certamente não pretende um orgão para sustentar discussões politicas, nem paixões partidaricas, a que — se não vive absolutamente estranho, tambem o não convem assis profundamente.

E' possivel que laboremos em erro emittido esta asserção, mas a experiencia aponta-nos este conselho como o mais salutar e proficuo.

Por ultimo, resta-nos affirmar a nosso profundo respeito pelo principio da superioridade; a nossa sincera veneração pela magistratura portugueza, que conta membros assis illustrados e correctos;



Braço d'armas da villa de Cintra

digamos se não fica ainda a favor da imprensa um saldo enorme, que deve captar-lhe a estima e a sympathya dos julgadores sinceros e desapassionados?

Poderão objectar-nos que ha na imprensa quem so tenha vindo para cultivar o lodo e semear rancores; mas que tem isso? Estes não são soldados da imprensa, mas os guerrilheiros d'ella; esses não são os fillos da grande e honrada herança, mas parasitas que se abrigam a sua herança sombria, para lhe devorarem o honrado credito.

A excepção não destruo a regra. Porque um campo produtivo não é rasado para lhe roubar a semente pura e si.

Mas basta de divagações. O

la benevolta expectativa, convidando aquellas que mais se aliehem da pugna, e mais adversas se demonstram a rivalidades individuais.

Não se tomem estas palavras no sentido de apoio a presente ou qualquer outra situação.

Não somos partidaricos nem adversarios do governo actual, não o fomos do que o precedeu, nem seremos do que lhe succeder. Aguardamos os acontecimentos, acompanhando-os imparcialmente, deixando a outras o cuidado de os escapaillar. A norma da nossa conducta será sempre a conciliação, por que temos presente a maxima: *inter duo litigante tertius gaudet*. As divições acrimoniosas oppõem-se ao progresso commum.

Na região extremo-setentrional, em Melgaço, distrito de Viana do Castelo, no Minho, deu-se a circulação da *Espada do Norte*, a qual não foi além do ano de 1892<sup>71</sup>. A publicação nortista apresentava-se como um “semanário noticioso, literário e recreativo” e pretendia constantemente pugnar “pelos interesses do concelho”, apesar das contrariedades que afligiam aquele tipo de publicação. Como típica representante do jornalismo regional, a folha manifestava a convicção que a sua terra tinha “elementos de sobra para sustentar um jornal” que desse “uma ideia dos seus adiantamentos” e defendesse “os seus legítimos interesses”<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 299.

<sup>72</sup> ESPADA DO NORTE. Melgaço, 29 dez. 1892. A. 1. N. 52. p. 1.

# Episódios do Norte

CONTINUAÇÃO DO "MELGACENSE"

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

ASSIGNATURAS

No continente e ilhas adjacentes pagamento annual—Anno, 12000 Rezas; 3000 re.  
Altra continental e colonial—Anno, 24000 Rezas; 6000 rezas; 12000

Directão e Administração

RUA DA CALÇADA N.º 70 E 81

PUBLICIDADES

Anuncios e circumstancias 40 reis por linha. Os cartões avulsos leem 30 por cento de abatimento a seus preços. Toda a correspondencia deve ser dirigida a administração

## AOS NOSSOS PRESADOS ASSIGNANTES

A Epoca do Norte, antes de ser publicada, foi escripta para a publicação. Com o presente numero completa um anno de vida e, triste e de facto, esse curto lapso de tempo em que se agou pagou-nos pelos interesses d'esto consellho, foi assignado por contracto a quem lhe assignou a vida e que agora determinam a sua suspensão.

Para quem veja as cosas e superficialmente, este facto seria um triste sympona revelador da decadencia industrial e moral a que chegou ou de que nunca saiu esta coxella.

Prezamos, pois, de ver sempre essa má impressão que por muitos annos se tem assignado a esta terra.

A nossa terra tem elementos de sobra para sustentar um jornal que de uma vida dos seus desenvolvimentos e defenda, quando se tratar, as suas legittimas interesses.

Como se explica então a morte do Melgacense e assignação a Epoca do Norte?

Quando alguns generosos rapazes, filhos d'agui, que nas longas viagens da America lutam victoriosamente pela vida, liberdade e boa administração de deus a terra, com um jornal que foi o Melgacense, esculharam para seu redactor um cavalheiro competente, distincto entre os mais distinctos da nossa terra.

Militando activamente na politica com patriotismo e sinceridade, aligara-se a esse cavalheiro que se a paridade politica em que se alvara poderia fomentar a prosperidade do país. Dahi um certo interesse ao deitar a mão a este jornal com amor e félla da coxella politica de quem pelga com sinceridade.

Esta attente não valida a todos porque é da ordem do mundo haver as difficuldades de pensar. Com o tempo couro o dirigissem a viver vida atribulada, fozem a novo redactor, e esta, com um desinteresse paritário que sobre manira o livro, entendem que se a manira de deus fozem a paucar certas desatencões.

Christus-mem em Epoca do Norte. Mas, como tantas vezes acontece, d'onde se esperava a salvagão resultou a morte.

Um sympathico filho d'esta terra que nas terras do Pará se gna com o nome d'anon no processo da manira e que entre os seus patriotas e auctores faz propaganda do jornal de que elle foz um dos mais entusiasticos iniciadores, não levou a boa e malanga de tanto parer, como elle dizia, sobre a coxella paragona o título Melgacense representava uma carta da familia d'aquella remota paragona.

Seu o auxilio e boa vontade de João Pires Teixeira, que

não é outro o sympathico patriota e quem fozem redactor da Epoca do Norte, quem um anno mais não pôde continuar.

Alguns que de modo de observações de João Pires Teixeira e que, como elle, sentiu por esta almejada terra o mesmo caridoso amor, que redactor da Epoca do Norte, quem um anno mais não pôde continuar, nem um momento d'atrasamento recomendar a aos nossos prezados assignantes.

Freira d'Araxá

### SECÇÃO NOTICIOSA

#### Urbino de Freitas

A propósito a este importante processo, extractamos d'uma correspondencia para o nosso collega "Duro de Nodinos" o seguinte:

"Foi a leitura da acta anterior, o sr. Ferreira da Silva, pediu se declarasse, não ter dito não poder logo responder ao questionario, pois littera deve de responder com os collegas em prazo fixado.

O digno juiz depois de debeder a exactidão da acta, assentiu a declaração, passando-se em seguida a transcripção das respostas aos questionarios, mantendo os peritos officiaes as conclusões anteriores e declarando conservarem algumas victorias. Os outros peritos concluíam a existencia dos venenos vagabondos e indicando erros, contradicções e diversas faltas multo sensíveis que tornam evidente a nullidade scientifica do exame feito, com uma carta do toxicologista Drigendoff, que o sr. Ferreira da Silva considerava necessaria a precisidade dos autores dos relatorios anteriores d'aquelle toxicologista, resolveu não estar manifesta a a ciencia da delittima, mas o Ferreira da Silva apresentou

a optimo contrario ao relatório apresentado ao tribunal dois dias depois de recobida a notação d'aquelle sábio Drigendoff e chegou-se então o processo apresentado pelo sr. Ferreira da Silva, para obter d'este e de Robert, opiniões que concluiriam a existencia do venenoso.

As autos vão ser conclusos para o juiz mandar dar vista ao processo ao secretario publico da dita d'esta d'abitar o libelo accusatorio.

**Príncipe esquelado.**—Excreta de Loda, no Buzina, que o príncipe Anlon Itzwill, bozente-general da casa militar do Imperador da Alemanha, descendente de uma das familias mais aubres e antigas d'aquelle país e um dos poucos allemandos predilectos do czar, tivera tal accesso de loucura que começou a disparar tiros contra as pessoas que d'elle se aproximavam.

O príncipe e o general Mr. Werler, que tinham sido convidados pelo czar para uma caçada, occupavam o segundo andar do Grand Hotel e logo de manhã os hospedes foram acallados a mesa de jantar, segundo de grãos de socorro. Saliram do quarto e despararam com dois crados prodrados e envenenados, que com o pesoço arresseteo por

uma bala e o outro com o pélo varado. Ninguém ousou aproumar-se do príncipe, que continuava a fazer fogo, e fugiram para a rua pedindo auxilio. A policia tentou saltar as escadas, mas o fogo era tão vivo, que não lhe foi possível.

O chefe da policia, sabedor da manira com que o czar o distinguia, teve receio de mandar tambem fazer fogo e então mandou-se de pedir o auxilio dos bombeiros. Apenas chegaram foram estabelecidas as esqueladas, e pouco depois quatro valentes jets d'agua cubiam sobre o príncipe d'atrasado.

As mesmo tempo um pijante de soldado penetrou nos aposentos e depois de tanta desesperação conseguiu arrancar o esquelado bono e levou-o para um salão particular.

Foram importantes os prejuizos materiais causados pelo fogo e pelas balas. Os dois crados, comtudo gravemente feridos, ha esperanças de se salvar.

**A hygien' do vel'pede.**—Dr. Tissot, de Geneve, fez um estudo da accção que a velocipedia produz na circulação da massa sangüinea. D'este estudo depreheendeu-se que a velocipedia é um exercicio útil para a respiração, sempre que seja exercido em velocidade moderada.

deve ser superior a 20 kilometros por hora para indizi-luz robustos; para o commun, deve oscillar entre 12 e 15 kilometros.

As creanças devem abster-se d'esse exercicio antes dos 13 annos. Deve procurar-se, quanto possível, respirar pelo nariz, não obstante se inevitavel o respiration pelo bocca, quando na muita velocidade se chega a fadiga.

Taxi crê que com a velocipedia se activa a hematie. O velocipeda activa a circulação e não deve ser considerado aq os individuos que soffrem de hebbos carilises.

O exercicio moderado na velocipedia é um excellento remedio do systema nervoso, principalmente nas pessoas que possuem um trabalho cerebral exagerado. Ans atempados de hemiplegia (paralyza parcial) deve recomendar-se-lhes o tricyclo.

**Conforto... para os cães.**—Uma falta estragada refere que deabo algum tempo em Loulre e a gente de bom tom calca os cães mais com modica com suas pequenas sacos de pelles d'um camura, terminados por solas.

O animal livre-se d'esta modo da lama, e logo que o desconforto pôde entrar em casa, sem deixar sobre os tapetes o mau cheiro que deabo algum tempo

em Loulre e a gente de bom tom calca os cães mais com modica com suas pequenas sacos de pelles d'um camura, terminados por solas.

O animal livre-se d'esta modo da lama, e logo que o desconforto pôde entrar em casa, sem deixar sobre os tapetes o mau cheiro que deabo algum tempo

em Loulre e a gente de bom tom calca os cães mais com modica com suas pequenas sacos de pelles d'um camura, terminados por solas.

O animal livre-se d'esta modo da lama, e logo que o desconforto pôde entrar em casa, sem deixar sobre os tapetes o mau cheiro que deabo algum tempo

em Loulre e a gente de bom tom calca os cães mais com modica com suas pequenas sacos de pelles d'um camura, terminados por solas.

O animal livre-se d'esta modo da lama, e logo que o desconforto pôde entrar em casa, sem deixar sobre os tapetes o mau cheiro que deabo algum tempo

em Loulre e a gente de bom tom calca os cães mais com modica com suas pequenas sacos de pelles d'um camura, terminados por solas.

O animal livre-se d'esta modo da lama, e logo que o desconforto pôde entrar em casa, sem deixar sobre os tapetes o mau cheiro que deabo algum tempo

em Loulre e a gente de bom tom calca os cães mais com modica com suas pequenas sacos de pelles d'um camura, terminados por solas.

O animal livre-se d'esta modo da lama, e logo que o desconforto pôde entrar em casa, sem deixar sobre os tapetes o mau cheiro que deabo algum tempo

em Loulre e a gente de bom tom calca os cães mais com modica com suas pequenas sacos de pelles d'um camura, terminados por solas.

O animal livre-se d'esta modo da lama, e logo que o desconforto pôde entrar em casa, sem deixar sobre os tapetes o mau cheiro que deabo algum tempo

Representando a imprensa operária, circulou entre 1892 e 1893<sup>73</sup>, em Lisboa, *A Revolta*, com declarado engajamento ideológico, destacando no cabeçalho que era uma “revista semanal do socialismo-anárquico”. Sua origem resultou da fusão da portuense *Revolução Social* e do lisboeta *O Rebelde*<sup>74</sup>. Afirmava que, “sem intuitos mercantis”, existia “única e simplesmente, para difundir a concepção anarquista”, meta para a qual carecia do “auxílio moral e material” dos amigos da causa, que deveriam também divulgar o jornal para que a “propaganda das ideias” que os uniam tomasse “o incremento desejado”<sup>75</sup>.

---

<sup>73</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 260.

<sup>74</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 243.

<sup>75</sup> A REVOLTA. Lisboa, 26 mar. 1893. A. 2. N. 24. p. 4.

# A REVOLUÇÃO

CORRESPONDENCIA  
Tr. do Hospital, n.º 1

REVISTA SEMANAL DO SOCIALISMO-ANARCHICO

CORRESPONDENCIA  
Tr. do Hospital, n.º 1

## A COMMUNA

18 de março é isto: queda d'um governo da rainha pela revolta do povo de Paris e pela proclamação da sua liberdade e absoluta independência, no intuito de realizar a revolução social, lançando uma nova organização, que no futuro transumará completamente a moral da sociedade, as classes humanas, o regime da produção e da troca.

Simplex esboço: sem se atrever a lançar-se no caminho da revolução económica, declarando-se movimento socialista e procedendo á expropriação do capitalismo e á organização de trabalho: justiça e vaga, característico geral dos espiritos aquella época; a Communa saiu do coração do povo, e as suas doutrinas são, no fim de contas, a fruição da liberdade humana pela autonomia do individuo e das aggregações de trabalho: estas, sem distincção de raças sem de fronteiras.

Vencida, talvez pela força, pelos seus proprios

pros talvez, as suas ideias espalharam-se pelo mundo, conquistando as sympathias de todo o proletariado, mais pelo que prometia fazer, do que pelo que realmente fez.

E isto se explica pela sua natureza mesma. A revolução de 1871, escreve Kropotkin, foi o movimento espontaneamente popular. Foi proclamada pelo povo, nasceu espontaneamente no dia das massas, foi na grande massa popular que se concentrou os seus defensores, os seus heróis, os seus mártires, — e é sobretudo este caracter íntimo, «casualha», que a burguezia já mais lhe perdoará: depois a sua ideia não — vaga, é verdade, conhecida talvez, mas contido bem pouco, penetrando todos os seus actos — é a ideia da revolução social, procurando estabelecer, enfim, as lazes sociais da justiça, e verdadeira igualdade e verdadeira liberdade para todos. Era a revolução da «casualha», marchando para a conquista dos seus direitos.

Assim, pois, memoromental. Não como que em jase ante uma vella gloria, mas com esta ideia cerebro: — ha uma outra communa a fazer; a outra, apesar de bem diferente, não é senão continuação da obra de 1871.

Eltra nos, para isso, de exemplo e lção e do partido, e mostra outra concepção. Sem se dar governo, nem mesmo um conselho de communa, mais ou menos copiado das vereações municipaes, e sem esperar d'esse governo a iniciativa e medidas revolucionarias ou d'uma simples força militar, como então succedea, — suppril o povo, de vez a vez se compaixão, todos os partidos, e poderando-se de toda a riqueza social e do-a em comum; e, constituindo-se em grupo livre, conforme as proprias tendencias e as possibilidades da vida, llo determinação e estigip, organie por toda a parte a Communa Social.

g. então se realiazar, semia, e esperança, que TI que nos corações dos produtores, de breves a par pratica e efectiva a obra que 89 apasandencia: — derrota de todo o feudalismo e liberdade de todos os escravos.

## AS BOLSAS DE TRABALHO

intructiva e edificante a luta que ali vaesada, entre os socialistas que somente do municipal accitam as Bolsas de Trabalho, e os que as

recebem do estado ou seja de quem for. Nem as congratulações de certas collectividades operarias dão força moral aos possibilistas-experimentados, tanto parecem encomendadas; nem as temerarias reuniões dos experimentalistas conseguem apagar nos espiritos, ainda os mais indifferentes, a crença de que unicamente a ambição e a vaidade, não satisficidos, se faz andar na roda viva a que se assiste e que nem sequer se suspiraria, des que o ar. ministro, a tempo, lhes captava as principaes, com lugares na commissão installadora ou o que é.

Aquelles dos trabalhadores que a ver se reconstruam, forços é que se venham agos á evidencia dos messagejos. O primeiro acto de proleção ao operariado, praticado pelo ministerio, de que o socialista Fuschini faz parte por ter pontos de contacto com o collectivismo actual, apresenta lida de bom, e nada mais: — pôr a clareo o que no pacto do Selem se trama; e avigorar as duvidas sobre a laizra do que na calçada de S. Francisco se faz.

Em reforço d'uns, pois que era occisido de se fingem greves, acudiram os republicanos — do dos —, mas com tal impeto ou tão desastradamente, que tudo tem sido berrarem desconpostamente ao ministrio; — tirasse a cabeça os nossos amigos da Federação. E pelo que respeta aos outros, mal se explica, por exemplo, que, não sendo os membros operarios da supricitada commissão os eleitos em 1891 ou quando foi, nem cessando que tenha havido nova eleição, andem a dizer terem sido eleitos pelas associações ou operarios ora escolhidos pelo governo para junto dos seus burocratas.

Foram os socialistas cujos papieiros a Associação dos Trabalhadores religiosamente guarda, quem disparem sobre a burguezia e clero: — as classes não se submettem, podem morrer, mas morrem impimentes. De sorte que difficil é descontinuar a notavel adaptação que esses mesmos desfas em hypobolicos lances, egde as contemporaneas, com o espirito de revolta cada vez mais geral, que de quando em quando rebentam á flor do corpo burguez e que, mal se coçam, logo vertem a agudilha que as enfanava.

Estranho seria, e tão estranho quanto é ingenuo e supprae, que a burguezia excoctasse lamentos o seu suicidio com os panesquentes que por vezes se faz gala em applicar-se. Ella não se submete. E por isso humpo por indiscutivel e certo, que em beneficio do povo já mais criará insubmissão de que não tira beneficio dobrado e que-tropado, e ainda acompanhado da grande veneração e profundo reconhecimento a que tem jus as formosas qualidades de coração dos instituidores.

Estabelecidas pelo estado ou estabelecidas pelo municipal, as Bolsas enfermam do mesmo vicio de origem: não uma nullidade, quando não um contatram; no movimento revolucionario do povo; e não uma intelligencia, quanto aos beneficejos que d'ellas podem advir aos poucos por ventura apreados a receber os, e que não valem o modo de-primente porque serlo ministrados.

Prosequimosa.

## ECOS & NOTICIAS

Congresso anarchista

Como dissemos, prepara-se um congresso anarchista em Chicago, na temperada da proxima ex-

posição internacional. Ganha terreno a ideia; mas sem grande motivo, parece-os.

Não é no espaço de tempo que poderá ser destinado aos trabalhos, curto, e perturbado pelo espectaculo grandioso que então offerecerá a cidade, que ex-abrupto, se descobriro verdades novas. E para a propagação das já cohecidas ha o comicio, a conferencia, o folheto, o jornal e descomas d'outros meios, que collectiva e individualmente podem preparar-se nas diversas povoações, com menor despesa e maior proficuidade.

Para nova affirmação de principios e accordo sobre a facilia a seguir, o congresso é dispensavel. E como, por mais sabias e justas que sejam as opinões que prevaleçam, nem todos as accietarão, vão crear-se, pelo caracter esmoico que aos olhos das massas revestem estas assembleias, anarchistas orthodoxos e anarchistas heterodoxos, — uma corrente official e uma corrente livre.

Se algum bom pôde vir nos da realisação do congresso, será o que cada um ganha com conhecer novos temperamentos e novas actividades e com receber novas impressões, indamente num país como os Estados-Unidos. Mas, para as despesas d'essa digressão agradável e instructiva, e, sem duvida, com influencia multipa na futura propagação dos digressivistas, há de converter os commuados, quasi todos, sanos, trabalhadores, para quem a mais pequena quantia separada para a causa representa um sacrificio?

Tare as duvidas que nos suggerem as poucas noticias que temos do projecto congresso.

→

Pelas filhas anarchistas.

De simplista, escreve La Rivolta, qualifico um dos maximas positões do socialismo collectivista, autoritario, estatista e policial, a concepção d'uma sociedade anarchista. De facto, á primeira vista, a soza concepção apresenta menor complicação apparente de que o systema socialist-collectivista, em que tudo é de antemão regulado, previsto e pensado. Simplex em principio, ella torna-se complexa na sua applicação. O ponto de partida é claro: autonomia completa do individuo. Mas o individuo é incapaz de, por si só, prover a todas as suas necessidades. Porquo lhe é associar-se com os seus semelhantes. D'ahi o accordo, a organização. Este accordo, esta organização, porém, querem-na, os anarchistas, livre, regulada unica e directamente pelos interessados, e não por uma administração central, desconhecedora das necessidades individuas de cada um. Á multiplicidade d'estas necessidades torna complexa a vida contemporanea. D'um extremo do mundo so outro, por uma serie ininterrupta de intermediarios, os homens rendem-se servicos reciprocos. E d'esta inmensa complexidade, que faz que todo o homem seja solidario ao seu semelhante ainda o mais afastado, é saída a vasta concepção do communismo, de que o collectivismo não é mais que uma redução desfigurada. O communismo, correspondendo pela sua organização a essa reciprocidade universal, é bem mais complexo, e mais logico tambem, do que a concepção collectivista, que só visa á repartição das riquezas já produzidas, não fazendo mais que substituir o actual antagonismo individual pelo antagonismo entre collectividades.

— La Anarquia, de Madrid, acaba de publicar uma serie de artigos com o titulo — Ciudadano y productor; no ultimo dos quaes se lê: «A sociedade é um aggregado de productores, que vivo trocando os seus productos; satisfazendo assim as mal-

No distrito de Leiria, em Caldas da Rainha, foi editado *O Círculo das Caldas* que circulou de 1º de janeiro de 1893 a 1º de março de 1918<sup>76</sup>. Intitulava-se como um “semanário ilustrado, literário, político e noticioso” que garantia não descer ao campo das “paixões menos legítimas”, utilizando-se de uma linguagem que fugiria à “chicana soez” e evitaria “conflitos impróprios”. Dizia que pugnava com “imparcialidade e independência” pelos interesses regionais, seguindo a premissa pela qual a imprensa tinha por “missão mais alguma coisa de elevado que enaltecer a vaidade balofa de um amigo ou criticar injusta e sistematicamente os indivíduos”. Destava também que procuraria com todas as suas forças “especialmente contribuir para o engrandecimento das Caldas da Rainha”, mantendo-se para tanto “na mais completa intransigência”<sup>77</sup>.

No extremo-sul, em Loulé, distrito de Faro, na região do Algarve, foi publicado *O Louletano*, entre 9 de janeiro de 1893 e 5 de maio de 1896<sup>78</sup>. Tinha uma opção regionalista e partidarista, anunciando-se como um “jornal progressista”, afirmando que seria um semanário “político, literário e noticioso, ocupando-se especialmente de tudo” o que pudesse “interessar ao concelho de Loulé”. Dizia que seguiria “com a máxima lealdade e independência, a política do Partido Progressista”, combatendo “a favor da moralidade”, e buscando “instruir o povo no caminho do dever e da honra”<sup>79</sup>.

---

<sup>76</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 158-159.

<sup>77</sup> O CÍRCULO DAS CALDAS. Caldas da Rainha, 11 jan. 1894. A. 2. N. 54. p. 1.; e 6 jan. 1895. A. 3. N. 104. p. 1.

<sup>78</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 73.

<sup>79</sup> O LOULETANO. Loulé, 9 jan. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.; e 6 jan. 1895. A. 3. N. 105. p. 1.



Mantendo a tradição de publicações diárias na capital do reino, foi publicado o *Correio Nacional*, editado entre 1º de fevereiro de 1893 e 3 de fevereiro de 1906<sup>80</sup>. Era predominantemente noticioso, com forte influência da religião católica. Dizia que o seu plano era “de uma simplicidade transparente”, tendo “a firmeza de uma convicção profunda, e a sinceridade de uma boa fé extrema”. Pregava que a indisciplina e a rebelião deveriam ser sobrepujadas pelo “princípio da autoridade”, calcado no “sentimento religioso”. Afirmava que a sua doutrina teria por bases “a autoridade, a justiça, a lei, a paz, a verdade, como emanações puríssimas de Deus”, sustentando abertamente ser um “jornal religioso”<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 214.

<sup>81</sup> CORREIO NACIONAL. Lisboa, 1º fev. 1893. A. 1. N. 1. p. 1

Numero avulso DEZ reis
CORREIO NACIONAL
LISBOA - Quarta-feira, 1 de fevereiro de 1893

EM POUCAS PALAVRAS

O meu plano é de ser simplificado, transparente. Tem a firmeza de uma coisa de guerra...

Uma obediencia que não é virtual e que não se presta a ser usada...

Talvez deviam ser feitos os contos de fadas de hoje...

ECHELOS

TEMPO
Luzes, 21 de janeiro...
Estando geral do commercio...

Miguel de Castro...
A provincia Magalhães...

A honra de Lisboa...
A honra de Lisboa...

Um governo liberal...
Um governo liberal...

OS NOSSOS TOLMEIROS
O meu plano é de ser simplificado...

Um governo liberal...
Um governo liberal...

NO PARLAMENTO

CAMARA DOS PARES

A honra de Portugal...
A honra de Portugal...

NO PARLAMENTO

CAMARA DOS PARES

A honra de Portugal...
A honra de Portugal...

Outra folha antimonárquica que circulou no Porto foi *O Debate*, que se apresentava como uma edição bissemanal “da academia republicana”, que durou apenas por dois meses, entre 26 de fevereiro de 1893 e 27 de abril de 1893<sup>82</sup>. Tal folha mantinha uma linguagem vibrante e extremamente combativa contra o regime vigente. Vaticinava que estava “perto o tempo das violências”, como uma reação ao “vergonhoso descrédito em que tombaram os partidos e homens” e “as farsadas parlamentares”, nas quais “a imbecilidade geral” imperava. Sustentava que “a fraqueza moral e a impotência de ação” que caracterizavam os “homens políticos”, anunciavam próximas calamidades, “preparando graves comoções na vida do povo”. Nesse sentido, argumentava que os fatos apressavam “o trabalho da propaganda revolucionária, denunciando a incapacidade senil do regime monárquico”; bem como indicavam “que o ideal republicano amadureceu em todos os espíritos e que, de simples aspiração de alguns dissidentes”, se transformara “na impreterível necessidade de um povo” que queria se salvar. Pregava que a necessidade de mudança era urgente, e que já era tempo da revolução, destacando que a mocidade acadêmica era “incompatível com os homens e partidos” que defendiam as instituições, e entendia que era “chegado o momento de se comunicar com o povo para lhe transmitir os seus ódios e as suas paixões”. Em termos exortativos, exclamava que a “mocidade republicana” deveria dar voz à insatisfação do povo, transformando seus “clamores em protestos e os

---

<sup>82</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 234.



Na localidade de Ericeira, bem próxima à Lisboa, circulou o semanário *O Concelho de Mafra*, editado de 5 de março de 1893 a 25 de fevereiro de 1894<sup>84</sup>. De caráter regionalista, propunha-se “a tratar e a defender os interesses” do concelho, “indicando aos poderes públicos as necessidades mais instantes, os melhoramentos mais urgentes” e “os benefícios mais justamente reclamados pelos habitantes” daquela “importante faixa de terreno”. Declarava ser “desligado, absoluta e completamente, de compromissos partidários”, mas se permitia “fazer a crítica dos acontecimentos políticos”, relacionados à “vida nacional”, e, “mais estreitamente, à do concelho”<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 184-185.

<sup>85</sup> O CONCELHO DE MAFRA. Ericeira, 5 mar. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

# O CONCELHO DE MATRA

**FOLHA SEMANAL**

REDACTOR PRINCIPAL.—FABRICO SECRETARIO DA REDACÇÃO.—FABRICO

**Ericeira, 24 de Setembro de 1893**

ANNO 1

|  |   |   |
|--|---|---|
| <p><b>ASSIGNATURAS</b></p> <p>Anno..... 1.800 \$ reis<br/>         Número avulso..... 8000 "</p> <p>As despezas de cobrança pelo serviço são a cargo do assignatario.—Pagamento á vista.</p> | <p style="text-align: center;"><b>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO</b></p> <p>A correspondência relativa á administração do redacção d'este jornal deve ser enviada para o LAROS DA FRENTEIRA D. AMÉLIA: 11 — ERICEIRA.</p> | <p style="text-align: center;"><b>PUBLICAÇÕES</b></p> <p>Na 1.<sup>a</sup> pagina, cada linha..... \$109 reis<br/>         No corpo do jornal..... 8000 "</p> <p>Anuncios, item..... 8000 "</p> <p>Sendo regular, preço convencional.</p> |
|--|---|---|

## OS PATRIOTAS

Todos nós sabemos o estado degraçadíssimo a que chegou este pobre país, todos sabemos o estado das nossas finanças, todos lamentamos a crise economica, ninguém deixa de lamentar o tristissimo anno agrícola que tivemos e que vem, por certo, agravar ainda mais a precária situação em que nos encontramos.

Por sobre todas estas calamidades vieram ainda os ultimos acontecimentos do Brazil—a guerra civil—entenebrecer mais o caliginoso horizonte da patria.

N'esta serie de fatalidades, com que vamos arcando, de umas tem a responsabilidade unica e tremenda os governos, que temos tido, e a sua politica reles, mesquinha e torpe, e com os seus projectos viciados, quando não vergonhosos, de administração. A culpa são estranhas a vontade, os erros, e o impudor dos nossos governantes. Ora parece que o verdadeiro patriotismo estaria agora em procurar dar remedio ás consequências de tantas erros accumulados, em se amorem todos os erretos, em se congregarem todas as forças no sentido de levantar esta pobre nação do tremedal vergonhoso em que se resolveu. Mas não succede assim: no meio das circumstancias angustiosas, em que vivamos delatemos, faz-se politica, que

tem sido o pior vicio de todos os nossos homenes publicos. Os partidos monarchicos dignitadim, honrados feramente, e se, por agora, não tem ferido batalla decisiva, é porque os cofres do thesouro não comuldam, pela sua magruza hecética, a administração dos novos Turgots.

O partido republicano, dividido e subdividido, sem disciplina, sem orientação positiva, parece não folgar com os males que nos affligem, esfragando as mãos de contentes por não ter responsabilidade directa n'elles. Ora se lançaeita, jubilos, em Badajoz, ora, como n'este momento, é o este o ponto que desejamos frisar? procura excitar odios, levantar indignações, alimentar indestinavel chauvinismo em prejuizo dos interesses nacionaes. Annuncia-se a vinda ao Tojo d'uma esquadra ingleza. Ningum jábra que esta vinda não seja altamente rendosa para a capital, e que d'ella não adreulam importantes interesses para muitos estabelecimentos de Lisboa. Nas circumstancias medianamente criticas, em que nos achamos, a vinda da esquadra ingleza, e a sua demora em os nossos portos, se não é a sorte grande, é, pelo menos, uma boa tonela. Pois não o entendeu assim o patriotismo republicano que dizemos republicano porque fazemos justiça no bom senso dos verdadeiros republicanos, e vil-o-

avaciar o ultimatum, vil-o a berrar contra a justiça ingleza na decisao do pleito entre o «South Africa» e a «Companhia de Moçambique», vil-o a procurar molestar nas massas populares o vicio da indignação contra a Inglaterra, como se d'este facto podesse provir-nos alguma coisa que não seja grave prejuizo para os nossos interesses e até para a nossa reputação!...

Porque é, meus queridos ses. patrioteiros, que a nação ingleza é forte e grande e respeitada, se não pelo seu bom senso pratico? Pois nem a' este grande exemplo vos saheis inspirar? Pois não acaales de ver, illustres peroliqueiros, como ella se portou na recente questão de Sima? Dizei que os ingleses não são parvidos, nem alheios, que não prezam a sua dignidade, e fida a gente seria se vira do vis. Dizei que vós sois, não querendo a esquadra ingleza no Tojo, os grandes patriotas e toda a gente de senso vos chamará tolos ot ridiculos.

Saleis que não ha trabalho, que não ha dinheiro nos cofres publicos, que não ha pão, que não ha vinho, que a miseria escuratira as grandes familias, e não quereis em Lisboa a esquadra ingleza que vem trazer-nos tanto dinheiro, que vem animar, por algum tempo, muito commercio paralisado e vivificar algumas indústrias estromas!

Por Deus, meus ses! Menos par-

## FOLHETEM

### Pela Suissa

NOTAS DA MINHA GARTEIRA

De Lucerna a Glionach.—Interlaken e seus arredores.—Grindelwald e a grande glacia.

Em todos estes hotéis faz-se musica, teatro, assim como no Koralan, onde ha' orchestra de profesores da, todos os dias, tres concertos. N'este dos parthões do Koralan, que tem galinhosa de primeira, hall de baile e para pignem, teatro, teatro etc. Inl-o-n, de macho, excellento leite de cabra: ali vão tomar o galinha das que, em Interlaken, faz-se de leite.

Estavam ao hotel d'Interlaken, ao fim do dos parques, tem suas gratias, lago de parth, ha uma especie de café concert, muito frequentado pelas cidadões, que ali vão tomar sorveh, e vetez musica.

N'alguns dos jardins em Interlaken: ha-

se por toda a parte, e disputado pr-macia. O goso e príncipe com que são cidadãos van o ponto de se lerem—gravidas nos gaxos—e os nomes dos hotéis, em perfoliadas letras de flores, oua serreiras caprichosas, como se fossem grandes lavores de ferromas tapacarias, até se entonlam a nosos pés. Não tinham tambem em Interlaken maravilhosos attores de esculptura em madeira e marfim, todos em miniatura, representando os portos mais pittorescos, belos para olhar nos accubos, estalécidos com todos os artigos de vestuario para farras, mil tentados, enfim, e que difficilmente se resisto. Se, pois, mostram os esplenores e maravilhas do uma natureza extraordinariamente phantasmagica, não accubamos tambem como se vê, nas distancias, os gaxos, as confusidões.

Os arredores de Interlaken são maravilhosos. A uma hora de passeio, a pé, através de uma extensa e magnética floresta, chega-se a Heinevalde, eminência coroada por um parthão, d'onde vultar se pode por Interlaken sem fim, estendendo-se na contemplação de surprehendentes panoramas. D'ahi se desce ao val-

le de Lauterbrunnen e de Grindelwald, de que ainda tivemos occaso de falar, o lago de Brienz e os montes que o corramam, Glionach, e proprio lago de Rhoden, a Jungfrau.

Para qualque lado que nos vidermos, a vista ficamos presa de tão grandioso espectáculo, copiva de tantas belezas, delatadas por tantas maravilhas.

Desce-se do Heinevalde, desviciados do caminho, que seguimos até ali, para nos dirigirmos ao Ezer, e aqui encontra-se a Jungfrau (colina da virgem). E' um passeio delizioso, sempre pela floresta, que se faz nos faldos, desceando-se nas chregas, para poderem neguice os elios por Interlaken, que tem fim em baixo, pelas montanhas que se levantam em nossa frente, pelas lagos que se espreguizam, indolentes, ao luger.

O Ezer tem no vertice um pequeno mirante, d'onde, pelas abertas da floresta, podemos, como pelas cortinas d'um cortinao, gozar a ampla e esplendida paisagem, que d'ali se domina.

A floresta, pertencente ao Heide, formada dos melhores copiceiros que

de Interlaken e de Grindelwald, de que ainda tivemos occaso de falar, o lago de Brienz e os montes que o corramam, Glionach, e proprio lago de Rhoden, a Jungfrau.

Para qualque lado que nos vidermos, a vista ficamos presa de tão grandioso espectáculo, copiva de tantas belezas, delatadas por tantas maravilhas.

Desce-se do Heinevalde, desviciados do caminho, que seguimos até ali, para nos dirigirmos ao Ezer, e aqui encontra-se a Jungfrau (colina da virgem). E' um passeio delizioso, sempre pela floresta, que se faz nos faldos, desceando-se nas chregas, para poderem neguice os elios por Interlaken, que tem fim em baixo, pelas montanhas que se levantam em nossa frente, pelas lagos que se espreguizam, indolentes, ao luger.

O Ezer tem no vertice um pequeno mirante, d'onde, pelas abertas da floresta, podemos, como pelas cortinas d'um cortinao, gozar a ampla e esplendida paisagem, que d'ali se domina.

A floresta, pertencente ao Heide, formada dos melhores copiceiros que

pode fornecer a vltionltera, á entrada de canhões em nopol, para que a sabbia seja menos incruenta, oua lapaas indicativas das diferentes locares a vltar, e tem, á expoz, e nos pontos d'ad'ivo vido, hancos de madeira.

De vez em quando um esquil, de lingua corada vermelha, salta do sum a outra arvore e desaparece na espessura da floresta.

Por toda a parte se creto a supragra de galinhos de que se acham comphredões, a primor, a hospitalidade, e a excessos em delidões a stivar.

Tendo sahido do nosso hotel á 1 hora e meia, entreamos de volta dos dois pittorescos passados da T lucerna e mais.

N' outra, depois de jantar, fomos até ao Ezer, —a fermosa alameda, onde o ar fresco que se respira vos transporta do calor dos dos lacos, e a luz eléctrica, quando pela folhagem do arvoredo, se desmancha plasta e o mar almas tortuosas, e nas gaxos dos jardins.

(Continúa)

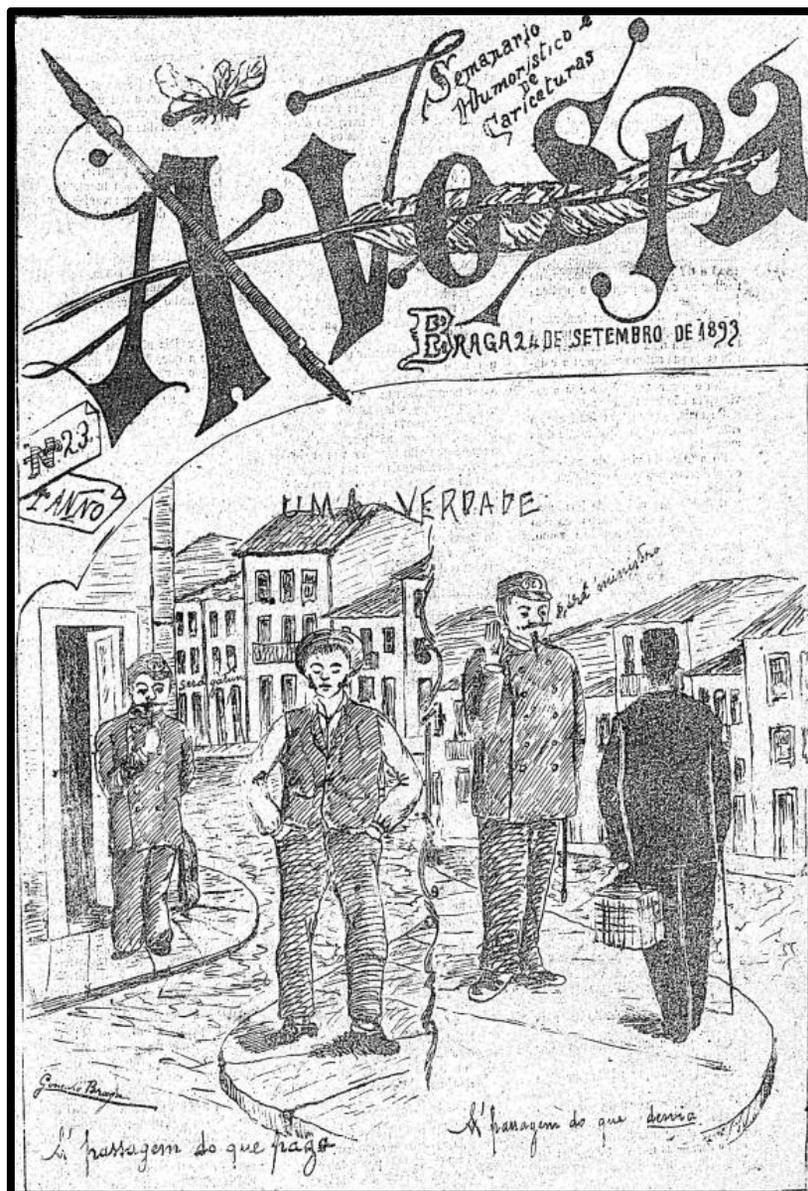
ALVES CUBIÃO.

No âmbito bracarense também se fez presente a imprensa caricata, através de um “hebdomadário humorístico e de caricaturas” intitulado *A Vespa*, que circulou de 9 de abril a 15 de outubro de 1893<sup>86</sup>. Com jocosidade, a folha se apresentava ao público, dizendo que ela chegara, vivendo a vida e estando “habituada a tudo”, sendo que “o bulício e o movimento” eram o seu meio. Destacava que era cosmopolita, aparecendo em toda a parte “de asas transparentes, com seus anéis de nanquim, sobre um corpinho roliço de amarelo ocre”. Anunciando seu tom crítico e ácido, descrevia simbolicamente que tinha “umas perninhas finas, com que irritava os preguiçosos”, e “um ferrão com que despertava os indolentes”. Afirmava ainda que era “admirável de qualidades”, pois suas “asas tão brilhantes” serviriam “para lustrar nomes” que prestassem; suas “perninhas tão nervosamente inquietas” agitariam os fleumáticos; e o “ferrão tão finamente estiletado”, daria “vida aos moles, aos debilitados, aos alcovistas, aos dormentes, a todos” os que precisassem “de expansivo oxigênio”. Em resumo, concluía que o seu fim era animar e o seu estilete não faria distinções<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 326.

<sup>87</sup> A VESPA. Braga, 9 abr. 1893. A. 1. N. 1. p. 2.



Na Estremadura, em Oeiras, distrito de Lisboa, foi editada *A Gazeta de Oeiras*, que se intitulava “folha semanal independente” e foi publicada entre 30 de abril de 1893 e 24 de outubro de 1897<sup>88</sup>. Ao apresentar-se, dizia que vinha juntar-se aos que pugnavam “pelo aperfeiçoamento moral e político da sociedade portuguesa”. Explicava que da “boa política” dependia “a felicidade das nações” e, através dela viriam vantagens para as finanças como um todo e para “a grandeza da nacionalidade”, de modo que era “para a implantação de uma boa política em Portugal” que trabalharia de maneira incessante. A folha apontava para a função desempenhada pelo jornalismo, explicando que “a imprensa, este divino invento, apesar do baixo nível em que a colocaram os *vendilhões*”, ainda era “a mais poderosa alavanca do progresso e da civilização”, uma vez que o jornal fazia “mais conquistas do que todos os generais e todos os exércitos”. Considerava que “a palavra escrita ou falada” constituía “a expressão dos sentimentos da alma e por isso a sua força” era “irresistível e suas conquistas” alcançavam “os séculos”. Sua proposta editorial era fortemente marcada pela influência da religião católica e garantia que manteria uma “crítica sempre imparcial”, buscando “caminhar sempre e incessantemente”, bem como “trabalhar para o bem da comunidade”, sendo essas as missões a que se propunha<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 365.

<sup>89</sup> A GAZETA DE OEIRAS. Oeiras, 30 abr. 1893. A. 1. N. 1. p. 1., e 29 abr. 1894. A. 2. N. 53. p. 1.

N.º 53 Oeiras, 29 de Abril de 1894 Anno

# A GAZETA D'OEIRAS

FOLHA SEMANAL INDEPENDENTE

Redação e administração na villa de Oeiras para onde deve ser dirigida toda a correspondência a J. Proença

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**  
 Anno..... 12000 réis ( Semestre... 600 réis  
 Numero avulso..... 20 ..

**PUBLICAÇÕES**  
 No corpo do jornal, cada linha..... 60 réis  
 Na secção dos annuncios, cada linha... 20 ..  
 Annuncios permanentes, ajuste especial.  
 Escripções recebidas sejam ou não publicadas não serão restituídas.  
 Os vrs assignantes tem direito a um desconto de 20 p. c. nas suas publicações. O contrato de annuncios póde ser feito na rua do Livramento, 71.

## O NOSSO PROGRAMMA

Entra hoje este semanario no segundo anno da sua publicação.  
 Quando veio á luz do dia, disse que vinha juntar-se aos que pugnam pelo aperfeiçoamento moral e politico do paiz. Isso tem cumprido religiosamente.

Este procedimento grangiou-lhe profundos odios e uma guerra sem treguas d'aquelles que queriam continuar desfructando, sem que viessem a publico e fossem verberados pela critica sempre imparcial da *Gazeta*, os seus proventos administrativos e politicos.

Queriam continuar nos processos da vida velha que era comoda, confortavel, e até proveitosa.

A *Gazeta* cortou-lhes essa vida de delicias, ruio-lhes o throno onde pareciam estar tão seguros e deu com elles em terra. E depois afastou-os para longe, para bem longe, e tão afastados que nunca mais voltarão a empolgar o mando!

Eis o grande serviço que este jornal prestou no curto espaço de um anno.

Ninguém faria mais — premitta-se nos dizer — em tão pouco tempo.

A imprensa, este divino invento, apesar do baixo nivel em que a collocaram os *vendilhões* ainda é a mais poderosa alavanca do progresso e da civilisação.

O jornal e o livro fazem mais conquistas do que todos os generaes e todos os exercitos.

A palavra escripta ou fallada, é a expressão dos sentimentos da alma e por isso a sua força é irresistivel.

As conquistas alcançadas por meio das armas são de duração transitoria; aquellas que alcança a palavra passam através dos seculos.

Das conquistas de Cesar, já nada existe mais do que as recordações historicas e alguns derrocados monumentos.

As conquistas alcançadas pela palavra de Christo,ahi estão ainda através de 19 seculos mais vivas, mais radiantes ainda que no primeiro dia em que o divino amigo da humanidade as apostolou na Judea!

Não ha força que suplante o direito, nem vicio que possa empanar a virtude!

Se por vezes o direito da força tem postergado a força do direito. Se o vicio em dadas occasiões tem esmagado a virtude, os periodos historicos em que taes phenomenos se tem dado, tem sido de ephemera duração, apenas nuvens que por um momento encobrem as radiantes fulgurações d'esses grandes luminaries para depois raiarem com mais brilho, com mais intensidade e com mais duração.

A humanidade caminha sempre; já mais retrocedeu ou estacionou. Todos os seus periodos historicos revelam um importante progresso.

O seculo que vai expirar, o seculo que tão injuriado tem sido é aquelle onde a alma humana attingiu mais grandiosas propeções, aquelle onde ella mais se aproximou de Deus!

E é por esta grande qualidade e não pelos seus progressos scientificos que elle deixa um logar proeminente na historia!

Os vindouros chamar-lhe-hão o seculo da virtude.

E realmente o foi.

O espirito do Christianismo nunca se elevou a tão grande altura.

Animados d'esta fé continuaremos lidando em prol da civilisação. Castigando sem piedade o vicio e exaltando a virtude.

Não nos demoverão do nosso proposito nem as ameaças, nem as presequições; nem mesmo os ultrajes.

Apostolos devotados de uma idéa não retrocederemos.

A morte não nos intimida, demais a temos visto para estar-mos familiarizados com ella.

Caminhar sempre e incessantemente.

Trabalhar para o bem da commidade.

Tal é a missão que nos propozem. Esperamos ter quem nos ajude e proteja n'esta cruzada do bem.

A nossa d'visa é do grande hecujos feitos e virtudes ha pouco de memorámos — *Le talent de bien faire*

## A EPYDEMIA DE LISBOA

Grassa em Lisboa ha um mes ou m uma epydemia, a que se tem dado var nomes e origens. Procede-se a estudos taticos, nologicos e bacterioscopi que possam servir de base a um juizo guro e entretanto cada medico accosa pela segarriga das perguntas dos clientes da vida, "Qua a causa da epidemia, a entidade *baqterio* a sua opiniao fi dada no maior ou menor numero de cas que tem observado, aferidas pelas at edas particulares sobre a natureza da ença.

D'aqui vem que uns lhe chamam *imp diarrheas, outros cholericas, outros Bala atenuado etc., etc.*

O que é verdade é que ainda não se provado que seja a *cholera exotica*, apes da decisaõ, quasi unanime dos medicos, q na 4.ª feira á noite se reuniram na Sociedade das sciencias medicas.

Mas, enquanto se não esclarece o ponto etyologico da sur ou não ser, que todos estão de accordo é nos cuidados preventivos a tomar desde já para o ca de a doenca, por ora absolutamente bagna, vir a tomar, em seguida ou mais tarde, caracter grave.

Do cuidado, que cada um dos individuos agora atacados, mais ou menos levemente tiver na desinfeccão dos vomitos e dejeções, dependerá a extincção segura e immediata do mal ou a sua continuacão propagação, com augmento possivel e a provavel de virulencia.

O desprezo dos cuidados de desinfeccão por iguismo, ignorancia ou desleixo, é q faz com que as doenças contagiosas se propaguem e multipliquem.

A epidemia actual apresenta, por ortal benignidade, que, para cada individuo atacado poder restabelecer-se basta a die rigorosa e um pouco de chá quente co algumas gotas de sumo de limão. Para a não ser atacado pela doenca, bastará a vida regular, sobriedade na comida e su beber agua doçã de fonte insuspeita sendo suscipita, fervida ou filtrada.

No uso ou não uso d'estas ou d'outras substancias alimentares devemos guo p não pelos conselhos, muitas vezes u ratados, que por ahi pejam os jornaes, pelos habitos de cada um. Temos li

Na Ilha da Madeira, localidade, concelho e distrito de Funchal, circulou de 25 de maio de 1893 a 25 de junho de 1894<sup>90</sup> *O Distrito*, publicação bissemanal que ostentava o dístico “jornal político, noticioso e literário”. Como defensor das causas locais, dizia que seria o “mais encarniçado inimigo” daqueles que quisessem “travar a roda do progresso”, ou “levantar atritos e dificuldades ao desenvolvimento da ilha”. Explicava que sua política seria a de auxiliar todos que se esforçassem, trabalhassem e contribuíssem “para o bom governo da nação e especialmente para o bem estar moral e material da pátria”, bem como a de pedir “em benefício das diversas classes” e “para o distrito do Funchal”<sup>91</sup>.

---

<sup>90</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 262.

<sup>91</sup> O DISTRITO. Funchal, 25 maio 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

I ANNO—1893. QUINTA-FEIRA 25 DE MAIO. NUMERO 1

# O DISTRICTO

JORNAL POLITICO, NOTICIOSO E LITTERARIO  
PUBLICA-SE ÁS SEGUNDAS E QUINTAS-FEIRAS

|   |   |   |
|---|---|---|
| REDACTOR PRINCIPAL<br>Dr. Manoel Maria de Franca. | REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO<br>RUA DAS PRETAS, N.º 60 A 64 — FUNCHAL. | PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR<br>Manuel Joaquim Teixeira Jardim. |
|---|---|---|

## EXPEDIENTE

Aquelles cavalheiros a quem esta folha for dirigida e que por qualquer motivo ou razão não quiseram dar-nos a honra da sua assinatura, pedimos que devolvam o jornal á redacção, com indicação do nome, ou o entreguem ao distribuidor na occasião da distribuição do segundo numero.

## PROGRAMMA

É para se velha apresentar programmas e nós, apesar de não sermos de aquelles que, por temperamento, índole e orientação, accedemos os usos e costumes estabelecidos, não sendo nós de republicanos, manifestamos a necessidade de se estabelecerem condições mais sãs e mais justas para a vida politica e social da nossa patria.

Entendemos necessario dizer ao publico, desde já, qual nos ser a nossa norma de poder na imprensa, e em poucas palavras diremos tudo.

Todos o homem deve trabalhar para o bem da sociedade em que vive e engrandecimento da sua patria; e é esse o nosso fim.

É, por isso, todas as vezes que conhecemos que alguém pretenda travar a roda do progresso da nossa sociedade ao levantar atrevidas difficuldades ao desenvolvimento d'esta lib. seremos na imprensa e em toda a parte o seu mais encarnizado inimigo.

Questões pessoais e particulares não tem cabimento n'este jornal; não nos pertence a nós, senão o que é publico e para o publico.

A nossa politica, porque a tomamos, consiste em auxiliar quanto á nossas forças caiba, todos aquelles que se esforçarem, trabalharem e contribuirem para o bem da patria e do povo.

Não pediremos nada para os individuos; pediremos bastante em beneficio das diversas classes, e muito, muito para o districto do Funchal.

Compilando o nosso programma temos cumprido um dever para os nossos patrios e para o nosso.

Esperamos que havemos de

viver sempre na melhor camaradagem e na mais completa harmonia com os nossos collegas.

Temos iniciado o publico do que ha de ser o lema do nosso jornal, e estamos convicidos que os nossos prezados e benevolos assignaes hão de o ver realizado.

### REMPA-SE O ACCORDO

Em 1884, no intuito e com o leatado fim de acabar com o nascente partido republicano, esse partido monarchico—regenerador e progressista, accedido que se prometeu durar por largos annos apesar de se dizer alto e bom som que está condemnado e que os diversos e pretendidos chefes espalhando as basiliarias luctas da facção de seguir esse facto, por isso.

Não sabemos nem tentamos saber se em 1884 o motivo apontado era bastante ponderoso para levar os dois partidos monarchicos a unirem-se e auxiliarem-se mutuamente para poderem combater com feliz exito o partido republicano nas luctas obelunias.

Pouco nos interessa o conhecimento das circumstancias politicas d'essa epocha interessando-nos, porem, muitissimo, hoje, o estado em que a politica se encontra entre nós.

Acoselhando a separação dos partidos e querendo mostrar a necessidade do extermínio das ultimas politicas tem apparecido ultimamente na imprensa periodica alguns artigos, aliás bem escriptos quanto á forma, mas que não revestem a unica ideia, nem se pensam quanto á origem de origem, nem se denuncia o estado actual, nem denunciam os mesmos, nem os seus artigos não se investem, não se propõe, nem se resolve, nem se indica sequer o que é necessario fazer para romper o accordo.

Não se apresenta um plano para que possa ser discutido e conhecido as suas vantagens e inconvenientes, as suas perigosas e delicias; repete-se apenas o que tem sido escripto innumeras vezes nos jornais de todas as partes. Que o accordo é prejudicial e im-

moral; mas isto dito assim é pouco, era necessario que além das phrases de effeito se discesse mais alguma coisa de aproveitavel, de pratico e de positivo.

Mas não estranhemos porque sabemos, como sabe toda a gente, que ha aqui muito quem escreva, pouco quem pense e saiba estudar qualquer assumpto ou questões que nos são peculiares se não encontramos nos periodicos do continente moldes em que possam ser vasadas.

Vamos manifestar a nossa opinião com respeito ao projectado rompimento, na certeza de que seremos muito mais poltres em termos bombásticos, phrases arredondadas e elegantes do que os illustres articulistas que escreverem sobre o mesmo assumpto; mas que não seremos menos rios em verdades e razoes, em o fim de nos darmos á racionalidade que o nosso interesse nos dá ao bom nome d'esta ilha.

Apesar do tudo ha de constituir a existir por culpa d'aquelles mesmos que mais fallam contra elle e contra este desgraçado estado de cousas.

Existirá ainda a necessidade de manter o decantado accordo entre os partidos regenerador e progressista para lutarem vantajosamente contra o partido republicano?

Não. As circumstancias politicas na actualidade são inteiramente diversas, o partido republicano é apenas uma sombra do que foi, e presentemente não assusta ninguém.

O que é sinceramente lastimavel, porque se esse partido não se achasse esplacado este desgraçado Districto não teria sido tão esquecido e desprezado dos altos poderes e não se veria commettido tantos abusos.

O partido republicano existe ainda, mas o accordo não deve existir.

Deixem viver o partido republicano, que não faz mal a ninguém, mas matem o accordo.

(Continua)

## ILHA DA MADEIRA

Não tem a nação portugueza, relativamente, possessão mais va-

liosa do que esta formosissima e saluberrima ilha da Madeira.

Não ha corria por mais rica e poderosa que seja, que possua pezo de tanto preço e tão cultuada como esta que enriquece a coroa de Portugal.

Não ha em todo o mundo clima mais ameno, mais temperado e mais doce; jardim mais extenso, mais matizado e mais florido.

Não ha de mais parte ar mais puro, mais diaphano e mais balsamico.

Foi a Natureza em extremo prodigo com a nossa patria semeando por todos esses montes e vales um sem numero de bellezas e encantos.

Parece que antecipadamente a indemnizava das injustias e enriquecimentos dos homems, compensando-a largamente com enormes beneficios.

Mas é necessario que não comunique a natureza a natureza a natureza que venha a ter ao lado das bellizas e prodigiosas obras da Natureza as imprescindiveis obras da mão do homem.

A Madeira não necessita das esmolas da Metropole, não precisa de favores, quer o que do direito lhe pertence, exige justiça.

É muito rica para pedir as migalhas cabidas das mezas dos districtos do continente e das terras d'alem-mar e, quando o não fosse, devido as suas condições especies e excepcionalissimas do clima, tinha direito a que os governos a não esquecessem faltando-lhe com os melhoramentos Moraes e matricias de que tanto precisa.

Ha muitos annos a esta parte tem o Districto do Funchal com a generosidade, que chega a ser tola, senão um crio, deixado sabir constantemente centenas e centenas de contos de reis para serem gastos em saber em que, nem onde, não adivinhando d'elles a mais pequenina parella.

Ousamos lembrar aos governos que não devem, nem podem gastar longe d'aqui o dinheiro que é d'esto districto.

A Madeira tem elementos propios de vida, deseja e quer viver com esses elementos... ninguém tem direito de tirar a seu talante, sem o nosso consentimento, do que nos pertence.

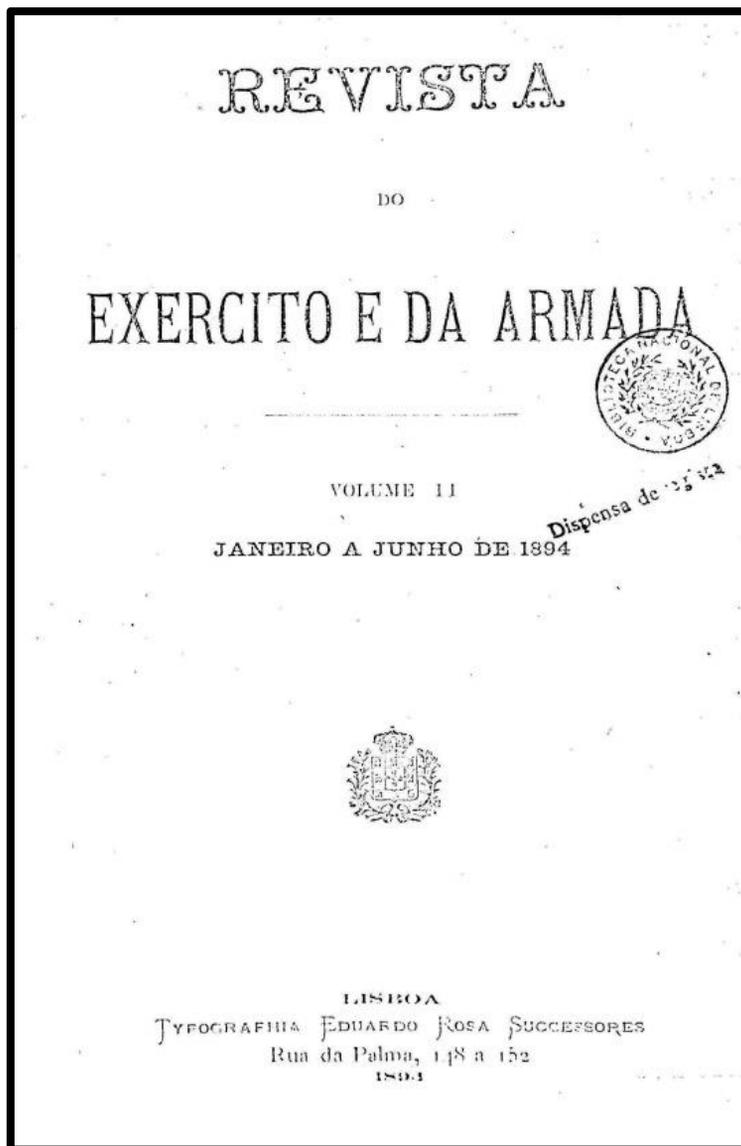
Devido a um criminoso indifferentismo, condemnavel procedimento e talvez a encruaço aglio

No contexto lisbonense, se desenvolveria uma outra publicação voltada à imprensa especializada, no caso vinculada às temáticas militares. Era a *Revista do Exército e da Armada* que foi editada no período entre maio de 1893 e dezembro de 1904<sup>92</sup>, quando viria a fundir-se com outra folha de cunho militar<sup>93</sup>. Constituía uma revista mensal, trazendo assuntos variados de natureza militar, como ações bélicas no reino e ultramar, organização das forças e mar e terra e intercâmbios militares com outras nações.

---

<sup>92</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 246.

<sup>93</sup> SOARES, Alberto Ribeiro. *Imprensa militar portuguesa: catálogo da Biblioteca do Exército*. Lisboa: Biblioteca do Exército, 2003. p. 151.



Na região central do reino, em Torres Vedras, no distrito de Lisboa, foi editada a *Gazeta de Torres Vedras*, uma publicação semanal “agrícola, comercial, jurídica e noticiosa”, que circulou de 8 de junho de 1893 a 29 de novembro de 1894<sup>94</sup>. Seu programa bem expressava o espírito da imprensa regional, como ao afirmar que constituía uma edição “que na pia batismal do jornalismo” aceitara “o nome de uma terra do país”, e, portanto, tinha “todas as preocupações patrióticas de uma folha portuguesa”, mas evidenciava “o propósito de acudir ao rebate do campanário”. Destacava que isso poderia ser visto como uma virtude ou um defeito, mas que, ao certo, ela era “portuguesa, liberal e concelheira”. Na mesma linha, declarava que tratava “da sua terra”, amava e defendia “a sua região, e, com esta atitude”, seria um “crítico e eleitor independente” que iria “da sua casa à paróquia, da paróquia ao concelho, do concelho ao distrito, e deste à nação”. O jornal garantia atuar “sem paixões partidárias, sem jacobinismos intransigentes, sem ambições de influência e de mando”, e “apenas subordinado à ambição de atravessar vida modesta e calma, com a consciência do dever cumprido a favor da pequena região cujos interesses” advogava, da pátria a que pertencia “essa região, e da moral e da ciência” em sua “feição universal e humanitária”. Finalmente, acrescentava que em suas páginas não haveria partidarismo, pois “a sua política não era a de partidos convencionais, de programas restritos, de homens mais ou menos prestigiosos<sup>95</sup>.

---

<sup>94</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 367.

<sup>95</sup> GAZETA DE TORRES VEDRAS. Torres Vedras, 8 jun. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.



Outro periódico de circulação diária promovido no contexto provincial, no distrito de Portalegre, região do Alentejo, foi o *Diário de Elvas*, que trazia o nome de sua cidade no título. Apresentava-se como “folha literária, comercial e noticiosa” e circulou de 1º de julho de 1893 a 28 de agosto de 1896<sup>96</sup>. No programa, explicava que não estava “filiado em partido político” nenhum, limitando-se a noticiar as ocorrências políticas e anunciava que teria uma seção literária com a contribuição de intelectuais conceituados. Prometia noticiar os acontecimentos no âmbito local e advogar “com todas as forças os interesses morais e materiais da muito antiga, muito nobre e sempre heroica cidade de Elvas, assim como as da província do Alentejo”<sup>97</sup>.

---

<sup>96</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 250

<sup>97</sup> DIÁRIO DE ELVAS. Elvas, 1º jul. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.



No distrito de Viseu, na localidade de Lamego, circulou a *Gazeta do Norte*, cuja edição se estabeleceu pelo período de praticamente um ano, entre 20 de julho de 1893 e 5 de julho 1894<sup>98</sup>. Sua circulação era bissemanal e no frontispício estampava uma inscrição que se referia a uma proposta bem abrangente – “jornal político, comercial, noticioso, literário e agrícola”. Segundo suas intencões apontadas no conteúdo programático, presente em sua primeira edição, demarcava uma ação voltada às questões regionais. Nesse sentido, se definia como um “órgão da união dos seus redatores, sem compromissos e sem visar outros interesses” que não fossem “o de promover todos os benefícios” a que a sua cidade tinha direito. Explicitava também que procuraria “apresentar sem rancor ou malevolência todas as justas reclamações do concelho”<sup>99</sup>.

Em Penafiel, no distrito do Porto, foi editado duas vezes por semana *O Comércio*, um “jornal político, agrícola, comercial e noticioso”. A proposta editorial era ambiciosa, mas a duração foi restrita, existindo de 19 de agosto de 1893 a 24 de março de 1894<sup>100</sup>. Em sua primeira edição, fazia uma apreciação sobre a “crise violenta” que assolava Portugal, terminando por conclamar a todos a fazer “em comum o supremo esforço”, no sentido de encontrar remédio a todos aqueles males, buscando a “restauração da vitalidade comercial e industrial” do país<sup>101</sup>.

---

<sup>98</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 369-370.

<sup>99</sup> GAZETA DO NORTE. Lamego, 20 jul. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

<sup>100</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 174.

<sup>101</sup> O COMÉRCIO. Penafiel, 19 ago. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

**Jornal politico, agricola, commercial e noticioso**

PUBLICA-SE AS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario — ANTONIO AUGUSTO VIEIRA

Quinta-feira, 20 de Setembro de 1895

ASSIGNATURAS

ANUNCIOS

O ANNO

PUBLICAR-se em um jornal, de 10 a 12 linhas, com 100 linhas de texto, custa 100 réis, e com 200 linhas, 200 réis. De 30 dias em diante, de 100 réis para 150 réis. De 60 dias em diante, de 150 réis para 200 réis. De 90 dias em diante, de 200 réis para 250 réis. De 120 dias em diante, de 250 réis para 300 réis. De 150 dias em diante, de 300 réis para 350 réis. De 180 dias em diante, de 350 réis para 400 réis. De 210 dias em diante, de 400 réis para 450 réis. De 240 dias em diante, de 450 réis para 500 réis. De 270 dias em diante, de 500 réis para 550 réis. De 300 dias em diante, de 550 réis para 600 réis. De 330 dias em diante, de 600 réis para 650 réis. De 360 dias em diante, de 650 réis para 700 réis. De 390 dias em diante, de 700 réis para 750 réis. De 420 dias em diante, de 750 réis para 800 réis. De 450 dias em diante, de 800 réis para 850 réis. De 480 dias em diante, de 850 réis para 900 réis. De 510 dias em diante, de 900 réis para 950 réis. De 540 dias em diante, de 950 réis para 1000 réis. De 570 dias em diante, de 1000 réis para 1050 réis. De 600 dias em diante, de 1050 réis para 1100 réis. De 630 dias em diante, de 1100 réis para 1150 réis. De 660 dias em diante, de 1150 réis para 1200 réis. De 690 dias em diante, de 1200 réis para 1250 réis. De 720 dias em diante, de 1250 réis para 1300 réis. De 750 dias em diante, de 1300 réis para 1350 réis. De 780 dias em diante, de 1350 réis para 1400 réis. De 810 dias em diante, de 1400 réis para 1450 réis. De 840 dias em diante, de 1450 réis para 1500 réis. De 870 dias em diante, de 1500 réis para 1550 réis. De 900 dias em diante, de 1550 réis para 1600 réis. De 930 dias em diante, de 1600 réis para 1650 réis. De 960 dias em diante, de 1650 réis para 1700 réis. De 990 dias em diante, de 1700 réis para 1750 réis. De 1020 dias em diante, de 1750 réis para 1800 réis. De 1050 dias em diante, de 1800 réis para 1850 réis. De 1080 dias em diante, de 1850 réis para 1900 réis. De 1110 dias em diante, de 1900 réis para 1950 réis. De 1140 dias em diante, de 1950 réis para 2000 réis. De 1170 dias em diante, de 2000 réis para 2050 réis. De 1200 dias em diante, de 2050 réis para 2100 réis. De 1230 dias em diante, de 2100 réis para 2150 réis. De 1260 dias em diante, de 2150 réis para 2200 réis. De 1290 dias em diante, de 2200 réis para 2250 réis. De 1320 dias em diante, de 2250 réis para 2300 réis. De 1350 dias em diante, de 2300 réis para 2350 réis. De 1380 dias em diante, de 2350 réis para 2400 réis. De 1410 dias em diante, de 2400 réis para 2450 réis. De 1440 dias em diante, de 2450 réis para 2500 réis. De 1470 dias em diante, de 2500 réis para 2550 réis. De 1500 dias em diante, de 2550 réis para 2600 réis. De 1530 dias em diante, de 2600 réis para 2650 réis. De 1560 dias em diante, de 2650 réis para 2700 réis. De 1590 dias em diante, de 2700 réis para 2750 réis. De 1620 dias em diante, de 2750 réis para 2800 réis. De 1650 dias em diante, de 2800 réis para 2850 réis. De 1680 dias em diante, de 2850 réis para 2900 réis. De 1710 dias em diante, de 2900 réis para 2950 réis. De 1740 dias em diante, de 2950 réis para 3000 réis. De 1770 dias em diante, de 3000 réis para 3050 réis. De 1800 dias em diante, de 3050 réis para 3100 réis. De 1830 dias em diante, de 3100 réis para 3150 réis. De 1860 dias em diante, de 3150 réis para 3200 réis. De 1890 dias em diante, de 3200 réis para 3250 réis. De 1920 dias em diante, de 3250 réis para 3300 réis. De 1950 dias em diante, de 3300 réis para 3350 réis. De 1980 dias em diante, de 3350 réis para 3400 réis. De 2010 dias em diante, de 3400 réis para 3450 réis. De 2040 dias em diante, de 3450 réis para 3500 réis. De 2070 dias em diante, de 3500 réis para 3550 réis. De 2100 dias em diante, de 3550 réis para 3600 réis. De 2130 dias em diante, de 3600 réis para 3650 réis. De 2160 dias em diante, de 3650 réis para 3700 réis. De 2190 dias em diante, de 3700 réis para 3750 réis. De 2220 dias em diante, de 3750 réis para 3800 réis. De 2250 dias em diante, de 3800 réis para 3850 réis. De 2280 dias em diante, de 3850 réis para 3900 réis. De 2310 dias em diante, de 3900 réis para 3950 réis. De 2340 dias em diante, de 3950 réis para 4000 réis. De 2370 dias em diante, de 4000 réis para 4050 réis. De 2400 dias em diante, de 4050 réis para 4100 réis. De 2430 dias em diante, de 4100 réis para 4150 réis. De 2460 dias em diante, de 4150 réis para 4200 réis. De 2490 dias em diante, de 4200 réis para 4250 réis. De 2520 dias em diante, de 4250 réis para 4300 réis. De 2550 dias em diante, de 4300 réis para 4350 réis. De 2580 dias em diante, de 4350 réis para 4400 réis. De 2610 dias em diante, de 4400 réis para 4450 réis. De 2640 dias em diante, de 4450 réis para 4500 réis. De 2670 dias em diante, de 4500 réis para 4550 réis. De 2700 dias em diante, de 4550 réis para 4600 réis. De 2730 dias em diante, de 4600 réis para 4650 réis. De 2760 dias em diante, de 4650 réis para 4700 réis. De 2790 dias em diante, de 4700 réis para 4750 réis. De 2820 dias em diante, de 4750 réis para 4800 réis. De 2850 dias em diante, de 4800 réis para 4850 réis. De 2880 dias em diante, de 4850 réis para 4900 réis. De 2910 dias em diante, de 4900 réis para 4950 réis. De 2940 dias em diante, de 4950 réis para 5000 réis. De 2970 dias em diante, de 5000 réis para 5050 réis. De 3000 dias em diante, de 5050 réis para 5100 réis. De 3030 dias em diante, de 5100 réis para 5150 réis. De 3060 dias em diante, de 5150 réis para 5200 réis. De 3090 dias em diante, de 5200 réis para 5250 réis. De 3120 dias em diante, de 5250 réis para 5300 réis. De 3150 dias em diante, de 5300 réis para 5350 réis. De 3180 dias em diante, de 5350 réis para 5400 réis. De 3210 dias em diante, de 5400 réis para 5450 réis. De 3240 dias em diante, de 5450 réis para 5500 réis. De 3270 dias em diante, de 5500 réis para 5550 réis. De 3300 dias em diante, de 5550 réis para 5600 réis. De 3330 dias em diante, de 5600 réis para 5650 réis. De 3360 dias em diante, de 5650 réis para 5700 réis. De 3390 dias em diante, de 5700 réis para 5750 réis. De 3420 dias em diante, de 5750 réis para 5800 réis. De 3450 dias em diante, de 5800 réis para 5850 réis. De 3480 dias em diante, de 5850 réis para 5900 réis. De 3510 dias em diante, de 5900 réis para 5950 réis. De 3540 dias em diante, de 5950 réis para 6000 réis. De 3570 dias em diante, de 6000 réis para 6050 réis. De 3600 dias em diante, de 6050 réis para 6100 réis. De 3630 dias em diante, de 6100 réis para 6150 réis. De 3660 dias em diante, de 6150 réis para 6200 réis. De 3690 dias em diante, de 6200 réis para 6250 réis. De 3720 dias em diante, de 6250 réis para 6300 réis. De 3750 dias em diante, de 6300 réis para 6350 réis. De 3780 dias em diante, de 6350 réis para 6400 réis. De 3810 dias em diante, de 6400 réis para 6450 réis. De 3840 dias em diante, de 6450 réis para 6500 réis. De 3870 dias em diante, de 6500 réis para 6550 réis. De 3900 dias em diante, de 6550 réis para 6600 réis. De 3930 dias em diante, de 6600 réis para 6650 réis. De 3960 dias em diante, de 6650 réis para 6700 réis. De 3990 dias em diante, de 6700 réis para 6750 réis. De 4020 dias em diante, de 6750 réis para 6800 réis. De 4050 dias em diante, de 6800 réis para 6850 réis. De 4080 dias em diante, de 6850 réis para 6900 réis. De 4110 dias em diante, de 6900 réis para 6950 réis. De 4140 dias em diante, de 6950 réis para 7000 réis. De 4170 dias em diante, de 7000 réis para 7050 réis. De 4200 dias em diante, de 7050 réis para 7100 réis. De 4230 dias em diante, de 7100 réis para 7150 réis. De 4260 dias em diante, de 7150 réis para 7200 réis. De 4290 dias em diante, de 7200 réis para 7250 réis. De 4320 dias em diante, de 7250 réis para 7300 réis. De 4350 dias em diante, de 7300 réis para 7350 réis. De 4380 dias em diante, de 7350 réis para 7400 réis. De 4410 dias em diante, de 7400 réis para 7450 réis. De 4440 dias em diante, de 7450 réis para 7500 réis. De 4470 dias em diante, de 7500 réis para 7550 réis. De 4500 dias em diante, de 7550 réis para 7600 réis. De 4530 dias em diante, de 7600 réis para 7650 réis. De 4560 dias em diante, de 7650 réis para 7700 réis. De 4590 dias em diante, de 7700 réis para 7750 réis. De 4620 dias em diante, de 7750 réis para 7800 réis. De 4650 dias em diante, de 7800 réis para 7850 réis. De 4680 dias em diante, de 7850 réis para 7900 réis. De 4710 dias em diante, de 7900 réis para 7950 réis. De 4740 dias em diante, de 7950 réis para 8000 réis. De 4770 dias em diante, de 8000 réis para 8050 réis. De 4800 dias em diante, de 8050 réis para 8100 réis. De 4830 dias em diante, de 8100 réis para 8150 réis. De 4860 dias em diante, de 8150 réis para 8200 réis. De 4890 dias em diante, de 8200 réis para 8250 réis. De 4920 dias em diante, de 8250 réis para 8300 réis. De 4950 dias em diante, de 8300 réis para 8350 réis. De 4980 dias em diante, de 8350 réis para 8400 réis. De 5010 dias em diante, de 8400 réis para 8450 réis. De 5040 dias em diante, de 8450 réis para 8500 réis. De 5070 dias em diante, de 8500 réis para 8550 réis. De 5100 dias em diante, de 8550 réis para 8600 réis. De 5130 dias em diante, de 8600 réis para 8650 réis. De 5160 dias em diante, de 8650 réis para 8700 réis. De 5190 dias em diante, de 8700 réis para 8750 réis. De 5220 dias em diante, de 8750 réis para 8800 réis. De 5250 dias em diante, de 8800 réis para 8850 réis. De 5280 dias em diante, de 8850 réis para 8900 réis. De 5310 dias em diante, de 8900 réis para 8950 réis. De 5340 dias em diante, de 8950 réis para 9000 réis. De 5370 dias em diante, de 9000 réis para 9050 réis. De 5400 dias em diante, de 9050 réis para 9100 réis. De 5430 dias em diante, de 9100 réis para 9150 réis. De 5460 dias em diante, de 9150 réis para 9200 réis. De 5490 dias em diante, de 9200 réis para 9250 réis. De 5520 dias em diante, de 9250 réis para 9300 réis. De 5550 dias em diante, de 9300 réis para 9350 réis. De 5580 dias em diante, de 9350 réis para 9400 réis. De 5610 dias em diante, de 9400 réis para 9450 réis. De 5640 dias em diante, de 9450 réis para 9500 réis. De 5670 dias em diante, de 9500 réis para 9550 réis. De 5700 dias em diante, de 9550 réis para 9600 réis. De 5730 dias em diante, de 9600 réis para 9650 réis. De 5760 dias em diante, de 9650 réis para 9700 réis. De 5790 dias em diante, de 9700 réis para 9750 réis. De 5820 dias em diante, de 9750 réis para 9800 réis. De 5850 dias em diante, de 9800 réis para 9850 réis. De 5880 dias em diante, de 9850 réis para 9900 réis. De 5910 dias em diante, de 9900 réis para 9950 réis. De 5940 dias em diante, de 9950 réis para 10000 réis.

**GOVERNADOR DO PARANÁ**  
e  
Jornal de maior circulação e maior influencia no Estado do Paraná.

**Os acontecimentos do Brazil**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

**22**

**23**

**24**

**25**

**26**

**27**

**28**

**29**

**30**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

Mais um semanário que circulou pelas ruas lisboenses, foi *O Independente*, que se apresentava como “folha semanal, literária, crítica e noticiosa”, que durou de 19 de setembro de 1893 até o ano seguinte<sup>102</sup>. Afirmava que, conforme indicava seu título, iria abster-se “de sulcar o revolto oceano da política”, no qual sossobravam “tantos caracteres” e se aniquilavam “as mais viçosas ilusões”. Dizia preferir filiar-se “no grande partido” dos que prezavam “o bem da pátria”, colocando-a acima de tudo, mormente “das mesquinhas intrigas” que eram “o cunho do sistema político” nacional. Desse modo, argumentava que preferiria ficar afastado “das torpíssimas vilezas” que realçavam a “política desgraçada” lusa, no seio da qual “as lutas partidárias” se transmudavam “em pugna insultuosa e covarde”, na qual “a argumentação honesta” era “substituída pela insólita bisbilhotice”, com a prática de uma “prosa virulenta”. Considerava que o jornal não era “o pasquim” que só servia para “poluir e macular as consciências”, preferindo acreditar na “pureza das crenças” e na “intangível honestidade do caráter”<sup>103</sup>.

---

<sup>102</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 417.

<sup>103</sup> O INDEPENDENTE. Lisboa, 19 set. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

# O INDEPENDENTE

Redactores: — M. GOMES D'AMORIM E J. BELARD DA FONSECA

FOLHA SEMANAL, LITTERARIA, CRITICA E NOTICIOSA

---

|                                       |  |   |   |        |
|---------------------------------------|--|---|---|--------|
| N. 2                                  | <b>Assinaturas</b><br>Continente e Ilhas, mez 200 réis, anno 2400 réis. Brazil, semestre 6450 réis, anno 12900 réis, avulso 250 réis francos. Para outros paizes accresce o porto do envio. Pagamento adiantado. | <b>LISBOA</b><br><br>Terça-feira 26 de setembro de 1895 | <b>Publicações</b><br>Na secção d'artigos 10 réis a linha, nas outras condições especiais. Informações do interessado publico, gratis. Os originaes quer on não publicados, não se restituem. | ANNO 1 |
| Redacção, R. de S. Bento, 422, 4.º D. |  | Administração, C. da Estrella, 28.                      |   |        |

---

Lisboa, 25 de setembro de 1893

## O BRAZIL

O Brazil, o formoso paiz que constitue a terra da promissão para os que, longe da familia e da patria, vão procurar n'ella os meios de subsistencia; a terra onde a alma se retempera nas arduas luctas do trabalho e o amor da patria revive no sentimento da saudade é agora o theatro sangrento da mais incruenta das scenas que formam o drama da vida de um povo, a mácula mais indelevel da historia d'um paiz, a guerra civil, que, ao mesmo tempo nos demonstra até que ponto os odios mesquinhos e as grandes e iniquas ambições podem influir desastrosamente nos destinos d'uma nação.

É triste ver esse bello paiz cujas florestas grandiosas parecem melhor dispostas para sobre ellas ecoarem em revoados sonoros os canticos da paz e os hymnos do trabalho, do que para repercutirem em frémitos dolorosos, os lugubres e sanguinolentos gritos do odio e da guerra! ver essa terra cujos rios colossaes melhor seriam sulcados por navios em cujos topes se ostentassem os pavilhões do commercio, do que por couraçados que devendo ser a defensão da ordem e da tranquillidade são ao contrario o palladium da anarchia e da violencia! é triste vê-lo transformado em proscenio onde se degladiam em fratricida lucta, as facções politicas, inconscientes instrumentos das ambições dos grandes! Herdeira das nossas tradições e, quando a fatalidade do nosso destino nos tiver eliminado do mappa, a representante da nossa nacionalidade, a nação brasileira é nos por estes e por muitos outros titulos extremamente sympathica! agora, porem, um outro elo vem juntar-se á cadeia que nos prende, estreitando mais ainda, o amplexo que nos une! é elle o sentimento de sym-

thia que nos inspiram as desgraças que sobre ella impendem.

A sympathia da desgraça é bem o elo grandioso que liga dois povos na confraternidade de affectos no supremo anhelo d'um bem futuro! é o appello sagrado que impetra a Deus a benedição suprema, que venha, luminosa e suave, aclarar a negrura d'aquelles cerebros obsecados, moderando-lhe os impetos dos corações infrenes!

Por isso ninguém mais do que nós, portuguezes, sente na alma o sincero desejo de ver o encapellado e tormentoso oceano da politica brasileira, transformado em lago sereno e tranquillo, sobre o qual tremule destalçada aos ventos da paz e da concordia, a bandeira bicolor da «ordem e do progresso.»

G. DE A.

---

### VERSOS E PROSAS

#### EVA

(Continuação do numero antecedente)

D'essa noite em diante foi Armando a unica preocupação d'Eva.

Tamada, virgem como o pensamento d'um crente, Eva amou pela primeira vez esse sympathico e brioso rapaz que partindo de paes humildes ponde á custa de innumerous sacrificios alcançar brilhantemente em Paris o diploma de engenheiro de pontes e calçadas.

Digno e modesto, Armando era considerado na fina flor da sociedade parisiense, como um talento robusto, um pintor de merito e um caçador *à la rigueur*.

Na noite do encontro com Eva, Armando viera proposadamente á Opera no intuito de encontrar Henrique, um velho companheiro de infancia e antigo companheiro de estudos, que actualmente na posse d'uma fortuna principesca abandonára a banca de advogado nutriendo uns amores excentricos com uma das primeiras bailarinas.

O fim d'esse encontro era pedir a Henrique 200 francos, quantia que Armando julgava indispensavel para se transportar ao Havre e accudir ás despesas que a doença de sua mãe reclamava.

Pontual, como sempre, Henrique não podia faltar.

Emquanto o nosso engenheiro se achava n'esta attitude de esperanza e desconsolo gemeu a corrediga d'uma friza e Eva appareceu radiante de formosura e belleza.

Uma bateria consideravel de binoculos assistaram-se-lhe immediatamente. A critica sábio a campo e as damas por detraz dos leques-emplumados, deixavam como antevar a inveja ou o despeito que lhes minava a alma.

E, sejamos francos, tinham razão.

Eva ia em breve offuscada-as, perdê-las, odaliscas incensadas pelo amor dos grandes e pela admiração dos pequenos, empunhando o sceptro de rainha da moda depondo nos seus loiros cabellos a coroa da distincção, em cujos renhilhados florões se liam a elegancia e a formosura.

De branco, decotada, fugindo-lhe dos hombros em diagonal uma grinalda de rescedentes violetas, viçosas, como se acabadas de colher nos canteiros do jardim, emoldurando-lhe o rosto angelico, as ondas caprichosas dos seus fulvos cabellos, era a estatura da innocencia, a deusa do amor como a deviam ter pintado os antigos, ito é a imagem dulcissima da Resignação e do Sacrificio.

A luz jorrando em turbilhões dos lustres de chrysal inundava-lhe e olhar d'um avelludado tão doce, d'uma transparencia tão casta, que demonstrava *tant à comp* a leal sinceridade e onde se sondavam os accanos d'aquella alma tão boa, tão dedicada e tão santa.

E, depois Eva era d'aquellas mulheres singulares que se apresentam sem ruido e para quem a ostentação não é mais do que um adorno inutil.

Trocavam-se os olhares, sibillavam os comentarios, ballas explosivas de *verve* e de intriga, quando a batuta do maestro fez romper a orchestra harmoniosa e doce como um trino d'aves.

Subi e panno. *O Fausto* era a primeira vez n'essa epocha que via a luz da ribalta, e, embora os jornaes, cartazes e programmas noticiassem a apparição da Patti, o entusiasmo, porém, dos espectadores, declinou na gentilissima figura d'Eva que artisticamente recostada, apoiando a ideal cabeça na pequenina e perfumada mão, marcava com um *entrain* adoravel o rythmo cadenciado da musica no veludo *grain* do balcão.

(Continúa)      B. F.

\*\*\*

As ingratições esquecem-se, mas nunca se perdoam.

Na cidade e distrito de Castelo Branco, região da Beira, foi publicada a “folha semanal” *A Defesa da Beira*, que circulou entre 1º de outubro de 1893 e 10 de janeiro de 1904<sup>104</sup>. Proclamava-se como “livre de qualquer compromisso político-partidário”, atuando, “com toda a independência, e com a mais ampla autonomia do pensamento” e “defendendo os interesses da província, do distrito e do município”. Nessa linha, dizia ter por fins “pugnar pelos melhoramentos locais” e “reclamar a proteção” a que o distrito faria jus<sup>105</sup>.

---

<sup>104</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 238.

<sup>105</sup> A DEFESA DA BEIRA, Castelo Branco, 1º out. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

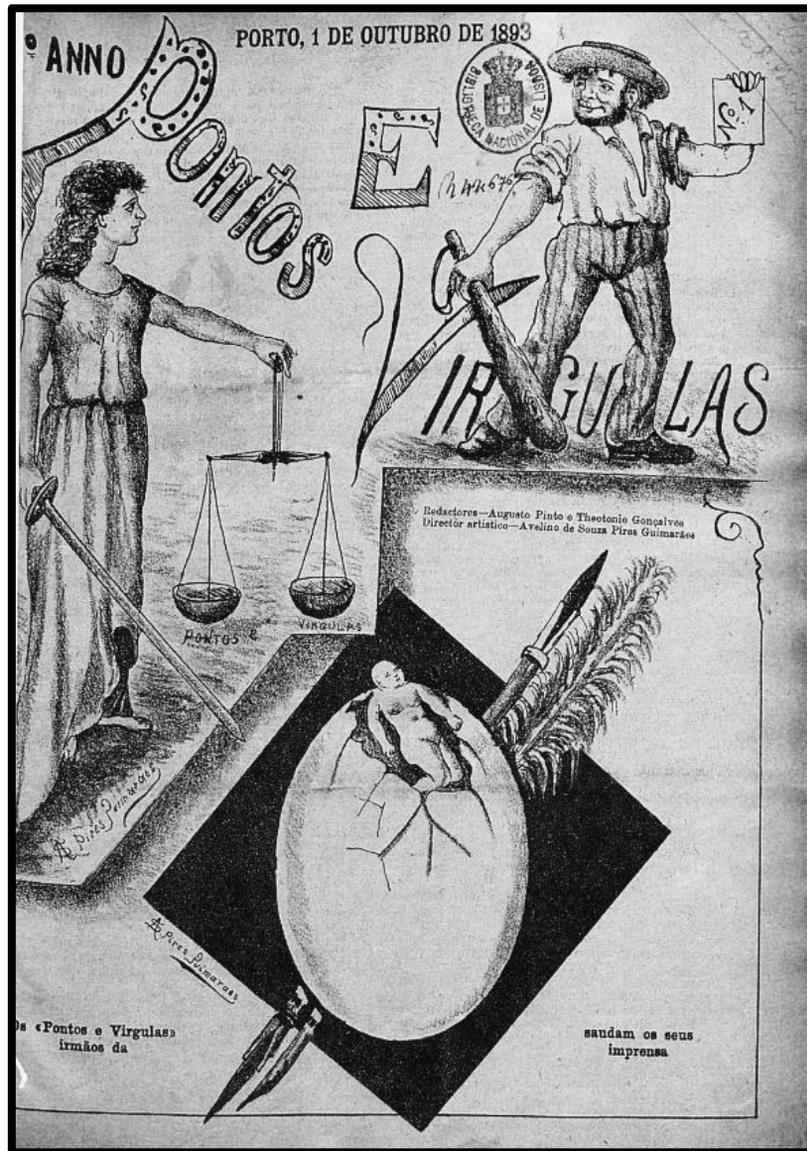


O gênero voltado à caricatura teve mais um representante na cidade do Porto, por meio do hebdomadário *Pontos e vírgulas*, que circulou de 1º de outubro de 1893 a 28 de dezembro de 1895<sup>106</sup>. Planeava ser um periódico “sem sabor de política esturrada” e “sem cheiro de ferir parcialmente influências partidárias”. Pretendia rir de modo franco e vibrante “que nem um entorse nem um propósito malsucedido” poderia apoucar, ou seja, buscaria que os leitores abrissem “os lábios em sorrisos não forçados”. Em resumo, queria ser um “moderno Diógenes da pilheria, como o antigo o era das excentricidades estoicas”<sup>107</sup>.

---

<sup>106</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 179.

<sup>107</sup> PONTOS E VÍRGULAS. Porto, 1º out. 1893. A. 1. N. 1. p. 2.



Na açoriense Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, foi projetada a circulação de um “jornal quinzenal, político e noticioso” e “dedicado aos interesses da religião e instrução”, intitulado *O Progresso*, cuja existência limitou-se à edição de 1º de outubro de 1893<sup>108</sup>. Tal projeto jornalístico pretendia estar “destinado, em especial, a tratar dos interesses da religião e da instrução, e em geral a advogar todas as questões” que tocassem “de perto não só aos terceirenses, mas a todo o povo açoriano”<sup>109</sup>.

---

<sup>108</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 202.

<sup>109</sup> O PROGRESSO. Angra do Heroísmo, 1º out. 1893. A. 1. N. 1. p. 1

PROPRIETARIO E EDITOR  
RESPONSÁVEL

SALVADOR TEIXEIRA DE AZEVEDO

**O PROGRESSO**REDACÇÃO E ADMINIS-  
TRACÇÃO

10 - RUA DE JEZUS - 10

JORNAL QUINZENAL, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO E INSTRUÇÃO

**EXPEDIENTE**

A todos os cavalheiros a quem tomamos a liberdade de enviar esta folha e não nos quiserem auxiliar com a sua assignatura, pedimos-lhe a fineza de a devolver a esta administração no prazo de 8 dias, na certeza de que, se o não fizerem, ficam considerados como nossos bondosos assignantes, do que desde já lhe ficamos summamente agradecidos.

Todos os srs. assignantes tem direito á publicação de seus annuncios, gratuitamente.

**O NOSSO PROGRAMMA**

Intercompila ha mais de um anno, por circumstancias independentes da nossa vontade, a publicação da *Opposição*, que tão bom acolhimento teve sempre nos nossos benevolos e numerosos assignantes; see hoje á luz da publicidade o *Progresso* em substituição d'aquelle, tomando tód a liberdade de o enviar a todos os nossos antigos assignantes, esperando que se dignarão aceitarlo com a mesma benevolencia, com que acceptavam a *Opposição* e dispondo-lhe a igual protecção.

O *Progresso* é destinado, em especial, a tratar dos interesses da Religião e da Instrução, e em geral a advogar todas as

questões que toquem de perto não só aos Terceirenses mas a todo o povo açoriano.

Tratado da religião, que é o primeiro, o maior e o mais universal recurso e amparo á fraqueza do homem, pois que, é ella que nos ensina tudo quanto é tocante á felicidade eterna; não podemos deixar de tratar tambem da Instrução, pois que estes dos elementos de ordem e moralidade não podem nem de vem deixar de tribuar o caminho da vida de mãos dadas, para assum conseguír o fim para que são destinados.

O bom verdadeiramente religioso, na tormenta converte o trabalho em merecimento, na adversidade acha pela religião vigor e poderoso estímulo para a virtude.

A religião na tormenta, defende-nos da desoperação, na honnança, acaneta-nos contra o descuido e arriscada negligencia.

A instrução nacional, como elemento poderoso de boa administração e de preponderancia de nosso direito, é uma salvaguarda da nossa independencia, ainda superior ao poder das armas.

A instrução baseada n'uma sã educação moral e religiosa, é a melhor provisão de viagem para a paragem da velhice; é a pompa do rico e do pobre.

Do pouco que deixamos dito se prova a união que deve existir entre estes dois elementos.

Segundo, pois a politica em que corajosa e denodadamente temos militado, estaremos sempre na brecha, tanto para eleger como para censurar, consoante as circumstancias o exigirem, os governos que se forem succedendo, fazendo-o sempre com toda a imparcialidade.

Eis a nossa profissão de fé.

**24 DE SETEMBRO**

Passa hoje o 59.º anniversario do fallecimento do immortal imperador e He-Soldado, o Sr. D. Pedro IV, bisavô do Sr. D. Carlos, o dador da Carta Constitucional da monarchia portugueza.

Abdicou d'ous cordas e collocou-se á frente dos bravos, que sustentavam os direitos de sua filha ao throno portuguez sob o systema liberal; dessembraçou n'esta illa em 1829; d'aonde depois partiu com a pequena expedição que pôde organizar, para ir conquistar o continente do reino, que gemia sob o jugo do poder absoluto.

Em seu illustre e heroico, cuja memoria nos cumpre honrar, por que lhe devemos a liberdade que gozamos.

**O DIA 28 DE SETEMBRO**

Passou n'este dia auspicioso o duplo anniversario natalicio de S.oss Magestades Fidelissimas El-Rei e Sr. D. Carlos e a Rainha a Senhora D. Amelia.

Foi um dia jubiloso para toda a nação portugueza, jubilo que se repercutiu na antiga e illustre casa Parliaments de França.

El-rei completou 30 annos e sua Excella Esposa 28.

E' realmente notavel a coincidência que se deu com o nascimento d'estas duas illustres vergonhas das casas de Bragança e Orleans, destinadas d'esde o seu nascimento pela alta sabedoria do Todo-Poderoso a unir os seus brilhantes destinos.

O bisneto do grande Rei-Soldado e a bisneta do Popular Rei das Francesas; ambos verdadeiros liberaes; ambos possuiram em subido grau a virtude da abogação.

O primeiro teve a supremacia

ventura de fechar os olhos á luz da vida depois de ver a Filha estremitada em que abdicara a coroa consolidada no throno portuguez; e segundo desceu generosamente do glorioso throno de S. Luiz quando vio que não podia harmonisar os partidos dissidentes, abdicando tambem a coroa, que não podia sustentar, em seu infante neto, o Paé da Sr.ª D. Amelia.

Que este duplo anniversario, que hoje solemnisamos e que tão grato é aos nossos corações de portuguezes, se repita por longos annos, e que os nossos Excellos soberanos possam transmitir á sua illustre prole as nobilissimas virtudes que herdaram de seus maiores, são os nossos sinceros e ardentes votos, com os quaes d'aqui lhe dirigimos as nossas humilides mas muito respeitosas felicitações.

**MORREU AO NASCER**

Depois de tantos vexames e desconsideações de que o heroico povo terceirense tem sido victima, ha um sem numero d'annos, fallava ainda a instalação do cabo submarino para nos provar, bem claramente, como o governo da metropole nos desconsidara.

Não era necessario tanto, porém, como os terceirenses pela sua cordura, não obstante as innumeradas provas, que tem tido, da desconsideação, em que são tidos; e aiú de desprazo; pelos governos que tanto lhe devem, nunca reagiram com a energia propria do seu caracter e a que lhe dá direito, o seu logar d'honra na historia do paiz, desde tempos immemoriaes, e com especialidade desde a implantação do systema liberal, o *paternal* e *recomendado* governo entendeu, que podia e devia ainda escarrococer-

*A Folha de Lisboa* foi outro semanário que circulou na capital, no período de 11 de outubro de 1893 a 21 de novembro de 1902<sup>110</sup>. Declarava que não vinha “defender facciosismos, nem atacar as hostes adversárias”, bem como não promoveria “este ou aquele sistema de governo”, pretendendo ser “de sobra independente, para que a sua conduta” obedecesse “apenas ao sublime ideal da justiça e da igualdade”. Assim, “no intuito de tornar geral o interesse” pela publicação, ela seria “política, literária, de crítica artística e teatral, e noticiosa”<sup>111</sup>.

---

<sup>110</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 335.

<sup>111</sup> A FOLHA DE LISBOA. Lisboa, 11 out. 1893. A. 1. N. programa. p. 1.



Também semanário e editado em Lisboa foi *A Nova Era*, que circulou entre 1º de novembro de 1893 e 31 de março de 1895<sup>112</sup>. Em seu frontispício, se apresentava como “folha independente” e buscava adotar uma feição popular. Dizia que não arvorara “o seu estandarte em nenhum acampamento das políticas combatentes”, e prometia não se inclinar “para esta ou aquela facção militante”. Tinha por “mira e traçado com toda a firmeza”, o combate “em prol da justiça” e contra as vergonhas que desdoiravam “o bom nome de Portugal”. Colocava-se “ao lado dos oprimidos, contra os opressores”, afirmando ser “pelo povo e só para o povo”<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 128.

<sup>113</sup> A NOVA ERA. Lisboa, 1º nov. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

ALFAMA

FOLHA INDEPENDENTE

ASSIGNATURAS

Liisboa, entre de 30 annos, 500 réis; 60 annos, 600 réis; 120 annos, 900 réis...

ADMINISTRADOR—PEDRO RODRIGUES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

101. 1.ª—RUJA DO CARMO—101. 1.ª

PUBLICAÇÕES

AVULSO—No 3.ª parte, 20 réis e mais. No 4.ª parte, no MEMORANDUM ANUNCIADOR, serie de 6 publicações, 20 réis...

EXPEDIENTE

acirralo que seja o debate aberto sobre o assumpto da imprensa...

Liisboa, 18 de novembro

A politica portugueza

Ainda que imperfeitamente, desistiu a não passar artigo anterior. Se politica se pode chamar uma...

Apontamento

Requerer e obter a apontamento nome sempre sr. João Ribeiro...

Outra vez o pão

Avda no sr. qualquer coisa de grave sobre este momento, mesmo isto, da mais alta importancia para as classes populares...

As estampilhas commemorativas do centenário do infante D. Henrique

Partinho os meus correspondentes, comparta contra a injusta resolução do governo em mandar que duas as estampilhas commemorativas...

O BRAZIL

Um telegrama de Madrid, na data de 15, veio anunciar sobre modo a realização das que seguem a lucta...

Ad sr. ministro da fazenda

Na casa da moeda foi admittida, nos foyreiros de 1872, a prestar serviço de assessorio, um individuo que...

Secretaria geral

Senhor.—A lei de 27 de julho do corrente anno autorizou o governo a emitir foras de frequencia...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Estado do cinema n'uma repartição publica

Estado do cinema n'uma repartição publica, que pedisse d'agui ao sr. conselheiro Augusto Funchal...

Na capital do distrito de Portalegre, na região do Alentejo, foi publicado *O Campeão de Portalegre*, que se anunciava como “semanário independente” e circulou de 17 de dezembro de 1893 a 12 de fevereiro de 1897<sup>114</sup>. Com uma proposta regional, afirmava que seria uma folha “sem ligações políticas”, amiga “de todos, aspirando só ao bem do país e do distrito”. O periódico dizia inspirar-se pelo “bem em geral do país”, e, “com mais ardor ainda pelos interesses do distrito” do qual se considerava “denodado campeão”<sup>115</sup>.

---

<sup>114</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 140.

<sup>115</sup> O CAMPEÃO DE PORTALEGRE. Portalegre, 17 dez. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.



Em Lisboa, circularia mais um representante da imprensa operária. Era *A Federação* que se apresentava como “órgão das associações federadas e do povo operário em geral” e foi editada de 17 de dezembro de 1893 a 15 de abril de 1900<sup>116</sup>. Declarava que seguia a ideia da reunião “do povo trabalhador nas associações de classe”, de modo que surgira para que essa união fosse “pura e refletida”. Considerava que “a força da classe trabalhadora” estava “na razão direta da solidariedade que os seus membros” mantivessem entre si, e estes seriam “tanto mais fortes, quanto maior” fosse “o grau da sua ilustração”. Destacava que só aceitaria lutas contra “os defensores declarados do capitalismo, e mais ninguém”. Em síntese, a publicação pretendia “organizar, unir e educar o povo trabalhador”, tentando “ser realmente útil e proveitosa à classe operária”<sup>117</sup>.

---

<sup>116</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 324.

<sup>117</sup> A FEDERAÇÃO. Lisboa, 17 dez. 1893. A. 1. N. programa. p. 1.



No Porto circulou ainda mais um semanário de tendência republicana, intitulado *Panfleto*, que existiu durante praticamente um semestre, entre 21 de dezembro de 1893 e 3 de junho de 1894<sup>118</sup>. Sua proposta era a de ser uma folha de combate, retomando o papel da imprensa panfletária, em suas ações de luta premeditada e planejada. Pretendia ser um veículo voltado a “combater os males da humanidade”, chamados “tirania, iniquidade, libertinagem e infâmia pública”. Declarava que surgira para “destruir uma sociedade ou um trono, um homem ou um preconceito”<sup>119</sup>.

---

<sup>118</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 153.

<sup>119</sup> PANFLETO. Porto, 21 dez. 1893. A. 1. N. 1. p. 1.

Porto, 20 de Maio de 1894

João Chagas

# PAMPHLETO

N.º 11

*Terça-feira, 15 de maio.*

O Brazil acaba de embulhar em um passaporte e de recambiar aos seus Estados o ministro de Portugal.

Este acto é de uma violencia que atordoa. Nem a Inglaterra, impondo-nos á força a desocupação de Manica, nem a França mandando sahir de Lisboa o seu ministro, conseguiram affectar tão profundamente, como acaba de o fazer o Brazil, a dignidade d'esta nação. Em 11 de janeiro, houve formulas: uma nota diplomatica, um navio de guerra, um embaixador, que fallava e tratava comoosco, embora repellido-nos; o outro dia com a França, manteve-se, apesar de tudo, um certo decoro e, se Casimiro Perier nos comminou um tratado, salvaram-se até certo ponto as apparencias mercê d'essa etiqueta internacional, a que se chama diplomacia.

Com o Brazil, nenhuma formula, nenhum resguardo. Coagido a proceder d'esta forma, ou não querendo proceder d'outra, o governo brasileiro foi tão francamente brutal, que o seu acto assume as proporções de um dos maiores desafios que se pode lançar a uma nação. O que acaba de succeder entre estes dois povos, não poderia dar-se entre dois homens sem terribes represalias. O Brazil entregou ao ministro portuguez o seu passaporte, dizem as informações officiaes; mas não foi isto. O que o Brazil fez, foi pôr no olho da rua o ministro de Portugal, summariamente e sem contemplicações. Quando um conflicto d'estes surge entre

duas nações, uma d'ellas decide-se a liquidal-o, seja onde fór, custe o que custar.

Longe de mim a ideia de aticar odios contra um povo, que apesar de todas as suas reivindicações ainda faz parte, por mil vinculos, da nacionalidade portugueza.—Insisto na gravidade do facto que se deu para melhor accentuar as gravissimas responsabilidades dos que o provocaram.

Por isso mesmo, por não ser meu intuito contribuir para excitar paixões ante este horrivel acontecimento, é que eu não fallo nem sinto inspiração bastante para fallar, a linguagem que elle reclamaria do escriptor antes de tudo cioso dos seus brios de cidadão. Por isso mesmo eu não appello para o sentimento publico e, ao contrario do que em outro tempo fiz, não grito ás armas! contra a Nação que acaba de nos offender. E' que em outro tempo tratavase da Inglaterra, a velha e funesta aliada dos Braganças, a inimiga historica de Portugal, lançada no seu furor de dominar o mundo contra um pequeno povo que por o ter outr'ora dominado com mais gloria do que ella, merecia todo o seu respeito. E' que então tinhamos por nós vantagens moraes que hoje não temos, razão que nos sobrava, justiça que hoje infelizmente não nos assiste. A Inglaterra era a força sobrelevando o direito; o Brazil é ainda a força, mas — ai de nós! — o direito tambem.

Na açoriana povoação de Cais do Pico, na Ilha do Pico, foi publicado um “semanário democrático” de nome *O Pico*, editado entre 1º de janeiro e 13 de maio de 1894<sup>120</sup>. O jornal justificava que era “democrático”, na “sua acepção mais simples”, ou seja, como “defensor dos direitos do povo” e “só isso”. Tinha por meta ser “um periódico perfeitamente imparcial” e “advogar desinteressadamente os direitos e os interesses do povo, especialmente os da ilha”<sup>121</sup>.

---

<sup>120</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 173.

<sup>121</sup> O PICO. Cais do Pico, 1º jan. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

DIRETOR  
**M. Henrique Dias**

ASSIGNATURAS  
Vols. ann. 3 n.ºs. \$100 reis.  
— 6 m. 50 n.ºs. \$750 reis.  
— Estrangeiro, anno, 48 n.ºs.  
\$1000 reis.— Sem anexo, 50 reis.  
Passeiros  
com renda trimestral

# O PICO

ADMINISTRADOR  
**J. Maria das Neves**

PUBLICAÇÕES  
Corpo de jornal, litha, 50  
reis.— Serv. de correspondentes, 30  
reis.— Previsões, por ajuste.  
— Literarias, em escripta.  
— Artisticas  
— de gravuras.

## SEMANARIO DEMOCRATICO

AÇORES



### AO PUBLICO

COMEÇAMOS por explicar o sub-titulo d'O Pico — semanario democratico. Ao sê-jê-tivo não damos a significação um tanto e quanto forçada — parece-nos — que lhe dão muitos escriptores, e mesmo alguns dictionaristas; empregamo-lo na sua accepção mais simples: defensor dos direitos do Povo. Só isto.

E agora explicaremos-nos mais abstractamente.

Aqui no Pico, como em todo o archipelago açoriano, como em todo o Portugal, não ha um periódico perfectamente imparcial, de todo em todo entregue ao dever de advogar a causa do Povo, — democrata, afinal. Uns são progressistas, outros são regeneradores, outros são republicanos, outros são as tres cousas — conformes no ventos. Todos são, por tanto, uns de duas cousas: ou primiteiro do que tudo advogados dos interesses d'um partido; ou primiteiro do que tudo advogados dos interesses proprios. Quer dizer: advogados dos interesse dos seus proprietarios e redactores.

Ora, todos aquelles interesse combinados representam uma ameaça aos interesses do Povo, que afinal não tem quem o defenda, quem o aconselhe, quem o gue, quem lhe diga a verdade para e simples, quem

lhe advogue a sua causa.

Por isto mesmo que nos resolvemos mais demonstrar, com um palavra bem clara, bem eloquente, bem enérgica — q' O Pico não vinha com outro fim que não fosse o de advogar desinteressadamente os direitos e os interesses do Povo, especialmente do d'esta ilha.

Não queremos em isto dizer que nos alheemos por completo das questões politicas. Não o podemos fazer. A propria missão que nos impuzemos obriga-nos a estar ali no meio da lucta — para fazermos a selecção de partidos e individualidades politicas. Mas estaremos ali sempre como defensor do Povo, sempre como defensor dos seus interesses — de feza em que empeneharemos l-das as nossas forças, a que dedicaremos toda a nossa attenção.

Dito isto, excusado nos parece acrescentar que a todos procuraremos fazer justiça: — as censuras a quem as merecer; os louvores a quem os merecer também. Mas tudo sem paixão, imparcialmente, com a frieza de animo dos julgadores conscienciosos.

Eis o nosso programma.

A REDACÇÃO.

### EXPEDIENTE

A todos os cavalheiros a quem remettemos o nosso jornal esperamos dever o favor de nos honrar com a sua assignatura, o que nos já agradeceremos; e d'aquelles que não queiram presençar-nos esse favor esperamos o presente n.º d'O Pico até á publicação do 2.º, que terá lugar domingo, dia em que O Pico continuará a ser publicado, afim de nos evitarem despesas supérfluas e transformos no serviço da administração.

Consideraremos como tendo-nos honrado com a sua assignatura todos os que não a reedrem ao nosso ultimo pedido.

A ADMINISTRAÇÃO

### ELEIÇÕES

Está designado o dia 11 de fevereiro proximo futuro para as eleições de deputados: e, quanto não se saiba ainda, que nos consta, q'ozes os candidatos á representação d'este circulo, o certo é que os influentes e galopias electores acham já a roda viva, distribuindo promessas e ameaças com a mesma sem-cerimonia com que o Pae do Ceu os manda de lá de cima chuva e vento.

Ora, em vista d'isto, e empeito á nossa missão, aconselhamos os electores a que se não fiem n'essas promessas, nem temam n'essas ameaças, averiguando antes quão são os indivíduos que se propõem representar-nos e defender os nossos direitos e os nossos interesses

— porque que não é para toda n'uma situação como a actual, em que nós precisamos de muito, e o Estado pode dar muito pouco.

Nad: de compromissos tomados á ora, como vulgarmente se diz. Contem pensar eu que a nossa situação d'agora — tanto geral do paiz como a particular d'este distrito — é de

— compromissos d'aquelles naturezas, á facilidade com que cada elector cede a este ou áquello e seu voto, sem pensar no quanto esse voto representa para a prosperidade ou decadencia da nação.

Não recomendamos partidos nem individualidades, como não apresentamos lista. O que fazemos é aconselhar reserva. Que fiquemos todos na expectativa. Porque depois, bem conhecidas as listas, sabermos escolher melhor.

E nada mais, por agora.

### THEOPHILUS FERREIRA

Falleceu em Lisboa, no dia 20 do proximo findo mez, o sr. dr. Manuel Constantino Theophilus Augusto Ferreira, medico muito distincto, director e professor da primeira escola normal do paiz e

ex-deputado por este circulo.

O sr. dr. Theophilus Ferreira era natural da ilha dos Flores, e filho de paes pobres: mas conseguiu, á custa de immensos sacrificios e de uma grande somma de trabalho, conquistou-se uma posição social respeitavel por todas as razões justificadas.

Por que esse, alem da seriedade e honradez do seu caracter, da nobreza dos seus sentimentos e da sua perseverança no trabalho honrado e digno, tinha a recommendação — uma elevada intelligencia, e varios outros dotes nobres de que deu sobejas provas no exercicio das suas funcções tanto clinicas como cathedras.

N'estas ultimas, já como professor, e já como vereador da camera de Lisboa, que o foi no mais acceso das luctas politicas, deu tantas provas de intelligencia e honradez, que o seu nome foi sempre respeitado pelos mais fidalgos inimigos do seu partido; e ainda depois lhe succedeu o mesmo como deputado.

Esta ultima missão desempenhada pelo dr. Theophilus Ferreira mereceu-nos algumas linhas espezhechas, visto que d'ella se incumbiram os habitantes d'este distrito, aos quaes, diga-se aqui á puridade, elle tinha uma affeição tão illustada, que quasi ficara as ruelas d'uma amizade fraternal.

Como deputado — Theophilus Ferreira não teve occasião de prestar ao seu circulo serviços, que se assignassem por quaisquer monumentos. A quadra era má para isso. Por um lado a falta de recursos; por outro a contenda com a Inglaterra: por um outro ainda as luctas internas — essas brigas sem nome que tudo compromettem sem nada produzirem. Mas mesmo assim trabalhava, e trabalhava muito, dando provas do muito que desejava conseguir para o distrito que representava. Para provar esta asserção nossa não se torna necessario apontar agora todos os seus trabalhos, todas as suas diligencias: basta citar os discursos por elle proferidos, na camera dos deputados, nos serões de 2 de julho de 1891 e 20 e 30 de março de 1892, que elle foram bastante lidos e que por consequencia ainda não devem ter sido olvidados.

Terminamos, pois, desfilhando uma saudade sobre a campa d'aquelle nosso amigo — (dizem-nos singularmente com agração que era campá rompen) — e á sua ex.ª familia endereçamos os nossos sinceros pezares.

Coimbra, capital distrital na região da Beira, contou com o *Distrito de Coimbra*, publicado três vezes por semana durante o período de 2 de janeiro a 3 de novembro de 1894<sup>122</sup>. Sua proposta era partidária e regionalista, declarando que seguiria “franca e lealmente o Partido Regenerador”, procurando defender as “liberdades bem entendidas”, a “ordem pública e a manutenção do prestígio da autoridade”. Também prometia não cessar “de advogar os legítimos interesses da cidade e do distrito”, adotando por lema: “pela pátria, pela sua regeneração e pela cidade e distrito de Coimbra”<sup>123</sup>.

---

<sup>122</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 264.

<sup>123</sup> DISTRITO DE COIMBRA. Coimbra, 2 jan. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

DIÁRIO DE COMMERÇA

PUBLICA-SE AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

Table with subscription rates: ANNUAL, SEMESTRAL, TRIMESTRAL, QUARTAL, and prices for advertising.

A NOSSA BANDEIRA

No meio das mais encontradas paixões, que para ali campegam... A nossa bandeira, que por tantos annos...

lhos do grande corpo social, que assim deve fazer o que convém... Não tem a necessidade que todos tenham, hoje mais do que nunca...

resas publicas, afretar e applicar a administração honesta e impecavel, proteger e amparar as industrias...

ramas as ses. commoções paolis, ha sua aima, honzosa parte da administração municipal. Não obstante isso, já alguns...

proceder assim—o predica das terreros estadis, eoz gaus, ao melhoramento do bairro de Santos.

(3) POEYETIM

UM HOMEM SERIO

por Carlos Bernard

Pouco ha de 1871, pouco antes da abertura das Cortes, em sessão de duas applicações e resultou, em uma...

que decaer a respeito pelo credito a um anno nos seus grupos de credito...

chard, e estabaleceram lous as cupo, depois de um tempo...

se fozem puzados de por um estorço, porém abito se uacionente lousa parte.

cometer de confias, vultu as carlas no impozitivo.

Na região do Minho, em Braga, circulou também uma folha de tendência satírica chamada *O Folião*, publicada entre 27 de janeiro e 13 de julho de 1894<sup>124</sup>. Identificava-se como “semanário humorístico” e adotava por lema a expressão “o riso castiga os costumes”, buscando, a partir daí uma “gargalhada franca e estridente”. Pretendia “criticar tudo e todos, sem ofender ninguém, nem entrar nos recônditos do lar doméstico”. Dizia não ter uma “cor política” e propunha-se a “castigar os intrujões” que pretendessem passar “por gente boa, os políticos sem convicção, os hipócritas astuciosos” e todos aqueles que merecessem “ser criticados e escalpelados”<sup>125</sup>.

---

<sup>124</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 342.

<sup>125</sup> O FOLIÃO. Braga, 27 jan. 1894. A. 1. N. 1. p. 2.



Em Lisboa circulou ainda um semanário republicano denominado *O Liberal*, que informava ter por “redação um grupo de estudantes”. Tal folha durou de 31 de janeiro a 22 de maio de 1894<sup>126</sup> e tinha uma postura extremamente combativa, dizendo que queria “uma boa administração democrática, instrução popular” e “plena garantia à independência de cada cidadão”, além de liberdade de pensamento e direito de representação. Defendia que tudo isso poderia ser obtido “sem comoções turbulentas e sem os horrores de uma revolução”, realizando-se “pela transição ou pela evolução”, até a chegada a uma nova forma de governo<sup>127</sup>.

---

<sup>126</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 63.

<sup>127</sup> O LIBERAL. Lisboa, 31 jan. 1894. A 2. N. programa. p. 1.

N.º PROGRAMMA 31 DE JANEIRO DE 1894 ANNO 2.º

# O LIBERAL

ASSIGNATURAS — (PAGAMENTO ANUUAL) LISBOA: Três mil 250 réis; Anno 2.º 4.000 réis. PROVINCIAS: seis mil 400 réis; Anno 2.º 7.000 réis. ESTRANGEIRO e COLONIAS PORT.: Anno 2.º 8.000 réis. Toda a correspondência relativa à redacção deve dirigir-se à redacção: T. DE SANTA QUITERIA, 71, 2.º — LISBOA.

NUMERO AVULSO 10 REIS Publicações Na primeira e segunda pagina, toda lista 700 réis; na terceira, cada lista 250 réis. ANUNCIOS: Contrato ordinário. Agraciamos as informações de negócios publicos. Toda a correspondência relativa à administração, deve dirigir-se à administração, T. de Santa Quitéria, 71, 2.º.

Redacção — Um grupo de estudantes

## 31 de janeiro

Faz hoje trez annos que um grupo de destemidos, valentes e ousados, tentou transformar o regimen politico de Portugal.

Faz hoje trez annos que devido á ineptia de uns e a sonhos dourados de outros, corren sangue portuguez nas ruas do Porto.

Condemnamos o movimento pela precipitação como se fez e registamol-o como um triste acontecimento.

### EXPEDIENTE

Requemos a todos os mandadores a quem enviámos a nossa folha, a breza de a desenvolverem com a mesma exactidão, caso não desejem honrar-nos com as suas assignaturas.

Como este periodico é consubstancia do ATTCMO, pedimos 25 annos de publicação porque assim a vida aquelle summario.

### O NOSSO PROGRAMMA

Nascidos no seculo XIX em que predominam as idéas avançadas, não podemos deixar de seguir as suas aspirações, dentro da esphera da legalidade.

Queremos, pois, as reformas politicas sem especulações com a alta e a baixa das idéas dos bons principios que tanto estão preocupando a nação.

Queremos uma boa administração democratica, que espalhe a mão cheia as sementes da instrução popular; que se morigeme os costumes tão salientemente profanos pelos dirigentes do povo; que se dê plena garantia á independencia de cada cidadão, que se ponha ao abrigo da perseguição da autoridade o pensamento, quando não anarchise a ordem moral da sociedade; finalmente, que o povo possa representar, sem a pressão das boyotas, o favor dos seus direitos e aspirações, quando as circunstancias a isso o obrigarem.

Depois, mais tarde, a pouco pouco, sem commoções turbulentas, sem os horrores d'uma revolução que todas as classes conquistem novas regalias, e, assim, seja pela transição ou pela evolução, como queriam chamar-lhe, chegaremos todos ao verdadeiro desideratum.

Promissas de reformas liberaes feitas pelo governo, que prohibe reuniões que a lei autorisa, não crémol-n'ellas, porque não passam de poeira lançada aos olhos do povo que tem o direito de impôr a sua soberania.

Só assim é que as letras, as artes, as sciencias, as industrias e o commercio poderão prosperar.

Habilite-se o povo para poder usar das suas immoindades pelo trabalho e pela instrução, e assim comprehenderá o que vale, o que é ter honra, dignidade e consciencia seguras dos seus direitos.

Pelo que deixamos dito é facil comprehender qual é o nosso programma a quez são as nossas idéas politicas.

### QUEM TEM A CULPA?

Diz o *Correio da Noite*:

... perco-nos patrióticos e de bom conselho, apontar o futuro que nos amosa. Só assim, havendo nos ventos de um todos o juizo no governo, se poderão conjurar os perigos para que a nossa decadencia moral nos empelle com toda a força.

Quem são os culpados da decadencia em que Portugal está?

Quem tem collocado Portugal no ultimo degrau da escala da civilização e progresso?

A resposta é simples e assim fustiga a liminação da consciencia que a produz.

E vem o *Correio da Noite* fallar n'estas coisas...

Será melhor calar-se.

### ABAIXO O GOVERNO!

(Lei de 25 de julho de 1893)

Art. 1.º O associacio do direito de reunião, quer em lugares publicos, quer em recinto fechado, não depende da previa licença da autoridade publicos sem prejuizo da formalidade ordinaria da mesma autoridade em materia de policia.

Art. 2.º Os promotores, convocadores, ou organisadores da reunião ficam obrigados a participar por scripto, por elles assignado, com as assignaturas devidamente reconhecidas, e com a antecipaçao de 24 horas, pelo menos, aos governadores civis nos comarcas dos capitães dos districtos, e de 48 horas nos outros concelhos aos respectivos administradores, o dia, hora, e local da reunião, e se esta tem por fim uma conferencia, ou alguma discussao de interesse geral ou local, ou se é destinada a objectos seculares, nos termos do art. 38.º da carta de lei de 25 de novembro de 1893.

Art. 3.º Os promotores, convocadores, ou organisadores deverão outar no dia e hora da reunião, e se esta tem por fim uma conferencia, ou alguma discussao de interesse geral ou local, ou se é destinada a objectos seculares, nos termos do art. 38.º da carta de lei de 25 de novembro de 1893.

Art. 4.º As reuniões de caracter scientifico, litterario ou artistico, que se realizam em quaisquer associações, cujos estatutos sejam legalmente approvados, nem as reuniões que os estatutos das mesmas associações...

Art. 5.º Serão dissolvidas as reuniões publicas, e observar-se-ão o disposto no art. 177.º e seus §§ do codigo penal, quando deixarem de cumprir as prescrições dos arts. 2.º e 3.º d'esta lei, quando n'ellas se transgredirem por qualquer modo as leis penaes, e bem assim quando se desviarem do fim legal para que tinham sido convocadas, ou por qualquer forma perturbarem a ordem publica.

Art. 6.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

O governo praticou um attentado altamente revoltante contra a lei, bem clara aos olhos do povo: a calouza todas as liberdades do cidadão.

Fôra os convocadores da ordem publica!

### ABAIXO O GOVERNO!

### A CONFERENCIA DO SR. FUSCHINI

O ministro do ministrio da fazenda é d'uma habilidade espantosissima. E tivemos isto porque aquelle subdelegado a petulancia de ir fazer uma conferencia na *Liga Liberal*, como os leitozes já tiveram conhecimento, depois de pedir a uma desleal do ministrio da fazenda.

Dizemos petulancia porque, quando tinha ao poder, renunciou os seus principios democraticos. Actualmente está o tomamos com o seu socialismo de cobardia.

A imprensa especializada fez sentir sua presença também em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, nos Açores, através da revista mensal *O Agricultor Açoriano*. Tinha por dístico “progresso com prudência, prática com ciência” e circulou entre janeiro de 1894 e dezembro de 1895<sup>128</sup>. Acreditava que preencheria a lacuna da “falta de um jornal de especialidade” e propunha-se a “advogar os interesses agrícolas dos Açores em geral e particularmente” os daquela “região agrônômica”. Dizia não ter “a menor feição política” e buscava fomentar e difundir conhecimentos de natureza agrícola, concorrendo “para o aperfeiçoamento moral e material da agricultura”<sup>129</sup>.

---

<sup>128</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 33.

<sup>129</sup> O AGRICULTOR AÇORIANO. Ponta Delgada, jan. 1894. A. 1. N. 1. p. 1-2.

# O AGRICULTOR AÇORIANO

Progresso com prudencia Pratica com sciencia

DIRECTORES-PROPRIETARIOS

*Antonio d' Andrade Albuquerque Bettencourt, agronomo e Marianno Raposo Alvares Cabral, proprietario agricultor*

REDACTORES

*Antonio d' Andrade Albuquerque, agronomo. Aristides Moreira da Motta, advogado. Arthur Avellar, agronomo. Bruno Tavares Carreiro, medico. Antonio d' Andrade Albuquerque, (dr.) proprietario agricultor. Diniz Moreira da Motta, engenheiro. Duarte Clodomiro Patten de Sá Vianna, agronomo. Francisco Affonso Chaves, naturalista. Francisco d' Andrade Albuquerque, proprietario, agricultor. Gil Mont' Alverne de Sequeira, medico. Guilherme Fisher Berquó Poças Falcão, advogado. João Estevam de Mendonça Brandeiro, medico veterinario. João Nogueira de Freitas, agronomo. José Machado de Seroa (dr.). José Maria Leite Pacheco, medico veterinario. José Maria Raposo d' Amaral Junior, proprietario agricultor. José Pedro de Jesus Cardoso, medico veterinario. Manuel José Avila (padre). Marianno Raposo Alvares Cabral, proprietario agricultor.*

EDITOR E ADMINISTRADOR  
*Jacinto de Souza Cardoso*

**FEVEREIRO—1894**

**SUMMARIO**

| Snrs.                       |  | Pag. |
|-----------------------------|--|------|
| A. A. A. de Bettencourt...  | Chronica .....                         | 19   |
| M. R. A. Cabral.....        | Factos agricolas do estrangeiro....    | 21   |
| A. A. A. de Bettencourt ... | Emprego do schisto contra o philoxera  | 23   |
| M. R. Alvares Cabral.....   | A cultura do milho.....                | 24   |
| C. d'A. A.....              | Alimentação pecuaria.....              | 29   |
| A. A. A. de Bettencourt ... | O gado bovino.....                     | 30   |
| J. V. Paula Nogueira .....  | A exposição da sociedade d' avicultura | 32   |
| M. R. Alvares Cabral.....   | Revista commercial.....                | 33   |
| =                           | Preços correntes de varios mercados    | 34   |

*O Agricultor Açoriano* sahirá mensalmente em fasciculos de 20 pag. em 8.º gr. a 2 columnas.

As assignaturas começam sempre no 1.º de janeiro de cada anno e findam em 31 de dezembro. Pagamento adiantado.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Ilhas e metropole—um anno 1:500 réis insulanos; Estrangeiro 2:000 réis.

**Numero avulso 200 réis**

**ANNUNCIOS**—preços convencionaes

|   |   |
|---|---|
| Toda a correspondencia relativa á administração deverá ser dirigida a Jacinto de Souza Cardoso, Rua de S. Braz 104. | Manuscriptos, consultas e quaesquer pedidos de esclarecimentos deverão ser dirigidos a qualquer dos directores acima citados, Rua de S. Braz 104. |
|---|---|

**PONTA DELGADA**  
**S. MIGUEL—AÇORES**

Mantendo um espírito republicano, *A Plebe* teve uma fugaz existência, entre 3 e 25 de fevereiro de 1894<sup>130</sup>, na capital do reino. No cabeçalho, estampou “semanário independente”, mudando para “folha independente e democrática”. Almejava atuar “pelo povo e para o povo”, sem compromissos partidários e com o “único intuito” de “advogar os interesses populares contra todas e quaisquer maquinações” que menoscabassem “os direitos do povo”, sempre “calcados e cerceados pelas classes superiores”<sup>131</sup>.

---

<sup>130</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 177.

<sup>131</sup> A PLEBE. Lisboa, 3 fev. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

ANNO I LISBOA, 3 DE FEVEREIRO DE 1894 NUMERO I

Proprietario e gerente — E. FAVILA

ASSIGNATURA (paga adiantada)

Lisboa, portadas e libras: ...

Numero avulso, 10 réis

ADMINISTRAÇÃO

Rua de D. Maria Pia, 15, 3.º-D. (a. Campo de Ourique)



ADMINISTRAÇÃO

Rua de D. Maria Pia, 15, 3.º-D. (a. Campo de Ourique)

Pelo Povo e para o Povo!

ERATA, que se meilte atentamente em o diário para que seja comprehendida a índole e os fins da nova folha — A Plebe.

A Plebe apresenta-se sem compromissos e submettem-se a vontade particular de qualquer grupo politico; o seu unico intuito e advogar os interesses populares contra todos e quaisquer machucados, que tenham por fim menoscabar os direitos do povo, de ha tempo calçados e cercados pelas classes superiores.

A Plebe castiga severmente por actos os meios ao seu alcance os actos de qualquer de toda e qualquer cõrparação, que tendem a explciar o trabalho, a destruir o cambio do progresso, a cortar as manifestações da intelligencia da vontade geral das massas populares, que em todas as epochas sempre se tem dado por divisa — a justiça, o bem-estar, a liberdade, a solidariedade e a harmonia — que tras consigo a força e o direito.

A Plebe, desmascarando todos os conatos, todas as combinações, todos os compromissos, que o egoismo, a mal fé, a torpezza e a vilania das classes dirigentes tem posto em pratica para cada vez mais envenenar, empoisonar, e cegar os pés a humanidade da civilização e do progresso, tornando-a na lama das ymagens, das exortações via, enclodando-a no chroco impudendo, onde refocila o interesse dos particularis, pretende arrebatá-la aquelles que a comproum, para ergual-a a altura que se lhe devida, consorcando-a nas améas suas, fortalezas invencíveis, que seja impereccida pelos torações do povo, dividida pela intelligencia humana, e onde se lei unica, lei immutavel, a victoria da opinião universal sobre a especulação de uma pequena parte, que ante as necessidades do estomago e as mi- seráveis necessidades do cerebro. Vivamos para a intelligencia, vivamos para o trabalho, vivamos unidos para o bem entre geral.

A Plebe não tratará questões de personalidade; e esse um dos capiteis pontos de seu programma. O individuo sera tratado impavidamente nos seus actos publicos; quer para receber o elogio que merece os seus serviços, quando elles o merecerem, quer para expulso no pelourinho affresco da justiça publica, manuscrito, acroscendo a gravilha vergonhosa de seus actos infamantes e estragos no prestigio impopular da vindicta das classes salvadas.

Em o nosso fim, é este o programma de que propozemos não nos afastar. Que aquelles a quem e dirigido tecuntem as nossas ideas, que seja comprehendido o nosso fim, que os voluntarios não se excedam em alistar-se nas nossas fileiras. A Plebe veia realizado o seu objecto — a decaer e o triumpho da nossa vontade, que é a vontade do — povo!

A politica engenho

A situação politica do país não deixa de ser singularmente interessante. O governo não governa, porque realmente não pôde governar, tanto se deixou enfraquecer e desprestijar, mas, de vez em quando tem arremessos e verdades furtivas de austerização, que o fazem acreditar muito forte, se d'ahi a pouco não cahisse nas transigencias mais desastrosas.

Andando a proclamar que o país o que pede e quer é administração serba, honesta e economica, interrompe o estado de todas as questões pendentes e cobrange d'ultima, vida e coração as eleições. Ninguém pôde neste momento dizer o que é que quer o governo, porque ninguém o sabe ao certo, nem o próprio governo. E o país começa a afastar-se de tudo isso, manifestando bem claramente mais do que a sua desconfiança, o seu desgano.

Não está ainda ha um anno no poder e tem tido a cara habilidade de alienar todas as sympathias, de declinar todas as adhesões, de annullar todas as influencias, como se o seu maior empenho fosse tornar-se incompativel com toda a gente, a começar pelos particularis e dar cabo d'uma missão, que como poucos, teve a auspicio de um estro superior.

Chegam a uma situação que todos acreditam que se não podem sustentar mais. No meio de tudo isto, porém, devemos notar que os factos recentes demonstram a evidencia que, se o governo não tem mostrado a altura da gravidade das circumstancias, nada mais fãcil com tudo do que dirigir e disciplinar os descontentes, que se nos affigura constituir em neste momento a grande maioria da nação. Com um boqueio de bom senso ao serviço de processos de administração honestos e leaes salvar-se-hia o país da medonha derrocada que o ameaça.

Diz-se que o que nos falta mal era ninguém saber o que queria e aliaguen estar no seu logar. Ora parece-nos que se se chegou a periferia não só de saber o que cada um e todos querem, mas também de ver todos e cada um no seu logar. Mas — causa paradoxica — quando isto succede é justamente o governo que perde a cabeça, dando por pans e por pedras, arrastando conflitos e criando complicações por sua conta e risco, sempre muito satisfeito de si e a pensar... nas eleições!

As opposições ninguém sabe tambem o que querem, são brucias são as transacções porque passa a sua attitude. Hoje irreconciliáveis, amanhã conciliáveis, hoje muito serenas, amanhã muito estudas, hoje todos benevolentes, amanhã todos hostis. Não depressa querem deixar o governo ao chilo como o querem amparar e converter como se se acabasse o riuado se elle se demisise. E não ha meio de entender nem um... nem outros!

Nos círculos melho informados corre como certo que o ministro Antonio Ennes parte para a Beira (Alcãbalque), afim de reconhecer e estudar a linha de fronteira. A especulação conta que o diplomata e illustre dramaturgo fez a sua primeira viagem a Africa oriental não se permitiu esquecer o oulter Leverton. Vai agora, com poderes plenos e secretissimos que o seu neto drama terá muitas representações... em Londres!

A dissolução das associações

Consumo-se o attentado e não se pôde ir mais longe no atropellamento das liberdades publicas. E um d'estes actos de loucura que a historia dos povos, felizmente, raras vezes menciona e que encontram sempre castigo immedito.

A dissolução das Associações industriaes e commerciaes de Lisboa em quem está aqui ninguém acredita, porque todos estavam convencidos que se reconheceriam, por parte de quem tinha obrigação de o reconhecer, a situação grave em que o país se encontrava, e um facto consensado. Desgraciado mil D. de S. ppo, o anno do ultimatum, que a lancia dominou completamente os alcos poderes do estado. Os erros succedem-se aos erros e tudo parece preparar-se para a perda da independência nacional.

Não basta as questões internacionaes, não basta a crise economica, não basta a critica situação da fazienda publica, é preciso que tudo isto seja actualizado pela revolução e o governo, que devia manter a ordem, faz os maiores esforços para levantar as massas populares justamente indignadas com as suas propensões loucas e com a sua falta de tino para uma senaria administração.

A luta que o governo pretende travar com as classes que todo pagam e que por isso tudo podem, é uma senaridade insuadida, é uma injustiça revulvente, é uma insidia, que merece o mais serio correctivo.

Negociantes e industriaes queriam reclamar contra uma venozosa contribuição pelos meios que as leis lhes facultavam, conservavam-se portanto dentro dos limites da ordem, porém esta attitude pacifica não convinha ao certo ponto ao governo sequioso das grandes commoções da revolta popular, e é esse governo que os vem incitar a sair da ordem em que se mantinham e a lançarem-se nos meios illegaes da revolução que são sempre perigosos para o prestigio da nacionalidade.

Mas quem tem o este momento autoridade? O governo decerto que não, porque a perdeu demonstrando que é inepto para estar a testa da administração do estado.

O que se pretiam não é um acto de força, não é um acto de energia, é um acto de loucura que o maior dos despojeiros recuará em sancionar.

Não protestamos em nome da liberdade offendida contra tão revulvente attentado e contra tão espeziosa provocação.

Parece resolvido que os proprietarios das mais importantes estabelecimentos fabricis, commerciaes no seu protesto contra a contribuição industrial, fechada as suas fabricas, lançando assim na miseria alguns milhares de operarios. E malissimo grave esta resolução e não lha accedehamos. Se vai cretar no governo embarracos serio não deixa de ser de tomar afflicta a sorte de milhares de familias que serião as victimas innocentes dos tristes accedehimentos a que nos tem levado as desgraçadas administrações dos governos d'estes pobres paiz.

A cidade em Villa Viosa não que fallar, até votou para a proxima eleição ali cahiram, fallando-se tambem de missivas d'um illustre portuguez que se deu em galopar na eleição por Evora. Onde isto chegou!

A ordem da semana tem sido o conflito entre o governo e os commerciantes e industriaes.

A ordem da semana tem sido o conflito entre o governo e os commerciantes e industriaes. Estes não querem pagar mais, aquelle não quer reduzir fóra do parlamento, a lei da contribuição industrial.

A lei é vexatoria e inequa. Duplicar as taxas, fugido ao principio da proporcionalidade, que é o mais justo e equativo, para que cada um pague conforme deve pagar, não é realmente systema de lançar impostos.

Mas é preciso não esquecer tambem os commoedores a quem o commercio tem arrejado de ha quatro annos a esta parte, com o encurtamento dos gneros de primeira necessidade. Os commoedores é que tem pago as differenças.

Atravesse-se como quizerem, mas lembrem-se que o povo não pôde pagar mais e que se é preciso criar receitas, não insistem com o imposto de consumo, porque se recorrerem a elles, a proclamação vem para a rua!

Na hypothese, aliás muito provavel, da demissão do ministerio Hintze Ribeiro, assegura-se que será ministro da marinha e ultramar na funca situação o sr. conselheiro Antonio Ennes. Quem irá medo deliciar Manica? Outro dramaturgo?

Parece que o governo começa as negociações preliminares d'um empenhoso importante que será feito por banqueiros ingleses, e diz-se que o este momento a uma das suas maiores preocupações. Diligencia, portanto, ser agradável a Inglaterra para que o empenhoso possa ter-se effectivo.

O governo prohibio que a Sociedade de Geographia discutisse o tracado das fronteiras na Africa oriental, allegando motivos de alto interesse politico e porque tal discussão poderia prejudicar negociações diplomaticas pendentes. Esta prohibição explicita-se: todos sabem com que desastrada sorte o sr. Hintze Ribeiro tem negociado com a Inglaterra as questões de limites.

Os decretos dissolvendo as Associações commerciaes, industriaes e do lapin de Lisboa tem a data de 31 de janeiro. Singular ephemeride!

No ministerio dos estrangeiros está-se mobilando resamente o gabinete para o sr. conde de Sabugosa. Deve entrar caro, porque as forças do thesorero não permitem mais.

O governo conta nas eleições por Lisboa com os votos da guarda municipal, guarda fiscal e policia civil, cerca de 2500 votos de chapa. Para sem accedehamos que consiga annuar a desgraçada situação em que se collocou, e que o leve a adiar o acto eleitoral.

Não ha memoria de manifestação tão unanime como a de segunda feira na cidade de Lisboa. E o mais notavel foi a coesão e o ordem com quequelle protesto foi feito. Os manifestantes mostravam que sabiam tão bem defender os seus direitos, como cumprir os seus deveres.

Assim é que é!

Também em Lisboa, foi projetada a publicação diária *A Pátria*, que não passou de 8 de fevereiro de 1894<sup>132</sup>. Apresentava-se como um “jornal independente” e intentava pautar-se em uma “ação moral honesta e digna”, com uma política embasada na consciência, “alheia a corrilhos de cortina e influência eleitoral”. O jornal dizia que atuaria “pela pátria, contra todos” que a traíssem, ameaçassem e desonrassem, sendo “independente, altivo, forte e sincero” exercendo uma “missão justa e digna”, naqueles “tempos de desânimo e descrença”<sup>133</sup>.

---

<sup>132</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 160.

<sup>133</sup> A PÁTRIA. Lisboa, 8 fev. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

INDESSO TELEGRAPHICO PATRIA - LISBOA ANUNCIOS E COMMERCIAES... 25—Colpá de Paço—33

JORNAL INDEPENDENTE

ADMINISTRADOR LEONEL LOPES PEREIRA... 33—Colpá de Paço—33

A PATRIA

Atravessamos uma quadra social profundamente descestrada, soturna pela ausência completa da energia dos fortes e da pura convicção dos honestos. O desengramento politico d'alguns dos nossos homens publicos mais em evidencia, a desorganisação flagrantemente que vai pela administração do Estado, a desigualdade tributaria que de-comenta em inovejas abaladas, mas justas, a população obrera do país, continuamente com mil desvarios de governos que sacrificam o bem da nação a caprichos ou simonias de cordel, tudo isto nos tem levado a esta apollida morte e sóz á insubstituível em que nos debatemos, ás vezes galvanizados, n'uma chapasqueira marada de neuras letargicas, que previam para um povo, que foi glorioso e grande, ministro e epico, nmas de fandas e infelicitissimas preoccupações, um futuro proximo d'irritações intestinas e semelhanças de consequencias sociais. O periodo actual, inerte como urdo-olhos profeticos e atira, dividido de boas obras e de grandes d'irrigações, apresenta-se a nossa vista clara e imparcial estado d'immortalidades, propendemente em conveniências d'algum heira, desprecador e supbeo, arastando cismoso d'acordo com fogueira d'histria de caso, por here e petalante, querendo fazer o bem e fazendo o mal, pensando grandes obras e praticando ideias letargicas.

Neste momento agoumo em que a nação portugueza se deve esforçar pela sua regeneração financeira, em que todos devem pensar em meios de salvagem em providencias, e este momento historico da desgraça e do desanimo, não será nunca de mais a publicação d'um novo jornal, energia nas suas convicções publicas, segundo a politica liberal dos paizes constitucionaes, julgando com auctoridade e desentumido imparcialmente, a Patria tem a pretensão de vir á luz n'um momento solemne como este. A sua acção moral, quanto em si combor, será honesta e digno, guardada pela innocencia da nova promea, e pela virgindade das nossas convicções. A nossa politica, já a demoa a entender, é a nossa consciencia, para que todos julgamos bem, está allheia a corrução de cortias e influencia padrica. Seremos pela patria, contra todos que a traíam, contra tudo que a amenga e deshonra. Independentes: como quem está deve, alittos como quem é

forte, por sincero no que escreve, não recuamos no intuito que nos impoemos, que a chamamos justa e digna d'estes tempos de desanimo e da descrença. Grandes dedicações—eis do que precisamos.

Parte do dia 13 para Lorenzo Marques, e sr. Manoel Neves de Figueiredo, illustre proprietario e negociante

ESCADALO

Diziam-se de varios nomes e feitas a conferencia que e sr. Facchini foi na Loja Liberal. Ao lado de nossos preoccupos inapuzhadas, haure algumas opoitas astuciosissimas e que manifestam a independencia de caracter d'alguns dos nossos jornalistas. O que dizem, porém, os defensores dos ministros que têm subido as escadas dos historicos ministros, se sombrosam um escandaloso misto facto praticado ha tempo ao ministro da fazenda?

Dizem, e sem talves sergeio mais a consciencia e por nos. Obedeço o que enbombaros perbenzinhos, respectivamente. Eis o poi: Quando, em 1886, sua das referencias cujo era por se os artigos de fazenda á mercê da politica sempre a peca em emissoão, o popular Mano Chato, d'uma fazenda, soumo para lugares exaltados (117) pelogos que no mesmo dia elictorem tres despochos, e despochos que se elevou a uma cathedra só mais tarde, deida por individuos com sergios inco-testantes.

Mas, com frequencia, o unico calpeço não foi o popular Mano Chato mas o compadre Chico. Mais facil desenvolveramos este escandaloso que os empregados fascistas deviamos agrupar, mas que infelizmente ha tempo caldem... e que ora... coasente? Se gritaram quando o illustre secretario Facchini, com o intuito de dar garantias devesse salutar as fuccionarias publicas, não se deixava a compoasicaes que choravam como joago de gullottas abascano o corrupto meio da politica indigena. Então, caprichos dos habitantes d'este paiz á betra-our plantado...

Uma queda real

A sr. D. Maria Pia, extraviadamente no nosso augusto soberano, quando hontem seia para o wagon que a conduzia ao Estoril, fellidat e 14... e 241 deu uma pegasima... quiet. Di- gnosencia informar os nossos leitores, immediatamente ficamos saber do caso, tendo-nos dito que a sr. D. Maria Pia, apas- sara soffrera o susto.

Alitta hem. Realitico se hontem o funeral do sr. commissario da policia Balthazar. A officialidade de influencia n.º 5, estava-se representada pela sr. melhor Silva, ocaize Jaldit, Xavier, leonate-ajudante Lisboa e apogante João Chinnico. Foi uma homenagem que offerecia d'agradecimento queramos prestar ao fallecido, que era irmão do revogado consog Balthazar, capello d'aquele regiminto.

BRAZIL

Continuam a ser contradictorios as noticias salidas sobre o estado da Republica, os aprofundos. Os leprosasmas, de diversas procedencias, umas politicas e outras brasticas ainda descurtiam mais a opinião, que continua indolenta, sem prever qual será o fim d'uma situação cuja esua ainda não está perfeitamente definida.

A Havana no seu leontismo, mltura á sua modo as criticas de fora e se centenas de noticias e visitas de Londres, de Paris e d'ou- tras cidades d'exploração heitica, temo dada ao movimento revolu- cionario heitico um caracter puramente explorador.

Por cá a nossa imprensa, tem dito coisas curtos sobre o caso, bordando-as de considerações que, quando não são suggestivas, são clavaes. Não nos resta, diligenciar-nos sempre ser imparcial na apre- ciação d'esses acontecimentos que temo agora mais que nunca, occupando as atenções de todos aquelles que seguem os acou- tamentos d'esta urtica e que vivem a terra brasileira, da qual, no seu estado normal, temo ha a esperar.

Londre-tem-nos, pois, agora a apreciação, conscienciosa d'esses acontecimentos e á critica ainda mais conscienciosa de alguns artigos que a imprensa brazileira se tem referido a nós, á publicação dos telegrammas que, de todas as procedencias acceitamos nos fere- mos d'apenas.

A Havana diz-nos hoje que o almirante Salibanda da Gama pedio aos representantes da França, da Italia e da Inglaterra que o recob- struimento contra heitico e que o governo local continua prendendo a torto e a direita quem des- corda da illa seja Bol. Alon d'Almeida diz-nos o mesmo telegramma, que temo sido gerava alguns es- trangeiros suggestos e que temo finalmente as discussões entre Salibanda da Gama e Custodio, tendo seio tentado sublevar dois regimentos da guarda nacional, o que não coasogou.

Uma pergunta nossa: Quantas vezes tem o Havaz dito isto? Crems, porém, que a situação difficilissima depende do almirante americano Benham, que é hoje em dia, o Car de castela inter- nacional.

N'uma carta sentimentalista que Balthaz hontem publicou o dr. Alves da Veiga recusa-se a figurar na lista dos deputados que se re- publicanos apresentam á eleição. E' pena. Sua ex., cujo talento o publico conhece, teria coasogado, caso fosse etico, de mostrar ao parlamento o seu vigor oratorio e argumentativo.

AS ENTINAS ASSOCIADAS

Segundo nos consta se associou Cota dissimulada vho coasogou as suas pegrificações no paço real. E' o sr. propoalito, gritaram em junho da allissima personalidade do sr. contra a contribuição indigena.

Continuam no caminho que en- tucacamos e a nossa ve e a re- sultados não serão corvos de a contudo dos seus boim despojos. Mas a nossa opinião continua a ser a mesma, e a mesma.

O exultado espirito do nosso re, é bom indico para que depois de se apresentarem do seu proprio, segredo se, uma lista de nome, parando-se monarcico, recob- stram como resposta, a Freira e Jo- nana extirpa allucção real: du- feret na devota consideação d'

suppior dos seus subleto, ja- reme e gestos dos seus subleto. Quanto á obra votemos a do- po palacico.

Grande explosão-morte

No dia 2 de corrente, na corral- lica em que estava recebendo o- ficio do jurisdiccional heitico José Lopes Fernandes, o Espirito d'uma fabrica de pyrotechnica na illha de S. Miguel, Baymondo Silva Espingarda, de Coimbra; ex- plodiu a dita fabrica, causando d'explosão e morte d'alguns.

Alguns jornais noticiam que o sr. Jayno Artur de Costa Pinto, (vulgo Costa Pingão), foi encerra- do por sua moqueado e rei de indagar quaes as circumstancias em que se encontrava na fabrica dos usinagens da casa de Cas- coaes. Tal commisso tem por fim acor- rer convenientemente essas vi- cissitudes da fatalidade.

O Jayno está cáta vez mais pin- pal... Ella há se estende...

NOVIDADES

Foram nomeadas para servir no divido naval d'altra oriental os 2.º tenentes Alfredo Pereira Capor e José Maria de Silveira Bal- lada.

Foram querellados aquelles jor- nales; Dr. Corvello da Noite, Corvello do Tempo, Noticias, Va- porenta, Nação e Tempo.

Dos artigos querellados do dia assumo a responsabilidade o sr. Gomes da Silva; da do Corvello da Noite o revor, das do Corvello do Tempo o editor, das da Vaporenta o sr. José Tommas; das da Va- porenta o sr. Alton Corvello, da Nação o editor, não se sabendo allude quem assumo a respon- sabilidade dos artigos do Tempo.

Dois artigos querellados do dia assumo a responsabilidade o sr. Gomes da Silva; da do Corvello da Noite o revor, das do Corvello do Tempo o editor, das da Vaporenta o sr. José Tommas; das da Va- porenta o sr. Alton Corvello, da Nação o editor, não se sabendo allude quem assumo a respon- sabilidade dos artigos do Tempo.

—Vae pedir a sua exoneração o sr. dr. Appolinario Borja Galvão, administrador de Corvill.

—Havaz hoje, assala lura real. —Fario no dia 23 para a Africa Oriental o novo augto Alfredo Pe- dreiro Capador, dignissimo 2.º in- tendente da armada.

—Ingressou á capital o sr. ge- neral-civil de Évora. Como re- gular no projecto os d'aptes, ferre- mos votos para que o seu estado de saúde... não soffra alteração.

—Correm boatos que o illustre dr. Malhoa, governador civil das gentes algarvias, va ser demitti- do (7) do seu allissimo cargo, antes de se despedir d'ellas.

Não tem sabemos o que são ne- cessidades da vida.

O'Prego-entredos-outra causa de azeite dos porcos de S. Vi- cente de Beira grida contra a Gal- macão das matizes no nosso paiz.

Pois ainda ha alguns que igno- ram como servio de fazenda d'opos- os matizes?

Quem quizesse que o actual mi- nisterio depois da reconpoição continuava a sua sonda de medidas accretadas com que hontem a sua administração, engano-se recon- tando.

E a prova vem na cascheo de exercicio das commissões in-

carregadas da avaliação nos pro- cedios, facto com que o Marquês assinalou a sua entrada para o ministerio da fazenda.

Desorganisa-se os que vivem d'illu-ção— não pagam os tributos, só para quem quer.

Se todos contribuíssem proporcio- nalmente, o paiz vivria desafoga- do a não sero necessario e esgrasamente d'impuctos.

A nacião eleitoral, porém, pro- ceu a montar se e o carbonio é lar- gado pelo grande. O governo contenta-se com sublevar o car- netto com heitico e caso he enloja esta comita os exaltados publi- cos preparam he o peço esqda que as sublevar amosara a fugir as guardas municipaes.

E' não muito a terra. Põe-se o estanojo de preferencia á comenda.

—O sr. Leite Eugenio Leitão te- ve hontem uma conferencia com o sr. ministro de fazenda tratam- do quando nos conta da que- lido ainda pendente a allitude do commercio.

—O novo prezado collega do Corvello da Noite publicou hontem um artigo notavel, d'José Maga- lhaes El rei e dr. D. Carlos E. In- ducido o prezado do Imperador o Bol. D. Pedro IV d'irrigado á nacão portugueza em 1828, a propo- sito de varias d'irrigações constituicioneas, como a dissolução das camaras e a não concessão de em- prezas d'outras. O exemplo illustre d'agroravel, porque é de- rido.

—Ingressaram a Lisboa os sen- tidores das sublevar e das obras publicas, o proprio visco d'Alcantara, o augente de Citra e Casares, mas foi recebido com entusiasmo.

—Um delegado da associação industrial e commercial da cidade remittiu ao scriptorio do sr. Es- tacio Leitão.

—Podemos afirmar que o au- tor do artigo que o novo illustre collega Corvello da Noite publicou, o qual foi querellado pelo sr. Va- porenta, não é, como maliciosamente insinuava a Vaporenta, o ex.º sr. João de Lorraino de Castro, e como hoje o Director pretendo commostrar o publico.

PIPAROTES

Como n'uma lora e borzo fillo de nosse illustre Quasquer desobediencia sem paço a sr. Altoprevisi. E se de cá castela. Mas d'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Agriam malta a Malhoa emba mba mba. E, dia a coza sem heber: chomo coasica e solio. Do que a simples papaveo? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Revelado regulam. Espicre a tal venozada, heitico e mba mba. Com a malta coasica: heitico e mba mba. Mas d'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Ha tanto agriam... heitico. —Sr. Estacio Leitão... heitico. —D'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Ha tanto agriam... heitico. —Sr. Estacio Leitão... heitico. —D'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Ha tanto agriam... heitico. —Sr. Estacio Leitão... heitico. —D'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Ha tanto agriam... heitico. —Sr. Estacio Leitão... heitico. —D'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Ha tanto agriam... heitico. —Sr. Estacio Leitão... heitico. —D'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Ha tanto agriam... heitico. —Sr. Estacio Leitão... heitico. —D'onde vho peca? Quascher e vago heber? Pois non se aturra.

Uma publicação voltada às possessões lusas circulou em Lisboa, entre 1º de março de 1894 e 5 de julho de 1897<sup>134</sup>. Era um quinzenário chamado *Revista Colonial* e justificava sua edição por considerar que andavam “pouco vulgarizados os conhecimentos relativos ao domínio ultramarino”. Explicava que havia “várias publicações que davam às colônias notícia de Portugal”, entretanto, não existiam “publicações especiais regulares” que dessem “a Portugal notícias das colônias”. Detalhava que tratavam “desses assuntos os jornais políticos, mas só ocasionalmente e segundo o ponto de vista” em que os colocava “a sua orientação partidária, a qual nem sempre” correspondia “aos verdadeiros interesses da nação”. Nesse sentido, compreendia que uma edição como a que estava sendo encetada, ajudaria “a preencher uma lacuna que não deveria continuar em aberto”<sup>135</sup>.

---

<sup>134</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 237.

<sup>135</sup> REVISTA COLONIAL. Lisboa, 1º mar. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

# REVISTA COLONIAL

PUBLICA-SE NOS DIAS 5 E 22 DE CADA MEZ

DIRECTOR: CARLOS LISBOA — ADMINISTRADOR, ANTONIO DE LIMA

LISBOA—R. DA ATALAYA, 42—LISBOA

---

NUMERO 7      5 DE JUNHO DE 1894      ANNO I

---



FRANCISCO TEIXEIRA DA SILVA

(Biographia na pagina 56)

---

## AVISO

Por conveniencia da administração, este jornal publica-se nos dias 5 e 22 de cada mez—isto é, na vespera da sahida dos paquetes para a Africa.

LISBOA, 5 DE JUNHO DE 1894

Como presumiamos, da interrupção de relações diplomaticas entre os governos portuguez e brasileiro, não tem resultado por ora sensiveis perturbações commerciaes.

Estando em bons termos as negociações para que se restabeleça a harmonia entre Portugal e Brazil, e acceta pelo marechal presidente a mediação da Inglaterra, é de esperar que os acontecimentos não irão mais longe, e que nada mais haverá para uma e outra parte, além do natural desgosto por um conflicto, que não tem justificação possível.

O incidente, foi mesmo até certo ponto favoravel a Portugal, que teve occasião de ver a seu lado toda a Europa, e ao governo portuguez, que pelo acerto, e correção, inextinguíveis, em todos os seus actos n'uma questão de tanto melindre e gravidade, provou honradez, e capsidade, inspirando assim confiança ás outras nações, apesar de prevenidas contra as cousas portuguezas pela diffamação systematica que nos persegue de ha tempo a esta parte, e pelas exigencias apaixonadas em algumas questões de interesse particular accidentalmente envolvidas no trato de interesses publicos por erros passados, e dos quaes não é responsavel o actual gabinete.

Em todo o caso o conflicto luso-brasileiro, é uma lição proveitosa.

Temos um dominio colonial importantissimo, e n'eile, provincias tão ricas como as do Brazil; pois em vez de deixarmos correr descuidosamente o animo aventureiro dos portuguezes a fertilisar na America o dominio estranho, façamos todo o possível para que esses elementos preciosos, que constituem de facto as maiores percentagens nos progressos e na riqueza actual da nacionalidade brasileira, se utilisem no que é nosso, e nosso deve continuar a ser.

E' o momento opportuno para encetar corajosamente e em termos praticos um movimento africanista.

C. LISBOA.

## BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

Des télégrammes expédiés de Londres ont répandu dans la presse européenne l'éternelle calomnie de la traite des noirs dans les possessions portugaises de l'Afrique occidentale et plus particulièrement à Benguela.

Nous sommes en mesure d'affirmer d'une manière précise que la traite des noirs ne se pratique plus dans les possessions portugaises.

Na nortista e minhota Braga, foi editado, de 5 de março de 1894 a 19 de abril de 1896<sup>136</sup>, *O Combate* que se identificava como “seminário independente”. De caráter regional, a folha justificava o sentido de seu empenho combativo, explicando que saía “à luz não para sustentar estandarte de qualquer partido, mas para defender os legítimos interesses e as aspirações” daquela “cidade primaz”, de modo que aproveitaria “o tempo e o espaço” que os outros jornais preocupavam-se “com uma política facciosa”, para promover “o estudo e a discussão das causas” que mais interessavam “ao desenvolvimento e progresso do município”. Dessa forma, confirmava que seu intento era o de ser “imparcial em política”, mantendo “a dignidade profissional”, e respeitando “a opinião pública”, a qual seria o “lema das suas discussões”. Com base em tal proposta, insistia que era “alheio a toda e qualquer política”, por considerar que “a má orientação da imprensa facciosa” enfraquecia “a ordem social e a disciplina partidária”, bem como concorria “poderosamente para a pouca consideração que o país” dispensava àquela “importante cidade”. Assim, manifestava orgulho por manter-se defendendo, com as forças que lhe eram “peculiares, os interesses da terra” que lhe servira de berço, pretendendo seguir a trilhar tal caminho<sup>137</sup>.

---

<sup>136</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 170.

<sup>137</sup> O COMBATE. Braga, 25 mar. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.; e 29 mar. 1895. A. 2. N. 54. p. 1.

1.º ANNO

DOMINGO, 29 DE ABRIL DE 1894

N.º 6

ABONAMENTOS
ANNUO 1000
SEMESTRAL 500
TRIMESTRAL 250
ANUAL 100
REDACTOR EDUARDO MENEGES

O COMBATE

Atenção por João... 60
Os seus abonos são de 25 p. e...
Manuseio e entrega a entrega...
Redacção e administração Campo de...
REPRESENTADOR ANTONIO JOSE DOS SANTOS

SEMANARIO INDEPENDENTE

Saudação

Parabéns e saudações ao go-
verno dos Estados Unidos da Amé-
rica...
Nesta saudação, franca e sin-
cera, affectiva e cordel, empri-
mo um voto de jumalada indole-
scencia...

Saudámos por isso os nossos
parabéns d'altamar, de que foi a
sua filha Paula Alves Cabral, re-
ta portueza de fama inextinguível.

Saudámos-o por entrar em um
período de paz, de quitação in-
terna, para regular os negócios,
que a litta Estrela abalou pro-
fundamente...

Saudámos-o por não ter aban-
donado a sua industria e do con-
comente, sendo ainda também um
fator activo da industria...

Saudámos-o em o affecto ma-
gico do estagio, por termos che-
gado a occasião do novo, para re-
tornar as relações de familia en-
tre Portugal e o Brazil...

Saudámos-o pelo nobremente
que os povos do Brazil lhe reso-

com os interesses da classe que
representa...
Saudámos-o, como respeitá-
mos que somos do Uniao Sagrada
da Igreja Christa...

Nestas intenções preoccupa-
tivas, lentes-lhas que destinamos as
povos que posturamos, no respei-
to e acatamento ao governo da
republica...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Não temos a intenção de ser
o primeiro a estabelecer a união
entre os povos...

Na questão aquista, já ella den-
ta um proveito de que consideramos,
por que tanto tempo aqui a in-
dustria de um comarca para que
todas as industrias protestem
contra a reforma da constituição
industrial...

Por sua honra pois, e para que
seja o positivo motivo de apre-
ço a futuro não está de fora fe-
licitar, e de ser essa sempre o ad-
equado; legalmente n'esse sentido,
formando d'esta forma as leis com-
pletas da sua industria, o do seu
superior de legislação.

Não tem todo certo, já a maior
parte das reformas feitas no pro-
prio século tanto nos leis d'elles,
regulamentação d'elles, como nas
políticas.

Por exemplo apresentamos a
lei da partilha (sempre) e da extin-
ção dos vicinicos e outras insti-
tuições que appartam a econo-
mia forçada, que foram decretadas
por Napoleão I no código civil
francês; mas que não foram inspi-
radas nos verdadeiros interesses
de povo francês...

Para seguir de elle as boas letras,
pelo o deus de esse povo me fazer a
apresentação. Ede, em aquella be-
nignidade adreita que se dá com o
deus a luz e a ler a perder, bem
apresentar.

A redacção sempre, e devesse as
região economicas que a litta e bem
de, e devesse de sua lei redacção
e ser a ser o ser.

Como sempre, em d'uma de casa a
simples economicas que dá um apre-
ço de todo a parte d'um ser, ou não
de, de sempre d'uma economia de
maneira, mas sempre a honra de
maneira.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Na questão aquista, já ella den-
ta um proveito de que consideramos,
por que tanto tempo aqui a in-
dustria de um comarca para que
todas as industrias protestem
contra a reforma da constituição
industrial...

Por sua honra pois, e para que
seja o positivo motivo de apre-
ço a futuro não está de fora fe-
licitar, e de ser essa sempre o ad-
equado; legalmente n'esse sentido,
formando d'esta forma as leis com-
pletas da sua industria, o do seu
superior de legislação.

Não tem todo certo, já a maior
parte das reformas feitas no pro-
prio século tanto nos leis d'elles,
regulamentação d'elles, como nas
políticas.

Por exemplo apresentamos a
lei da partilha (sempre) e da extin-
ção dos vicinicos e outras insti-
tuições que appartam a econo-
mia forçada, que foram decretadas
por Napoleão I no código civil
francês; mas que não foram inspi-
radas nos verdadeiros interesses
de povo francês...

Para seguir de elle as boas letras,
pelo o deus de esse povo me fazer a
apresentação. Ede, em aquella be-
nignidade adreita que se dá com o
deus a luz e a ler a perder, bem
apresentar.

A redacção sempre, e devesse as
região economicas que a litta e bem
de, e devesse de sua lei redacção
e ser a ser o ser.

Como sempre, em d'uma de casa a
simples economicas que dá um apre-
ço de todo a parte d'um ser, ou não
de, de sempre d'uma economia de
maneira, mas sempre a honra de
maneira.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

Os deus já abençoaram o código
phosphoro no melhor da sua tra-
dição, como constituição de libertades
e deus, e abençoaram a sempre
gratias deus
e sempre, em cada período, em o que
melhor sempre deus.

Quando resolve e com economia
e com, sempre julgado e d'uma
maneira a sempre.

FOLHETIM

RECORDAÇÃO

Os jovens que queram estudar po-
verão access ao ginasio deus de red-
ção possível. Todos queiram entrar,
mas que cada qual se prepare por
seu lado.

Recursos

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Os que parecem ser os recursos
deus de um ginasio, e de um ginasio
deus de um ginasio.

Em Miranda do Douro, localidade cujo nome lembrava a região onde estava localizada, no distrito de Bragança, deu-se a circulação de um “órgão dos interesses locais”. Era *O Mirandês*, cuja edição bissemanal ocorreu de 1º de abril de 1894 a 16 de setembro de 1897<sup>138</sup>. Partidarista, dizia que “clara e categoricamente”, vinha “lutar pelos interesses do Partido Regenerador no distrito em geral e, em especial”. Considerava que “a defesa de uma bandeira” não era incompatível com “a luz sagrada da independência e da razão”, uma vez que não estaria “sistematicamente enfeudado a um partido” ou “cegamente subordinado ao espírito de uma facção”<sup>139</sup>.

---

<sup>138</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 99.

<sup>139</sup> O MIRANDÊS. Miranda do Douro, 1º abr. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

ANNO I Miranda do Douro, 1 de Abril de 1894 N. 1

ORGÃO DOS INTERESSES LOCAES

AO QUE VIMOS

Caro e distinguido senhor,
vimos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

SCIENCIAS E LETRAS

SANTA MARIA DO PINE

A Associação de Santa Maria do
Pine, que se ha formado para
beneficio da patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

LEITURA AMENA

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

LEITURA AMENA

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

LEITURA AMENA

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

Deo vobis, deo deo,
vamos com prazer a noticia de que
vossa honravel pessoa se ha
preparado para regressar a patria...

As práticas satírico-humorísticas chegaram também até a localidade de Fundão, no distrito de Castelo Branco, região da Beira, onde circulou, de 8 de abril de 1894 a 9 de junho de 1895<sup>140</sup>, *O Piparote*. Em seu cabeçalho aparecia “folha bimensal – literatura e humorismo” e seu título refletia o caráter incisivo, ao fazer alusão a uma pancada dada com o dedo médio. Apresentava-se em tom jocoso, imaginando atingir a posteridade, com um centenário de fama, o qual seria lembrado pela nação, mas, ao concluir, voltava à realidade, destacando que seria mais fácil “passar da história” do que “passar à história”<sup>141</sup>.

---

<sup>140</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 174.

<sup>141</sup> O PIPAROTE. Fundão, 8 abr. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

# O PIPAROTE

Folha bi-mensal. — Literatú e humorismo.

Proprietários, Iniciadores, Fundadores, Redactores, Administradores, Revedores, Secretarios,  
e Piparoteiros-móres

EDMUNDO POBIS — SANTO BARATA — SANTOS PROENÇA

o preço

em 40 libras

por todo o

ano, toda a

partida de

UNDO

## EXPEDIENTE

Os piparoteiros d'este jornal nunca verão com bons olhos que as pessoas a quem fazem o favor de o enviar, se sintam com animo bastante para o desenvolver.

Por falta de cobres não desistem de o assignar.

Se o dinheiro escasseiar lá por casa, não lhes dê cuidado; podem mesmo, querendo, não pagar a sua assignatura, o que pouca falta nos faz; comtanto que não nos preguem cão.

E para evitar que isto se dê, enviaremos o competentissimo recibo logo que se vá appropinquando a occasião.

Durmam pois descansados, e não pensem nisto, porque nós, a primeira cousa que fizemos foi... imprimir os recibos.

Se algum abelhudo se quizer honrar assignando o nosso Piparote, no caso de ter olhos de vér, não tem mais que seguir a risca a doutrina das nossas immutaveis instruções sobre assignaturas!

### A' Risca.

A correspondencia relativa a bagorios, ou cousa parecida, deve ser enviada aos administradores do Piparote; a relativa a assumptos de nenhuma importancia capital, enviem-na a quem quizerem, que ella cá virá a ter.

## ARTIGOS DE POBIS

### A POSTERIDADE

De hoje a cem annos, leitora, faz um seculo que demos á luz este jornal.

Se elle chegar a contar um seculo de existencia, quem sabe se os teus netos, não serão os primeiros a festejar com a nação o centenario d'esta pequenina folha?!...

Quem sabe se os nossos nomes, obscuros hoje, não serão então rememorados pela patria e para a historia, como dignos de figurarem na esplendorosa aureola que deslumbra a posteridade?!...

Tudo póde ser, leitora, o diabo é se nós morremos de morte macaca juntamente com o Piparote!

E... é tão facil, passar á posteridade!

O caminho, é a Fama!

Uns depois de conseguirem incluir os seus nomes na lista dos benemeritos, passam á posteridade!...

Outros, depois de uma vida de crimes, passam tambem, ou como grandes assassinos, ou como ladrões emeritos; e, se foram tão felizes que em vida possuiram os dois predicados, então leitora, lá está a posteridade para os receber... como socios de duas entradas!

Mas não creias que seja nosso intuito explicar-te o que é a posteridade. Tu sabes perfeitamente o que ella é: Um grande espelho, que, lá muito distante, reflecte as cousas e as individualidades que se salientaram durante a marcha da vida, no bem ou no mal. Este espelho tem duas faces: uma, crystallina e preciosissima, reflecte o bello, o grandioso; outra, de um avermelhado escuro, reflecte aquillo que, por estupidamente horroroso, merece tambem um logar na posteridade. Esta ultima face é o contraste da primeira, a que a torna mais notavel, mais saliente.

E' pois para a primeira face do grande espelho que nós esperamos passar da historia, se, antes, não passarmos á historia.

## A QUINZENA

Arrastados pelo desconjuntado carro da vida por este valle de trambalhões a que chamam mundo, rimos das piuetas que somos obrigados a dar para bem desempenhar o papel que nos foi distribuido na comedia universal que tem o convidativo titulo — Cada qual arranja-se — e onde botamos figura como emeritos palhaços que somos.

Muitas vezes acontece fi-

Mais uma folha de tendência antimonárquica foi publicada na Beira Alta, cidade e distrito de Viseu, em período inferior a um mês, de 29 de abril a 20 de maio de 1894<sup>142</sup>. Era *A Nova Luta* que se apresentava como um “semanário republicano” e explicitava suas convicções, destacando que, diante do “triste espetáculo da vida nacional”, a república era “uma esperança de salvação”, já que a monarquia seria a “causadora da ruína completa”. Dizia que não tinha “compromissos nem ligações com partido”, e pura e simplesmente seguia “o credo republicano”<sup>143</sup>.

---

<sup>142</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 128.

<sup>143</sup> A NOVA LUTA. Viseu, 29 abr. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.



Outro semanário de curtíssima duração foi *A Lanterna*, editado em Lisboa, entre 19 de julho e 20 de agosto de 1894<sup>144</sup>. No frontispício se anunciava como “folha de combate” e não fazia por menos, sendo extremamente feroz em seus embates, com linguagem incisiva e provocativa. Ao apresentar-se, dizia que representava as palavras do povo, as quais seriam de “guerra às personalidades nefastas e criminosas”, combatendo os “miseráveis, cuja existência na sociedade portuguesa” era “um perigo iminente e uma vergonha” que a deslustrara e desonrara. Em tom de ameaça, concluía: “Preparai-vos senhores! Em guarda, miseráveis!”<sup>145</sup>.

---

<sup>144</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 57.

<sup>145</sup> A LANTERNA. Lisboa, 19 jul. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.

Anno I — 1894 — N.º 1      Numero avulso, 10 réis      Quinta-feira, 19 de julho

# A LANTERNA

FOLHA DE COMBATE

**ASSIGNATURAS** (pagamento adiantado)

Linha — Série de 10 ao preço 900 rs.; de 15, 1250 rs. Para a praça, adrece a legislação do correio. O valor subscrito se restitui. Numero avulso, de 10 rs. da publicação, 20 réis.

**REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

**82 — RUA FORMOSA — 88**

LISBOA

**PUBLICAÇÕES E ANUNCIOS**

Recebe-se na administração, rua Formosa, 82 a 88. Publicações — De 1.º pagina, 200 rs. cada linha, 2.º e 3.º, 100 rs. — Anuncios na 1.ª pag. 50 (100 linhas de 2000).

R 42.740

---

**O NOSSO PROGRAMA**

É praxe seguida desde larga data ter um jornal de apresentar o seu programma quando pela primeira vez vê a luz da publicidade.

Não querendo fugir ao cumprimento do que o uso quasi transformou n'um dever,ahi vai o nosso condensado rigorosamente em meia dúzia de palavras:

Aqui só se escreve a verdade.

**AOS NOSSOS COLLEGAS**

A *Lanterna* saheia affectuosamente todos os seus collegas ao juramento, pedindo lição para se de enfiar ao lado, combatendo lealmente pelo seu credo.

Temer a consciencia de que tomas, digas, d'essa hora, e ao mesmo tempo sufficientemente pequenas, para não fazer sombra a ninguém.

**Em guarda!**

Antes de todo e qualquer combate tem o dever do adversario digno, não atacar o outro antes de se prevenir.

A *Lanterna*, fiel aos principios da honra, embora teudo de ferir de morte com os raios da sua luz eua extensa rede de miserveis, não hesita em levantar o seu estandarte em defesa do brado que os previna: — **Prepara-vos, senhores!**

Não ha legião, n'esta lucta; não ha missericordia para os vusos crimes; não ha perdão para elles, porque esses crimes macularam uma sociedade inteira, pulularam uma raça, ephicazaram irreversivelmente a honra nacional atirando-a aos apupos de estralho, garrotaram, finalmente, o meu pelourinho ignominioso e infamante e como honrado e glorioso do povo portuguez.

**Prepara-vos, senhores!**

Nos vusos atirar-vos como a chamma, depois de abri a toda a luz da publicidada das vestes de apparencia com que occultas a podridão que vos corroe, jogar-vos com os nomes do baptismo, depois de despois, mas ao tribunal supremo da consciencia publica, outros a lama das discordanças dos tribunales do crime de que são presa legitima e legal.

A isto não podeis fugir, porque se não foge a luz quando ella é honesta e directa da *Lanterna*, que representa o bem e a verdade, e vós as trevas, a mentira e o crime.

Não pensais em resistir! Não imaginis que apagueis a *Lanterna* atirando-lhe com pedradas do vosso ouro, que crystallisa as lagrimas e o sofrimento do meu povo misero, ouro que vós roubastes, deixando em seu lugar a liberdade da fonte impressa nas faces das nossas lumbros e o tremor convulsivo da familia faminta nos labios infantis dos nossos filhos. Não pensais tambem em recorrer á vossa influencia junto do governo ou á intervenção da policia para que vos livre dos possiveis das vossas consciencias corruptas.

A *Lanterna* brilhará sempre, porque não ha governo nem ha policia que seja capaz de destruir um principio, quando esse principio assenta sobre verdades que são a base primaria de qualquer sociedade civilizada.

A *Lanterna* em questões de moral não tem politica, em antes pertence ao grande partido em cujos arrais cabem todos os portuguezes, quer sejam regeneradores, progressistas, republicanos ou migueilistas, e perante os quaes se não incluem crimes pela letaldade mais ou menos elevada dos ideos politicos dos partidos.

**Prepara-vos, senhores!**

Podes mandar espalhar nos domos nos vs denunciastes; mas o povo responder-vos ha que a significação de denuncia é relativa e muda quando o denunciado se chama um país, e esse país agoniza.

O povo responder-vos ha que as palavras da *Lanterna* são as suas próprias palavras e que a guerra ás personalidades e ás ideias infestas e criminosas, feita com provas de esmagar, a hoje o unico recurso de que resta lançar mão para nos livrarmos de miserveis, cuja existencia na sociedade portugueza é um perigo eminente e uma vergonha que a desluzira e dephora.

Nos sabemos que ao lardes as palavras que ahí ficam, haveis de sorrir de despezo, coelha-

das na proverbial phrase—*não feren ballas de papel!*

Estais enganados; d'esta vez a theoria é falsa, porque se não trata de ballas e a industria humana ainda não fabricou pombas de fibra do papel.

Estais enganados!... Nós somos apenas um e vós muitos, mas esse seu cometo-vos a todos, sabe onde são os vossos coras, sabe onde estão as vossas ulceras e vós não o conheceis a elle, não sois capazes de o descobrir para o mandar assasinar ao sentir que elles se apunhalados.

Está n'isso a nossa força: temos vista dupla e esgrimimos os escuro, vós estais a descoberto e não podeis sequer divertir o sitio do horizonte d'onde parte o raio.

E' uma lucta de morte e exterminio a que a opinião publica assistirá commovida e estupefacta, vendo luctar foridos mortalmente um a um e por fim descomhecido os heres negros d'um poema de amarguras, cujas strophes multadas estão escritas em sangue e lido.

Do resultado d'essa lucta fallará a consciencia do povo para quem estrevemos e para quem apellamos n'esta hora tristonhissima de amargurissimas provações, provocadas essencialmente pela mais desenfreada das rapinagens de que pôde ser victimas uma nação.

E aos provocadores da nossa desgraça e antes de apparecer o segundo numero da *Lanterna* diremos mais uma vez:

**Prepara-vos, senhores!**

**Em guarda, miserveis!**

**PREPARA-VOS, SENHORES!**

Os officios publicos estão ameaçados de um imminente rubro de muitos crimes de réis.

Ainda que o caso não tenha por emquanto transpirado, a *Lanterna* cuja luz chega a toda a parte, vos explica o ao povo.

Cuidá-se assim:

Certa companhia cujos destinos hoje estão presos ao estado em virtude de certas operações que representam *uma grande perda* extranea sentiu-se fallida.

Os accionistas tinham perdido tres vezes o capital social e já não havia a que recorrer.

Nestas circumstancias parecia a toda a gente que o caminho a seguir seria entregar tudo aos

credores **entre os quaes figura o estado.**

Não se fez, porém isso, e uma assembleia geral teve o intuito avencimento de resolver por maioria uma coisa muito curiosa:

Fazer não só um contrato com um dos credores, uma firma commercial muito conhecida, o que já é um abuso, mas tambem introduzir n'esse contracto **como penhor mercantil** condições de tal natureza, que não o poderá cumprir sendo fatalmente encastada a companhia.

E como o credito do misero ficado **previdente** e os haveres da companhia mal r'ebargam para lhe pagar, claro está que o resto dos credores fica vendo navios, no alto de Santa Catharina e entre elles o estado **com um curião de muitas decenas de centos de réis.**

Por enquanto nada mais diremos.

A *Lanterna*, porém, previne os accionistas da grande comedia, assim como o governo, que dado o caso que a malandrice se não annulla ou se não tomou providencias para a evitar, publicará em letra redonda não só o nome dos santos que operaram o milagre, mas por extenso e com todas as letras a *honrada* companhia cujos elle se deu.

**SEITA NEGRA**

A *Lanterna* previne o superior dos jesuitas em Portugal, e sim como os seus dois caudatarios de escassa, pessoas alaz de elevada posição social, de que a primeira vez que de noite e a altas horas se forearem a dirigir a certo palacio com os intuitos que a mesma *LANTERNA* conhece, aqui se publicará toda a edificante historia que motiva tão mysteriosas visitas.

AO sr. patriarcha diremos, que o seu accionista ao ir ao jesuitico, lhe constará muitos dissabores, pois que estamos dispostos a recuar até aos bons tempos em que Sua Eminencia lucrava calas de rido em bandas marianas, profetas, ou mesmo até aquelles em que assignava documentos onde se fazia o panegirico do registo civil, e **que não possuíamos.**

Nos bem sabemos que a seita negra vai dar pulo de corça com o que ahí fica; mas a *Lanterna* é um baluarte que resiste ás indagações de todas as diligencias covardas, embora elles tenham o furo de um perdigueiro.

Também em Lisboa, circulou uma outra folha ilustrada lusa, denominada *Mala da Europa*, uma revista quinzenal que durou de 13 de agosto de 1894 a 31 de outubro de 1916<sup>146</sup>. Tal qual inspirava o seu título, pretendia ser uma folha “de viagem”, voltada também às populações lusitanas que habitavam fora do reino, trazendo como um dos atrativos a inclusão em suas páginas de gravuras referentes a paisagens, pessoas e acontecimentos. Nesse sentido, declarava que buscaria estimular as “relações entre a metrópole e a gente patriótica, laboriosa, intemerata”, moradora na Ásia, na África, na América e na Oceania. Dizia que tentaria também ser o “noticiador sincero, alvitrador consciencioso, servidor atento, encarregado zeloso, interlocutor bem criado e ameno”<sup>147</sup>.

---

<sup>146</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 83-84.

<sup>147</sup> MALA DA EUROPA. Lisboa, 13 ago. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.



Mais um representante da imprensa vinculada aos trabalhadores foi *O Partido Operário*, semanário editado em Lisboa, por poucos dias, entre 9 e 30 de setembro de 1894<sup>148</sup>. Identificava-se como “folha socialista” pregando que os seguidores de tal pensamento deveriam superar as “aspirações realizáveis” e “trabalhar para a sua realização”, ou seja, passar da “teoria ao campo prático”. Daí advinha a ação do jornal, voltada a despertar a “consciência do povo trabalhador”, para fazer uma “oposição sensata, levantada e democrática”<sup>149</sup>.

---

<sup>148</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 158.

<sup>149</sup> O PARTIDO OPERÁRIO. Lisboa, 9 set. 1894. A. 1. N. 1. p. 1.



Uma publicação lusitana voltada à divulgação de natureza cultural, artística e literária editada no contexto portuense, em período que se restringiu à aproximadamente um semestre, entre dezembro de 1894 e maio de 1895<sup>150</sup>, foi a *Revista Portuguesa*. Era uma publicação mensal, voltada à difusão de trabalhos dos “homens de letras” da época, ou seja, representantes da intelectualidade nacional, regional e local, que, em prosa e verso, davam publicidade a seus escritos.

---

<sup>150</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 257.

# REVISTA PORTUGUEZA

1895

JANEIRO, 25

N.º 2

---

## POEMAS HUMORISTICOS EM PROSA

### I

#### OS MEUS AVATÁRES

2

**C**OUSAS mellicas, talvez, causas terrificas, quem sabe? mas de que eu não percebia palavra...

Bem grande foi o meu pasmo, e bastantes segundos me quedei empedrado, e commovido, de boca hiante, em face da bella estrangeira.

Porém, afinal, perguntei-lhe por meio de mimica assás expressiva, o que ella queria—porque deveis convir que não era proprio da minha dignidade de emir musulmano, que eu então era, estar diante de qualquer, com a boca escancarada.

A estrangeira, vendo então que eu não percebia a sua harmoniosa linguagem, pegou com a sua mão fina, aláda, e alvinitente como um jaspe, numa lampada de porcelana azul, que estava no meu aposento, e fez-me com um ar mais distincto do que uma princeza desterrada, signal de que a seguisse.

Era uma noute radiosa e branca, como são as noutes do Oriente!...

N.º 2

4

A imprensa regional se fez presente também na Vila Madalena do Pico, mais conhecida como Madalena, localidade portuguesa na ilha açoriana do Pico, distrito da Horta, onde circulou *O Madalense*. Editado três vezes por semana, sua circulação ocorreu entre os anos de 1894 e 1895<sup>151</sup>. De estilo predominantemente informativo, o jornal voltou-se mais especificamente aos assuntos da vila e ao âmbito ilhéu. Quanto à política, a publicação insulana pregava a moderação, considerando que “o bem estar das sociedades humanas” estava “tão distante do despotismo dos reis, como da fúria dos anarquistas” ficando resumido “a três simbólicas palavras – paz, liberdade e progresso”<sup>152</sup>.

---

<sup>151</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 82.

<sup>152</sup> O MADALENSE. Vila da Madalena do Pico, 20 jan. 1894. A. 1. N. 5. p. 1.

# O MAGDALENSE

Redactor Manuel da Rosa d' Oliveira  
 Sao' f.º 20, e 30, do mez  
 Administrador Henrique Soares d' Avellar  
 ANNO I || Sabba' lo 20 de Janeiro 1894 || Nº 5

## MAGDALENA PROVIDENCIAS

Lamentavel o estado em que se en-  
 contra o cemiterio da frequencia das Ban-  
 deiras d' esta ilha. Sem portão, com al-  
 gum arvoredo, e com o muro por cair, pa-  
 rece, mais um acrisol de gado-silho, do  
 que esse lugar sagrado, onde repousam  
 os restos mortaes da humanidade!

Além d'esse estado indelicadissimo,  
 occorre um abuso, que deve, sem perda  
 de tempo, ser removido. Nos pedios con-  
 tinuam a permitir-se existirem arvores, fi-  
 guras e oliveiras, e a não distam mais  
 de quatro metros da parede exterior do  
 referido cemiterio. Por diversas vezes  
 a municipalidade auctorizada alli grossas raizes,  
 quando abre as valas sepulchraes.

Esta isto é realmente repugnante e di-  
 gno de toda a critica!

E de facil situacao que aquellas raizes  
 podem produzir um pessimo resultado,  
 não só porque consomem o pó da terra,  
 refulindo todo a pedregulho; mas tam-  
 bém deterioradas pela accao do bolor,  
 d'onde fogem a exhalacoes epidemicas.

Conhecendo a auctoridade adminis-  
 trativa os pessimos effeitos d'uma epide-  
 mia, não deve hesitar em impôr aos do-  
 mios d'aquelles pedrios a obrigacao de  
 arrancarem as mencionadas arvores.

É um dever da auctoridade, que dese-  
 je crescer com rectidão e acerto, pre-  
 ver, se bem estar dos seus administrados.

É indocente quem susceptivel de pro-  
 duzir uma epidemia o estado lastimoso,  
 a que se acha reduzido o dito cemiterio,  
 e por consequencia urge que dê providen-  
 cias quem competir, para obstar a funes-  
 tas consequencias.

Esperamos que não seja olvidado o  
 nosso avizor, filho tão sonante do meu  
 zelo, que nutricos pela conservacao da  
 saude publica.

A seu tempo voltaremos ao assumpto.

## O PROGRESSO

A locomotiva do Progresso  
 vencerá todos os obstaculos,

que possam oppor-lhe na es-  
 trada: tentamos fé no futuro.

## Estes

Assim como os fanaticos em religião,  
 fazem consistir nos actos do culto ex-  
 terno mais do que nas intimos sentimen-  
 tos religiosos o tributo de respeito e gra-  
 tificao que devemos a Deus; assim em Po-  
 litica ha falsos adoradores do bem do  
 povo, cogitando mais das formulas dos  
 governos do que da felicidade publica.

Tão odioso e nefaste pode ser o go-  
 verno de um conso de muitos; depen-  
 dendo mais o exito benefico dos gover-  
 nantes do que as leis estatuidas nos co-  
 digos porque, se regem as nações.

Nero incensando Roma e Caligula de-  
 cretando as honras de Consul para o seu  
 cavallo; julgavam-se grandes passioes;  
 e o povo romano, que tanto se prezava  
 de livre, tambem soffreu o ceduto dos  
 seus tribunos populares.

Madame Rolland, a mais espirituosa  
 mulher da França, ao examinar para o  
 publico e passando junto á estatua da  
 Liberdade, exclamou, com voz ener-  
 gica: « Liberdade! Que crimes se com-  
 mettem em teu nome! »

O progresso e a lei geral da humani-  
 dade e por elle e para remir os ho-  
 mens dos erros da ignorancia e do des-  
 potismo derramou Christo, o Supremo  
 Legislador, seu precioso sangue no Gol-  
 gotha.

O bem estar das sociedades humanas  
 está tão distante do despotismo dos reis  
 como da furia dos anarchistas; e firma-  
 se nas tres symbolicas palavras, que de-  
 viam ser gravadas, com letras d'ouro,  
 em todos os escudos d'aquelles que com-  
 batem a favor do povo: PAZ, LIBER-  
 DADE E PROGRESSO! »

1894

Costa Rebello.

## A MULHER

Chamada pelo Espirito Santo o sol da  
 familia, a mulher é, sem a minima con-  
 testacao, a chave, que encerra o thesou-  
 ro da felicidade domestica.

Nada ha que contribua mais para o  
 bom viver d'uma familia, do que a edu-  
 cação da mulher.

A verdadeira felicidade dos conjuges  
 encontra-se na genio pacifico, benevolo  
 e attencioso da mulher.

A educação da mulher é o dote mais  
 precioso, mais nobre, mais sublime, que  
 ella pode possuir. Pela educação torna-  
 se interessante, doce, respeitavel, e por  
 consequencia util a si e á sociedade.

Boa filha, boa esposa, boa mãe eis o  
 que lhe dá a educação.

A mulher discreta, prudente e attencio-  
 sa, tem sempre as caricias, affabilidades  
 e attractivos, que constinam a felicidade  
 do marido.

O homem foi destinado ao governo  
 exterior, a mulher ao interior. Quando  
 ao homem corram os dias torvos e azia-  
 gos encontra elle refrigerio nos braços  
 consoladores da esposa, que li'os abre  
 benevolos.

Os maiores attritos e desintelligencias  
 succubem muitas vezes ante o braço po-  
 tente da mulher educada. Que nefastas  
 consequencias não evitou a prudencia da  
 rainha Santa Izabel, quando D. Alfonso  
 se sublevoou contra seu pae, D. Doniz?

Commettem um erro gravissimo os  
 paes, que não educam suas filhas.

Quem ainda, deto lo do menor bom  
 senso, deixará de preferir a educação á  
 riqueza?

O que faz a mulher volvel, leviana,  
 inconstante? — a falta de educação.

Um pae não legue bens da fortuna a  
 uma filha, mas dê-lhe educação que lhe  
 tem dado tudo.

Oliveira

—(o) (o)—

## Trez epochas da vida

«Hontem... Hoje... Amanha...»  
 «Hontem» os sorrisos da infancia e os  
 bellos passatempos da juventude!...  
 «Hontem» a primavera da vida e os at-  
 tractivos da mulher seductora!... Fi-  
 nalmente o «passado» da nossa mocida-

Ao norte de Portugal, na Vila Nova de Famalicão, localizada no distrito de Braga, circulou um longo semanário intitulado *Estrela do Minho*, editado desde 4 de agosto de 1895 até novembro de 1987<sup>153</sup>. Em seu cabeçalho aparecia a inscrição “folha ilustrada, literária, bibliográfica e noticiosa”, refletindo a busca de uma abrangência bastante ampla e ambiciosa, e seu título era uma referência a região minhota em que se localizava, demarcando sua proposta de predomínio das abordagens locais e regionais.

---

<sup>153</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 310.



Outra folha de proposta essencialmente regional foi publicada em Cadaval, localidade no distrito de Lisboa, na região da Estremadura e tinha por título *Comércio de Cadaval*, editada de 15 de setembro de 1895 a 16 de agosto de 1896<sup>154</sup>. Era um semanário cujo norte editorial tinha inspiração regionalista, visando desmentir os boatos maldosos sobre a região, buscando “mostrar a todo o país que o concelho de Cadaval, pelo seu solo ubérrimo e pelas qualidades cívicas de seus habitantes”, tinha “direito à cooperação e respeito de todos”. Intentava defender a agricultura e o comércio, e conclamava os conterrâneos a “abandonar a indiferença e as intrigas odientas”, unindo “esforços para o engrandecimento do concelho” e “para a prosperidade do país em geral”<sup>155</sup>.

---

<sup>154</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 180.

<sup>155</sup> COMÉRCIO DO CADAVAL. Cadaval, 15 set. 1895. A. 1. N. 1. p. 1.

# COMERCIO CADAVAL

Redactor e Proprietario—ALEXANDRE AGRELLA

**ASSIGNATURAS**  
Continentes e Ilhas—Semestre, 100 réis.—(Um anno, 1,800 réis.)  
Africa e Brazil, 200 réis.—(Um anno, 3,600 réis.)  
Redacção e administração, Rua Direita, Cadaval

**ANNUNCIOS**  
Cada linha um espaço de linha ao mês.  
Permanente, contrato especial.  
Anunciam-se todas as obras de que se recheia um exemplar.

## EXPEDIENTE

Pegamos a todos os nossos assignantes a fiança de cumprimento a importancia das suas assignaturas, quer pelo correio, quer por qualquer outro meio seguro que lhes seja mais favoravel; nos que o não fizerem, enviamos os recibos para a cobrança das assignaturas respectivas ao 1.º semestre. Vamos suspender a remessa do nosso semanario a todos os Ex.ºs collegaes a quem o enviamos e que não permitarem.

## A SITUAÇÃO DO PAIZ

A situação do paiz, que politica quer financeira, apresenta-se-nos de côres tenebrosas.

No interior os governantes, que pelos seus actos dispostos e arbitrarios tem sido e são energeticamente combatidos, opprimiram todas as liberdades publicas conquistadas á custa de muito sangue, de enormes sacrificios.

Alguns collages nossos da capital tem denunciado graves escandalos committidos na governação publica, sem que os dirigentes d'ella se tenham dignado dar uma satisfacção condigna ao paiz. Esta satisfacção consistia em os governantes terem abandonado ha muito as cadeiras ministeriaes, calando perante os protestos da opinião publica, do paiz inteiro que tem feilo ouvir a sua voz rebatendo contra os seus demãos, contra a inflexivel dicadura prolongada indefinidamente, se não fosse o amor que elles tem ás pastas, a ignição desmedida e cega do mando politico.

O rigoroso e intemerato jornalista sr. Alves Corrêa, digno director de *O Paiz*, tem levantado muitas e diferentes campanhas de moralidade na imprensa periodica, de que aquelle sr. é um dos maiores ornamentos.

A maior parte, porém, de tais campanhas não tem dado os resultados e revoltantes abusos, tem escapado á acção da justiça, ficando impunes.

É que em Portugal, desgraçadamente, premiava-se os grandes triumphos muito embora sejam tentacionarios, e apenas se castigam os pequenos por insignificantes delictos.

E quando apparece um jornalista da tempera do sr. Alves Corrêa, como se lhe não podesse quebrar a penca brilhantissima, do que elle se serve, corante como aço, a qual—á medida de escarpello—põe a descoberto e faz supportar as chagas escarrosas do nosso meio politico, mandava-se

parar que intrinsecamente por todos os meios, quer perante os tribunaes, quer com aggressões cobardes e traiçoeiras.

Basta este facto escandalosissimo para deduzir a situação aviltante do nosso paiz.

Mas ha mais.  
Vamos apresentar á consideração dos nossos estimados leitores tres escandalos recentes, que estão em discussão na imprensa jornalistica.

O sr. Ferreira d'Almeida abandonou ha pouco os conselhos da corôa deixando sobre os seus ex-colligas do gabinete uma suspicção terrivel.

Aquelles, quiz fazer acquisição do «banco», por um preço relativamente barato, para servir de transporta na nossa marinha de guerra.

Apresentada a respectiva proposta em conselho de ministros, foi rejeitada.

E porque?  
Diz-se que com o fim revoltante do governo querer proteger uma firma da alta finança, muito conhecida em Lisboa, utilizando os seus navios para o transporte das nossas tropas do ultramar para a metropole e vice-versa; ista, com grave prejuizo para o thesouro publico, pois que ao paiz se vio matado nas algebras da alhedida firma grossas quantias deixoa perder occasiao de adquirir, para a nossa marinha, um navio que podia fazer aquellos transportes muito mais baratos.

O segundo escandalo é o novo contracto com o banco ultramarino.

O governo entendeu na sua alta sabedoria que devia prorogar os privilegios d'aquelle banco.

Diz a imprensa da capital que o governo ainda não satisfizo em isto, trata de conceder ao mesmo banco novos favores, como o da assignação de prata para o ultramar, participando o alludido banco nos lucros d'esse assignação.

É ho escandaloso e procedimento do governo pelo que respecta a este assumpto, que nma folha que tem estado ao seu lado, o «Universal», combate esse procedimento.

O terceiro escandalo é o do alcohol.

Foi participado em 1893 ás estancias despretencidas o descaminho de 150-864 litros d'alcool, que da fabrica de St. Clara saíram com destino ao deposito do gremio, em Villa Nova de Gaia, onde nunca deram entrada.

Pois só em 1895 apparece o despacho, indicando a firma financeira, a que já alludimos, por este descaminho.

Aquella grande quantidade de alcohol não pagou o imposto de produção do 100 réis por litro, a que estava sujeita. Mas como o processo implica com o embargo da alta finança, protegidos do governo, este

se salvára das acções condemnatorias do tribunal, pela malha do celebre artigo 138.º do decreto sobre coactações fiscal.

A nossa situação financeira apresenta tambem um aspecto sombrio e amargador.

O paiz achá-se sem credito algum, enormemente sobrecarregado com uma divida colossal, cujos encargos já deixou de satisfazer em parte.

Estamos no remado do papel fiduciario.

O ouro com grande agio, esgotou-se para importarmos o pão e outras mercadorias que o paiz não produz para o seu consumo.

O que será do dia de amanhã? Provavelmente espera-nos uma administração estrangeira!

Todavia o governo conquina a gastar loucamente a ponto de, sua conta corrente com o banco de Portugal atingir em poucos meses a importância qumta de 3 mil e qumto cento!

A nossa situação ao exterior não é mais desastrosa.

Portugal, ao extrangerio, é encarado e vilipendiado mereo do actual governo, que teve a rarissima habilidade de levantar conflictos com a França, com o Brazil, a Republica Argentina, e ultimamente com a Italia a proposito da viagem d'El-Rei, que tão desastradamente promovem.

É verdade que a imprensa estrangeira classificado os nossos sabios governantes de isopticos.

Apesar porém de tantas bombas-fogetes para elles e para o paiz que representam continuam á testa da governação publico—ditam—que com a confiança da coroa, mas tambem contra a vontade expressa da nação.

Nos bastidores da politica segreda-se—á proposito da viagem d'El-Rei ao estrangeiro—que ha grandes mysterios com respeito a alianças dynasticas e ás nossas colonias, prevendo-se da falta de criterio e tacto diplomatico dos governantes novos desastres para Portugal.

Elis em breves traços esboçada a situação do paiz.

Poderá ainda salvar-se a nação deixando de se afundar n'om mar de lama conforme disse um jornal monarchico?

Cremos que sim, mas com vida nova e processos novos, e não dentro do actual regimen politico.

## R. I. P.

Volvendo a uma e uma as paginas da historia,ahi se encontram subjeos exemplos de quantos individuos que querendo aticar outros por meio da intriga, falseando factos,

mentindo deturadamente, viem depois voltadas contra si as suas proprias armaz; e, os meios ignobilis e traiçoeiros de que se serviram ou queriam servir para os seus interesses ou caprichos.

É a isto que se pode applicar o portuguesissimo ditado: *Je Jouer la... ou qualquer dos outros dois portuguezes como elle, e de significação idênea.*

Pois bem, o ex-administrador do concelho do Cadaval, sr. Santos, querendo provar mais uma vez a veracidade do nosso adagio, acedia de nos proporcionar o encargo de podermos mostrar que todo o que tem dito, não é mais do que uma serie segada de mentiras e calumnias, ao passo que o que temos affirmado é o opposto genuino da verdade, sem que edias pessoas ou vingentas mesquinhas nos demovam do caminho recto por nós trilhado, nos alfacamos do que é verdadeiro, do que é de justiça!

O sr. Santos á que faltou á verdade. É faltos á verdade para se livrar da responsabilidade de factos menos correctos nios, de pura phantasia outros, atirando com essa responsabilidade para cima de cidadãos pasados, ordenes e estimados.

A prova da mentira, e que no commoentado que tem inserto no *Duvidio de Gies* e publicado tambem na *Folia dos Lavradores*, o sr. Santos dia «que está ha 15 annos o tal concelho, que foi vereador, presidente da camara e perto de 6 annos administrador do concelho. Que pertorren detestas de vezes, de dia e de noite todos os lugares do concelho, que tinha 9 frequetias e que nunca soffreu a mais leve decadenciação ou falta de respeito d'estes povos.

«Ora, dia o nosso estimado collega, *Duvidio de Gies*, e nós sabemos que no julgado municipal do Cadaval foram instaurados processos promovidos pelo sr. Santos, como administrador do concelho, por injurias ou offensas á sua pessoa, o segundo parece ainda ha alguns processos pendentes.

«Por consequencia, acrescenta o collega, ou o sr. Santos falta agora á verdade, affirmando que nunca soffreu o mais leve desconduro do ou falta de respeito, ou praticou uma infamia, dando participações falsas em juizo, e inventando processos contra quem, segundo agora assevera, nenhum mal lhe fez.

«Umra mente assim não descaçadamente em publico, é capaz de dizer, de mentir muito mais!

Mas—o fé por isso que se faltou da historia e dos exemplos que ella nos dá, voltou-se o feiçoço contra o feiçoço, como costuma dizer-se na linguaagem do povo.

Assim é, porque o nosso prezado

*O País* foi outro diário republicano editado em Lisboa, entre 1º de novembro de 1895 e 21 de maio de 1898<sup>156</sup>. Em seu programa, definia que a sua missão era “como um grito de guerra contra as instituições que arrastaram Portugal à bancarrota ignominiosa”, numa insurgência contra tal “regime nefasto”. Nesse sentido, dizia que vinha “para servir à causa republicana” e para “defender os interesses nacionais, sacrificados em proveito da plutocracia” que apoiava as instituições monárquicas. Em tom combativo, exclamava que aparecera “para concorrer tanto quanto fosse possível, para a proclamação da república” que seria “absolutamente indispensável à marcha regular da evolução social” lusa<sup>157</sup>.

---

<sup>156</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 149.

<sup>157</sup> O PAÍS. Lisboa, 1º nov. 1895. A. 1. N. 1. p. 1.

PUBLICAÇÕES
Estimada a edição de hoje, por ser o primeiro dia de trabalho, e por ser o primeiro dia de trabalho, e por ser o primeiro dia de trabalho...

OPAZ

Director politico - ALVES CORREIA

ASSIGNATURAS
Para o estrangeiro, em adiantado, 1000 reis annuaes, 10000 reis annuaes...

A reconstrução da nacionalidade

Os senhores e os ingleses
Uma vez que os senhores e os ingleses, que os senhores e os ingleses, que os senhores e os ingleses...

Lições da historia

Lições da historia
A historia da historia, a historia da historia, a historia da historia, a historia da historia...

LISBOA ÀS ESCURAS

Lisboa às escuras
Como aconteceu, Lisboa às escuras, como aconteceu, Lisboa às escuras, como aconteceu...

EXPEDIENTE
Para a publicação de artigos, para a publicação de artigos, para a publicação de artigos...

Mantendo a tradição da imprensa caricata no contexto portuense, circulou entre 5 de janeiro de 1896 e 17 de dezembro de 1905<sup>158</sup> o “semanário de caricaturas” intitulado *Os Pontos*. Ao apresentar-se não deixava de lado o humor e fazia referência a outros caricatos que o antecederam, dizendo que aquele era unicamente “os pontos”, ou seja, “sem ii” e “sem vírgula”. Para justificar o título, explicava que a vida era feita de pontos, como no caso do planeta, “um pequeno ponto no espaço”; a “Europa, um ponto na Terra”; Portugal, “um pequeníssimo ponto na Europa”; o homem, “um triste ponto em toda a parte”; o firmamento, “uma miríade de pontos luminosos e cintilantes”; e a própria vida, “uma infinidade de pontos, desde o berço – ponto de partida, até a morte – ponto de chegada”. E era assim, o seu intento o de empreender uma publicação “sob todos os *pontos* de vista interessantíssima”<sup>159</sup>.

---

<sup>158</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 179.

<sup>159</sup> OS PONTOS. Porto, 5 jan. 1896. A. 1. N. 1. p. 2.

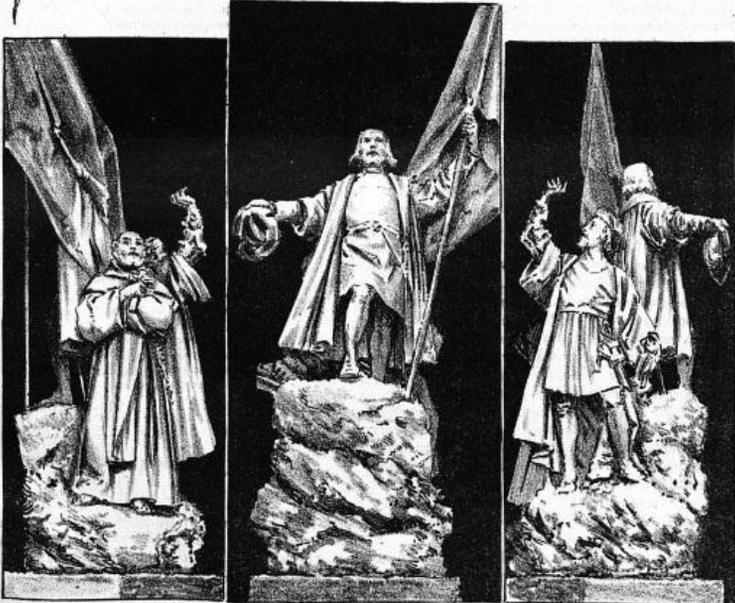
5.º Anno PORTO 6 de Maio de 1900 N.º 19



# os Pontos

SEMANARIO DE CARICATURAS  
GRANDE DIPLOMA D'HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA DE 1898

|                           |                        |                     |
|---------------------------|------------------------|---------------------|
| REDACÇÃO                  | PROPRIETARIO,          | TYPOGRAPHIA         |
| Administração e Impressão | ADMINISTRADOR E EDITOR | da                  |
| LITHOGRAPHIA NACIONAL     | <i>Albino de Sousa</i> | EMPRESA LITTERARIA  |
| Largo de S.ª Clara        |                        | Rua de D. Pedro 184 |



As tres faces do monumento a Alvares Cabral, que vae ser inaugurado no Rio de Janeiro

*Neves*

O jornalismo diário ainda foi representado em Lisboa pelo *Tempo*, que circulou de 14 de julho de 1896 a 25 de agosto de 1901<sup>160</sup>. Tal jornal apresentava-se como um “honrado e sincero defensor das mais sensatas doutrinas liberais e das mais puras intenções patrióticas”. Dizia que não pretendia “defender ou atacar pessoas” e sim “fazer a crítica sincera dos atos públicos e manter-se na máxima independência para poder exclusivamente ocupar-se dos interesses do país”. Queria manter-se afastado por completo de qualquer suposição de que pudesse estar “filiado em qualquer partido”, dentre “os oficialmente reconhecidos”, os quais bem longe estavam, “pelo seu organismo vicioso, de representar uma tradição de fatos ou de princípios”, que não fossem “os da própria conservação, à custa do tesouro público”. Tinha por convicção, ao invés de defender “a política dos arranjos”, toda preferência pela “política dos princípios”. Intentava demonstrar uma posição de equidistância em relação às forças políticas de então criticando-as por seu excessivo partidarismo “furioso e irrequieto”, o que constituiria um perigo para as instituições. Explicava que permaneceria, “em todas as questões ao lado do país”, sem levar em conta “jacobinismos idiotas”, mas também “sem subserviências” que o deslustrassem, colocando-se como um conselheiro de qualquer governo que presidisse “os destinos da nação”. Declarava que escolhera para si o papel “de defender os interesses do país, segundo as suas ideias, não aceitando” outras, “estranhas e nocivas à pátria”<sup>161</sup>.

---

<sup>160</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 297.

<sup>161</sup> TEMPO. Lisboa, 14 jul. 1896. A. 1. N. 1. p. 1.



Na vila de Arraiolos, localizada no Distrito de Évora, na região do Alentejo, circulou uma folha de edição semanal intitulada *O Imparcial de Arraiolos*. Seu período de duração estendeu-se de 8 de novembro de 1897 a 18 de dezembro de 1901<sup>162</sup>. Conforme seu título, o periódico teve por meta adotar uma proposta de predominância informativa, sem estabelecer maiores relações com as agremiações partidárias. Buscava também atuar em prol da região, sustentando a causa da vila e do distrito.

---

<sup>162</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 409.

ADMINISTRADOR: Pedro José dos Santos  
 DIRECTOR: João Arthur Lopes Perreira  
 REDACÇÃO: Rua de Almeida, 100, ARRAYOLLOS  
 O IMPARCIAL  
 D'ARRAYOLLOS  
 N. 109

ARRAYOLLOS, 19 DE MAIO DE 1900  
 N. 109

1500-1900

Susceptibilidades do credito

Em todas as épocas da civilização humana, o credito tem desempenhado um papel importante na vida social e económica. Desde os tempos mais antigos, os homens têm procurado meios para obter recursos além dos seus próprios recursos, e o credito tem sido o meio mais comum para isso. No entanto, a natureza e o alcance do credito têm mudado significativamente ao longo da história. No século XIX, o credito era geralmente baseado em relações pessoais e locais, enquanto no século XX tornou-se mais institucionalizado e baseado em garantias e documentação legal. A evolução do credito reflete as mudanças na sociedade e na economia, e continua a ser um elemento fundamental da vida moderna.

Em todas as épocas da civilização humana, o credito tem desempenhado um papel importante na vida social e económica. Desde os tempos mais antigos, os homens têm procurado meios para obter recursos além dos seus próprios recursos, e o credito tem sido o meio mais comum para isso. No entanto, a natureza e o alcance do credito têm mudado significativamente ao longo da história. No século XIX, o credito era geralmente baseado em relações pessoais e locais, enquanto no século XX tornou-se mais institucionalizado e baseado em garantias e documentação legal. A evolução do credito reflete as mudanças na sociedade e na economia, e continua a ser um elemento fundamental da vida moderna.

Em todas as épocas da civilização humana, o credito tem desempenhado um papel importante na vida social e económica. Desde os tempos mais antigos, os homens têm procurado meios para obter recursos além dos seus próprios recursos, e o credito tem sido o meio mais comum para isso. No entanto, a natureza e o alcance do credito têm mudado significativamente ao longo da história. No século XIX, o credito era geralmente baseado em relações pessoais e locais, enquanto no século XX tornou-se mais institucionalizado e baseado em garantias e documentação legal. A evolução do credito reflete as mudanças na sociedade e na economia, e continua a ser um elemento fundamental da vida moderna.

Em todas as épocas da civilização humana, o credito tem desempenhado um papel importante na vida social e económica. Desde os tempos mais antigos, os homens têm procurado meios para obter recursos além dos seus próprios recursos, e o credito tem sido o meio mais comum para isso. No entanto, a natureza e o alcance do credito têm mudado significativamente ao longo da história. No século XIX, o credito era geralmente baseado em relações pessoais e locais, enquanto no século XX tornou-se mais institucionalizado e baseado em garantias e documentação legal. A evolução do credito reflete as mudanças na sociedade e na economia, e continua a ser um elemento fundamental da vida moderna.

Em todas as épocas da civilização humana, o credito tem desempenhado um papel importante na vida social e económica. Desde os tempos mais antigos, os homens têm procurado meios para obter recursos além dos seus próprios recursos, e o credito tem sido o meio mais comum para isso. No entanto, a natureza e o alcance do credito têm mudado significativamente ao longo da história. No século XIX, o credito era geralmente baseado em relações pessoais e locais, enquanto no século XX tornou-se mais institucionalizado e baseado em garantias e documentação legal. A evolução do credito reflete as mudanças na sociedade e na economia, e continua a ser um elemento fundamental da vida moderna.

No Douro, em Marco de Canaveses e Baião, distrito do Porto, foi editada *A Verdade*, que circulou de 7 de janeiro de 1898 a 8 de maio de 1903<sup>163</sup>. Em seu cabeçalho, apresentava-se como um “jornal político, noticioso e agrícola” e identificava-se como um “semanário honrado e probo” que combatia “com denodo em prol dos interesses sagrados e justíssimos dos concelhos de Marco de Canaveses e Baião. Assim, ao longo de sua “fadigosa jornada”, pretendia ter “alguma coisa conseguido e alcançado em benefício da sua terra”, visando “pugnar pelos altos interesses locais e pela “defesa dos direitos dos povos” da região. Declarava ainda que “na sua bandeira política” inscrevera “o lema honrado do nobre Partido Progressista”, que pugnava “pelo bem-estar da formosa nação portuguesa”<sup>164</sup>.

---

<sup>163</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 324

<sup>164</sup> A VERDADE. Marco de Canaveses e Baião, 7 jan. 1898. A. 1. N. 1. p. 1.



Na conjuntura da imprensa portuense, ainda circularia mais uma publicação diária, que durou pelo período de 1º de outubro de 1898 a 31 de dezembro de 1910<sup>165</sup>. Tal jornal buscava ser predominantemente noticioso, trazendo informações nacionais e internacionais e dedicando alguma atenção especial à cidade do Porto e ao seu distrito. O periódico tinha por intento seguir o modelo dos grandes jornais que então circulavam, mas não chegaria a atingir em iguais proporções a notoriedade e o alcance dos mesmos.

---

<sup>165</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 249.



No distrito de Viseu, na localidade de São Pedro do Sul, foi publicado o semanário *O Vouga*, que circulou no período de 29 de outubro de 1898 a 17 de fevereiro de 1912<sup>166</sup>. Como um jornal de feição regional, seu título era uma referência ao rio Vouga, de significativa influência na formação de várias comunidades que se desenvolveram às suas margens. O periódico estampava no frontispício a inscrição “folha imparcial, agrícola, comercial, literária e noticiosa”, revelando a amplitude que ambicionava ter em sua proposta editorial.

---

<sup>166</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 332.

Publicidade for 'O Sul' newspaper, including subscription rates and contact information for the publisher, Francisco das Neves Alves.

BRAZIL

PARTE DOS... A história da descoberta do Brasil, mencionando Pedro Álvares Cabral e o contexto histórico da época.

Com a descoberta do Brasil afirmamos mais um vez o poder da nossa modesta marinha, e o nome de alguns heróis valentes, exploradores, aventureiros e propagadores da Fé Christiã e da Civilização.

Assim foi adquirindo o vasto território americano, que tanto contribuiu para o brilho, então sempre crescente, de Portugal.

Par isso continuamos sempre em estreitíssimas relações que se conservam hoje e amanhã sempre. Uma grande parte do português tem entretanto no Brasil o melhor da existência, ali tem vivido, vive e viverá sem duvida por estes seculos fora.

Commemoramos agora o IV centenario da descoberta do Brazil.

Portugal e Brazil mais uma vez se dão as mãos para solemnizarem uma das datas mais gloriosas da historia dos dois povos.

As suas proezas e victorias são d'elles e são nossas. Das victorias por que a nossa nação passou no seu resurgimento.

Comgratulando-nos, pois, com as nossas terras d'Além-mar, pelas prosperidades dos seus Estados, e unidos os nossos homemas a que por lá se reproduzem n'estes dias, em que tomam parte activas muitos fillos de Portugal, que por lá movem a vida, e transportando o nosso pensamento, sinceramente compatibilisando os seus sentimentos, que nos são tambem, e desejando que nem a mais tenra e meiga idade o brilho das suas terras, entusiasmadamente d'aqui lhes brandoes: Viva o Brazil!

Polhem's OS CONSPIRADORES Romance original portuguez em 12 volumes. CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CARTAS A S. EX.ª

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação política local e nacional.

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação da discussão política, mencionando a situação da cidade e a opinião pública.

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação da cidade e a opinião pública.

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação da discussão política.

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação da cidade e a opinião pública.

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação da discussão política.

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação da cidade e a opinião pública.

Carta de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação da discussão política.

NOTAS DE CARTEIRA

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Comentários sobre a situação local.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação dos comentários.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação da cidade.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação dos comentários.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação da cidade.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação dos comentários.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação da cidade.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Continuação dos comentários.

Notas de carteira de S. Pedro do Sul, 3 de maio de 1900. Discussão sobre a situação da cidade.

Escola de Piano. Informações sobre aulas de piano e o professor responsável.

VARZEA. Informações sobre a situação da zona de Varzea e a opinião pública.

Escola de Piano. Informações sobre aulas de piano e o professor responsável.

VARZEA. Informações sobre a situação da zona de Varzea e a opinião pública.

Escola de Piano. Informações sobre aulas de piano e o professor responsável.

VARZEA. Informações sobre a situação da zona de Varzea e a opinião pública.

Escola de Piano. Informações sobre aulas de piano e o professor responsável.

VARZEA. Informações sobre a situação da zona de Varzea e a opinião pública.

Ao norte de Portugal, em Amares, no distrito de Braga, região do Cávado, foi editada a publicação semanal *O Amarense*, cuja duração ficou compreendida entre os anos de 1898 e 1901<sup>167</sup>. Em seu cabeçalho apareciam dois dísticos que refletiam suas propostas editoriais. O primeiro era “semanário independente”, referindo-se à busca pela isenção em relação às forças políticas. O outro era “defensor dos interesses locais de Amares e Terras de Bouro”, alusão às duas localidades vizinhas, demarcando sua vocação regionalista.

---

<sup>167</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 49.

III ANNO

ASSIGNATURA  
Publicação semanal  
Luz e Alvorada - Anos 1890, 1900 e 1910  
Luz e Alvorada - Anos 1890, 1900 e 1910  
Luz e Alvorada - Anos 1890, 1900 e 1910

Redacção e administração

AMARES  
Proprietario J. A. Soares

AMARES - SABBADO, 5 DE MAIO DE 1900

# ALVARENSE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Defensor dos Interesses locais de Amares e Terras de Honro

EDITOR - João Xavier Duarte Magalhães

NUMERO 106

PUBLICAÇÕES  
Publicação semanal  
Luz e Alvorada - Anos 1890, 1900 e 1910  
Luz e Alvorada - Anos 1890, 1900 e 1910

Officina de Imprensa  
Luz e Alvorada - Anos 1890, 1900 e 1910

---

## O Centenario do Brazil

Commeçamos agora festivamente os trabalhos do Centenario do Brazil, e o primeiro numero da nossa publicação semanal, Luz e Alvorada, dedica-se a esta grande epocha da nossa historia.

Commeçamos agora festivamente os trabalhos do Centenario do Brazil, e o primeiro numero da nossa publicação semanal, Luz e Alvorada, dedica-se a esta grande epocha da nossa historia.

Commeçamos agora festivamente os trabalhos do Centenario do Brazil, e o primeiro numero da nossa publicação semanal, Luz e Alvorada, dedica-se a esta grande epocha da nossa historia.

## As maltozes portuguezas

Não tem a reputação de maltoza a maltoza que se produz em Portugal, mas a maltoza que se produz em Portugal, e a maltoza que se produz em Portugal, e a maltoza que se produz em Portugal.

Não tem a reputação de maltoza a maltoza que se produz em Portugal, mas a maltoza que se produz em Portugal, e a maltoza que se produz em Portugal, e a maltoza que se produz em Portugal.

## O 1.º de Maio

Este dia é dedicado a todos os trabalhadores, e é um dia de luta e de sacrificio.

Este dia é dedicado a todos os trabalhadores, e é um dia de luta e de sacrificio.

---

## Alma das fronteiras

A guerra na Africa do Sul

Não tem a reputação de alma das fronteiras a alma das fronteiras que se produz em Portugal, mas a alma das fronteiras que se produz em Portugal, e a alma das fronteiras que se produz em Portugal.

## Traços Literarios

Em noites de luar

Quando a lua se levanta, e o mar se levanta, e o mar se levanta, e o mar se levanta.

Quando a lua se levanta, e o mar se levanta, e o mar se levanta, e o mar se levanta.

## A Primavera

Despedido o inverno, e o inverno se despede, e o inverno se despede, e o inverno se despede.

Despedido o inverno, e o inverno se despede, e o inverno se despede, e o inverno se despede.

---

## O crime de Covas

Em segundo julgamento

Em segundo julgamento, o crime de Covas é julgado, e o crime de Covas é julgado, e o crime de Covas é julgado.

## Meu p'ra que sou eu

Meu p'ra que sou eu, e sou eu, e sou eu, e sou eu.

Meu p'ra que sou eu, e sou eu, e sou eu, e sou eu.

## Petrus

Petrus, o grande pescador

Petrus, o grande pescador, e o grande pescador, e o grande pescador, e o grande pescador.

---

## O Centenario do Brazil

Commeçamos agora festivamente os trabalhos do Centenario do Brazil, e o primeiro numero da nossa publicação semanal, Luz e Alvorada, dedica-se a esta grande epocha da nossa historia.

## As maltozes portuguezas

Não tem a reputação de maltoza a maltoza que se produz em Portugal, mas a maltoza que se produz em Portugal, e a maltoza que se produz em Portugal, e a maltoza que se produz em Portugal.

## O 1.º de Maio

Este dia é dedicado a todos os trabalhadores, e é um dia de luta e de sacrificio.

---

## Alma das fronteiras

A guerra na Africa do Sul

Não tem a reputação de alma das fronteiras a alma das fronteiras que se produz em Portugal, mas a alma das fronteiras que se produz em Portugal, e a alma das fronteiras que se produz em Portugal.

## Traços Literarios

Em noites de luar

Quando a lua se levanta, e o mar se levanta, e o mar se levanta, e o mar se levanta.

## A Primavera

Despedido o inverno, e o inverno se despede, e o inverno se despede, e o inverno se despede.

---

## O crime de Covas

Em segundo julgamento

Em segundo julgamento, o crime de Covas é julgado, e o crime de Covas é julgado, e o crime de Covas é julgado.

## Meu p'ra que sou eu

Meu p'ra que sou eu, e sou eu, e sou eu, e sou eu.

## Petrus

Petrus, o grande pescador

Petrus, o grande pescador, e o grande pescador, e o grande pescador, e o grande pescador.

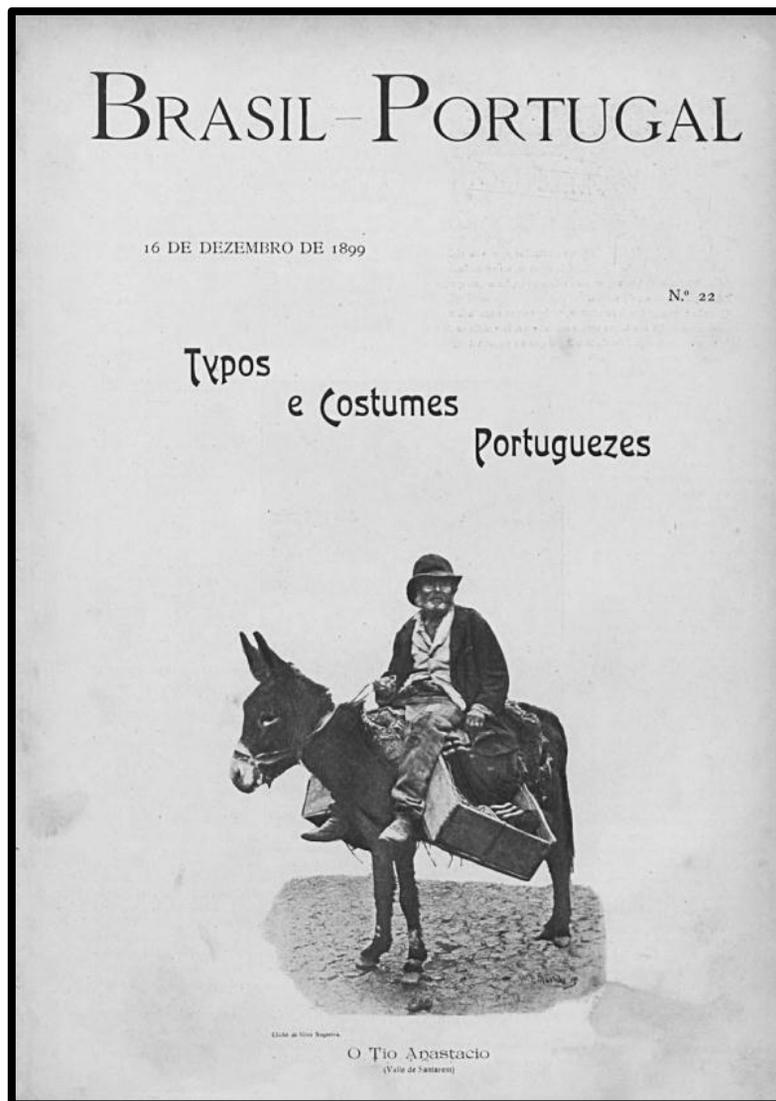
Em Lisboa circulou ainda uma publicação ilustrada especializada em assuntos luso-brasileiros, cuja edição estendeu-se de 1º de fevereiro de 1899 a 16 de agosto de 1914<sup>168</sup>. Seu título era *Brasil – Portugal* e apresentava-se como “revista quinzenal ilustrada”, constituindo uma edição de significativo primor gráfico, adicionando, inclusive, o uso da fotografia. Pretendia abordar questões comerciais, financeiras, sociais, turísticas e culturais entre ambos os países, buscando contar com um seleto grupo de colaboradores tanto na parte textual, quanto na artística<sup>169</sup>. Essa revista teve “a colaboração de figuras emblemáticas dos meios cultural, social e político”, trazendo a público, “não só o âmago dos interesses que uniam as comunidades portuguesa no Brasil e brasileira em Portugal”, como também a própria história de ambos os países, “da Europa e do mundo, através da publicação de textos de elevada qualidade, redigidos por importantes personalidades de ambos os lados do Atlântico”<sup>170</sup>.

---

<sup>168</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 131.

<sup>169</sup> BRASIL – PORTUGAL. Lisboa, 1º fev. 1899. A. 1. N. 1. p. 1-2.

<sup>170</sup> COELHO, Thierry Dias. O silêncio dos conspiradores: *Revista Brasil – Portugal* (1899-1914). In: SARMENTO, Cristina Montalvão (coord.). *Culturas cruzadas em português – redes de poder e relações culturais – Portugal e Brasil, séc. XIX e XX: influências, ideários, periodismo e ocorrências*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012. v. 2. p. 81.



Lisboa ainda teria circulando pelas suas ruas mais um diário republicano, de nome *A Pátria*, que durou aproximadamente um ano e meio, de 1º de março de 1899 a 4 de setembro de 1900<sup>171</sup>. Como era comum às folhas antimonárquicas de então, o periódico estabelecia um diagnóstico extremamente negativo sobre a situação portuguesa de então, referindo-se à “desmoralização, desorganização econômica e ruína financeira” trazidas pelos governos monarquistas, prevendo que tal conjuntura só poderia ser modificada a partir da ascensão da república. Buscando pautar as ações das forças republicanas, o jornal considerava que a república não deveria ser apenas a propaganda dos fatores negativos da forma de governo vigente e teria “de construir as soluções dos grandes aspectos do problema nacional”. Desse modo, considerava que não era suficiente alardear a destruição, que já estava feita e sim de realizar “uma propaganda orgânica” e era a isso que a publicação se propunha, tentando realizá-la “modestamente, mas com a coragem das fundas convicções”<sup>172</sup>.

---

<sup>171</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 161.

<sup>172</sup> A PÁTRIA. Lisboa, 1º mar. 1899. A. 1. N. 1. p. 1.



Em Trás-os-Montes, região setentrional lusitana, na Vila Pouca de Aguiar, distrito de Vila Real, foi editado, entre 20 de maio de 1899 e 18 de dezembro de 1909<sup>173</sup>, *O Aguiarense*. Era um semanário que se intitulava “folha regeneradora”, demarcando sua postura partidária. Explicitava também seu caráter regional, afirmando que tinha “simples e modesto ideal”, bem como “alevantados e patrióticos intuits”, quer seja, “pugnar pelo desenvolvimento progressivo material e moral” de “sua terra e defender, *a outrance*, os seus legítimos interesses”. Considerava-se também um “regenerador puro sangue”, sendo publicado “por iniciativa exclusiva do seu partido local” e atuando como “órgão oficial do partido”<sup>174</sup>.

---

<sup>173</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 35.

<sup>174</sup> O AGUIARENSE. Vila Pouca de Aguiar, 20 maio 1899. A. 1. N. 1. p. 1.



No Porto, como aconteceu recorrentemente, nasceu um outro hebdomadário caricato chamado *Algazarra*, que circulou de 20 de maio de 1899 a 19 de abril de 1902<sup>175</sup>. Tal qual o barulho da gritaria de muitas pessoas, conforme indicava seu título, a folha caricata, em sua apresentação, avisava que em Portugal, mais razão tinha quem mais berrava e, berrando, muita gente ganhava a barra, de modo que “berrar era o seu programa” e, para tanto, haviam todos juntado-se na redação e na oficina, buscando fazer aquela *Algazarra*<sup>176</sup>.

---

<sup>175</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 44.

<sup>176</sup> ALGAZARRA. Porto, 20 maio 1899. A. 1. N. 1. p. 2.



No Minho, distrito e cidade de Braga, circulou *O Bracarense*, cuja edição semanal estendeu-se pelo período entre 6 de junho de 1899 e 27 de fevereiro de 1916<sup>177</sup>. Com um norte editorial de preferência pelo informativo, apresentava-se como uma “folha imparcial”. Ainda no cabeçalho, aparecia outra epígrafe, esta com função dedicatória, informando que aquele era um “órgão oferecido à classe médica do distrito de Braga”. Além da parte noticiosa, tinha um segmento especializado em literatura e sua proposta foi manifesta na defesa das questões regionais, mormente, as bracarenses e minhotas.

---

<sup>177</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 129-130.



A imprensa caricata que tanto sucesso fez, notadamente no contexto lisboeta e portuense, mais uma vez se manifestou na capital do reino através do semanário *A Paródia*, que circulou entre 17 de janeiro de 1900 e 1º de junho de 1907. Seu título bem se referia ao tom jocoso de suas páginas, numa aproximação a uma imitação burlesca da realidade. Em sua apresentação, a folha refletia sobre os novos tempos daquela virada de século, afirmando que uma era terminava e outra se iniciava. Desse modo, conjeturava que a caricatura do passado representava um “mundo findo, morto, de sombras, espectros, múmias”, no qual as pessoas só poderiam “estar à vontade sob a condição” de ter desaparecido com ele, o que não seria “evidentemente um fato”. Na opinião do hebdomadário, permanecer aferrado àquela concepção “seria ficar dentro de um museu, na situação de um velho guarda, mostrando à curiosidade do seu tempo, os despojos de uma época passada”. Nesse contexto, era garantido que “*A Paródia* era outra coisa, como o tempo era outro”, de modo que ela estaria a representar o conjunto da sociedade lusa, ou seja, seria “a caricatura ao serviço da grande tristeza pública”<sup>178</sup>.

---

<sup>178</sup> A PARÓDIA. Lisboa, 17 jan. 1900. A. 1. N. 1. p. 2.

**A PARODIA**

N.º 17 — LISBOA 8 DE MAIO

I ANNO 1900

**PREÇO DA ASSIGNATURA**  
(PAGAMENTO AVANÇADO)  
Lisboa e provincias, sexta de seis meses 2000 — Sem taxa  
Abono — 50  
Colheitas para correio extra — 100  
Africa e Estrangeiro, sem taxa e porto de devolução  
Vender-se em PARIS no Boulevard des Capucines (GRAND CAFÉ) —  
PARIS — GUSTAVE LAFITE

**Publica-se ás quartas-feiras**  
CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
e  
M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Administrador — GUSTAVO LAFITE  
Administração — RUA DA BARROCA, 12, 1.  
Composição: Mm. Pimenta, 111, R. de Anilões, 118  
Impressão: Lithographia da Comp. Nacional Editora,  
Largo do Carmo, 26

**Preço avulso 20 réis**  
Um mez depois de publicado 40 réis

**PLATONISMO POLITICO**  
**O MALMEQUER DOS IMMORTAES PORTUQUEZES**  
(PAGINA NEPHEI IDATA)



— Malmequer, bem me quer, muito, posco, nada... —

120

Como um representante da parte setentrional lusa, através da cidade do Porto, veio a público em 21 de janeiro de 1900 e não indo muito além, o diário de título *O Norte*. Sua tendência era antimonárquica e, com base em tal convicção, diferenciava as duas metades lusitanas, dizendo que no norte viviam “os defensores da liberdade” e, no sul, “os poderes da reação”. A folha lembrava as tradições revolucionárias portuenses em favor da república, referindo-se a “toda uma história de honra”, traduzida em “trabalho, protesto e liberdade”. Nesse sentido, propunha-se a se bater por uma “pátria livre, democrática e republicana”, bem como pela união de todos os republicanos. Considerava que era a partir dos cidadãos dessa “pátria livre” que haveria de surgir a república e, “dentro dessa fórmula superior de democracia”, o povo teria “a noção dos seus direitos e a consciência do seu poderio”, de modo que desapareceriam “todas as falsas soberanias fundadas na força e na vontade dos privilegiados. Na concepção da folha, ao prevalecer apenas a “soberania do povo”, poderiam realizar-se, “numa constante evolução progressiva, as reformas políticas, econômicas e morais” aspiradas pela “humanidade sofredora”. Segundo a opinião do periódico, a república não constituía “simplesmente a substituição de uma forma de governo, mas a substituição de uma sociedade iníqua por uma sociedade justa”<sup>179</sup>.

---

<sup>179</sup> O NORTE. Porto, 21 jan. 1900. A. 1. N. 1. p. 1.

# O NORTE

Publicações  
Fundador: FRANCISCO DAS NEVES ALVES  
Redacção: Rua do Norte, 100  
Cobrança: 1000

ASSERVAÇÃO  
Fundador: FRANCISCO DAS NEVES ALVES  
Redacção: Rua do Norte, 100  
Cobrança: 1000

## O quarto centenário da descoberta do Brazil

Brasão e quarta centena de descoberta do Brazil. O Brasil descoberto em 1492, há 408 annos. O descobridor, Pedro Álvares Cabral, chegou ao Brasil em 22 de abril de 1492. O Brasil descoberto em 1492, há 408 annos. O descobridor, Pedro Álvares Cabral, chegou ao Brasil em 22 de abril de 1492.

## O COMICIO DE DOMINGO

Agencia do telegrapho. O telegrapho chegou ao Brasil em 1852. O telegrapho chegou ao Brasil em 1852. O telegrapho chegou ao Brasil em 1852.

## O l. de maio

Dr. Alfonso Costa. O Dr. Alfonso Costa chegou ao Brasil em 1852. O Dr. Alfonso Costa chegou ao Brasil em 1852. O Dr. Alfonso Costa chegou ao Brasil em 1852.

## Os deputados republicanos no parlamento

A interpretação do Sr. Affonso Costa sobre a constituição da república. A interpretação do Sr. Affonso Costa sobre a constituição da república. A interpretação do Sr. Affonso Costa sobre a constituição da república.

## PELO MUNDO

Noticias de guerra americana. Noticias de guerra americana. Noticias de guerra americana. Noticias de guerra americana.

## NOTICIAS

Noticias de guerra americana. Noticias de guerra americana. Noticias de guerra americana. Noticias de guerra americana.

## General ingles Carington passando revista ás tropas portuguezas

General ingles Carington passando revista ás tropas portuguezas. General ingles Carington passando revista ás tropas portuguezas. General ingles Carington passando revista ás tropas portuguezas.

## A ACADEMIA DO PORTO

Academia do Porto. Academia do Porto. Academia do Porto. Academia do Porto.

## Inglezes e Boers

Inglezes e Boers. Inglezes e Boers. Inglezes e Boers. Inglezes e Boers.

## Palacio de Crystal

Palacio de Crystal. Palacio de Crystal. Palacio de Crystal. Palacio de Crystal.

## Rasgando a papelada

Rasgando a papelada. Rasgando a papelada. Rasgando a papelada. Rasgando a papelada.

## LISSBOA

LISSBOA. LISSBOA. LISSBOA. LISSBOA.

Assim, esse conjunto de jornais que circularam em Portugal nas últimas décadas do século XIX traz em si uma expressiva amostra do conjunto da imprensa lusa, com representantes das suas mais variadas regiões e departamentos; de norte a sul e do oceano à fronteira hispânica; das grandes e populosas metrópoles aos mais longínquos rincões e às localidades de baixa densidade demográfica; dos praticantes do jornalismo denominado sério aos mais desbragados satírico-humorísticos; das redações sisudas de textos longos e com razoável complexidade aos rabiscos no papel ou bem desenhadas caricaturas cheias de simbolismo e significância; do mais engajado escrito aos mais esforçado para manter a propalada isenção informativa; das longevas publicações que atravessaram décadas a fio até as mais fugazes folhas. Esse amplo universo de manifestações periodísticas reflete o conjunto da sociedade lusitana de então, refletido em seus micro e macrocosmos através de sua produção jornalística.



*O BERRO* E A EXPRESSÃO DO IDEAL  
ANTIMONÁRQUICO POR MEIO DA  
ARTE CARICATURAL

O processo histórico de amplo progresso quantitativo-qualitativo pelo qual passou o periodismo português ao final do século XIX foi demarcado por uma expansão numérica dos jornais, concentrados na capital, mas ao mesmo tempo ao longo do território luso, mas também por uma ampla diversificação, com a edição de variados gêneros jornalísticos. Em meio a tal diversidade, fizeram sucesso as publicações ilustradas de matiz satírico-humorístico, que tinham na criação caricatural um de seus motes mais populares<sup>180</sup>. As observações desse tipo de jornalismo traziam consigo um prisma cômico, a partir do qual os leitores poderiam refletir sobre a realidade que os cercava, por meio de textos e desenhos que, além de atrativos, por traduzirem uma linguagem mais próxima do denominado homem comum, serviam para despertar o espírito crítico, o qual poderiam redundar em manifestações de repúdio ou até de combate às estruturas vigentes<sup>181</sup>. Assim, em geral, o norte editorial dessas folhas caricatas foi embasado em uma postura crítico-opinativa, que não poupava os possíveis adversários, propondo uma erradicação daquilo que consideravam como mazelas da sociedade. Nesse sentido, tais periódicos levavam em conta a perspectiva de que o humor pode ser simultaneamente

---

<sup>180</sup> A respeito da imprensa caricata portuguesa, ver: RODRIGUES, Paulo Madeira. *Tesouro da caricatura portuguesa (1856-1926)*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1979.; e SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, [s.d.].

<sup>181</sup> ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005. p. 123 e-125 e 127-128.

divertido e sério, refletindo inclusive as próprias condições humanas, de modo que suas práticas traziam consigo uma postura joco-séria<sup>182</sup>.

Levando em conta esse espírito crítico e de combatividade, um dos periódicos que seguiu com veemência essa trilha foi *O Berro*, publicado em Lisboa, entre fevereiro e junho de 1896<sup>183</sup>. Essa publicação tinha um viés político-ideológico claramente definido, expressando um ideário fortemente antimonárquico. Sua postura traduzia o debate estabelecido em meio ao republicanismo português acerca das estratégias que poderiam propiciar a instalação da república. depois da derrota do movimento rebelde português de janeiro de 1891, os republicanos que defendiam a via revolucionária se viram na contingência de aceitar a tese dos evolucionistas, que acreditavam em um caminho institucional, em um quadro pelo qual a vitória seria obtida por meio das urnas. Tal perspectiva conciliatória passou a dominar o Partido Republicano, com um refluxo do revolucionarismo. A política governamental de cunho repressivo, entretanto, trariam uma retomada do radicalismo, estimulando os republicanos que acreditavam na solução revolucionária<sup>184</sup>.

---

<sup>182</sup> DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

<sup>183</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 102-103.

<sup>184</sup> CORREIA, Rita. *O Berro*. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2012. p. 2.

Sob o título “Para que saibam”, o periódico trouxe um editorial de apresentação, no qual já esclarecia o motivo de seu título e elucidava seu norte editorial:

Isto não é um jornal é um *Berro!*

Rugido humano ao céu sem culpa, contra a nefanda canalha que ele cobre.

E se o bramir sai cascalhado em riso, é porque há que cristalizar em chasco, o que devia entornar-se em insolência, é porque há que dissimular o rancor sério, sob o látego cáustico da troça.

Vale mais um beliscão que um tiro, para exautorar a vaidade e exhibir-lhe a funâmbula caraça, à multidão sem dó.

Vai a negação a época e vai de pantomina a pátria.

O mundo é uma feira.

Cada nação barraca miseranda. (...)

Por entre a ânsia da luta rubra, sem eco no motim poeirento onde se abocam os truões, e se cuspinham os caracteres, *berre-se* ao menos.

Berre-se: que a orientação moral tem a levedação pútrida das dignidades mercenárias.

Berre-se: que a orientação *política* tem o cunho das cínicas torpezas;  
que se vendem as filhas por veneras e que se vende a opinião por títulos;  
e que, no subir injusto do *mandão*, degrau pisado é degrau danado;  
que se não faz com trabalho a glória imensa, faz-se com pederastia!

*Berre-se...* e berre o escorraçado ao ignominioso mundo, a sua coragem de infeliz com a retidão que nenhum dos da Cambada-Vencedora jamais teve no ato mais banal do seu viver.

*Berre-se...* e berre o escorraçado! Se não... se não, todo o vigor evitado dessa fúria, transmutar-se no crime: haverá que estrangular a família no ímpeto, e evitar que os filhos sejam míseros!

*O Berro* é mais arrocho, numa das tascas do Arraial enorme, com casquinadas cruéis a cada golpe seco.

Porque há que rir!

Arreda charlatães...<sup>185</sup>

---

<sup>185</sup> O BERRO. Lisboa, 9 fev. 1896, p. 2.

O título da publicação também se encontrava expresso no seu frontispício, no qual *O Berro* aparecia na cabeleira e no olho de uma cabeçorra, com a bocarra escancarada em um grito junto do qual escapavam objetos que refletiam o conhecimento, a arte, o trabalho, o clericalismo, o monarquismo e o republicanismo. Além disso, uma figura que esteve presente em diversas edições foi a do jornaleiro, que berrava anunciando o próprio periódico caricato.





O olhar crítico de *O Berro* sobre as estruturas políticas portuguesas refletiram-se por meio da construção imagética de um arqui-inimigo, encontrando no rei D. Carlos um de seus alvos preferenciais. Os reveses administrativos e os enfrentamentos com as potências imperialistas que Portugal vinha enfrentando em suas colônias africanas eram representadas pelo monarca, acompanhado de dois políticos, mantendo ele a cartola e o charuto aristocráticos, mas utilizava vestes que buscavam lembrar aquelas utilizadas pelos africanos. Levando em conta tal contexto, na concepção da folha, o soberano constituía “um velho símbolo sem significação”<sup>186</sup>. Em época de carnaval, D. Carlos encontrava-se fantasiado junto de um de seus auxiliares, sendo ambos alvejados com bexigas de água – hábito muito comum naquelas festividades – que correspondiam aos problemas enfrentados pelo governo, até que ele acaba sendo derrubado por uma bexiga maior identificada com a anarquia<sup>187</sup>. A insatisfação do periódico ficou demarcada também na caricatura intitulada “O que ficou do carnaval”, na qual aparecia o retrato do monarca, cercado por vários dos homens públicos lusos e pela figura do Zé Povinho – tradicional representação do povo português –, cuja feição revelava a indignação quanto à situação vigente<sup>188</sup>.

---

<sup>186</sup> O BERRO. Lisboa, 9 fev. 1896, p. 4-5.

<sup>187</sup> O BERRO. Lisboa, 16 fev. 1896, p. 4-5.

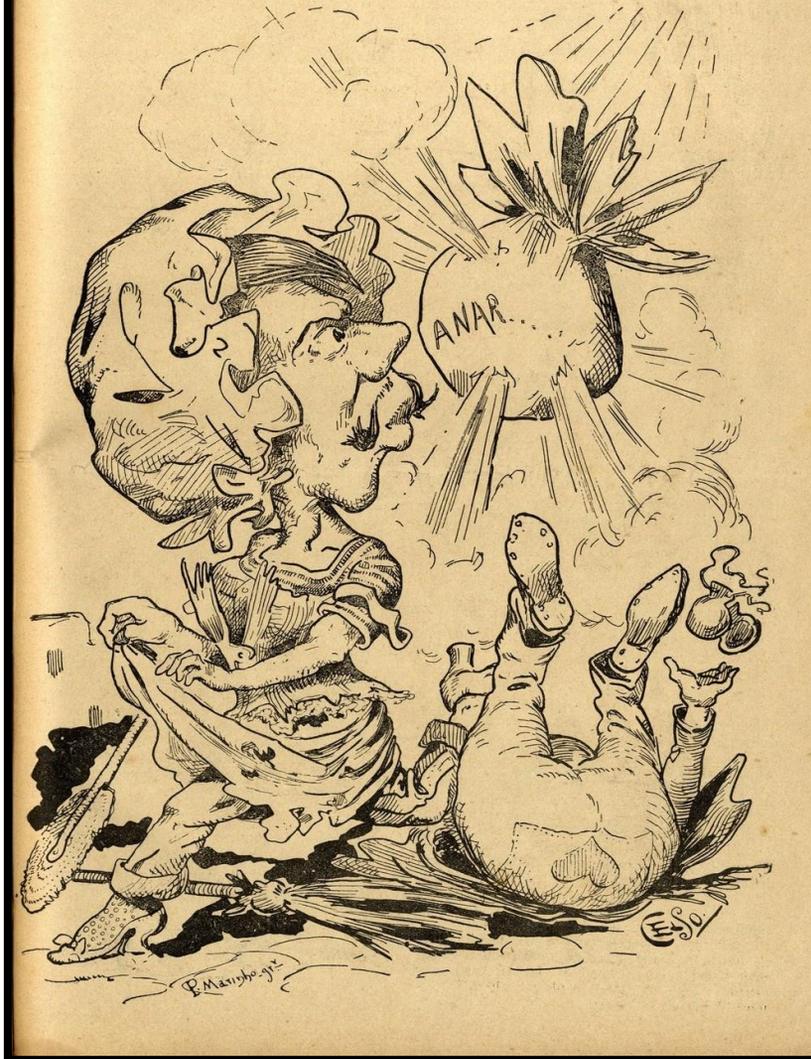
<sup>188</sup> O BERRO. Lisboa, 23 fev. 1896, p. 3.

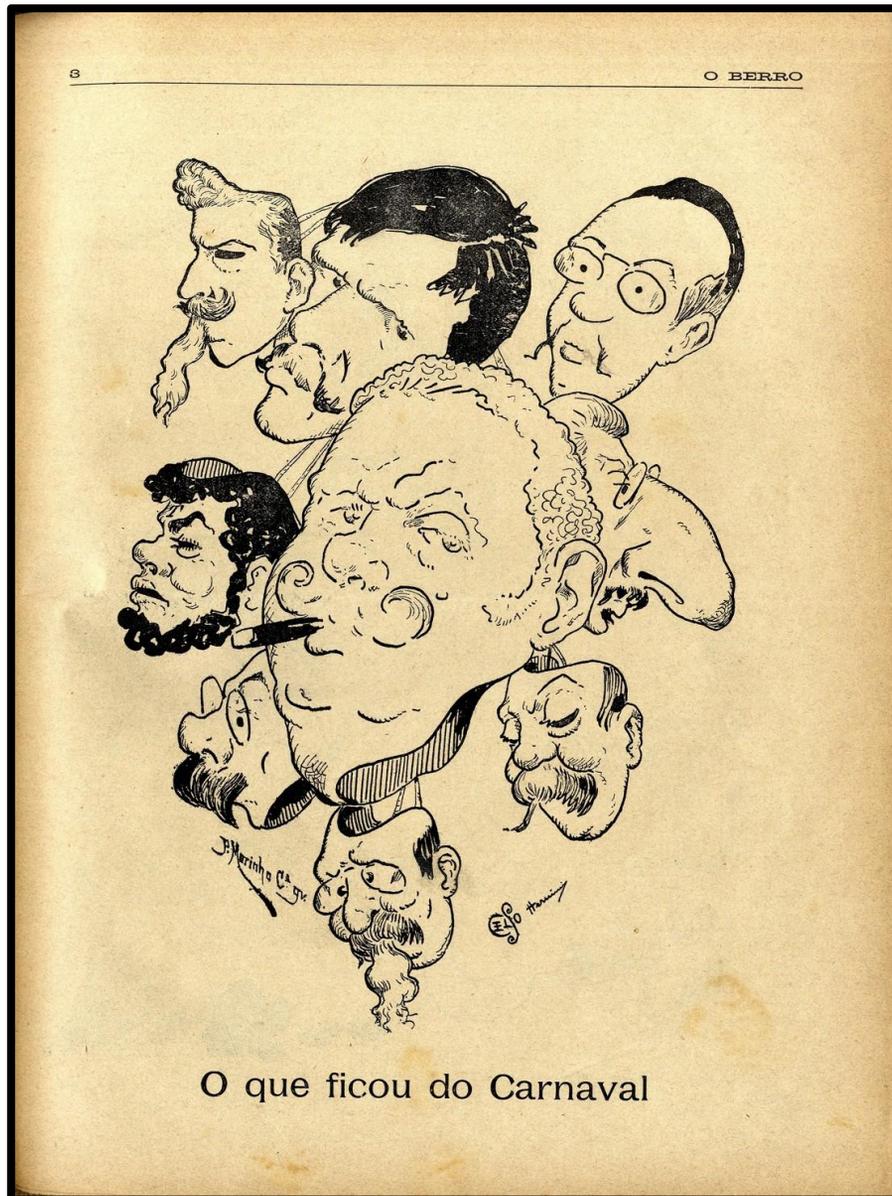


O verdadeiro Cunhana e as suas almas damnadas



REINADIOS





Refletindo o saudosismo recorrente em meio à sociedade lusitana, em referência à grandeza de Portugal no passado, perdida nos tempos presentes, o periódico fazia um paralelo entre um rei guerreiro de época pretérita, comparado com o aristocrático D. Carlos, cavalgando em meio aos militares que garantiam a política repressiva e a sua permanência no poder<sup>189</sup>. Em “Aspectos atuais da Europa Latina”, *O Berro* mostrava com ironia uma proposta tranquilidade do monarca luso diante da convulsão que se anunciava<sup>190</sup>. Os pendores artísticos de D. Carlos também foram motivo de crítica do periódico, que mostrou o rei como incapaz não só politicamente, mas também na pintura, para a qual precisava de um auxiliar na execução de um quadro<sup>191</sup>. O fracasso da rotatividade partidária foi demonstrado pela folha ao simbolizar os partidos regenerador e progressista como dois cães, completamente controlados pelo soberano, de acordo com as conveniências na ocupação do aparelho do Estado. D. Carlos foi apresentado ainda como um toureiro que utilizava a constituição como um capote completamente esfarrapado, em alusão ao descaso do rei para com o texto constitucional<sup>192</sup>

---

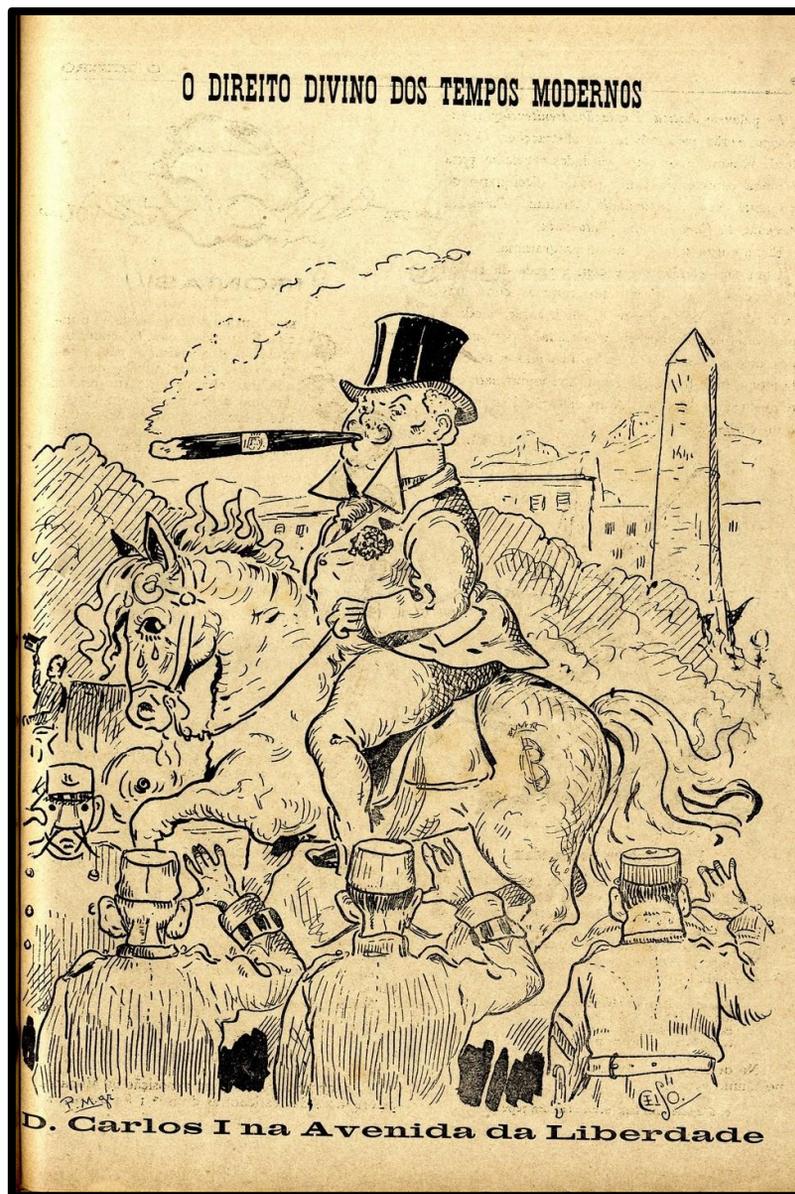
<sup>189</sup> O BERRO. Lisboa, 1º mar. 1896, p. 4-5.

<sup>190</sup> O BERRO. Lisboa, 15 mar. 1896, p. 3.

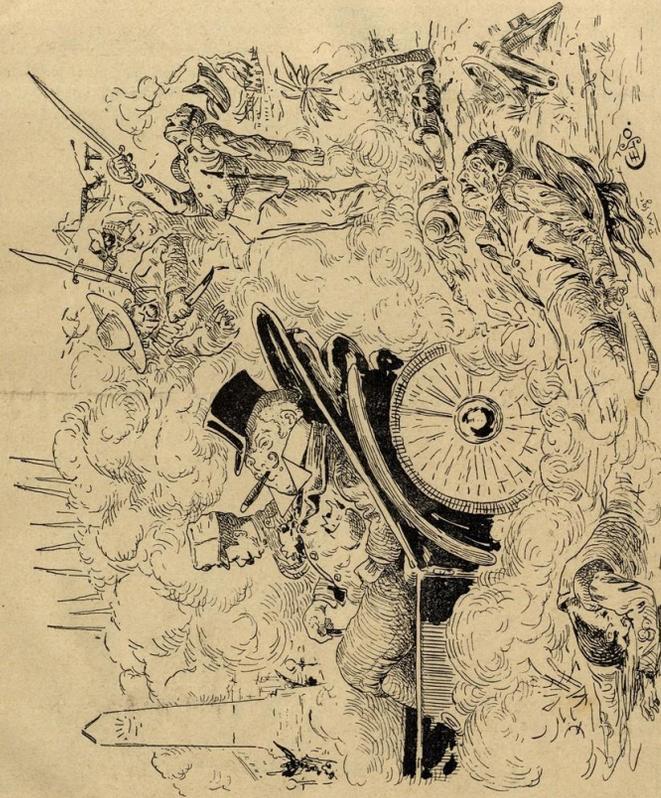
<sup>191</sup> O BERRO. Lisboa, 22 mar. 1896, p. 1.

<sup>192</sup> O BERRO. Lisboa, 12 abr. 1896, p. 1 e 4-5.

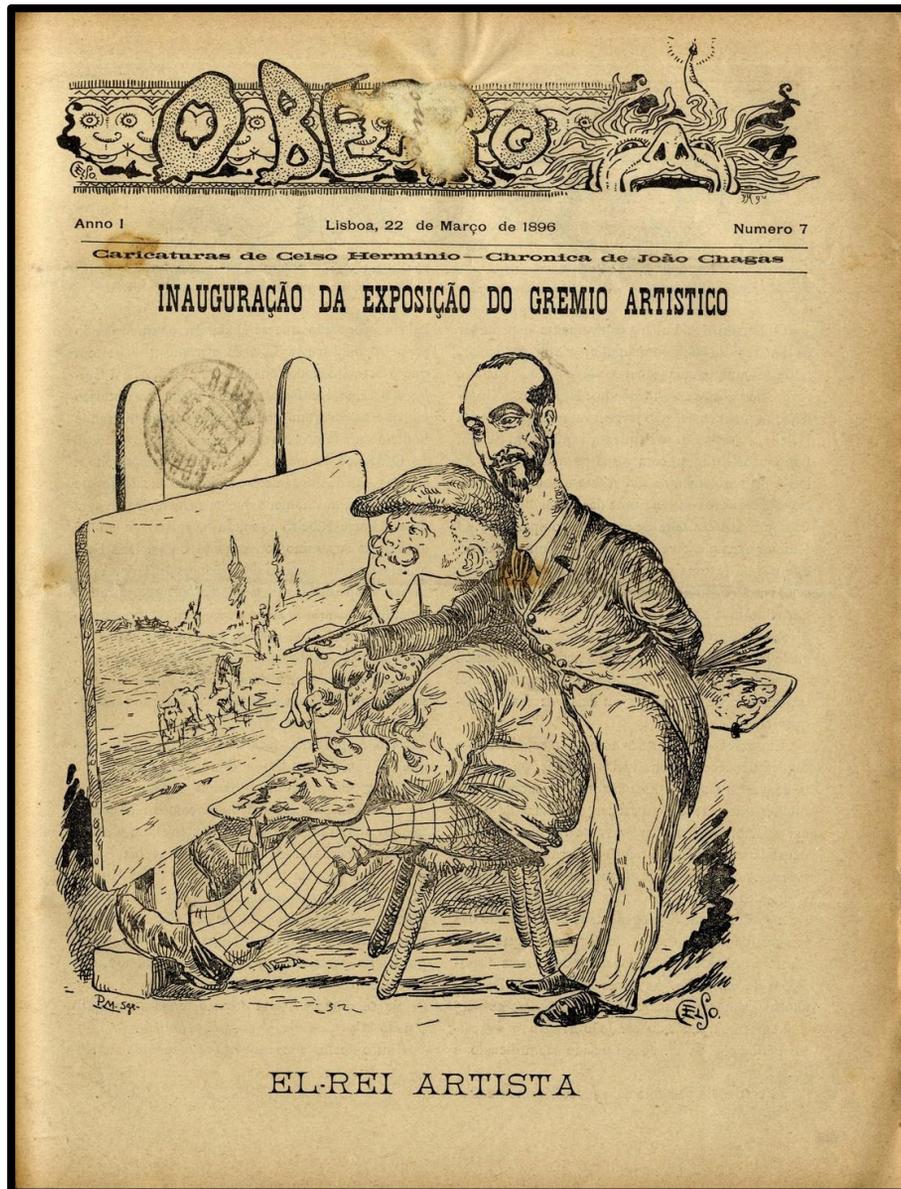




## Aspectos actuaes da Europa Latina



No meio dos conflictos que perturbam a tranquillidade dos reis e dos povos da Europa Latina, é admiravel de serenidade este rei moço atravessando este campo de batalha armado d'esta arma unica — o seu charuto.







Além do antagonismo para com o monarca luso, *O Berro* demonstrou seu republicanismo de cunho revolucionário por meio de representações alegóricas. Foi o caso da presença da tradicional figura feminina que simbolizava a república que, com os seios desnudos – em clara inspiração na obra de Delacroix – guiava o povo, incluindo o próprio caricaturista, em direção à liberdade<sup>193</sup>. O espírito revolucionário era também demonstrado com a figura do povo, com arma de fogo e foice às mãos, em plena “Páscoa da ressurreição”, promovia o desmoronamento da monarquia<sup>194</sup>. A ideia da insurreição republicana foi demonstrada também através de alegoria na qual o povo, mais uma vez de arma à mão, tem de enfrentar a fome e as trevas oriundas da monarquia, de modo que atravessava uma abertura, rumando em direção ao sol nascente, que se encontrava associado ao barrete frígio, ou seja, ao caminho para a república<sup>195</sup>.

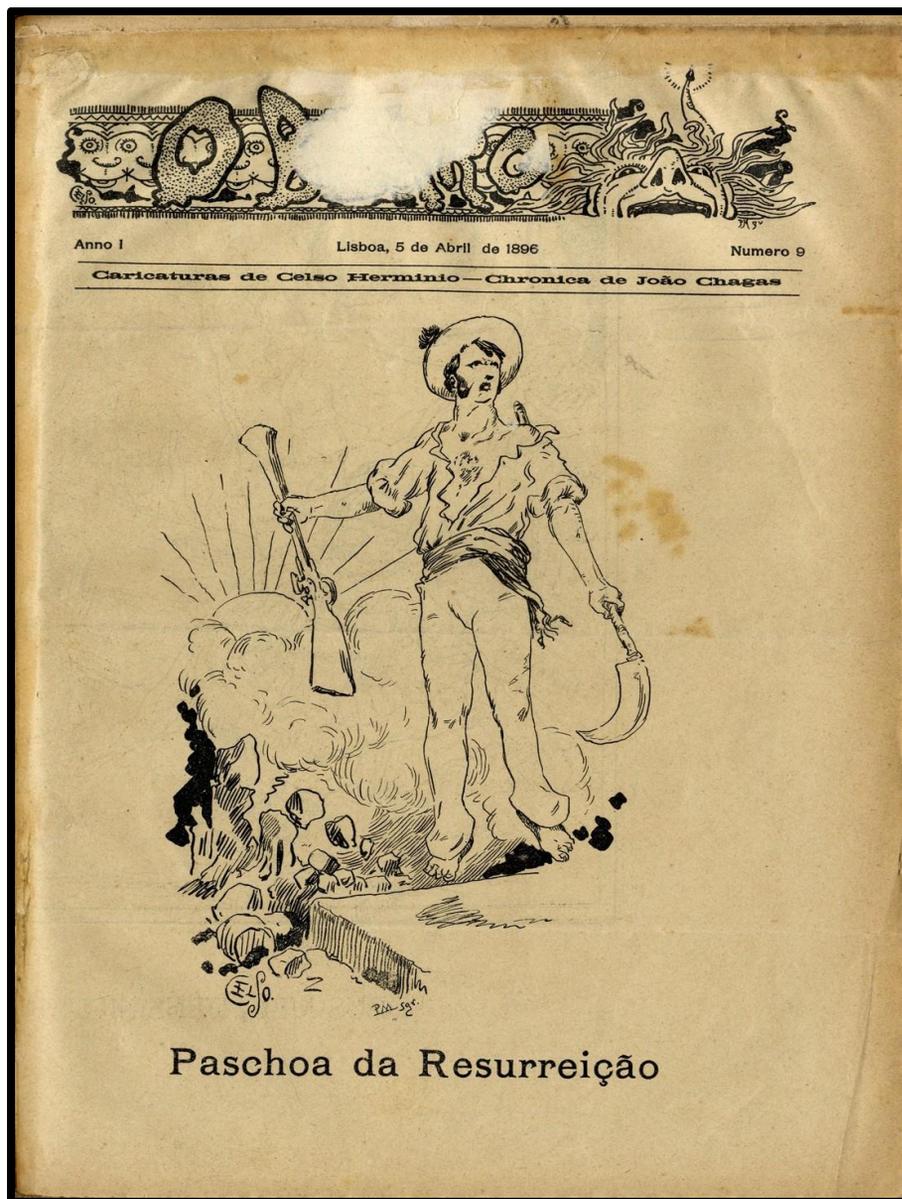
---

<sup>193</sup> O BERRO. Lisboa, 1º mar. 1896, p. 1.

<sup>194</sup> O BERRO. Lisboa, 5 abr. 1896, p. 1.

<sup>195</sup> O BERRO. Lisboa, 26 abr. 1896, p. 4-5.







Assim, as caricaturas do periódico lisbonense representaram um esforço de racionalização da solução revolucionária, como único caminho para obter-se a derrocada monárquica. Desse modo, enquanto meio de comunicação, tal publicação esteve, simultaneamente, ao serviço da luta contra a monarquia e de um debate interno ao movimento republicano, com o fim de tornar vencedora a

tese da revolução. Nesse sentido, além do seu caráter doutrinário, a folha trazia em suas páginas o combate promovido por meio de críticas mordazes ou maliciosas que visavam desacreditar personagens políticos identificadas com o liberalismo monárquico ou com a corrente republicana evolucionista<sup>196</sup>. Nesse quadro, o rei lusitano foi um dos alvos principais da arte caricatural expressa por *O Berro*, no sentido de deslegitimar e combater a forma de governo vigente.

---

<sup>196</sup> CORREIA, 2012. p. 7.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



9 786553 060630

**IBSN: 978-65-5306-063-0**